



# VIDAS DOS SANTOS




**Padre Rohrbacher**



EDITORA DAS AMERICAS



## AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

# VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME XVII

EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

SÃO PAULO

Caixa Postal 4468

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

# Vidas dos Santos

# Setembro

## *26.º DIA DE SETEMBRO*

## SÃO NILO DA CALÁBRIA

São Nilo nasceu em Rossano, capital da Calábria, e a única cidade poupada pelos gregos, nos fins do décimo século, pois o resto do país fôra devastado pelas incursões dos sarracenos. A bela natureza do menino foi cultivada pelo estudo; lia constantemente as Escrituras Sagradas e sentia um prazer singular em acompanhar a vida dos Padres, o que lhe inspirou uma grande aversão pelo vício e pelas curiosidades malsãs, assim como pelas palavras supersticiosas usadas contra acidentes de vários tipos. Tendo perdido os pais, permaneceu sob a direção da irmã mais velha, também muito piedosa. Porém, ao atingir a flor da idade, atraiu a atenção de tôdas as jovens por causa de sua bela aparência e de sua voz agradável; por sua vez, apaixonou-se pela mais bonita dessas jovens, embora fôsse de humilde condição; e o primeiro fruto da união de ambos foi uma menina. Contudo, a idéia da morte e dos suplícios eternos começou a exitá-lo à contrição, e seu arrependimento se tornou mais vivo durante uma febre ardente que o acometeu.

Certo dia, sem nada dizer a ninguém, foi à casa de umas pessoas que lhe deviam dinheiro, e disse-lhes que encontrara uma vinha muito bela e que desejava adquiri-la. Recebeu a quantia de que podiam

dispor, e, não obstante ser prêsa da febre, saiu da cidade acompanhado por um monge chamado Gregório, que o conduziu ao seu mosteiro. Ao transpor um rio, Nilo sentiu-se sùbitamente curado, e interpretou o fato como sinal evidente de que aquela viagem era agradável a Deus. Chegou ao mosteiro de Mercúrio, onde, entre outras pessoas notáveis, encontrou João, Fantino e Zacarias. Surpreendeu-se diante do aspecto que apresentavam, da pobreza de seus hábitos, e o desejo de perfeição tornou-se mais ardente. De seu lado, diante da cultura do jovem, da doçura de sua voz quando lia, e da agudeza do seu espírito, os monges imediatamente perceberam que não apenas êle realizaria grandes progressos na virtude, mas que seria útil para a salvação de muitos.

Porém, algum tempo depois, chegaram várias cartas cheias de ameaças, enviadas pelo governador da província; dizia nelas que se alguém se atrevesse a pôr as mãos no jovem Nilo, teria o pulso cortado, e que o mosteiro seria confiscado. Diante disso, os superiores resolveram enviá-lo para outro mosteiro, a fim de que lá recebesse o santo hábito; e Nilo decidiu-se a ingressar no mosteiro de São Nazário. Quando para lá se dirigia, encontrou-se com um sarraceno que lhe perguntou quem era, de onde vinha, e para onde ia. Nilo contou-lhe a verdade, simplesmente, e o sarraceno ficou surprêso ao inteirar-se da resolução que tomara, sendo tão jovem, pois ainda não completara trinta anos e usava roupas seculares, muito ricas. Observou-lhe: "Deverias esperar a velhice para ingressares na vida monástica, se é que assim decidiste". Respondeu Nilo: "Deus não quer que sejamos bons por necessidade; um velho não tem mais fôrças para servi-lo, assim como também não

as tem para empunhar armas pelo seu príncipe. Quero servir a Deus na minha juventude, a fim de que êle proteja a minha velhice". Impressionado com essas palavras, o sarraceno indicou-lhe o caminho e deixou-o, abençoando-o e animando-o a realizar seu objetivo. Nilo foi prêsa do temor, imaginando o perigo a que se furtara, e seu mêdo aumentou quando ouviu o sarraceno retroceder e correr em sua direção, gritando que o esperasse. Quando êste o alcançou, porém, apenas lhe entregou alguns pães muito brancos, que trouxera consigo ao ver que Nilo não dispunha de provisões, desculpando-se por não ter nada melhor para oferecer; e, ao mesmo tempo, censurou-lhe o temor e o mau juízo que dêle fizera.

Ao chegar às proximidades do mosteiro, o inimigo dos bons apareceu a Nilo sob a forma de um cavaleiro, a fim de dissuadi-lo de entrar, e falou-lhe muito mal dos monges, dizendo que eram avarentos, vaidosos e glutões. "Meu cavalo caberia inteiro num dos caldeirões da cozinha." Nilo tentou contestá-lo; mas o demônio fugiu, assim que êle abriu a bôca, sem escutá-lo, e o jovem, fazendo de quando em quando o sinal da cruz, finalmente entrou no Mosteiro de São Nazário. O abade e os monges receberam-no com grande caridade, e vendo que a jornada o fatigara, ofereceram-lhe peixe e vinho; mas Nilo contentou-se com o pão e água. Pediu-lhes que lhe dessem o hábito monástico sob a condição, entretanto, de que, decorridos quarenta dias, êle retornaria ao convento onde anteriormente fôra recebido. O abade mostrou o desejo de dar-lhe, logo que se tornasse monge, a direção de outro mosteiro, mas Nilo achou muito estranha aquela proposta e fêz então o voto de nunca aceitar a menor dignidade.

Transcorrido o tempo combinado, Nilo regressou ao Mosteiro de Mercúrio, onde os padres o acolheram jubilosamente, em particular Fantino, com o qual o ligou sólida amizade. Pouco tempo depois, João, superior de todos os mosteiros, ouvindo falar do jovem monge, resolveu submeter-lhe a obediência à prova, de várias maneiras; e como ficasse muito satisfeito, reteve-o a seu lado durante algum tempo. Em seguida, com o consentimento dos padres, Nilo retirou-se para uma caverna, junto ao mosteiro, na qual havia um altar dedicado a São Miguel. E impôs-se as seguintes regras de vida: De manhã, até à têrça, ocupava-se com escrever, pois escrevia bem e depressa. Da têrça à sexta, permanecia diante da cruz, recitando o saltério e estudando a Sagrada Escritura e os Padres. Depois de dizer a nona e as vésperas, saía da cela para passear e descansar, sem contudo afastar-se de Deus, a quem considerava através de suas criaturas, meditando alguns trechos dos Padres. Depois do pôr do sol, sentava-se à mesa e comia pão sêco ou ervas cozidas, sem pão ou frutas, de acôrdo com a estação. Sua mesa era uma grande pedra, e seu prato um pedaço de argila; só bebia água e assim mesmo, moderadamente. Experimentou tôdas as maneiras de viver referidas pelos antigos autores. Assim sendo, chegou a passar vinte dias comendo apenas duas vêzes, experiência que repetiu três vêzes. Durante um ano, só bebeu água uma vez por mês, embora só comesse pão sêco; mas abandonou êsse sistema para evitar que seus pulmões secassem, pois a sêde apenas o incomodava durante os oito primeiros dias. Contudo, muitas vêzes passava a quaresma sem beber nem comer, ùnicamente recebendo a santa comunhão. À noite, concedia uma hora ao sono por causa da

digestão, em seguida, recitava o saltério, fazendo quinhentas genuflexões, depois dizia as preces, das noturnas às matinas; persuadira-se de que um eremita devia fazer um número muito maior de exercícios de piedade do que os monges que vivem em comunidade. Seu hábito era um saco de pele de cabra, que usava durante um ano inteiro, e tinha como cinto uma corda, que só tirava uma vez por ano, sofrendo pacientemente as picadas dos insetos. Não possuía cama, nem cadeira, nem canastra, nem saco; seu tinteiro constituía num pouco de cêra colada na madeira. A tal ponto chegava o seu amor pela pobreza.

Um dos frades lhe pediu permissão para permanecer na sua companhia e, tendo-a obtido com muita dificuldade, disse-lhe: "Meu pai, tenho três moedas de prata, que farei com elas?" Nilo respondeu-lhe: "Dai-as aos pobres e só conservai vosso saltério". O frade obedeceu-lhe; porém, depois de demorar-se com o santo homem durante algum tempo, aborreceu-se com a vida austera que levavam e começou a procurar pretextos para encolerizar o companheiro. Nilo observou-lhe pacientemente: "Meu irmão, o Senhor chamou-nos na paz. Se vos é impossível suportar mais tempo a minha presença, ide em paz para onde vos aprouver; pois vejo que não conseguis despojar-vos da ambição e do desejo do sacerdócio". O outro respondeu-lhe, tomado de cólera: "Restituí-me as três moedas de prata e irei embora. Por que me mandaste dá-las aos pobres?" Nilo assim lhe falou: "Meu irmão, escrevei num pedaço de papel que será eu quem receberá a recompensa no céu, e colocai o papel no altar; imediatamente, devolverei as vossas moedas". Desejoso de ver como Nilo, que nada possuía, cumpriria aquela promessa, o frade

obedeceu-lhe. De posse do papel, Nilo desceu até o mosteiro de Castel e lá pediu emprestadas três moedas de prata, que entregou ao indigno monge. Êste se retirou, fêz o que desejava, e morreu algum tempo depois. Nilo, que retornara à caverna, escreveu três saltérios em doze dias e assim pagou a dívida.

Alguns anos depois, o bem-aventurado Fantino caiu numa espécie de êxtase, que pareceu sobrenatural àqueles que lhe conheciam as virtudes; pois saía do mosteiro e ia de um lado para outro, desfazendo-se em contínuas lamentações a respeito de igrejas, mosteiros e livros. Dizia que as igrejas estavam cheias de burros e de mulas, que as profanavam com a sua sujeira, que os mosteiros tinham sido incendiados e destruídos, os livros molhados e inutilizados, a ponto de ninguém mais ter o que ler. Quando encontrava um dos irmãos do mosteiro, chorava-o como a um morto e dizia: "Fui eu quem te matou, meu filho". Enquanto assim falava, não consentia em permanecer sob um teto, nem aceitava a comida de todos os dias; vagando pelos desertos, alimentava-se de ervas agrestes. Julgaram que, tal outro Jeremias, predizia a invasão dos sarracenos, que assolaram a região algum tempo depois, ou então a decadência dos mosteiros e o relaxamento da disciplina. Muito consternado por ver o abade Fantino em semelhantes condições, Nilo pôs-se a acompanhá-lo, esforçando-se por convencê-lo a regressar ao mosteiro; Fantino, porém, assegurou-lhe que não voltaria, e que morreria em chão estrangeiro. Com efeito, levando consigo dois de seus discípulos, Vital e Nicéforo, dirigiu-se para o Peloponeso, demorou-se longamente em Corinto, onde logrou obter a salvação de muitas pessoas, visitou a Igreja da Santa Virgem, em Atenas, foi a Larissa,

permaneceu durante doze anos em Tessalônica, cidade em que se tornou famoso por suas virtudes e seus milagres e, finalmente, foi morrer, em adiantada velhice, em Constantinopla. Gregos e latinos veneram-lhe a memória no dia 30 de agôsto. (1)

Tendo Nilo retornado à caverna, os padres do mosteiro de Fantino vieram pedir-lhe que lhes elegesse um prior pois o conheciam bastante para não ousar propor-lhe o cargo. Nilo entrou no mosteiro e reuniu a comunidade na igreja; porém, depois da prece, Lucas, irmão de Fantino, agarrou-se aos pés de Nilo, conjurando-o, em nome da Santíssima Trindade, e de tudo quanto havia de mais sagrado, a aceitar o cargo de prior da congregação. Nilo dirigiu aquelas mesmas exortações a Lucas e fêz com que o elegessem prior; pois, embora não tivesse um grande conhecimento das Sagradas Escrituras, não lhe faltava o dom da direção, além de grandes virtudes. Foi assim que Nilo se evadiu a essa grande tentação.

Quando ainda permanecia na caverna, foi procurado por um discípulo chamado Estêvão, homem de grande simplicidade, mas dotado em alto grau de paciência e obediência. Havendo os sarracenos errado durante um ano pela Calábria, espalhou-se a notícia de que também iriam ao cantão de Mercúrio, e que não poupariam mosteiros, nem monges. Êstes se refugiaram nos castelos mais próximos, e Estêvão, que se encontrava no mosteiro de São Fantino, acompanhou-os, e não teve tempo para regressar à caverna. O próprio Nilo, avistando a poeira que assinalava a aproximação dos inimigos, não quis tentar a Deus e ocultou-se num lugar afastado; no dia seguinte, retor-

(1) Acta SS., 30 Aug.

nou à caverna e verificou que dela haviam os sarracenos carregado o seu cilício sobressalente. Tendo descido até o mosteiro, pôde ver que tudo fôra depredado; acreditando que houvessem levado Estêvão, resolveu tornar-se escravo, como êle o seria; soube, porém, que seu discípulo fugira com os monges. Após a passagem dos sarracenos, Nilo e Estêvão voltaram para a caverna e retomaram a antiga maneira de viver.

Algum tempo depois, tendo Nilo enviado Estêvão a Rossana para comprar pergaminho, êste voltou acompanhado por um velho chamado Jorge, uma das pessoas mais importantes da cidade, que acreditava ter sido chamado por Deus à vida solitária; oferecia-se a Nilo para fazer o que êste quisesse. Respondeu-lhe Nilo: "Não, meu irmão, não é por sermos virtuosos que permanecemos neste deserto; mas porque não conseguimos suportar as regras da vida em comum nos separamos dos homens, como se fôssemos leprosos. Fazeis bem em desejar a vossa salvação; ide, pois, a qualquer comunidade, onde encontrareis repouso para a alma e para o corpo". Jorge, porém, continuou firme na sua idéia, e não consentiu em deixar o santo, que lhe dedicou uma afeição filial.

Enfim, como os sarracenos retornavam de quando em quando àqueles lugares e como a caverna ficava no caminho, Nilo e seus discípulos acharam que não lhes seria possível lá permanecer. Instalaram-se em Rossana, em terras pertencentes ao santo, e nas quais havia uma capela dedicada a Santo Adriano. Apareceram-lhe ainda alguns discípulos e, com o correr do tempo, êstes chegaram a somar doze ou mais, de maneira que o lugar se transformou em mosteiro. Viviam na vizinhança dois frades que, tomados de

inveja, começaram a difamar São Nilo e a chamá-lo de hipócrita e impostor; êste, porém, só se defendeu abençoando-os e elogiando-os. Certo dia, em que o haviam grandemente maltratado, foi procurá-los enquanto comiam, pôs-se de joelhos e pediu-lhes perdão. Enfim, tão bem soube conquistá-los que o mais velho, ao morrer, doou-lhe todos os seus bens e recomendou-lhe seu irmão.

São Nilo não consentia em que seu mosteiro possuísse qualquer coisa além do estritamente necessário, dizendo que o supérfluo não passava de avareza. Havendo três dos seus monges comido fora de casa, assim lhes falou: "Sois meus escravos para esconder-vos de mim? Sois meus irmãos, nosso pão é vosso trabalho, e ninguém vos obriga a fazer nada contra a vontade". Embora a comunidade se tivesse ampliado, nunca consentiu em usar o título de abade ou hegumeno, a fim de melhor observar o preceito do Evangelho, não se considerando superior; mas deu o título de abade a outros, dos quais o primeiro foi Proclo, homem com grande conhecimento dos autores sagrados e profanos, e que deixou várias obras.

Havendo um grande tremor de terra abalado a Campânia e a Calábria, quase destruindo a cidade de Rossana, São Nilo fêz questão de verificar com os próprios olhos o desastre sofrido por sua cidade natal; para disfarçar-se, envolveu a cabeça numa pele de rapôsa que encontrara no caminho, e pôs ao ombro a sua capa prêsa ao cajado. Algumas crianças atiraram-lhe pedras, gritando: "Monge búlgaro!" Outras o chamaram de franco ou de armênio. À noite, depois de retomar o seu aspecto habitual, entrou numa grande igreja para orar à Santa Virgem, e foi reconhecido por alguns sacerdotes, que se lhe atiraram

aos pés, muito admirados com a sua presença. Depois de animá-los com palavras piedosas, Nilo demorou-se na companhia de um dêles, chamado Caniscas, de quem fôra discípulo, exortando-o a abandonar o mundo, pois sempre levara uma vida pura; porém, não conseguiu persuadi-lo, pois Caniscas era dominado pela avareza, e morreu algum tempo depois, inùtilmente arrependido por não haver escutado o santo.

Muitas vêzes Nilo refletia sôbre a doçura da solidão, e o desprendimento da pobreza, sem cuidados, como sem bens, e achava que, se vivesse na companhia dos outros monges, longe de adiantar-se no caminho da virtude, nêle retrocederia; até mesmo a conversa dos irmãos lhe pesava, pois o desviava da contemplação e do trabalho interior. A tais pensamentos, opunha o preceito dos apóstolos: "Que ninguém procure a sua conveniência, mas a dos outros, se quiser salvar-se". Resolveu, pois, experimentar seus discípulos, dando-lhes alguma ordem desarrazoada: se a ela obedecessem sem ponderá-la, tomaria a resolução de permanecer em companhia dêles. Um dia, depois do ofício da manhã, ordenou-lhes: "Meus irmãos, plantamos demasiadas vinhas, e é pura avareza possuir mais do que o necessário, por isso ide cortar uma parte delas". Todos lhe obedeceram e, colocando o machado ao ombro, Nilo conduziu-os junto à mais bela das vinhas, a que mais produzia. Todos o acompanharam e puseram-se a trabalhar, da manhã à têrça. Então, ciente da obediência dos discípulos, Nilo prometeu a Deus que não os deixaria enquanto vivesse. Mas os rumores daquela experiência espalharam-se, de um lado até o monte Atos, e do outro até a Sicília, e como ninguém lhe alcan-

çasse o significado, interpretavam-no de diversas maneiras.

Certo dia, como Nilo se encontrasse um pouco indisposto, em Rossana, Teofilacte, metropolitano da Calábria, e Leão, oficial da guarda imperial, ambos varões de inteligência e cultura, foram visitá-lo em companhia de magistrados, de sacerdotes, e de uma porção de gente, na intenção de fazer-lhe algumas perguntas sôbre as Escrituras, mais para pô-lo à prova do que no desejo de se instruírem. O santo, que leu em seus corações, pediu a Jesus Cristo a graça de pensar e de falar de maneira adequada. Trocados os cumprimentos, os visitantes sentaram-se e Nilo entregou ao oficial um livro que tinha nas mãos, da autoria de São Simão da Antioquia, apontando-lhe à leitura a seguinte sentença: "Em dez mil almas, apenas uma se encontra, nos tempos atuais, que tenha saído das mãos dos anjos". Ao ouvirem essas palavras, todos os presentes puseram-se a falar ao mesmo tempo: "Não é verdade! É herético quem afirmou semelhante coisa! Será em vão, pois, que fomos batizados e que adoramos a cruz! que comungamos e somos chamados cristãos!" São Nilo, vendo que o Metropolitano e o oficial nada diziam aos que assim se expressavam, respondeu mansamente: "E que direis, se vos demonstrar que São Basílio, São Crisóstomo, Santo Efraim, São Teodoro Estudita, o próprio São Paulo e o Evangelho dizem a mesma coisa? Deus nada vos deve pelo que acabais de enumerar. Não ousaríeis incorrer em heresia, pois seríeis lapidados pelo povo; mas ficai sabendo que, se não fordes virtuosos e muito virtuosos, não evitareis as penas eternas". Impressionados com essas palavras, todos se

puseram a suspirar e a exclamar: "Pobres de nós, pecadores que somos!"

Nicolau, primeiro escudeiro, indagou: "Meu pai, por que diz o Evangelho: Aquêle que der um copo d'água, seja a quem fôr, não ficará sem recompensa?" Nilo respondeu: "Essas palavras foram dirigidas àqueles que nada possuem, a fim de que ninguém possa desculpar-se por não ter lenha para mandar aquecer a água. Mas vós, que tirais do pobre até mesmo a água fria, que fareis?" Nicolau conservou-se em silêncio, e um terceiro observou: "Meu pai, gostaria de saber se Salomão foi salvo ou condenado". São Nilo, ciente espiritualmente de que se tratava de um libertino, assim lhe respondeu: "E eu quereria saber se sereis salvo ou condenado. Que importa a vós ou a mim que Salomão o tenha sido? Em nossa intenção foi escrito: Quem olhar uma mulher e desejá-la, já cometeu o adultério. Quanto a Salomão, não referem as Escrituras que se tenha arrependido, como aconteceu a Manassés".

Em seguida, ergueu-se um sacerdote e perguntou: "Meu pai, de que árvore Adão comeu o fruto no paraíso?" Nilo respondeu: "De uma macieira selvagem". Todos se puseram a rir e Nilo observou-lhes: "Não vos riais, pois a resposta está de acôrdo com a pergunta. Como dizer-vos o que as Escrituras não revelaram? Em vez de preocupar-vos em como fôstes formados, em como fôstes postos no paraíso, nos preceitos que vos foram determinados e que não observastes, nos motivos que voz fizeram expulsar do paraíso e em como lá podereis reentrar; em vez de tudo isso, apenas indagais o nome de uma árvore e, se chegardes a sabê-lo, indagareis como eram as raízes, as fôlhas, ou a casca, e

se era grande ou pequena". Propostas algumas outras perguntas, retiraram-se os visitantes, e o próprio Metropolitano observou que aquêle monge era um grande homem. O oficial Leão impressionou-se mais vivamente. Tendo retornado com o escudeiro Nicolau para ouvirem o santo discorrer, ambos se deitaram na relva e divertiram-se colocando na cabeça um capuz de monge que encontraram ao alcance das mãos. Nilo, que da sua cela via-os rir da brincadeira, disse-lhes com voz severa: "Ainda havereis de pedir com insistência o objeto de que zombais para cobrir a cabeça e não o obtereis". Imediatamente o oficial Leão é acometido por violenta dor de cabeça, volta, deita-se, chama um sacerdote que, ao chegar, já o encontra morto.

Eupráxio, governador da Calábria, passou por experiência semelhante, mas que se encerrou de maneira mais feliz. Havia fundado em Rossana um mosteiro de mulheres; êste caíra em decadência na ocasião em que Eupráxio regressara a Constantinopla. São Nilo tratou de restaurá-lo. Contudo, pessoas mal intencionadas foram dizer ao governador que Nilo pilhara o mosteiro e, em conseqüência, Eupráxio escrevera ao santo cartas cheias de ameaças. Tendo regressado à Calábria, pomposamente, todos os priores da província, levando presentes, foram cumprimentá-lo e colocar-se sob a sua proteção. Nilo foi o único a abster-se e a permanecer sossegado no seu mosteiro, pedindo a Deus pela salvação do governador. Êsse procedimento ainda mais aumentou a indignação de Eupráxio, que procurava meios de externá-la. Contudo, apareceu-lhe uma úlcera que o atormentou durante três anos e lhe corroeu as partes secretas do corpo com dolorosa infecção. Reconheceu

que estava sendo castigado pelas dissipações, arrependeu-se dos arrebatamentos contra o santo abade, e mandou pedir-lhe que o fôsse ver e dar-lhe a bênção. O santo monge fêz-se rogar durante muito tempo, a fim de, por sua vez, humilhar o governador, e só depois de três anos, quando soube que a doença já lhe atacara as partes nobres, é que foi visitá-lo.

Desfazendo-se em lágrimas, o governador beijou-lhe os pés e, tendo-o Nilo erguido, confessou-lhe todos os pecados, e disse-lhe que fizera o voto de tornar-se monge. O santo respondeu-lhe: "Não ignorais que todos aquêles que pecaram depois do batismo são obrigados, sem fazer nenhum voto, a praticar a penitência; mas quanto a dar-vos um hábito, não posso fazê-lo, pois não passo de simples monge, e não pertenço a nenhuma ordem eclesiástica. Aqui se encontra um Metropolitano, (era o de Santa Severina) aqui se encontram bispos e arquimandritas; só êles poderão satisfazer o vosso desejo". Contudo, tanto Eupráxio insistiu, que êle lhe cortou os cabelos com suas próprias mãos e vestiu-lhe o hábito monástico, na presença dos bispos e dos abades. O médico que ali se encontrava, e que era judeu, apresentou-se e declarou: "Assisti hoje a maravilhas tais como ouvíamos contar que outrora aconteciam. Vi o profeta Daniel domesticando leões. Pois ninguém jamais ousou tocar êsse leão com as mãos. O novo Daniel acaba de cortar-lhe os cabelos e vestir-lhe o hábito monástico". Por sua vez, o governador convidou o santo, os bispos e os priores para comer, e êle mesmo os serviu, tão forte se sentia, embora havia três anos não saísse da cama. Em seguida, distribuiu entre os pobres, ou legou às igrejas, tudo quanto possuía; deu liberdade a todos os escravos, e morreu três dias depois, cheio

de compunção e de esperança. Nomeara Nilo executor do seu testamento; mas o santo não quis incumbir-se de tantos negócios e dêles encarregou o Metropolitano.

Libertou vários possessos, mandando que sacerdotes os ungissem com óleo, ou enviando-os aos túmulos dos apóstolos, em Roma; mas não consentiu em fazer sôbre êles, com suas próprias mãos, o sinal da cruz. Embora lhe repugnassem a vista e o tumulto do mundo, não deixava, em sendo preciso, de interceder pelo povo junto aos magistrados, a fim de salvar infelizes, vítimas de perseguição, e criminosos, às vêzes. E nessa intenção, não temia suportar a fadiga das caminhadas a pé, e a inclemência das estações. Vários oficiais que iam à Itália ofereciam-lhe grandes quantias de dinheiro para a manutenção da sua comunidade ou para os pobres; mas êle lhes dizia: "Meus irmãos serão felizes, de acôrdo com o salmo, se viverem do trabalho de suas mãos, e os pobres gritarão contra vós, acusando-vos de reter o que lhes pertence, e se admirarão de que eu possa dispor de tudo sem nada possuir".

Um eunuco do quarto do Imperador pediu-lhe que o fôsse ver e disse-lhe: "Não tenho parentes e possuo muitos bens; resolvi dá-los a Deus e fundar um mosteiro. Acompanhai-me a Constantinopla, receberei o santo hábito de vossa mão e farei com que converseis familiarmente com o Imperador, tal como o fazeis agora comigo". Nilo traçou, como costumava, o sinal da cruz no peito, e respondeu ao eunuco: "Vosso desejo é belo e agradável a Deus, mas não me convém deixar o deserto e os pobres que sofrem comigo para passear pelas cidades e incumbir-me de negócios. Por acaso, faltam em Constantinopla mon-

ges e abades que possam dar o hábito aos que desejam deixar o mundo? se absolutamente fazeis questão de recebê-lo de minhas mãos, vinde caminhar conosco pelo caminho estreito que escolhemos". Como o eunuco insistisse em realizar seu desejo, o santo abade deixou-o agradecendo a Deus por havê-lo livrado de mais uma cilada do inimigo.

Tendo falecido o arcebispo de Rossano, todos concordaram em que seria preciso surpreender o abade Nilo e forçá-lo a ocupar o pôsto vago. Os magistrados e as figuras mais importantes do clero, já se tinham pôsto a caminho com essa finalidade; mas alguém os antecipou, julgando levar ao santo uma agradável notícia. Êste agradeceu ao informante e até mesmo mandou dar-lhe um presente; mas refugiou-se com um dos monges no recesso de uma montanha e tão bem se ocultou que não conseguiram encontrá-lo. Depois de o terem procurado por tôda parte e permanecerem à espera durante muito tempo, os sacerdotes e os magistrados, que tinham ido ao mosteiro, regressaram, consternados, e foram obrigados a eleger outro arcebispo.

Algum tempo depois, tendo os sarracenos feito uma incursão pela Calábria, São Nilo refugiou-se na fortaleza com seus monges, com exceção de três, que haviam permanecido no mosteiro e foram feitos prisioneiros e levados para a Sicília. São Nilo decidiu-se a resgatá-los; e depois de juntar cem moedas de ouro das rendas do mosteiro, enviou-as por um irmão de confiança, numa mula que lhe fôra oferecida, acompanhadas por uma carta dirigida ao secretário do Emir, que era cristão e piedoso. Êste leu a carta para o Emir, seu senhor, que admirou a sabedoria e a virtude do santo abade; e, tendo mandado chamar

os monges, tratou-os com afabilidade e apenas conservou a mula como recordação; mas devolveu o dinheiro e várias peles de veado e incumbiu os religiosos de levar uma carta, na qual dizia: "Se teus monges foram maltratados, a culpa foi tua; se te tivesses dado a conhecer, eu te teria enviado um salvo-conduto, de posse do qual não terias tido necessidade de abandonar o mosteiro; se quiseres vir à minha pátria, poderás estabelecer-te em qualquer parte, e eu te tratarei com respeito e as devidas honras".

Prevendo que a Calábria inteira seria devastada pelos sarracenos, o santo homem resolveu deixá-la; mas não quis ir para o Oriente, no temor da alta opinião em que lá era tido; pois a sua fama chegara até aos imperadores. Preferiu, pois, permanecer junto aos latinos, acreditando passar desapercebido; porém, em tôda parte era olhado como apóstolo. Tendo ido a Cápua, foi recebido com muitas honras pelo Príncipe Pandolfo, e as mais altas personalidades da cidade queriam elegê-lo bispo; tê-lo-iam conseguido, se o Príncipe não houvesse falecido. Mas chamaram Aligerno, abade do Monte Cassino, e ordenaram-lhe que desse ao santo abade um dos mosteiros subordinados ao seu, tal como êle o desejava.

Quando São Nilo foi visitar o famoso mosteiro do Monte Cassino, a comunidade inteira foi-lhe ao encontro, ao sopé da montanha, os sacerdotes e os diáconos com suas vestes de gala, como se fôsse dia de festa, e carregando círios e incensórios. O santo curou-lhes as doenças corporais e espirituais, e louvou a bela ordem e o método da casa, que achou superior à dos gregos. Em seguida, o abade Aligerno, que também tinha fama de santidade, e os mais conside-

rados entre os monges, conduziram-no até o mosteiro que lhe fôra destinado, isto é, a São Miguel do Val-de-Luce, onde permaneceu durante quinze anos. O abade e os monges pediram-lhe que fôsse com a sua comunidade inteira ao mosteiro, a fim de lá celebrar o ofício, em grego. A princípio, recusou-se por humildade, mas finalmente acedeu. Compôs um hino em honra de São Bento, festejando-lhe os milagres; e, depois de reunir a comunidade, que se compunha de mais de sessenta monges, subiu ao Monte Cassino e lá celebrou as vigílias com um cântico muito harmonioso; pois ensinara vários monges a ler e a cantar com perfeição.

Depois do ofício, todos os monges latinos, com a permissão de seu prior, foram procurá-lo e fizeram-lhe várias perguntas sôbre os deveres dos monges e sôbre passagens das Escrituras e êle lhes respondeu em latim. Um dos monges indagou: "Se uma vez no ano eu comer carne por condescendência para com meu corpo, que mal haverá nisso?" São Nilo respondeu-lhe: "Se gozardes de saúde o ano inteiro e uma única vez cairdes e quebrardes a perna, que mal haverá nisso?" Também o interrogaram à respeito do jejum do sábado. Respondeu: "Aquêle que comer não deve desprezar aquêle que não comer, e aquêle que não comer não deve condenar aquêle que comer. Se nos censurardes por não jejuarmos no sábado, acautelai-vos, para não investirdes contra as colunas da Igreja, Santo Atanásio, São Basílio, São Gregório, São Crisóstomo, e os próprios concílios. Fazemos bem em não jejuar no sábado para nos opormos aos maniqueus, que nesse dia se mortificam por ódio ao Antigo Testamento; mas não nos

absteremos de trabalhar, a fim de não nos assemelharmos aos judeus. Também tendes razão de jejuar nesse dia para vos preparardes para o domingo". (2) Era assim que São Nilo, com seus ensinamentos e exemplos, santificava a Itália Meridional, e cimentava a união religiosa entre gregos e latinos. A sua vida foi primorosamente traçada por um de seus discípulos.

Depois de ter permanecido alguns anos nas imediações de Gaeta, São Nilo deixou o mosteiro para ir morrer perto de Roma. Perdera Estêvão, seu querido discípulo, que lhe servia de modêlo ou de instrumento, se assim nos fôr permitido expressar, para corrigir os outros. Pois se alguém dormia na igreja enquanto pregava, dizia: "Decerto é Estêvão que está roncando!" e punha-o para fora. Muitas vêzes o fizera levantar-se da mesa por estar comendo de maneira inconveniente; enfim, censurava-o por tudo quanto os outros faziam, a fim de instruí-los, exercitando ao mesmo tempo a virtude de Estêvão. Sentiu imensamente a morte de seu discípulo e mandou erigir-lhe um túmulo duplo, pois desejava ser enterrado a seu lado, quando morresse. Havendo, porém, o Príncipe de Gaeta, que era muito piedoso e tinha muita fé nos méritos de São Nilo, sido inteirado da razão daquele duplo sepulcro, observou aos que o rodeavam: "Supondes que quando êsse padre morrer, permitirei que seja enterrado lá, em vez de transportá-lo para a minha cidade, a fim de servir-lhe de proteção?" Ao ter conhecimento das palavras do Príncipe, São Nilo muito se aborreceu e decidiu mudar-se para um lugar onde ninguém o conhecesse;

(2) **Acta SS.**, 26 sept.

pois preferiria morrer miseràvelmente a ser considerado santo por quem quer que fôsse. Ao contrário, chegava a simular um gênio colérico e violento, a ponto de escandalizar alguns ignorantes. Resolvido, pois, a abandonar o Mosteiro de Serperis, onde permanecera cêrca de dez anos, pôs-se penosamente às costas de um cavalo, pois se sentia fraco e velho, e dirigiu-se para Roma. Como os frades se afligissem ao vê-lo partir, disse-lhes: "Vou preparar um mosteiro, onde reunirei todos meus filhos dispersos".

Chegou a Tusculum, a doze milhas de Roma, isto é, quatro léguas, junto a um pequeno mosteiro de gregos, chamado Mosteiro de Santa Ágata. Escolheu êsse lugar para a sua última moradia e por mais que tentassem fazê-lo, nem os frades que o acompanhavam, nem os grandes que vinham de Roma visitá-lo, conseguiram arrancá-lo de lá: em vão êstes últimos o conjuravam a que os acompanhasse, fôsse apenas por causa dos apóstolos. Respondia-lhes: "Não sou digno de pronunciar o nome dos santos apóstolos; e, por menor que seja a nossa fé, também podemos venerá-los daqui". Gregório, Conde de Tusculum, famoso pela tirania e pelas injustiças, mas homem de espírito e de bom senso, foi procurar São Nilo, atirou-se-lhe aos pés e disse-lhe: "Meus enormes pecados tornam-me indigno de receber sob o meu teto um servidor de Deus, como sois; contudo, já que, a exemplo de vosso Mestre, me preferistes aos justos, pecador que sou, ponho ao vosso dispor a minha casa, minha cidade e tôdas as minhas terras; pedi tudo que quiserdes". São Nilo pediu-lhe um lugar em que pudesse orar com sossêgo, o que de boa vontade lhe foi concedido por Gregório. Eram os

restos da casa de campo que pertencera a Cícero, chamada Gruta de Pedra.

Tendo chegado ao conhecimento dos frades que tinham ficado no Mosteiro de Serperis que o padre Nilo não mais retornaria, apanharam as capas, as peles de carneiro, e as sobras do pequeno mobiliário e dirigiram-se ao lugar designado para o novo mosteiro, isto é, à Gruta de Pedra. São Nilo, disso informado, alegrou-se e mandou dizer-lhes: "É bastante, meus irmãos, que tenhais tomado o trabalho de chegar a êsse lugar por amor de mim; permanecei aí até que eu vá ao vosso encontro". Efetivamente, preparava-se para ir a pé a Santa Ágata, situada a três milhas de distância, quando sentiu aproximar-se o fim. Chamou os irmãos que o tinham acompanhado, assim como Paulo, a quem designara, havia muito tempo, como superior da comunidade; repartiu entre êles os andrajos, único bem que possuía, e pediu-lhes que lhes ministrassem os santos sacramentos. Depois, disse-lhes: "Peço-vos que quando eu morrer não demoreis em recobrir meu corpo de terra; não me enterreis numa igreja, e não construais no meu túmulo abóbada ou qualquer outra decoração". Deu-lhes a bênção e depois se estendeu na cama, onde permaneceu dois dias sem falar, nem abrir os olhos; apenas parecia rezar, pois a lábios se moviam, e êle fazia o sinal da cruz com a mão direita.

Tendo sido o Conde Gregório informado de que o monge estava nas últimas, acorreu, trazendo consigo um excelente médico. Desfeito em lágrimas, atirou-se sôbre o santo moribundo, dizendo: "Meu pai, meu pai, por que nos abandonais tão cedo? Assim fazeis por terdes horror aos nossos pecados". E, beijando-lhe as mãos, acrescentou: "Não impeçais

que eu beije vossas mãos, como já fizestes, dizendo: "Não sou bispo, nem sacerdote, nem diácono, não passo de um pobre padre grego". Assim falando, Gregório derramava tantas lágrimas que arrancava outras aos assistentes. Os médicos, apalpando o pulso do santo, asseguravam que não tinha febre, nem outro indício de morte.

Depois de se terem os visitantes retirado e, ao chegar a hora das vésperas, resolveram os frades levar o santo à igreja; pois era dia de São João, o Evangelista, festa que os gregos celebram no dia vinte e seis de setembro; e sabiam quão devoto era Nilo em relação às festas dos santos; também costumava dizer que um monge devia morrer na igreja. Tendo sido recitado o ofício das vésperas, e tendo-se o sol deitado, o santo expirou. Corria o ano de 1005. Os monges passaram a noite inteira cantando salmos e orações fúnebres; de manhã, carregaram o leito onde jazia o corpo e transportaram-no, entre círios e incenso, até o lugar onde os outros irmãos o esperavam, isto é, à Gruta de Pedra. O encontro dos dois grupos de monges reavivou a dor geral; e o Conde Gregório, seguido pelos moradores do lugar, que tinham acorrido, acompanhou o cortejo, chorando. A comunidade inteira, tendo à frente o abade Paulo, permaneceu junto ao túmulo de São Nilo, trabalhando com as mãos e ganhando penosamente a vida, em virtude da pobreza do lugar. E o mosteiro, que ainda subsiste, e que continua a ser ocupado por monges gregos, não tardou a tornar-se famoso. A Igreja cultua a memória de São Nilo no dia da sua morte.

* * *

# SÃO CIPRIANO E SANTA JUSTINA (*)

## *Mártires*

### (*Época Incerta*)

Da *Conversão de São Cipriano* podemos, resumindo-a, dizer que, quando o diácono Prailio pregava em Antioquia, uma jovem, chamada Justa, punha-se atentamente a ouvi-lo discorrer sôbre os mistérios cristãos, da janela de sua casa. Profundamente emocionada, tocada no fundo do coração pelos ensinamentos do diácono, Justa, um dia, falou à mãe sôbre o que costumava ouvir.

Cledônia, a mãe, levou o caso ao conhecimento do marido, Edésio, que, sem saber que atitude tomar contra a filha, ficou a matutar naquilo que a espôsa lhe dissera, até altas horas da noite, sem se decidir.

Senão quando, eis que Nosso Senhor, aparecendo-lhe, disse:

— Vinde a mim, e dar-vos-ei o reino dos céus!

Edésio, impressionado, assim que amanheceu, tomou a espôsa e a filha e foi apresentar-se ao diácono.

Prailio, incontinenti, levou-os ao bispo Optato, e os três foram batizados. A Edésio, que era padre

dos ídolos, o prelado conferiu o sacerdote. Dezoito meses mais tarde, o pai de Justa morria.

A jovem, assìduamente, freqüentava a igreja. Ora, Aglaida, o Escolástico, enamorou-se dela e pediu-a em casamento. Justa, porém, que desejava permanecer na virgindade, porque julgava que naquele estado agradaria mais a Deus, recusou-se a aceitar Aglaida como espôso.

Foi assim que Cipriano apareceu em cena. Mágico, foi procurado pelo preterido, para que, com as artes que conhecia, conseguisse atrair a jovem Justa para si.

Cipriano invocou um demônio, que lhe deu uma poção para ser espalhada ao redor da casa da virgem filha de Cledônia. Aquilo seria infalível, e levaria a jovem a apaixonar-se por Aglaida.

Ora, aconteceu que Justa, ao sair para ir à igreja, assim que pôs um dos pés fora de casa, sentiu que o demônio estava por perto: imediatamente fêz o sinal da cruz, sôbre si mesma, depois sôbre a casa, e o diabo não teve outro recurso senão afastar-se e ir falar a Cipriano do insucesso.

Cipriano, então, invocou outro espírito do mal mais poderoso, mas, também êste não obteve qualquer resultado — foi vencido como o primeiro o fôra.

Admirado, o mágico lançou mão do extremo: invocou o pai dos demônios, o qual lhe prometeu que, dentro de seis dias, teria a Justa para o que êle quisesse.

Apresentando-se a ela como uma jovem que Nosso Senhor lhe enviara para viver a mesma vida perfeita que levava, pouco depois, perguntava à filha de Edésio:

— Que recompensa esperas tu, guardando assim a virgindade? Não te vejo eu, porventura, exaurida pelos jejuns?

— A pena, respondeu Justa, é ligeira, a recompensa imensa.

E o demônio, sutilmente, tornou, cavilosamente:

— No princípio, Deus abençoou Adão e Eva, e disse-lhes: "Crescei, multiplicai-vos e enchei a terra". Ora, parece-me que, se perseverarmos na virgindade, desprezaremos, por isto, a palavra de Deus, e acabaremos por ser tratadas como rebeldes no julgamento.

Justa, dir-se-ia, perturbou-se. Mas, pensando bem, acabou por se armar de coragem, orou fervorosamente e, fazendo o sinal da cruz, soprou sôbre o demônio, que fugiu precipitadamente.

Depois que o pai dos demônios deixou Cipriano ao par do sucedido, o mágico ficou longamente a cismar sôbre o poder que tinha a cruz, que ultrapassava o dos infernais. Então, de fato, o Crucificado era mais poderoso? Assim pensando, decidiu que jamais havia de ter parte com o demônio, e mandou-o embora. Ora, o diabo não queria, de forma alguma privar-se daquela alma. E, num salto, tentou apoderar-se do convertido. Cipriano, porém, fazendo o sinal que lhe salvara a alma, expulsou o maligno da sua presença. E, comovidamente, foi procurar o bispo Antêmio, para que lhe desse instruções sôbre a religião cristã.

Passou assim, o ex-mágico, a freqüentar a igreja, onde ouvia atentamente as leituras e as homilias do bispo.

Um dia, depois que tudo terminou na igreja e todos saíram, foi o diácono Astério fechá-la quando deu com Cipriano, num canto. Admirado, disse-lhe:

— Cipriano, levanta-te e sai.

— Tornei-me servidor do Cristo, disse êle humildemente, e tu me mandas sair?

O bispo, informado do caso, batizou o catecúmeno, emocionado. Oito dias depois, Cipriano era feito leitor. Passados vinte e cinco, subdiácono e porteiro. Cinqüenta dias mais tarde, era diácono e, depois de um ano, tornava-se padre. Decorridos seis anos, sentindo-se no fim, Antêmio fê-lo seu sucessor.

Bispo, Cipriano elevou a virgem Justa a abadêssa, mudando-lhe o nome para Justina, e deu-lhe um mosteiro a dirigir.

Desde que se viu à frente da diocese, Cipriano primou por combater tôda a sorte de heresias.

— — — —

Quanto ao martírio de São Cipriano e de Santa Justina, diz-se que, ambos, presos por ordem do conde do Oriente, Eutórmio, foram levados para Damasco. Depois de longo interrogatório, firmes na fé, Cipriano foi rasgado com as unhas-de-ferro e Justina chicoteada com nervos de bois. Há uma versão que nos diz que os dois santos, sendo atirados numa caldeira de azeite fervendo, nada sofreram.

Enviados a Nicomédia, onde então se encontrava Diocleciano, foram condenados à decapitação; tendo depois, e inùtilmente, sido expostos às feras, os corpos, recolhidos por marinheiros cristãos, foram leva-

dos para Roma, onde foram sepultados. Diz-se que com Cipriano e Justina foi decapitado um outro cristão, Teoctisto.

Diz o Resumo, no martirológio:

"Na Nicomédia, a morte dos santos mártires Cipriano e Justina, virgem. Justina muito sofreu por Nosso Senhor sob o imperador Diocleciano e o prefeito Eutórmio. Tendo convertido Cipriano, o mágico, que se esforçava, com suas artes, para perdê-la, com ela, sofreu o martírio. Os corpos foram expostos às feras, mas marinheiros cristãos, apoderando-se dêles à noite, transportaram-nos para Roma. Mais tarde, transferiram-os para a basílica Constantiniana, onde foram sepultados perto do batistério (?)"

* * *

# SÃO COLMAN (*)

## *Abade*

São Colman foi abade de Lann Elo. Era filho de Bergna, um notável nobre, e sobrinho, por parte de mãe, diz-se, de São Colomba.

Nascido em 555, foi educado pelo venerável Coeman, que, admirado das virtudes do jovem, enviou-o a outros abades "para que se acostumasse com as regras e gênero de vida", bem como para que estudasse, com êles, as Escrituras.

Ordenado, fixou-se Colman, por algum tempo, em Connor, depois passou à Escócia, donde logo retornou à Irlanda, estabelecendo-se em Lynally: ali, fundou Lann Elo, e, em 611, faleceu, muito suave e santamente, depois de vida austeríssima.

Conta-se que, havendo no mosteiro um monge obedientíssimo, mereceu, do abade, o nome de Obediente. Ora, êste Obediente faleceu um dia em que São Colman estava ausente. Quando o santo abade retornou à fundação, encontrou-o morto, de horas. Como o amava muito, pela obediência pronta e serena, ordenou ao monge Obediente que tornasse a vida. Obediente obedeceu-o prontamente, e tornou ao mundo dos vivos.

No mesmo dia, em Antioquia, São Teoctisto, mártir (época incerta). Êste é o Teoctisto que aparece no fim da *Paixão* de São Cipriano e Santa Justina, e foi decapitado com os dois santos mártires que vimos no dia de hoje.

Na Inglaterra, São Malcan, abade, no século VII. Segundo alguns, foi abade-bispo em Pembrokeshire, tendo ajudado São Brieuco e São Cadoc nos trabalhos de missionário. Para outros, fôra um bardo gaulês, discípulo de Santo Iltud. Curiosas são as variantes que lhe dão ao nome: Maugan, Mawgan, Mauchan, Mawan, Maugant, Meygan, Moygan, Morgan, Migan, etc. A forma primitiva deve ser Malcan ou Malcant.

Em Hersfeld, o bem-aventurado Meginardo, abade beneditino de 1036 a 1059, mais ou menos.

Em Milão, São João de Meda, humilhado (época incerta). Tudo é obscuro nas origens da Ordem dos Humilhados.

Em Salerno, Itália do Sul, a bem-aventurada Lúcia de Caltagirona, da terceira ordem regular de São Francisco, cujo culto parece ter sido autorizado pelo papa Calisto III em 1456. Grande devota das Cinco Chagas do Salvador, operou milagres. Um osso do braço da bem-aventurada Lúcia foi levado para Caltagirona.

Em Girona, Espanha, o bem-aventurado Dalmácio Moner, dominicano, falecido em 1341. De grande humildade, dava tudo aquilo que possuía. Jamais usava hábito novo. Quando lhe davam outro, porque o seu já se gastara extraordinàriamente, fazia com que outro que não êle o vestisse primeiro, para

que se apresentasse mais usado, mais gasto. Viram-no, por mais duma vez, quando orava, ser elevado da terra. O zêlo pela observância era extremo.

Em Roma, São Calístrato e quarenta e nove soldados, martirizados sob o Imperador Diocleciano. Havendo êstes visto Calístrato sair são e salvo do fundo do mar, onde fôra atirado dentro de um saco, converteram-se a Jesus Cristo e sofreram o martírio com êle. — Santo Eusébio, Papa. — Na Bolonha, Santo Eusébio, bispo e confessor. — Em Bréscia, São Vigílio, bispo. — Em Albano, São Senador. — Em Tiferno, Santo Amâncio, sacerdote, a quem Deus concedeu o dom dos milagres.

— — — —

## 27.º DIA DE SETEMBRO

# SANTO ELZEÁRIO E SANTA DELFINA, SUA ESPÔSA

Santo Elzeário nasceu em 1295, no castelo de Ansois, entre Apt e Aix. E com êle nasceu a misericórdia: tinha apenas três anos e, se via um pobre, olhava-o com piedade, recusava-se a seguir adiante e punha-se a chorar até que o mendigo tivesse recebido uma esmola. Assim sendo, sempre que saía com êle do castelo, a ama levava consigo alguns pedaços de pão. Desde a idade de cinco anos repartia entre os pobres tudo quanto ganhava nas brincadeiras infantis, ou adquiria em qualquer lugar. Fazia com que convidassem crianças para jantar em sua companhia, sobretudo crianças pobres, com as quais brincava algumas vêzes. Êsses impulsos compassivos e caridosos foram crescendo com os anos; acompanhavam-nos tôdas as virtudes passíveis de florescer numa criança bem nascida e favorecida pelo céu. Era modesto, meigo e educado para com todos, respeitoso e obediente para com os pais, para com a governanta, a piedosa amiga de sua mãe, Garsenda de Alphant, para com seu preceptor, para com todos que tinham alguma autoridade sôbre êle. Sua educação não deu

trabalho a ninguém; seu bom comportamento mais parecia espontâneo do que o resultado de advertências.

Em seguida, foi confiado a seu tio, Guilherme de Sabran, cura de São Vítor, em Marselha, que nada esqueceu de tudo quanto poderia formar-lhe o espírito nas ciências, e o coração na piedade. Mas Elzeário tinha, com relação à ciência da salvação, um mestre interior que o encaminhava para a virtude e o conduzia pelos caminhos do céu. Ninguém notava a menor leviandade, a menor inconsideração ou frivolidade naquele jovem. Era prudente no falar, sensato e circunspecto nos hábitos, sério e reservado na maneira de proceder; contudo, mostrava-se sempre alegre e agradável, bem humorado, qualidade que, aliadas a um grande encanto físico o tornavam querido de todos. Crescia em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens, e alimentava o projeto de ir pregar a fé entre os infiéis, a fim de encontrar ocasião de sofrer o martírio. Foram diferentes os desígnios da Providência. Tinha apenas dez anos, quando Carlos III, rei de Nápoles, Conde de Provença, enviou a seu pai uma ordem formal para casá-lo com uma jovem da casa de Glandèves, que só contava doze anos. Era digna dêle, ainda mais pelas virtudes do que pela nobreza do sangue ou a importância da família, uma das primeiras da Provença. Ficaram noivos em Marselha, na presença do próprio rei, embora ainda não se conhecessem, e não se tivessem manifestado, em relação aos acontecimentos de que participavam.

Delfina perdera os pais muito cedo, E. de Sinha, Senhor de Puy Michel, e Delfina de Barras. Ao ouvir seus tios e tutores falaram em casá-la por causa da grande fortuna que herdara, com um jovem fidalgo,

dos mais nobres e poderosos da Provença, sentiu-se muito desgostosa, pois desejava conservar-se virgem, tocada, como fôra, pelo amor divino. Teria preferido, pois, que seus castelos fôssem incendiados, suas terras devastadas e seus navios dispersados, para que nunca lhe propusessem um casamento carnal. Mais de uma vez desejara ser cega para servir mais livremente a Deus na sua virgindade. Quando cuidaram de casá-la com o jovem Conde de Sabran, resistiu o mais que pôde. Mesmo em Marselha, no momento em que devia comparecer perante o rei, Delfina fugiu de seus tios e tutores e escondeu-se nos fundos da casa para recomendar sua virgindade, entre abundantes lágrimas, a Jesus Cristo e à sua Santa Mãe, dizendo: "Bendita Virgem, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, se aprouver à vossa maternal bondade que eu tenha vosso bendito filho como espôso, socorrei-me nesta hora em que me vejo abandonada e destituída de qualquer ajutório humano". Depois de ter feito essa oração, sentiu um grande consôlo interior e obteve que, em lugar do casamento que deveria ser realizado, apenas o noivado fôsse tratado.

Contudo, três anos depois, o casamento foi solenemente celebrado perante a Igreja, no dia de Santa Ágata, no castelo de Puy Michel. Elzeário contava treze anos de idade, e Delfina, quinze. Na primeira noite em que ficaram sós no quarto nupcial, ela contou confidencialmente ao jovem espôso que só se casara obrigada por seus parentes e que seu maior desejo era permanecer virgem por amor a Deus; que pedira essa graça à Virgem Maria e esta lhe prometera auxiliá-la. Se consentira em desposar Elzeário fôra porque, conhecendo-lhe a virtude e a piedade, esperava não apenas que não se opusesse ao voto já

pronunciado, mas também que procedesse da mesma forma. Elzeário, a quem tal idéia ainda não ocorrera, surpreendeu-se com aquela proposta; mas, sendo meigo e complacente, respeitou o desejo da jovem espôsa e não lhe dirigiu uma única palavra que pudesse desagradar-lhe. Delfina passou a noite inteira sem fechar os olhos, rogando continuamente a Deus, entre lágrimas e suspiros, que se dignasse proteger-lhe a virgindade. Conseguiu do espôso, com boas palavras, que passassem as três primeiras noites de vida comum, tal como o jovem Tobias e Sara, orando fervorosamente a Deus. O quarto nupcial foi desde então transformado em capela.

Nesse primeiro ano, embora a sua pouca idade o isentasse, Elzeário jejuou durante a quaresma inteira. Além disso obteve, por intermédio de uma religiosa, parente da espôsa, uma corda cheia de nós, com a qual cingiu o corpo, a ponto de feri-lo e fazê-lo sangrar. Tendo a religiosa reparado na palidez do rosto do jovem conde, ameaçou-o de contar tudo aos pais, caso não tirasse a corda; êle consentiu em fazê-lo, mas substituiu a corda por um cilício.

Com a idade de quinze anos acompanhou o tio paterno, o Cura de Marselha, ao castelo do tio materno, o Senhor de Sault, onde, no dia da Assunção da Santa Virgem, um novo sacerdote cantaria a primeira missa e um nobre seria armado cavaleiro. Elzeário assistiu, durante a noite, às matinas; em seguida confessou os pecados e comungou devotamente à missa como se quisesse preparar-se para as graças extraordinárias que Deus se dignaria a conceder-lhe nesse dia. No decorrer do banquete, serviu as carnes, em honra a seus tios. Após a refeição, quando por sua vez comia, o Espírito da graça

sùbitamente desceu sôbre êle e o rosto transfigurou-se-lhe. Julgando que estivesse com febre, os companheiros levaram-no para o quarto. Assim que se viu sòzinho, Elzeário prosternou-se no chão, abandonando-se, tal como o espírito interior lhe sugeria. Sentiu-se tocado por uma chama tão viva do amor divino que a sua alma parecia fundir-se e transformar-se inteiramente em Deus. E então Deus mostrou-lhe a brevidade desta vida precária, e quanto o mundo é desprezível em relação aos bens celestiais. Elzeário concebeu tão grande desprêzo pelos bens temporais, que se lhe tivessem oferecido tôdas as riquezas dêste mundo, nada teria aceito, mas tudo desdenharia como se fôsse lôdo, tão sedento estava de Deus.

Divisava também, muito claramente, a misericórdia e a benevolência divinas que o haviam impedido até aquêle dia de cair em qualquer espécie de pecado, e a graça singular que lhe preservara a virgindade. Resolveu, pois, que dêsse momento em diante não mais se preocuparia com deixar herdeiros e conservaria para sempre a virgindade, tal como a espôsa o exortava a fazer. Começou a refletir intensamente na maneira de servir apenas a Deus. Assim meditando, inflamado de amor, pôs-se a orar fervorosamente a Deus, suplicando-lhe que lhe mostrasse como desejava que vivesse neste mundo. Seu desejo seria tudo abandonar e retirar-se para um deserto para servir a Deus, ignorado de todos; mas uma voz interior o aconselhou a não mudar de estado. Objetou sua fragilidade, mas a voz respondeu: "Sei do que sois capaz, e suprirei o que não fordes". Elzeário saiu dêsse êxtase, decidido a guardar para sempre a sua virgindade, sem contudo fazer voto de castidade. E,

extraordinária maravilha da graça divina, confirmada por ambos os esposos, sentiam-se, quando sós, mais fortalecidos em suas santas resoluções, do que quando se conservavam afastados um do outro.

Depois dêsse primeiro êxtase, Elzeário teve vários outros, nos quais o Senhor lhe fêz ver, sem véus, os principais mistérios da fé, os mistérios da Trindade, da encarnação, da Redenção, assim como as outras verdades do Símbolo; o que o encheu de um inefável amor para com Deus. Várias almas piedosas conheceram, por revelação, a vida angélica e virginal dos dois esposos.

Assim viveram durante sete anos no castelo de Ansois; Elzeário, porém, não conseguia gozar nesse lugar a tranqüilidade de espírito pela qual ansiava, em virtude das preocupações e dos excessivos cuidados de seu avô e de todos seus parentes em relação às coisas temporais, em cuja direção procuravam arrastá-lo. Ao completar vinte anos, pediu e obteve, depois de longas solicitações, o direito de residir no castelo de Puy Michel, que tinha de sua espôsa. Lá permaneceram durante três anos.

Mudando de residência, também mudaram para melhor. O novo chefe de família organizou a casa como se fôsse uma espécie de mosteiro. Deu-lhe uma regra com oito artigos. 1.º Todos que o serviam, tanto homens como mulheres, deveriam ouvir diàriamente a missa. 2.º Todos deveriam levar uma vida casta e pura, e os que com isso não se conformassem, seriam expulsos da casa. 3.º Os nobres e os cavalheiros, as damas solteiras ou casadas, confessar-se-iam uma vez por semana, e comungariam devotamente todos os meses. 4.º As damas ocupar-se-iam

durante a manhã com orações e atos de piedade e devoção, até à hora do jantar, depois do qual se dedicariam ao trabalho manual. 5.º A ninguém seria permitido proferir blasfêmias contra Deus, contra a Santa Virgem, ou contra os santos, nem jurar em falso, levianamente, ou sem motivo, nem proferir palavras desonestas; pois, segundo o Sábio, a vida e a morte estavam nas mãos e na língua; e as más palavras corrompiam os bons costumes, já afirmara o Apóstolo. Os transgressores dêsse estatuto seriam punidos da seguinte maneira: à hora do jantar, sentar-se-iam no chão diante dos outros, só comendo pão e bebendo água, ou então seriam fechados no quarto, onde apenas receberiam uma alimentação frugal. 6.º Ninguém deveria jogar dados ou qualquer jôgo ilícito ou desonesto. Os contraventores seriam castigados com severidade. 7.º Todos os membros da família deveriam viver juntos em paz, amizade e concórdia; jamais um dêles deveria ofender o outro com palavras ou ações; e quem agisse de maneira contrária seria obrigado a reconciliar-se com o ofendido. O Santo velava sôbre a observação dêsse artigo com especial cuidado e punia o delinqüente de acôrdo com a gravidade de sua falta. 8.º Todos os dias, depois do jantar, ou a qualquer outra hora da tarde, a menos que algum motivo legítimo o impedisse, os membros da sua família conferenciariam juntos, estando êle presente, sôbre as palavras do Senhor, para a maior edificação de suas almas. Nessa reunião, enquanto um falasse, os outros rezariam intimamente por êle, a fim de que Deus lhe inspirasse palavras proveitosas a todos. Ninguém deveria interromper de maneira alguma o que estivesse falando. O transgressor seria privado daqueles bons e devotos coló-

quios até que, arrependido, fôsse chamado pelos outros.

O próprio Elzeário, com o rosto resplandecente de júbilo, proferia nessas reuniões palavras de fogo, que irrompiam da própria fonte da divina sabedoria; os ouvintes sentiam-se interiormente transformados, tocados por santos desejos, e tornavam-se humildes e tímidos; pois, como outro Tobias, Elzeário ensinava à família a temer a Deus e a se amarem uns aos outros, a conservarem os corpos puros e sem mácula. Com referência à oração, dizia que o cristão deve iniciá-la humilhando-se profundamente, pois a oração de quem se humilha chega até o céu.

Tendo seu confessor indagado, um dia, qual o método por êle seguido na oração, e que santo escolhera como especial padroeiro, respondeu-lhe Elzeário: "Escolhi para minha advogada a gloriosa Virgem Maria, e, ao preparar-me para a oração, antes de tudo considero a minha indignidade e a minha vileza, e volto-me para a Mãe da Graça, suplicando-lhe humildemente se digne colocar-me no meu coração e na bôca tudo quanto fôr agradável a ela e ao bendito filho; ofereço-lhe, com todo o fervor de que sou capaz, uma *Ave-Maria*; recitada esta, jamais deixo de encontrar novo assunto para as considerações divinas".

Na casa de Elzeário, assim dirigida, reinavam a caridade, a devoção, a paz, a brandura, a pureza, de tal forma que, com exceção do hábito, mais parecia um verdadeiro mosteiro, e uma vida religiosa, do que a casa de um conde, e uma vida secular. Tanto que a religiosa Alásia, irmã de Delfina, afirmava que vivia mais santamente junto aos dois esposos do que no seu convento. Além do mais, vários cavalheiros da

nobreza, e também outras pessoas, influenciados por tão belo exemplo, fizeram o voto de guardar castidade perpétua, e muitos, até mesmo a pureza virginal. Enfim, tendo-se espalhado a fama de como o Conde Elzeário dirigia a sua casa, vários outros fidalgos começaram a viver e a organizar suas casas de acôrdo com aquêle modêlo; entre outros, o Bispo de Digne, Renaud de Procelets, primo do santo, e que também é chamado de santo por alguns autores daquele tempo, pediu-lhe o regulamento por êle elaborado e também obrigou sua família a observá-lo.

Além dêsse regulamento doméstico, também atribuem a Santo Elzeário um regulamento público para os seus domínios, em dez artigos. 1.º A nenhum de meus súditos será permitido blasfemar nos meus domínios, seja de que maneira fôr; pois, como os louvores a Deus atraem sôbre nós seus favores e suas graças, também os perjúrios e as blasfêmias, que mais se assemelham à linguagem do inferno do que à dos homens, atraem sôbre nós os raios do céu, que desgraçam nossos corpos e nossas almas. 2.º Pretendo introduzir nas minhas terras a piedade para com a Santa Mãe de Deus; em conseqüência, determino que todos meus súditos a escolham para padroeira; pois, quando temos necessidade da misericórdia divina, nada nos é mais favorável do que recorrer a essa rainha todo-poderosa, pedindo-lhe se digne acolher-nos sob a sua proteção e que sirva de refúgio a todos os pecadores. Proíbo expressamente, nos dias de festas consagradas ao seu culto, qualquer trabalho servil, e faço questão de que nesses dias todos os meus súditos assistam à missa e aos ofícios divinos, sob pena de sofrerem os castigos impostos pelos meus oficiais. 3.º Ordeno aos meus oficiais que

zelem para que todos vivam castamente em minhas terras, e para que delas expulsem os libertinos. Pois, como nada impuro deve entrar no paraíso, nada impuro deve ser tolerado entre os cristãos destinados à eterna glória. 4.º Quero que tôdas as grandes festas da Igreja, tais como a Páscoa, o Pentecostes, Todos os Santos e Natal, sejam rigorosa e solenemente celebradas em meus domínios; todos confessarão seus pecados nesses dias, ou pelo menos não deixarão passar dois dêles sem o fazer. O mesmo ordeno em relação à Assunção da Virgem, nossa Mãe, e à sua Anunciação, a fim de que sempre nos favoreça neste mundo e à hora da nossa morte nos assista como advogada, obtendo-nos a graça de seu Filho. 5.º Proíbo o acesso de minha casa a todos os vadios que se recusem a trabalhar para ganhar a vida; e para que a distribuição do trigo que costumo fazer todos os anos, na intenção de socorrer os pobres, não lhes seja motivo de preguiça, e na expectativa dessa esmola deixem de trabalhar para viver, proíbo expressamente a todos meus oficiais darem trigo aos que abusarem dêsse favor. Determino que os abandonem à miséria, no temor de que possa favorecer a perdição de suas almas pela ociosidade, não permitindo com essa dádiva que seus corpos pereçam pela fome. 6.º Proíbo todos os jogos de azar, as reuniões nas quais Deus é ofendido com execráveis imprecações, assim como tôdas as ocasiões de rixa. Não proíbo, contudo, que se divirtam nos dias de festa, a fim de recrearem os corpos fatigados pelo trabalho; mas êsses divertimentos não deverão acarretar proveito ou prejuízo de bens temporais, pois êsses prejuízos só poderão gerar inimizades entre meus súditos. 7.º Desejo que todos vivam em paz, e que, para conservar tão bela virtude,

evitem as rixas, as disputas e as injúrias, mais adequadas aos demônios do que a homens sensatos. 8.º Em caso de desavenças, não quero que o sol se ponha sem que haja reconciliação; é êste conselho do Evangelho, que nos recomenda não adormecermos na inimizade, no temor de que o inimigo comum a todos, em permanente vigília, possa aproveitar a noite a favor dos nossos arrebatamentos. 9.º Ordeno expressamente que nos dias de festa de guarda, e nos outros em que houver sermão, todos os moradores vão à igreja para ouvir a palavra de Deus, verdadeiro alimento de suas almas; se, durante o sermão, forem encontrados no lugar pessoas preguiçosas, ou sem religião, deverão ser encarcerados e castigados por negligenciarem a salvação de suas almas. 10.º Nenhum de meus súditos deve prejudicar seu próximo, no seu bem, ou na sua honra; e, sim, todos deverão respeitar-se uns aos outros, como verdadeiros cristãos, honrados com o caráter de Jesus Cristo pelo batismo, e destinados a gozarem juntamente a felicidade eterna. A sanção mais eficaz a tôdas essas regras era o próprio exemplo daquele que as impunha.

O pai de Elzeário faleceu cêrca do ano de 1309, deixando-lhe o Condado de Ariano, na Itália, e diversas baronias na Provença. Elzeário tinha então vinte e três anos. Foi ao reino de Nápoles tomar posse do condado paterno. Porém, em conseqüência da guerra entre sicilianos e franceses, os cidadãos de Arian recusaram-se a recebê-lo na cidade. Essa rebelião durou três anos. O Príncipe de Tarento, filho de Carlos II, que muito apreciava Elzeário, ofereceu-se para dominar os rebeldes pela fôrça, mandando enforcar alguns, e mutilar outros. Elzeário, porém, a isso se opôs, observando: "Deus e a justiça

os vencerão". Com efeito, os súditos insubmissos acabaram por respeitá-lo como senhor e amá-lo como pai.

Elzeário encontrou cartas escritas por certos nobres a seu pai, quando ainda vivo, incitando-o a deserdar o filho, alegando para isso uma porção de razões baseadas em calúnias. Leu essas cartas em segrêdo à sua santa companheira, que lhe perguntou se pretendia mostrá-las aos acusadores, a fim de torná-los humildes e contritos em face de crime tão grave. Respondeu-lhe: "Perdôo-lhes plena e sinceramente; não pretendo mostrar-lhes estas cartas. Ao contrário, quero que suponham que tudo ignoro; pois, se perceberem que estou a par do seu procedimento, seriam castigados: viveriam cheios de temor e, no íntimo, sempre me considerariam suspeito". Assim sendo, destruiu as cartas, sem que nunca o fato chegasse ao conhecimento dos culpados. Ainda mais, tendo, algum tempo depois, o principal forjador daquelas calúnias lhe feito uma visita em companhia de outros nobres, o Conde deu-lhe maiores demonstrações de apreço do que aos outros, admitiu-o na sua intimidade, presenteou-o com suas próprias roupas e testemunhou-lhe a vida inteira uma particular amizade.

Tal era a sua mansuetude que durante a vida inteira, jamais ninguém viu dar mostras de impaciência ou de cólera. Tanto assim que Santa Delfina, que lhe observava todos os atos, o interpelou um dia: "Que espécie de homem sois, que nunca vos zangais ou irritais contra os que vos injuriam? Pareceis insensível e, contudo, sois homem capaz de sofrer, e não fizestes votos monásticos. Talvez não saibais ou não possais encolerizar-vos. Que mal haveria se, de vez

em quando, vos mostrásseis indignado contra os que vos prejudicam?" Respondeu-lhe o santo homem: "Delfina, para que nos zangarmos? a cólera nada resolve. Contudo, vou abrir-vos o fundo do meu coração. Ficai ciente de que, mais de uma vez, ao ser atacado, começo por revoltar-me ìntimamente; porém, logo depois, ponho-me a pensar nos ultrajes que infligiram a Jesus Cristo, e digo a mim mesmo: "Ainda que teus próprios servos te arrancassem a barba e te dessem bofetadas, ainda assim Jesus Cristo teria sofrido mais. E asseguro-vos, Delfina, que nunca deixo de meditar nos ultrajes do Salvador sem que meu coração fique inteiramente apaziguado. E Deus concedeu-me a graça singular de, ofendido, eu amar meus adversários com uma afeição igual, ou mesmo maior, do que antes de ter sido ofendido, e assim rezo especialmente por êles. Enfim, sei e confesso que mereço ofensas ainda maiores".

Tendo encontrado o condado e a baronia onerados com uma porção de dívidas e obrigações, penhorou uma parte das terras, a fim de que as rendas servissem para pagar as dívidas. Disse nessa ocasião: "Dou-vos graças, Senhor, por me terdes, na vossa primeira visita, despojado inteiramente do amor ao século e aos bens terrestres; por vossa providência, possuo terras e heranças oneradas por tantas dívidas, que nem mesmo dariam prazer a um amante das coisas do século".

Como a piedade sem justiça é vã, sobretudo em relação a um príncipe, Elzeário aliava uma à outra; não menos justo do que misericordioso, aplicava a justiça a seus súditos, temperando-a com misericórdia. Ordenava a seus oficiais que jamais se afastassem das regras da justiça nos julgamentos e nas sen-

tenças. Repreendia com severidade os que se mostravam negligentes e chegava a substituí-los por outros mais dignos. Perseguia enèrgicamente os malfeitores públicos e castigava-os de acôrdo com os seus crimes. Quando havia condenados à morte, êle próprio os exortava a se reconciliarem com Deus através da confissão de seus pecados, de maneira a que o suplício lhes servisse de expiação. Quanto aos que eram condenados a multas pecuniárias, costumava dar-lhes a têrça parte, ou mesmo a metade; se eram pobres, dava-lhes a quantia inteira, secretamente, porém, através de um intermediário, a fim de que, assim castigados, não perdessem o temor e se abstivessem de delitos do mesmo gênero. Em se tratando dos bens dos condenados à morte, destinados ao fisco, entregava-os às espôsas e aos filhos, secretamente, e por algum intermediário.

Quando o rei Roberto, que muito o estimava, o armou cavalheiro, em Nápoles, Elzeário, de acôrdo com o costume, fêz a vigília de armas numa igreja, cuja festa estava sendo celebrada. Passou a noite inteira num êxtase ininterrupto, entretendo-se com Deus e com os anjos, e desfrutando inefáveis alegrias. Sobretudo sentiu um desejo mais intenso do que de ordinário de fazer com sua santa espôsa o voto de virgindade, tal como o Espírito Santo o inspirara várias vêzes. Escreveu, pois, a Delfina, pedindo-lhe viesse encontrá-lo juntamente com a dama Garsenda d'Alphant. Ela veio, mas sem a Dama, que caíra doente. Elzeário contou-lhe que a chamara para que juntos fizessem o voto de virgindade; queria, porém, pronunciá-lo diante da Senhora d'Alphant, que o educara desde a infância com muito cuidado e dedicação, e desejava ardentemente presenciar aquêle

ato. "Iremos, pois, à sua presença, já que ela não pode vir até nós." Com efeito, tendo obtido do rei Roberto permissão para ausentar-se durante dois anos, Elzeário e Delfina viajaram para a Provença.

Chegaram ao Castelo de Ansois no dia de Santa Madalena, ouviram missa e comungaram; depois, dirigiram-se para a casa da Senhora d'Alphant, que se encontrava muito doente, apenas acompanhados pela religiosa Alásia, irmã da Condêssa, e o Cavalheiro Isnard, filho da Senhora d'Alphant. Lá, na presença daquela piedosa senhora, fizeram o voto da seguinte maneira. De joelhos, com as mãos pousadas no missal, o Conde articulou as seguintes palavras: "Senhor Jesus Cristo, de quem procedem todos os bens e todos os dons, eu, pecador, frágil e enfêrmo, sem vossa graça particular não posso conservar-me continente, nem casto; porém, confiante em vosso particular auxílio, prometo, a vós, e à gloriosa Virgem Maria, e a todos os santos, viver castamente durante tôda a vida, e guardar a virgindade que vossa clemência se dignou preservar em mim até agora; para cumprir esta promessa, estou pronto a sofrer tôdas as tribulações e todos os contratempos, até mesmo a morte temporal". Quando terminou de falar, a Condêssa renovou pùblicamente o voto que já pronunciara em segrêdo. O Cavalheiro Isnard também fêz voto semelhante. Então, a Senhora d'Alphant, sua mãe, exclamou: "Louvores, honra e glória a Deus Todo-Poderoso, que me permitiu assistir àquilo que tanto desejava. Agora morrerei satisfeita; nada mais desejo neste mundo. Senhor, recebei desde já vossa serva, e que a vossa santa vontade se cumpra inteiramente em mim". Morreu algum tempo depois, e os dois santos esposos tiveram a revelação da sua glória.

Tendo Santo Elzeário retornado a Nápoles, transcorridos dois anos, o rei Roberto nomeou-o preceptor de Carlos, seu filho mais velho, Duque de Calábria. O jovem príncipe tinha os defeitos da sua idade e, entre outras coisas, gostava de ouvir e de dizer palavras frívolas e pouco honestas. O Santo chamou-o em particular e disse-lhe: "Não convém a uma pessoa de importância, e a um rei, ouvir e proferir palavras frívolas e indecorosas; pois as más palavras corrompem os bons costumes. Ao contrário, é preciso que a nobreza do sangue se assinale nobremente por palavras honestas e costumes virtuosos". O jovem Duque tirou proveito da reprimenda: imediatamente um espírito de cordura desceu sôbre êle. Os cortesãos diziam, admirados: "Monsenhor, o Duque tornou-se outro homem". E havia quem acrescentasse: "Foi por ter o Conde de Arian conversado com êle".

Tendo o rei Roberto partido para o seu condado da Provença, coube ao preceptor do príncipe real a parte mais importante no govêrno do reino. Dêsse momento em diante, os nobres e os grandes lhe testemunharam um respeito muito maior, e para inclina-lo favoràvelmente em relação aos seus negócios, ofereciam-lhe presentes, êste ouro, aquêle preciosos tecidos de escarlate. Elzeário recusou firmemente todos os presentes. Um dia em que, de regresso da côrte, se recolhera ao seu quarto para orar, sùbitamente exclamou: "Senhor meu Deus! Vós me deveis no paraíso cem onças de ouro e duas peças de escarlate". Sua cunhada, a religiosa Alasie, que entrava por acaso, indagou-lhe a significação daquelas palavras. Respondeu: "Eu poderia ter recebido êsses presentes, hoje mesmo, mas por amor a Deus, recusei-me a aceitá-los".

As queixas de grande número de pobres chegavam aos seus ouvidos; e não tardou a perceber que os negócios com êles relacionados dormiam na côrte. Foi procurar o Duque, e pediu-lhe que o encarregasse dos negócios dos pobres, pois lhes serviria de advogado. O Duque consentiu de boa vontade. Elzeário mandou fazer um grande saco onde colocava as requisições de todos os pobres, que desde então começaram afluir à sua passagem e à sua porta, a ponto de êle e seus homens muitas vêzes quase não conseguirem entrar. Lia os requerimentos com muita atenção, resumia em poucas palavras o que a ignorância dos requerentes freqüentemente afogava num dilúvio de palavras, falava em nome dêles ao Duque e aos oficiais, resolvendo-lhe os negócios. Um dia, no momento em que se sentava à mesa para jantar, um pobre entrou inesperadamente e perguntou-lhe: "Senhor, que fizestes com a minha súplica?" O Santo respondeu-lhe com brandura: "Esperai um pouco; pois, antes de comer vou resolver vosso negócio". E levantando-se da mesa, imediatamente se dirigiu à côrte; tendo resolvido o caso do suplicante, tornou a sentar-se à mesa. Quando os negócios dos humildes se arrastavam, sem solução, dava-lhes do próprio bôlso tudo de quanto precisavam, e isso por amor ao Salvador, que quisera nascer, viver e morrer pobre, e que dissera: "Tudo quanto fizerdes aos humildes, fá-lo-eis a mim".

Jesus Cristo era sua regra e seu modêlo, o centro do seu espírito e de seu coração, o senhor de todos seus pensamentos e afeições. Certa ocasião, como se demorasse um pouco mais em Montpellier, sua santa espôsa enviou-lhe, do Castelo de Puy Michel um criado com uma carta, na qual lhe pedia notícias.

Respondeu-lhe: "Passo bem de corpo; se quiserdes ver-me, procurai-me na chaga do lado direito de Jesus: é aí que moro, e que podereis encontrar-me; não me procureis em outro lugar".

Além dos jejuns ordenados pela Igreja, jejuava tôdas as sextas-feiras, o advento inteiro e às vésperas de muitas outras festas. Trazia um cilício sob as luxuosas vestes. Muitas vêzes, disciplinava-se com pequenas correntes de ferro, em memória do Salvador, recitando o *Miserere*, e fustigando-se três vêzes, a cada versículo. Comungava em todos os domingos do advento e da quaresma, em tôdas as grandes festas do ano e em muitas outras, principalmente naquelas consagradas às virgens. Recebeu de Deus tão extraordinárias graças em relação à prece e a contemplação, que em qualquer hora, em qualquer tempo, e em qualquer lugar, seu espírito fàcilmente para elas se encaminhava. Contínua e intimamente unido a Deus, sobrevinham-lhe amiúde iluminações, arroubos, êxtases, em meio às refeições, às palestras, aos concertos musicais, e mesmo nos bailes, a tal ponto que a sua santa companheira, já com certa experiência, muito receava que nessas ocasiões, absorvido em Deus, êle desse um passo em falso e levasse uma queda.

Uma de suas recreações consistia no seguinte: recebia diàriamente doze pobres e leprosos, cujos pés e cuja bôca lavava e beijava. Em seguida, dava-lhes de comer e despedia-os com generosas esmolas. Um dia, em que fôra à caça em companhia de muitas pessoas, afastou-se com um cavalheiro e um servo para visitar um leprosário. Lá encontrou seis homens atacados de uma lepra muito perniciosa. Alguns já tinham os lábios inteiramente comidos, viam-se-lhes os dentes, que começavam a cair; eram horríveis.

Primeiro, o Santo cumprimentou-os afàvelmente, depois lhes fêz uma piedosa exortação, e finalmente beijou-os muito afetuosamente, um após o outro. Depois de assim beijados, todos foram logo restituídos a uma saúde perfeita, e a casa inteira encheu-se de um perfume muito agradável. O Santo deu-lhes esmolas e tornou a partir depois de tê-los feito prometer que nada diriam sôbre o ocorrido, enquanto fôsse vivo. Da mesma forma Deus multiplicou, em tempos de penúria, o trigo que distribuía aos pobres.

Tal era Elzeário de Sabran quando em 1323 foi enviado à côrte da França pelo rei de Nápoles, na qualidade de embaixador. Acompanhou grande número de fidalgos do reino. O objetivo dessa embaixada era pedir em casamento, para o Duque de Calábria, Maria, filha do Conde Carlos de Valois. Foi recebido com tôdas as honras merecidas pelo nascimento, posição e virtudes. A transação teve um feliz resultado, e o casamento foi contratado.

Elzeário caiu doente em Paris. Fizera seu testamento muito tempo antes; doava os bens móveis a Santa Delfina, sua espôsa, e as terras a Guilherme de Sabran, seu irmão. Havia no testamento legados para os parentes, criados, e, sobretudo, para os mosteiros e hospitais. Percebendo estar próxima a hora da morte, o Santo fêz uma confissão geral, acompanhada de abundantes lágrimas; todos os dias ouvia a missa junto ao leito e confessava-se com freqüência. Embora tivesse ocultado durante a vida inteira que êle e a espôsa tinham preservado a virgindade, deu-o a conhecer nos seus últimos momentos, ao dizer: "Um homem mau foi salvo por uma boa mulher, que recebi virgem, e que deixo virgem nesta vida mortal". Suportou a moléstia, que foi muito

penosa, não apenas com paciência, mas com alegria. Seu espírito permanecia contìnuamente unido a Deus; com isso, gostava de ouvir palavras edificantes, e a paixão de Jesus, cuja leitura reclamava sempre. A língua não cessava de louvar a Deus, e repetia muitas vêzes as palavras do salmo: "O Senhor o assistirá no seu leito de dores; vós lhe revolvestes as entranhas na sua enfermidade". Quando, após o Santo Viático, lhe administraram a Unção dos moribundos e chegaram a estas palavras das litanias: "Por vossa santa Cruz e por vossa Paixão, livrai-me, Senhor", êle repetiu três vêzes as palavras e disse: "Esta é a minha esperança; é nela que quero morrer".

Caído em agonia, seu rosto começou a assumir expressões terríveis, como o de um homem em luta contra adversários temíveis e obstáculos poderosos. Durante essa luta, falou em voz alta: "Os demônios têm um grande poder, mas perderam a fôrça pela virtude e pelos méritos da bem-aventurada encarnação e paixão de Jesus Cristo". Momentos depois, tornou a exclamar: "Enfim o derrotei completamente!" Transcorrido mais algum tempo, acrescentou com um grito: "Entrego-me inteiramente ao julgamento de Deus!" E, assim tendo falado, seu rosto transfigurou-se, tornou-se resplandecente, e êle entregou o espírito. Isso se deu no dia 27 de outubro de 1323, trigésimo-oitavo ano de sua vida. Foi extraordinàriamente pranteado nas côrtes de França e de Nápoles. De conformidade com as suas últimas vontades, transportaram-lhe o corpo para a Provença e sepultaram-no na Igreja dos Franciscanos da cidade de Apt, onde ainda permanece. Pertencia, assim como sua espôsa, à Ordem Terceira de São Francisco. Tendo o Papa Clemente VI feito constatar a verdade de um grande

número de milagres operados pela sua intercessão, Urbano V assinou o decreto da sua canonização, só publicada em 1369 por Gregório XI.

Delfina ainda vivia quando incluíram seu marido no número dos santos. O rei e a rainha de Nápoles, em cuja côrte residia, e que nela viam um modêlo por causa de suas virtudes, nunca consentiram em que de lá se retirasse. Tendo o rei Roberto falecido em 1343, a rainha, que se chamava Sância, e que era filha do rei da Maiorca, renunciou às grandezas humanas, e vestiu o hábito no mosteiro das pobres Clarissas, por ela fundado em Nápoles. Lá viveu dez anos, sem consentir em separar-se da querida Delfina, que a instruíra nos exercícios da vida espiritual. Depois da morte da rainha, Delfina retornou à Provença e encerrou-se no Castelo de Ansois, onde continuou a viver na prática das mais heróicas virtudes. Morreu em Apt, no ano de 1369, com setenta e cinco anos de idade. Sua bem-aventurada morte deu-se no dia 26 de setembro, dia em que é citada no martirológio franciscano. Suas relíquias foram conservadas juntamente com as de Santo Elzeário. (1)

* * *

(1) **Acta SS., 27 de sept.**

# VIDA DE SÃO VICENTE DE PAULO

(*A festa se celebra a 19 de julho*)

Depois dos apóstolos, talvez não haja homem que mais tenha prestado serviços à Igreja católica e à humanidade inteira. Para contribuir à santificação do clero e do povo cristão, instituiu uma congregação de missionários, que foi digna do autor, e continua a propagar a fé em todo o mundo.

Para a santificação dos sacerdotes e dos fiéis, estabeleceu retiros espirituais, cujo uso se espalhou por tôda parte. Para a formação de jovens eclesiásticos, para aperfeiçoar-lhes a santidade e exaltar-lhes a vocação, criou seminários, que se espalharam por todo o mundo cristão.

Aos pobres doentes, instituiu a congregação das filhas da Caridade, cujo devotamento admirável provocou o estabelecimento de muitas outras congregações semelhantes.

Para preservar da morte as crianças abandonadas pelas ruas, fundou um hospital de crianças relegadas, e hoje, dêste seu exemplo, hospitais e casas outras do gênero estão disseminadas pela cristandade tôda.

Fêz mais ainda: hospitais para velhos, insanos, presos e mendigos. Enviava missionários com o fim exclusivo de consolar os escravos cristãos. Supria, às vêzes por longos anos, províncias inteiras que

haviam sido devastadas pelas guerras, pela fome ou pela peste, como a Lorena, a Champagne e a Picardia.

E quem era êsse homem, êsse Vicente de Paulo, êsse benemérito? Filho dum lavrador, começou por pastorear o rebanho do pai. Feito sacerdote, foi prêso por corsários turcos e vendido como escravo nas costas da África.

Vicente de Paulo nasceu numa têrça-feira de Páscoa, a 24 de abril de 1575, na aldeiazinha de Pay, perto de Dax, nos confins de Bordéus, lá para os Pirineus. O pai chamava-se Guilherme de Paulo, a mãe Bertranda de Moras. Possuíam uma pequena granja, onde labutavam e donde tiravam o pão de cada dia, para si e para os seis filhos, duas meninas e quatro meninos.

Vicente, que era o terceiro, trabalhava, como os outros, na quinta: guardava, como vimos, o rebanho, levando-o a pastar. Desde pequeno, sentia compaixão pelos pobres. Quando voltava do moinho, com o saco de farinha às costas, dava-lhes alguns punhados, quando não tinha outra coisa que dar. Muitas vêzes, com os pobrezinhos, partilhou o pão que comia e as vestes que usava. Tendo economizado, duma feita, trinta *sous*, soma considerável naquela época e para aquela idade, a um pobre, que lhe parecia ser o mais abandonado de todos, deu-lhe tudo.

Com essa bondade de coração, mostrava grande vivacidade de espírito. O pai, então, resolveu fazê-lo estudar. A despesa seria espantosa, mas, esperava, um dia seria recompensado. Assim, enviou-o aos franciscanos de Dax, mediante sessenta libras por ano, segundo o costume do tempo e do país.

Era, então, pelo ano de 1588. O jovem Vicente fêz tais progressos, que, ao fim de quatro anos, elo-

giado pelo superior do convento, o senhor de Commet, o advogado de Dax, acabou por tomá-lo em sua casa para que se incumbisse da educação dos dois filhos.

Foi êsse Commet que, tocado pela virtude de Vicente, e edificado, o aconselhou a abraçar o estado eclesiástico.

Vicente, que o respeitava muitíssimo, tendo-o como a um segundo pai, recebeu o conselho com ardor, e depois a tonsura e as quatro ordens menores, a 20 de dezembro de 1596, com a idade de vinte anos, após ter empregado nove nos estudos de humanidades em Dax.

O pai, para ajudá-lo, teve que vender uma junta de bois, e Vicente lá se foi para Toulouse, para os estudos de teologia, nos quais gastou sete anos.

Durante a estadia em Toulouse, ia o jovem, algumas vêzes, estudar em Saragoça.

Para não pesar à família, embora o pai, ao morrer, ordenasse que lhe dessem o necessário, retirou-se para a cidadezinha de Buset, durante as férias, ali se encarregando da educação dum número considerável de crianças, cujos pais tinham posses, e se sentiam satisfeitos de poder confiar os filhos a um homem do qual a virtude e a capacidade eram pùblicamente reconhecidas e propaladas. Mesmo de Toulouse, enviavam-lhe crianças, meninos e meninas, como se vê por uma carta escrita à mãe.

Entre os alunos, havia dois sobrinhos-netos do célebre Jean de la Valette, grão-mestre de Malta, que resistiu gloriosamente a tôdas as fôrças otomanas.

O Duque de Épernon, governador da Güiana, parente próximo dos dois meninos, desejou, e muito, conhecer Vicente, *monsieur* Vicente, como dizia res-

peitosamente, por êle vindo a conceber uma estima tôda particular.

Vicente retornou de Buset a Toulouse, com os pensionistas, terminando, então, os estudos de teologia. Bacharel, dizem dêles os autores da *Gallia Christiana*: "Era doutor em teologia". Contudo, a prova autêntica daquela afirmação não foi encontrada.

Durante os estudos de teologia em Toulouse, Vicente recebeu os subdiaconato, a 19 de setembro de 1598, o diaconato três meses depois, e, afinal, a ordenação, em 23 de setembro de 1600.

Os grandes vigários de Dax, vacante uma das sedes, escolheram-no para o curado de Tilh, mas um competidor, que havia impetrado em Roma, lho arrebatou. Vicente, desejoso de paz para continuar os estudos em Toulouse, não deu a mínima importância à questão. Ademais, acenavam-lhe com algo mais importante, que pleiteavam com a mediação do Duque de Épernon. Efetivamente, fêz Vicente, nos princípios de 1605, uma viagem a Bordéus, e teve uma entrevista com o duque, sem que se soubesse por que objetivo lá fôra. Sòmente diz, numa carta daquela época, que havia empreendido uma *viagem de negócios*. A sorte parecia sorrir-lhe. De volta a Toulouse, ficou sabendo que um amigo o instituíra herdeiro dos bens. Para recolher parte da sucessão, teve que ir a Marselha.

Quando estava para regressar, um gentil-homem de Languedoc, com o qual se alojara, propôs-lhe que, juntos, viajassem até Narbona. Era pelo mês de julho, a estação não podia ser mais bela e o tempo apropriadíssimo à navegação.

Vicente embarcou. O vento era favorável, e todos contavam chegar a Narbona absolutamente no dia e hora estipulados.

O mercado de Beaucaire principiava a funcionar ativamente; lá os ricaços do Oriente iam negociar com a Europa. Corsários, em busca de prêsas, cruzavam o gôlfo de Lião, em todos os sentidos.

Eis senão quando três bergantis turcos surgiram à proa do barco em que Vicente viajava. A abordagem não se fêz esperar, e a luta que se travou, curta, que os turcos eram em número muito superior, terminou pouco depois. Os corsários perderam um dos chefes e tiveram quatro ou cinco forçados mortos.

Vicente recebera uma flechada, o pilôto fôra feito aos pedaços e os demais aprisionados, salvos os endinheirados que não opunham resistência. O barco foi saqueado e, em seguida, com os prisioneiros, transferiram-se os turcos para os próprios navios.

Mais tarde, numa carta a um amigo, uns dois anos depois, Vicente dizia:

"Fomos, então, em Túnis, postos à venda, depois duma descrição verbal sôbre nossa captura, que, diziam, fôra feita num barco espanhol. Tal mentira era necessária, porque, sem ela, seríamos libertados pelo cônsul que o rei tinha naquelas plagas. Fizeram com que todos rodássemos pela cidade, cinco ou seis vêzes, de cadeias ao pescoço. Vestíamos calças grosseiras, um jaleco de linho e barrete. Metidos num dos bergantins, ficamos à espera dos compradores. Êstes examinaram as feridas ganhas na luta, e viram que não eram graves nem mortais, apalparam-nos, mediram-nos, examinaram-nos os dentes, como se faz com cavalos. Fizeram-nos andar, observando os movimentos, os passos, e, em seguida, obrigaram-nos

a correr. Passamos, afinal, à outra prova, qual seja a de carregar fardos. Por último, vieram as lutas, para que lhes mostrássemos a fôrça que tínhamos. Foi um desfilar de brutalidades.

Vicente foi vendido a um pescador. O pescador, afinal, vendo que o novo escravo não se dava com o ar do mar, acabou por passá-lo a um médico, já velho, que o Santo chamava a quintessência do atirador, homem humaníssimo, tratabilíssimo, que, dizia-me, havia trabalhado por cinqüenta anos à procura da pedra filosofal. Gostava muito de mim, e de discorrer, para mim, sôbre a alquimia e suas leis, a ela esforçando-se tremendamente por me atrair, prometendo-me grandes riquezas e saber imenso.

"Deus sempre operou em mim uma crença de libertação pelas assíduas orações que eu fazia à Virgem Maria, pela intercessão da qual creio firmemente ter-me livrado. E a esperança e a crença de que ia rever-vos, senhor, levaram-me a estar bastante atento com o nosso alquimista, procurando instruir-me sôbre o modo de curar a gravela, pois que o via, diàriamente, fazer maravilhas. Ensinou-me mesmo a preparar e misturar os ingredientes, bem como a maneira de administrar a poção. Oh, quantas vêzes desejei ter sido escravo bem antes da morte de teu irmão! Com o segrêdo que agora conheço, tenho certeza de que não teria morrido daquele mal".

A carta, que é de 20 de julho de 1607, é a endereçada ao mais moço dos dois Commet, do qual o Santo fôra preceptor.

Continua:

"Fiquei com o velho médico de setembro de 1605 até agôsto de 1606, quando, então, foi êle prêso e levado por homens do sultão, para trabalhar e servir

o potentado, o que não aconteceu, porque morreu a caminho.

"Quanto a mim, deixou-me com um sobrinho, verdadeiro antropomorfita, que me revendeu imediatamente após a morte do tio, porque ouvira dizer que *Monsieur* de Brèves, embaixador do rei na Turquia, vinha com boas e expressas patentes do Grão-Turco para recuperar os escravos cristãos.

"Um renegado de Nice comprou-me e levou comigo para o seu *temat*. *Temat* é o patrimônio do Grande Senhor, terras que o rendeiro lavra, porque lá o povo nada tem, porque tudo é do sultão. O *temat* daquele que se assenhoreou de mim era na montanha, onde o país é extremamente quente e terrìvelmente deserto.

"Uma das três mulheres que tinha era grega cristã, mas cismática. Outra, era turca, que serviu de instrumento à imensa misericórdia de Deus para retirar o marido da apostasia, levá-lo ao grêmio da Igreja, e livrar-me da escravatura.

"Interessante é que estava a par do nosso modo de viver. Vinha ver-me todos os dias, no campo onde eu estava a labutar, e fazia mil perguntas. Um dia, ordenou-me cantasse os louvores de Deus. À lembrança do *Quomodo cantabimus in terra aliena,* das crianças de Israel cativas na Babilônia, fêz-me começar, de lágrimas nos olhos, o salmo *Super flumina Babylonis,* e depois o *Salve Regina,* e muitas outras coisas de que ela gostava.

"Não deixou de contar ao marido, à noite, dizendo-lhe que havia errado ao mudar de religião: a católica, achava-a boníssima, porque eu lhe fizera um relato sôbre nosso Deus e lhe cantara alguns louvores, quando comigo estivera a perguntar-me coisas. Dis-

sera, então, ao marido que sentira tal alegria e satisfação tal, como jamais experimentara em tôda a vida.

"Essa mulher, como outro Caifás, ou como a jumenta de Balaão, tanto falou, que o marido, no dia seguinte, de manhã, disse-me que não tinha outro desejo senão o de nossa salvação, que nos daria tal remédio, e Deus, dentro de poucos dias, seria louvado.

"Os poucos dias duraram dez meses, e eu vivia de esperanças. Um dia, porém, fizemo-nos ao mar e demos em Avinhão, onde *Monsieur*, o Vice-legado, recebeu pùblicamente o renegado, que vinha com lágrimas nos olhos e a soluçar, de coração contrito. Na igreja de São Pedro, honrando a Deus e edificando os assistentes, foi admitido.

"Depois foi a ida a Roma, onde o Vice-legado prometeu ao penitente que faria com que pudesse ingressar no austero convento dos *Fateben-Fratelli*, onde agora está". (1)

Foi de Avinhão que São Vicente de Paulo escreveu tal carta ao antigo aluno.

Em Roma, Vicente permaneceu até 1608, pela assistência que recebeu do Vice-legado, que o hospedou e lhe proporcionou o que fazer. E lá estava êle tocado até às lágrimas, por ver-se na cidade mestra da cristandade, onde o chefe da Igreja militante tem assento, onde os corpos de São Pedro e São Paulo repousam, bem como os de outros santos mártires e outras santas personagens.

Quando não se dava à devoção, empregava o tempo a repassar os estudos de teologia feitos em Toulouse. O Vice-legado apresentou-o ao embaixador da França, o Cardeal d'Ossat, e êste o encar-

---

(1) Abelly, **Vida de São Vicente de Paulo**, L. I, c. IV.

regou de importante missão, mas secreta, junto a Henrique IV.

Vicente tornou, então, à França. Era pelo comêço de 1609. Conversou com o rei, e ficou hospedado em São Germano, perto do hospital da Caridade. Dali, ia, constantemente, servir os doentes e consolá-los.

Henrique IV vira e falara com Vicente de Paulo, mas parecia desconhecê-lo. É que o Santo evitava, cuidadosamente, tudo aquilo que pudesse dar-lhe ares de grandeza. Chamavam-no *Monsieur* Paulo — nome de família, e aquilo lhe soava como se fôra de estirpe ilustre, de modo que, chegando a Paris, apresentou-se e fêz-se simplesmente tratar por *Monsieur* Vicente, o nome de batismo.

Ao invés de usar o título de licenciado em teologia, deixava entrever-se como se fôra apenas um pobre professor secundário. Todavia, por mais cuidado que tivesse, escondendo como escondia as virtudes, acabavam descobrindo-as.

Um dia, foi apresentado à rainha Margarida, primeira espôsa de Henrique IV, a qual, então, fazia profissão de piedade. Essa princesa queria vê-lo. E fêz dêle o chefe duma casa piedosa, com o título de capelão-ordinário.

Retirou-se depois Vicente para os Padres do Oratório, que o padre de Bérulle viera de fundar: não para se agregar à companhia, mas para viver no retiro sob a direção do piedoso instituidor. Ali ficou o Santo por dois anos.

Nesse meio tempo, Bourgoing, cura de Clichy, lugar situado a uma légua de Paris, deixou a freguesia para ingressar na Ordem, onde sucedeu, mais tarde, como superior-geral, ao padre de Bérulle. Aquilo pro-

porcionou a Vicente encarregar-se do curato então vago, cargo que aceitou apenas por espírito de obediência.

Em Clichy, a cumprir reta e devotamente os deveres de bom pastor, caiu nas graças de todos. Era estimadíssimo, não só na própria freguesia, como nos curatos da circunvizinhança. Restaurou nove igrejas, proveu-as do que necessitavam, e instituiu a confraria do Rosário.

Tempos depois, corria o ano de 1613, deixou o curato: é que o padre de Bérulle o aconselhara a aceitar o cargo de preceptor dos filhos de Filipe Emanuel de Gondi, conde de Joigni, Geral dos galeotes de França, e de Francisca Margarida de Silly, mulher de excelente virtude.

O Geral e a espôsa tinham três filhos: o mais jovem faleceu com dez ou doze anos; o mais velho foi duque e par; o segundo tornou-se o famoso cardeal de Retz.

Vicente de Paulo viveu doze anos na casa do conde de Joigni. Quando o casal ia para o campo com os filhos, levando-o também, o maior prazer do Santo era percorrer as vizinhanças e catequizar os pobrezinhos, instruindo-os. Pregando ao povo, exortava-o, administrava-lhe os santos sacramentos, principalmente o da penitência, confirmava-o na fé, com a aprovação dos bispos e o agrado dos curas.

Duma feita, estando no castelo de Folleville, em 1616, na diocese de Amiens, vieram rogar-lhe fôsse a Gannes, aldeia situada a mais ou menos duas léguas de distância.

— Há lá, disseram-lhe, um velho, um homem de bem, que deseja confessar com *Monsieur* Vicente.

Está doente, muito doente — perigosamente entre a vida e a morte.

Vicente foi, e a condêssa acompanhou-o.

O velho tinha sessenta anos, e queria fazer uma confissão geral. Ao dar com a condêssa, disse:

— Ah, senhora, estarei perdido se não fizer uma confissão geral! Ah, como agora me atormentam grandes pecados do passado, pecados que deixei de confessar!

Àquelas palavras, a condêssa Francisca Margarida redarguiu:

— Oh, *Monsieur* Paulo! — exclamou comovida — Que coisa! Que pensar das pobres almas tôdas? Êste, que era tido como homem de bem, atormenta-se com grandes pecados — que dizer dos que não são tidos nesta conta? Quantas almas se perdem!

Era em janeiro, a 25, festa da conversão de São Paulo. E a condêssa rogou a Vicente que pregasse na igreja de Folleville, a todos chamando à confissão geral. Vicente pregou e ensinou a todos a melhor maneira de fazer uma ótima confissão. A prédica foi tão inflamada e tão inspirada, que ninguém deixou de comparecer ao confessionário. Foi uma avalancha — e Vicente precisou valer-se do concurso de dois jesuítas de Amiens.

Dado o êxito da pregação, que imensos foram os frutos recolhidos, resolveram fazer o mesmo nas adjacências, nas terras sujeitas à casa de Gondi. Tal foi a primeira missão de São Vicente de Paulo.

O santo deixou a casa de Gondi em 1617, retirando-se para Bresse, em Chatillon-les-Dombes. Ali era uma como paróquia abandonada. Havia cêrca de quarenta anos que jazia naquele lastimável estado,

sem nada; certos beneficiários de Lião sugavam-lhe os magros lucrozinhos.

Assim, depois de quase meio século, aquela cidade infortunada, composta de duas mil almas, não tinha pròpriamente falando, nem cura, nem pastor, nem diretrizes quaisquer espirituais.

O capítulo de Lião dirigiu-se aos Padres do Oratório para que lhe indicassem um homem capaz de remediar tal desordem. O padre Bérulle excogitava quem poderia desincumbir-se da missão, quando Vicente apareceu para comunicar-lhe que ia deixar a casa de Gondi: propôs-lhe, então, a paróquia de Chatillon, que o santo aceitou.

São Vicente de Paulo chegou em Chatillon-les-Dombes no mês de agôsto de 1617, em companhia dum bom padre do país, chamado Luís Girard. Como a casa paroquial estava em ruínas, alojaram-se na casa dum tal Beynier. Êsse Beynier, calvinista, com o tempo se converteu.

Eis o programa que Vicente se propôs cumprir: levantava-se às cinco horas; meia hora de oração; o ofício e a santa missa diziam-se em horas marcadas, de modo que não se desperdiçava o tempo sem necessidade; os dois, Vicente e Luís, cuidavam da parte da casa que lhes coubera: êles mesmos tratavam da arrumação dos quartos e faziam as camas. Vicente não queria que a enteada do hospedeiro fizesse mais do que já fazia no resto da casa.

O novo pastor visitava regularmente, duas vêzes por dia, uma parte do rebanho. O resto do tempo era empregado no estudo e no confessionário.

O desejo de ser útil tanto aos pequenos como aos adultos, fê-lo estudar com afinco o dialeto usado familiarmente. Aprendeu-o em pouco tempo, e, pas-

sou a falar correntemente, com grande proveito no catecismo.

O ofício divino era celebrado com a maior decência possível. As danças foram banidas, bem como certos escandalosos excessos que desonravam as festas, sobretudo a da Ascensão de Nosso Senhor.

Havia na paróquia seis velhos padres que eram a negação do bom exemplo: Vicente empenhou-se e conseguiu exortá-los a viver em comunidade, obedecendo à regra. A cidade inteira, surprêsa e edificada, acompanhava as mudanças que se operavam paulatina, mas eficientemente. Tudo estava ficando transformado, caminhando para a perfeição. Os mais sábios acreditavam que aquêle homem, a quem a reforma dum clero como o daquele lugar, regularizando-se como estava, sem muitas dificuldades, era assaz competente e conseguiria ganhar para Deus a paróquia tôda inteira não demoraria muito tempo.

Efetivamente quatro meses depois, quem visse Chatillon-les-Dombes ficaria embasbacado, tal a diferença. Os maiores pecadores, em fila, contritos, compareciam ao tribunal da penitência, de modo que o santo passava um tempo enorme no confessionário. Tão compenetrado estava das coisas espirituais, que se esquecia das mais prementes necessidades da natureza.

Houve em Chatillon duas conversões retumbantes: a de duas mulheres nobres, que não viviam senão para o mundo e que acabaram modelos de piedade e de caridade. Naqueles tempos, quando a peste se declarou, foram devotadíssimas aos pobres e aos doentes.

O conde de Rougemont, esgrimista, um dos mais terríveis duelistas da França, destemeroso, ágil como

gato, converteu-se, e tão completamente, que se desfez das terras que possuía, as célebres de Rougemont. Vendeu-as para fundar mosteiros e socorrer a indigência. O castelo onde vivia, enorme, transformou-se em hospital para religiosos e pobres. E o conde, pelo resto da vida, satisfeito, foi modêlo de penitência e de mortificação.

Mais tarde, Beynier, calvinista, como vimos, acabou por abraçar a vida religiosa, com o condão de arrastar para Jesus um grande número de outros calvinistas.

Um dia, era dia de festa, Vicente estava subindo ao púlpito, quando uma das duas mulheres convertidas o deteve, pedindo-lhe recomendasse à caridade dos paroquianos uma família extremamente pobre, da qual a maior parte das crianças e dos domésticos estava doente, numa quinta afastada, a mais ou menos meia légua de Chatillon.

Vicente atendeu o pedido da mulher. E Deus lhe deu tal eficácia às palavras, que um grande número de ouvintes foi visitar a pobre família, e ninguém de mãos vizias. Uns levaram pão, outros vinho, êste carne, aquêle farinha. Vicente, depois das vésperas, também lá foi, com alguns habitantes da paróquia. E ficou abismado com o movimento que havia na estrada: grupos que iam, carregando embrulhos, grupos que vinham, a conversar e a comentar, ranchos que descansavam sob as árvores, porque, naquele dia o calor era excessivo.

— Oh, exclamou, que bela caridade, mas desregrada, infelizmente! A família pobre terá muita provisão duma vez e, pois, não poderá consumi-la. E uma parte se perderá. É pena, porque outras famílias, nas mesmas condições, há por aí.

Esta reflexão de Vicente, que tinha um espírito regrado, todo êle sistema, principiou a imaginar o meio pelo qual todos os necessitados pudessem receber auxílio com ordem. Não uma só família, mas tôdas as que estivessem em semelhantes aflições.

Reuniu, então, um dia, as mulheres piedosas do curato e com elas conferenciou, depois de orar a Deus, pedindo-lhe que o inspirasse. As idéias foram surgindo juntando-se, definindo-se. Foi como surgiu a primeira confraria, a primeira sociedade das damas de caridade, instituição que, como tôdas as de Vicente de Paulo, se propagou por todos os países cristãos.

O santo, voltando à casa de Gondi, em fins de 1617, apenas para uma inspeção geral sôbre o andamento da educação dos filhos de Filipe Emanuel, teve grandes folgas para dedicar-se ao que o atraía: tratar da gente do campo.

Assistido por vários padres virtuosos, por seculares e religiosos, empreendeu um grande número de missões nas dioceses de Paris, de Beauvais, de Soissons e de Sens, onde a casa de Gondi possuía terras. Tais missões, nas quais a condêssa de Joigni trabalhava à sua maneira, visitando os doentes, consolando os aflitos, fazendo esmolas, produziram um bem imenso e renovaram as paróquias — e muitos heréticos foram convertidos à fé.

Aquela experiência fêz sentir a Vicente e à condêssa de Joigni, a importância e a necessidade das missões no campo. Desde 1617, a piedosa condêssa passou, então, a reservar um fundo de seis mil libras para tal emprêsa, quantia que renovaria de cinco em cinco anos.

Quem se encarregaria das missões? Em vão recorreu, sucessivamente, aos jesuítas, aos Oratórios

e comunidades outras. A condêssa concluiu que Vicente de Paulo era quem devia tomar as rédeas da fundação, com alguns dos seus virtuosos padres, aquêles mesmos que o haviam ajudado.

Em abril de 1625, a 17, o ato foi redigido. João Francisco de Gondi, cunhado da condêssa e primeiro arcebispo de Paris, doou o colégio *Bons-Enfants* para que nêle se alojasse a nova comunidade; tratava-se de um casarão antigo, que depois passou a chamar-se seminário de São Firmino, tornando-se célebre, tristemente célebre, dado o massacre de setenta e cinco padres, ocorrido em setembro de 1792. Tempos depois, abrigava cegos.

A condêssa de Joigni falecia meses mais tarde. Vicente retirou-se, então, para o *Bons-Enfants*, seguido de Antônio Portail, um dos primeiros companheiros, padre da diocese de Arles. Principiavam as missões. Vinte anos mais tarde, Vicente assim se expressava sôbre aquêles começos:

"Fomos enviados por nossos senhores, os bispos, para evangelizar os pobres, como fizera Nosso Senhor. E trabalhávamos, fazendo Deus, por seu lado, o que já havia previsto na eternidade. Abençoou nossos trabalhos, e tudo corria a contento. Diante disso, outros eclesiásticos juntaram-se a nós, pelos anos em fora. Ó Salvador, jamais pensei que tudo ficasse como agora ficou!"

Luís XIII autorizou a nova associação por cartas-patentes do mês de maio de 1627, sob a denominação de "Padres da Congregação da Missão". Continuava-se a evangelizar o povo dos campos, não sòmente na França, mas na Itália.

O clero tinha mais necessidade de regeneração que o pobre povo. Se o povo era ignorante e viciado,

o clero era a causa, dada a negligência e os maus exemplos oferecidos.

Um dia, um bom prelado mandou Vicente de Paulo trabalhar com seus vigários, de tal modo concorria o santo para o bem da diocese. Dizia-lhe por carta:

"Há grande número, e inexplicável, de padres ignorantes, viciados, que me compõem o clero, que não se corrigem com palavras nem com exemplos. Sinto horror só em pensar que na diocese há quase sete mil padres cegos ou impudicos que sobem todos os dias as escalinatas do altar, sem nenhum sentimento nem qualquer vocação".

Outro prelado escreveu ao santo:

"Excetuado o cônego teologal de minha igreja, não sei de nenhum padre, entre os da diocese, que possa desincumbir-se de qualquer cargo ou assunto eclesiástico. Como precisamos de bons pastôres! Conjuro-vos que deixeis vossa missão para ajudar-nos".

O que se viu é o suficiente para mostrar em que deplorável estado se encontrava o clero francês.

Um bastardo, filho adulterino de Henrique IV, chegou a bispo de Metz e abade de cinco ou seis mosteiros dos mais ricos, sem ser sacerdote. Ao invés de socorrer a diocese, encaminhava os lucros para a côrte — e acabou por casar-se . . .

A restauração começou por Beauvais, diocese em que era bispo Agostinho Potier de Gesvres, admirador de Vicente, que ao santo suplicou fôsse remediar os desregramentos do clero, levando-o ao lugar que lhe competia estar e ao estado que lhe era próprio.

Respondeu-lhe Vicente que era quase impossível corrigir os maus padres, uma vez que já possuíam

velhos vícios, entranhados na alma, e difícil, senão impossível, seria bani-los.

"Para trabalhar, dizia, com esperança de fruto, é preciso ir à fonte do mal, para, ali, aplicar o remédio, o que, convireis, é duríssimo. Todavia, é trabalhar pela formação dos padres novos, o que, para o futuro, podereis ver, será ótimo.

"Que fazer? Em primeiro lugar auscultar a vocação do neófito. É preciso descobrir a vocação verdadeira. Em segundo lugar, aos verdadeiramente com vocação, torná-los capazes de cumprir as obrigações peculiares ao estado, já que têm, é claro, a verdadeira vocação, o espírito afinado para as coisas eclesiásticas".

O bispo de Beauvais apreciou e gostou daqueles pontos de vista do santo.

Tempos depois, em julho de 1628, ambos viajavam juntos, o bom prelado fechou os olhos e ficou silencioso; parecia adormecido. Logo, porém, abrindo os olhos, disse que estivera a pensar no modo mais rápido e seguro de bem ensinar e preparar os aspirantes às santas ordens.

— Não seria bom, disse, que me viessem para casa e lá me ficassem por alguns dias? Poderia observá-los, fazê-los praticar convenientes exercícios, instruí-los das coisas que devem saber e das virtudes que devem praticar.

Vicente exultou:

— Oh, *Monsieur,* exclamou, dir-se-ia um pensamento de Deus! É um excelente meio de, a pouco e pouco, levar todo o clero da diocese à boa ordem!

O bispo rogou que êle mesmo se incumbisse daqueles exercícios para a próxima ordenação de setembro, o que Vicente logo aceitou, certo de que Deus

exigia dêle o trabalho. Era como se o Senhor houvesse falado pela bôca do bispo.

Agostinho Potier de Gesvres, depois de examinar os ordenandos, iniciou os exercícios de retiro, continuados por dois doutôres e Vicente de Paulo, sôbre o plano que o santo já, de antemão, havia traçado.

Vicente explicou o Decálogo, e fê-lo de tal maneira, tão límpida, afetiva e eficazmente, que os ordenandos desejaram fazer confissão geral, mesmo um dos doutôres.

Foi assim que nasceram na França os retiros dos ordenandos, as conferências eclesiásticas e, mais tarde, os seminários. maiores e menores.

Após as missões, São Vicente de Paulo estabeleceu confrarias de caridade para o socorro aos doentes pobres. Logo precisou de alguém capaz, que visitasse de tempos em tempos as diversas confrarias e nelas conservasse o zêlo da caridade. Deus fêz com que aparecesse uma viúva, uma santa mulher — Luísa de Marillac.

Às vêzes, as damas de caridade não podiam, em pessoa, ir servir os doentes. Mandavam, então, fazendo-lhes às vêzes, os domésticos, que se desincumbiam muito bem do mister. Aquilo propiciou a Vicente aproveitar-se da boa vontade de muitas jovens; passou a ministrar-lhes aulas sôbre o assunto, formando-as para o serviço dos doentes. Tal é a origem das irmãs de caridade, que agora vemos em todo o mundo, mesmo nos mais longínquos lugares.

Em Paris, o santo estabeleceu uma confraria de caridade para os galeotes. Lembremo-nos de que *Monsieur* de Gondi era o geral dos galeotes de França.

Vicente, de quando em quando, repousava do trabalho das missões no campo, visitando a capital. Então, aproveitava a oportunidade e percorria as prisões. Falava com os prisioneiros, consolava-os, exortava-os a uma vida futura honesta e construtiva, ouvia-os em confissão. E aos mais infelizes, os criminosos condenados às galés, unia-se mais estreitamente. Encontrava-os num estado deplorabilíssimo. Jaziam trancafiados em masmorras, onde, às vêzes, permaneciam por muito tempo, comendo imundícias, como que largados, tomados de uma terrível indiferença, absolutamente descuidados do corpo e da alma.

Dirigindo-se ao Geral, Vicente falou-lhe do estado em que viviam os pobres infelizes. Queria um meio de ajudá-los física e espiritualmente.

*Monsieur* de Gondi deu-lhe plenos poderes. Satisfeito, o santo alugou uma casa num subúrbio, em Saint-Honoré, e para lá foram os presos transferidos.

Vicente visitava-os seguidamente. Instruía-os, levantava-lhes a fé, fazia-os confessar com freqüência, administrando-lhes os sacramentos. Não contente com a recuperação das almas que semeava, providenciava ainda medidas para o confôrto do corpo.

Aos doentes, mesmo aos portadores de moléstias contagiosas, dedicava-se com afinco, destemeroso do que lhe pudesse suceder, se contraísse esta ou aquela doença, tal o amor que dedicava aos detentos.

Quando era obrigado a afastar-se por assuntos outros, deixava-os aos cuidados de dois eclesiásticos, amigos particulares, e viajava sossegado, porque sabia que os pobres teriam a mesma assistência que êle lhes prodigalizava.

Gondi, sabedor da dedicação do santo para com os presos, de como incansàvelmente trabalhava para a salvação de todos, principalmente dos mais abandonados e descoroçoados, pensou nos forçados todos do reino. Foi ao rei e falou-lhe do que Vicente de Paulo fazia e quão grandiosa obra era aquela.

O Rei Luís XIII, a uma propositura do Geral dos galeotes, nomeou o Santo Capelão-Geral, ou Mor, de todos os forçados do país. E o diploma foi expedido a 8 de fevereiro de 1619.

*Monsieur* Vicente de Paulo aceitou o encargo com satisfação: aquilo lhe dava uma semelhança mais com o Salvador do mundo, aquêle mundo que era uma imensa prisão abarrotada de criminosos e condenados às galés verdadeiramente perpétuas. A êle, ao mundo atroz, viera o Filho de Deus. Fêz-se igual a qualquer um, tomou todos os crimes e tôdas as penas para si e libertou-os. Vicente, pai dos pobres, na acepção mais pura, desejava imitar o Salvador.

Em 1622, foi visitar os forçados de Marselha. Queria ver em que estado estavam e se por êles poderia fazer o que aos da capital fizera. Chegou sem dar a conhecer o título de Capelão-Mor, tanto para evitar as honras que infalìvelmente lhe tributariam, como para melhor agir. Indo e vindo, dum lado a outro do presídio, deu com um forçado mais infeliz que culpado, que se desesperava com a condição em que se achava, pensando e pensando na mulher e nos filhos, certamente reduzidos à mais negra miséria.

Vicente ficou tão comovido, foi tanta a sua compaixão, que fêz pelo desgraçado o que Paulino de Nola para resgatar da escravidão o filho duma pobre viúva: ofereceu-se para sofrer-lhe a pena pelo resto da vida. Semelhante oferta foi aceita, e Vicente

levou por algumas semanas as cadeias de ferro dos galeotes — até que se descobriu que se tratava do Capelão-Mor da França.

Há autores que querem pôr em dúvida êste feito do santo, mas era tão conhecido na cidade tôda de Marselha, que o superior dos padres da missão, o qual ali se estabeleceu em 1643, testemunha ter ouvido o sucesso de várias pessoas, e de pessoas dignas de todo crédito. Acha-se ainda atestado, num antigo manuscrito, por *Sieur* Domingos Bleyrie, parente do santo, o qual, estando na Provença, alguns anos depois da soltura de Vicente, do fato foi informado por um eclesiástico. Êste último foi quem se referiu a Vicente citando o caso da escravidão daquele Paulino, servidor de Deus na Barbaria. Afinal, um dos padres de Vicente, duma feita, perguntou-lhe se era verdade que substituíra um forçado e que estivera, por certo tempo, prêso com cadeias. O santo, sorrindo, não lhe deu nenhuma resposta à pergunta, mas o jeito era de que assim fôra, tal o sorriso. (2)

Concebe-se, depois disto, qual teria sido a caridade de Vicente de Paulo para com os presos, pois lhes ouvia as lamentações com paciência incrível, compartilhava-lhes as penas, abraçava-os, beijava-lhes as cadeias que lhes rodeavam o pescoço e as pernas. Entregava-se-lhes de corpo e alma, rezava por êles constantemente recomendava-os instantemente aos ofícios, rogando-lhes tratamento mais humano para os desgraçados: assim, fàcilmente, ganhava os infelizes para Deus.

Quando os galeotes de Marselha foram transferidos para Bordéus, em 1623, Vicente para lá se foi,

(2) Collet, L. II.

com muitos outros bons religiosos de diversas ordens. Divididos, trabalhavam dois em cada galé.

Um turco, que Vicente convertera naquele 1623, e que fôra batizado com o nome de Luís, vivia ainda, em Paris, quando Abelly publicou a vida do santo. (3)

Ao mesmo tempo, São Vicente socorria católicos da Escócia, Irlanda e Inglaterra, com missionários e esmolas, trazendo-os para a França, onde se refugiavam. Foi o salvador da Lorena contra a guerra, a peste e a fome.

As guerras da Fronde devastaram a Champagne e a Picardia. Vicente de Paulo correu a socorrê-las. Encarregou missionários do enterramento dos mortos nos campos de batalha, com o cuidado especial de trazerem os soldados sempre voltados para Deus.

Colaborou com São Francisco de Sales no que diz respeito ao instituto da Visitação.

Tantos cuidados e trabalhos fizeram com que o santo adoecesse gravemente. Era em 1644. Um amigo íntimo, o padre Saint-Jure, jesuíta célebre pelas obras de piedade, foi vê-lo. Encontrou-o num violento delírio, a dizer, debatendo-se febrilmente:

— *In spiritu humilitatis, et in animo contrito suscipiamur a te, Domine.* (4)

As crianças que o santo cuidava estavam aflitas, sem saber o que fazer: choravam, gemiam, desoladas. Afinal, acabaram fazendo uma promessa a Nossa Senhora de Chartres. Um jovem missionário, Antônio Dufour, também doente, sabendo que o doce e

(3) Abelly, L. I, c. XV.

(4) "Dignai-vos, ó Senhor, dispor-me e receber-me nos sentimentos duma verdadeira humildade e dum coração contrito."

santo ancião estava enfêrmo, e em perigo de morte, rogou a Deus, sincera e ardentemente:

— Senhor, ouvi-me, tomai-me em seu lugar!

Vicente, então, começou a sentir-se melhor e o jovem Antônio Dufour pior, morrendo pouco depois. Era meia-noite, e três pancadas ressoaram na porta do quarto de Vicente. Abriram-na, mas não havia ninguém. Vicente, que ainda não sabia da morte de Dufour, ordenara que se começasse o ofício dos mortos: não havia dúvida de que fôra instruído pelo sobrenatural. (5)

Apenas restabelecido, foi o santo solicitado pelo papa Urbano VIII, que lhe pedia missionários para Babilônia e às Índias Orientais. Antes que pudesse satisfazer o santo padre, Urbano falecia, suspendo-se a emprêsa.

Mais tarde, a congregação romana para a propagação da fé a êle também recorreu, pedindo missionários para a ilha de Madagáscar. Apesar das revoltas da França, as tempestades e os naufrágios, os perigos do país, Vicente enviou sucessivamente muitos homens apostólicos, que morreram, todos êles, vítimas do devotamento. Mas Vicente não se desencorajava, dizendo que a Igreja universal fôra estabelecida pela morte do Filho de Deus.

— Foi consolidada pela morte dos apóstolos, dos soberanos pontífices e dos bispos martirizados. Multiplicou-se pela perseguição, e o sangue dos mártires foi a semente dos cristãos. Deus costuma provar os filhos, premiando-lhes, afinal, a perseverança.

Outra caridade ainda ocupava Vicente de Paulo: os escravos cristãos da África ou da Barbaria. Êle

---

(5) Collet, L. IV.

mesmo pertencera ao número dêles e, pois, não podia esquecê-los.

Os religiosos para a redenção dos cativos conseguiam, de quando em quando, recambiar alguns dêles, mas não havia sacerdotes que consolassem os que na servidão viviam, sustendo-lhes a fé, incutindo-lhes fôrça e esperança numa próxima libertação. Vicente empreendeu tal obra de misericórdia. A Providência auxiliou-o.

Havia em Túnis um cônsul francês, que o era também de vários países cristãos, e tinha direito a um capelão. Vicente enviou-lhe um zeloso missionário, Luís Guérin, pois outro, Jean de Vacher, o primeiro, morrera vitimado pela peste.

Luís Guérin, depois de ter trabalhado por mais de trinta e três anos na salvação dos escravos, e dos turcos mesmo de Túnis e de Argel, teve morte terrível: metido dentro da bôca dum canhão, espalhou o sangue pela fé em Jesus Cristo. Há as vidas de mais de vinte companheiros seus, que lhe foram sucessores, em manuscritos que se guardam nos arquivos de São Lázaro.

Quanto ao estado geral dos escravos cristãos, Luís Guérin escrevia a São Vicente de Paulo:

"Atendemos a uma quantidade enorme de doentes nas galeras. Se êstes muito sofrem no mar, os de terra firme não sofrem menos. Todos os dias, fazem-nos talhar o mármore, expostos aos ardores do sol, que são tais quais os duma fornalha ardente. É espantoso como possam resistir a trabalho tão excessivo e a calor tão abrasador. É capaz de matar cavalos, quanto mais êsses pobres cristãos. Vejo-os sempre com a língua de fora, como acontece aos cães, o que nunca pensei fôsse possível a um ser humano.

"Ontem, um pobre escravo, velho, já bem velho mesmo, sentindo-se mal, pediu permissão para retirar-se, que se não agüentava mais. Como resposta, porém, teve apenas um olhar para a pedra em que labutava, como se lhe dissessem: *Continua!* Queria que soubesses quanto estas crueldades me tocam o coração e me enchem de aflição!

"Há, todavia, o lado edificante. Como sofrem os pobres com paciência! Incrível a paciência que têm! E bendizem a Deus pelas crueldades tôdas que os fazem passar. Posso dizer com tôda a razão que, nós, os franceses, vencemos tôdas as nações em bondade e virtude.

"Temos dois doentes nas últimas. Segundo tôdas as aparências, não se recuperarão, razão pela qual já lhes ministramos todos os sacramentos. A semana passada, morreram dois outros, dois perfeitos cristãos, cuja morte, posso dizer, foi preciosa aos olhos do Senhor. A compaixão que sinto por êsses pobres afligidos, que trabalham a talhar o mármore, força-me a distribuir-lhes uma parte dos refrigerantes destinados aos doentes".

Tal era, geralmente, a posição dos escravos cristãos de Túnis, em número de cinco a seis mil.

Alguns dêles, pilhando patrões menos bárbaros, passavam menos mal, mas havia, a atormentá-los, o espantalho da venda: mais hoje, mais amanhã, poderiam ser vendidos a outros patrões mais cruéis — que a venda e a troca de escravos era comum entre os senhores.

Os escravos de Biserta, antiga Útica, sobretudo os de Argel, eram tratados mais desumanamente ainda que os de Túnis. Havia em Biserta, Argel e Túnis, somados, cêrca de vinte e cinco a trinta mil

almas na servidão, homens, mulheres e crianças vendidos como animais, como bêstas de carga, pelos corsários muçulmanos.

Antes da chegada dos missionários de São Vicente de Paulo, os infortunados cativos não podiam nem mesmo dar notícias às famílias, relegadas ao abandono ou sem saber o que dos seus fôra feito.

Jean de Vacher, duma feita, fôra obrigado a ir a Biserta, a antiga Útica, e ao Santo escreveu nestes têrmos:

"Entre os escravos dêste lugar, encontrei quarenta doentes num estábulo tão pequeno e estreito, que mal dava para andar. Não recebem ar senão por um suspiro, que se coa por uma gradezinha de ferro, prêso no teto baixo. Todos estão acorrentados, dois a dois, e vivem adoentados desde que aqui vieram ter. No entanto, são forçados a trabalhar, o que fazem num moinho movido a braço, com a obrigação de fazer render uma determinada quantidade de farinha, que lhes vai além das fôrças.

"De que se alimentam êstes pobres? De pão de dor, verdadeiramente. Êstes, sim, podem dizer: *Comemos o pão com o suor do rosto!*"

Em Argel, o próprio cônsul fôra exposto a maus tratos pelos turcos. Quanto aos escravos, muitos dêles, não suportando aquela vida, desesperados, matavam-se, e outros, acabavam por renegar a fé.

À chegada dos missionários, graças às palavras de consolação, às esmolas e principalmente às virtudes dos sacramentos, tudo, a pouco e pouco, foi melhorando. Uma nova igreja formou-se na África. Cada escravo era um confessor da fé. Houve, mesmo, mais de um mártir. Jesus Cristo, nos missionários, estava dia e noite entre aquêles membros sofredores. O

tabernáculo onde repousava jamais ficou sem uma lâmpada a alumiá-lo. Todos os anos, por ocasião da festa do Corpo de Deus, e durante tôda a oitava, ficava Êle exposto à veneração pública. As procissões mesmas eram periòdicamente realizadas.

Qual seria a alegria de São Vicente de Paulo, já então septuagenário, ao saber de tudo aquilo que os seus padres operavam?

Um dia, o cônsul da França em Argel, missionário, mas não nas ordens, foi prêso, espancado, torturado e, afinal, condenado à morte pelo sultão, que queria constrangê-lo a pagar imediatamente a bancarrota dum comerciante de Marselha. A importância ultrapassava doze mil libras, e o cônsul, chamava-se Barreau, não possuía mais do que umas pobres trezentas.

Ia, pois, ser degolado, quando foi resgatado pelos escravos mesmos. Sacrificando, todos êles, as pequenas economias, compraram-no, já que êle, para servi-los, deixara à pátria. E as minguadas economias perfizeram a soma exigida.

Haverá na história humana coisa mais bela?

Vicente de Paulo fêz com que os cativos, aos poucos, fôssem reembolsados. E o cônsul Barreau, quando voltou para a França, em 1661, consigo levava setenta escravos que conseguira libertar.

Vicente de Paulo resgatou, naquela época, mil e duzentos escravos, pagando por êles uma quantia fabulosa.

Entre os mártires que a nova igreja da África enviou ao céu, conhecem-se os seguintes. No mês de agôsto de 1646, o primeiro missionário escrevia de Túnis ao santo:

"Creio-me na obrigação de levar ao vosso conhecimento que, no dia de Sant'Ana, um segundo José foi sacrificado nesta cidade pela conservação da castidade, depois de ter resistido por mais de um ano às solicitações da impudica patroa, recebendo mais de quinhentas bastonadas, dadas as mentiras que a lôba furiosa dêle contou. Morreu gloriosamente por não querer ofender a Deus.

"Prêso ao pelourinho, envolto todo êle em grossas correntes pesadas, fui visitá-lo. Recebeu-me com um manso sorriso. Consolei-o e exortei-o a sofrer, a tudo sofrer, para não quebrar a fidelidade devida ao Senhor. Estava resoluto. Confessou e comungou. Disse-me, então: "*Monsieur,* que me matem do jeito que quiserem — mas morrerei cristão e cumprirei o voto!" Quando apareceram para levá-lo ao suplício, confessou-se ainda uma vez. E Deus bondoso quis que, para a condenação do pobre, fôssemos admitidos para assistir à morte, o que jamais fôra permitido por êste povo inumano.

"As últimas palavras que disse, erguendo os olhos para o céu, foram: "Ó meu Deus, eu morro inocente!"

"Êsse santo jovem era português e estava com vinte e dois anos. Invoco-lhe o socorro: como nos amava na terra, espero que no céu nos ame também."

Pouco tempo depois, acontecia coisa mais ou menos semelhante na mesma cidade. Dois jovens escravos, mais vergonhosamente ainda solicitados que o anterior, acabaram os dias nos tormentos, por não quererem prestar-se a paixões abomináveis.

"O primeiro, francês, foi empalado em Túnis. Foi tão intrépido à aproximação do suplício cruel e

vergonhoso, que, dos carrascos, um fugiu, e os outros o executaram, tremendo como varas verdes".

São palavras do missionário que presenciou a morte do moço.

O outro escravo, do qual se ignora a nacionalidade, morreu em Argel. Resistia aos assaltos do infame patrão. Um dia atracou-se o sedutor com êle, e acidentalmente, o jovem defendendo-se, vazou-lhe um dos olhos. Foi, então, o pobre acusado de tentativa de homicídio — e queimado vivo. Êsse gênero de morte, tão terrível, não amedrontou o escravo.

"Foi um digno atleta de Jesus Cristo, diz o missionário. Edificou a todos até o último suspiro".

Havia em Túnis dois meninos de mais ou menos doze anos, um da França, outro da Inglaterra. Haviam sido apresados juntos e vendidos como escravos a dois senhores que moravam perto um do outro. A amizade que nasceu nos dois meninos estreitou-se tanto, que difícil seria encontrar amor igual em dois irmãos.

O inglesinho era luterano. O francesinho, que era bom católico, falou-lhe das dúvidas que lhe iam pela luterana religião, e o missionário acabou por convencê-lo a converter. Assim, abjurou os erros e reuniu-se à santa Igreja romana.

Um dia, surgiram em Túnis inglêses luteranos e heréticos que vinham resgatar escravos, mas só os do país e da seita. Dando com o pequeno, quiseram levá-lo, mas o inglesinho gritou altamente que era católico pela misericórdia de Deus e preferia ficar na escravidão tôda a vida, professando a verdadeira religião, a renunciar a tão grande bem para ganhar a liberdade.

Os dois amiguinhos viam-se constantemente, pelo menos o quanto lhes era possível. De ordinário, conversavam sôbre as vantagens de ser fiel a Deus e à Igreja, comentando que seria mil vêzes preferível a morte com sofrimento a renunciar à religião.

A Providência preparava-os para o futuro, fortalecendo-os.

Tempos depois, ao patrão do francesinho deu-lhe na veneta fazer com que o menino renunciasse a Jesus Cristo. E, como resistisse, foi severamente chicoteado e deixado por morto no lugar do suplício.

O amigo, quando soube do que sucedera, foi, correndo, socorrê-lo e ainda o encontrou no mesmo lugar, estirado, d'olhos fechados, todo lanhado e ensangüentado. Aflito, ajoelhou-se ao lado do francesinho, tomou-o nos braços, gritando-lhe o nome, julgando-o morto. Não morrera, porém, o amigo. À voz querida e familiar, abriu os olhos e tentou um sorriso.

Infiéis, então, deram de aparecer, para gozar a cena e escarnecer. E o inglesinho, olhando-os sem raiva, disse-lhes:

— Vou cuidar dêle, que sofreu por meu Deus. Honro aquêles que sofrem por Jesus Cristo, meu Salvador e meu Deus.

Os turcos, a pontapés, escorraçaram-nos dali.

Quando o francesinho ficou curado das feridas, foi visitar o amigo, já que, havia uns bons cinco dias, deixara êle de comparecer. Lá chegando, encontrou-o estirado no catre, tal qual êle estivera: todo lanhado e rodeado de infiéis que se riam, porque sofria. Diante disto, a coragem do francesinho redobrou. E, perante os turcos, em altas vozes, perguntou ao amigo:

— A quem pertencemos nós — a Jesus Cristo ou a Maomé?

— A Jesus Cristo! gritou o pequeno inglês. Somos cristãos, e cristãos, com a ajuda do bom Deus, morreremos!

Aquilo movimentou os infiéis, que se encolerizaram. Um dêles, puxando duma afiadíssima faca, avançou para o francesinho e num instante lhe cortou uma das orelhas, perguntando, a rir:

— Ainda és cristão, verme?

— Ainda, não! respondeu o menino com assombroso sangue frio e intrepidez. Sempre fui e nunca deixarei de ser cristão! Vamos! Toma, corta-me a outra orelha!

Tal destemor, parece, desarmou o bruto, de cuja faca ainda pingava o generoso sangue do valente jovenzinho. E, um a um, saíram todos, deixando juntos, e em paz, os dois amigos inseparáveis.

Deus, que ambos haviam confessado com tanta coragem, acabou por purificá-los, por mais um ano, com uma moléstia contagiosa, moléstia que, em 1648, os levou da terra ao céu.

Nos arquivos de São Lázaro, há os atos de muitos outros mártires. São pedras preciosas da pobre igreja da África, ressuscitada pela graça de Deus em meio aos ferros, presídios e tormentos.

Quando os missionários de São Vicente de Paulo não conseguiam livrar os escravos de todo, procuravam, por todos os meios, adoçar-lhes as amarguras, fazendo com que pudessem servir de pastôres aos companheiros de infortúnio. A hierarquia católica, da qual o chefe está em Roma, à frente do universo cristão, estendia assim seus órgãos e benefícios até nas prisões de Túnis e Argel.

A mesma hierarquia começava, então, nas ruas de Paris, pelas mãos de São Vicente de Paulo, uma obra semelhante: arrancar totalmente crianças cativas à morte, à morte temporal e eterna.

Vimos o faraó do Egito ordenar ao povo que afogasse nas águas do Nilo todos os meninos nascidos entre os hebreus. Conhecemos a legislação da Grécia e de Roma pagã, que não sòmente permitia, mas ordenava aos pais afogar, decapitar, matar de qualquer maneira, entre as crianças recém-nascidas, todos os meninos e meninas que lhes agradassem, sobretudo quando não lhes parecessem saudáveis ou robustos.

Numa palavra, vimos a legislação *humana* punir o assassínio do homem, que podia defender-se, mas permitir ou mesmo ordenar a morte da inocência, da fragilidade, do indefeso.

Na China idólatra, o pai e a mãe atiravam o filho às imundícias da rua, no lamaçal vizinho ou no bebedouro dos porcos.

Não ouvimos porventura a Deus feito homem, a Jesus, que foi criança? *Traziam-lhe também meninos, para que os tocasse. Vendo isto, os discípulos repreendiam-nos. Jesus, porém, chamando-os a si, disse: "Deixai vir a mim os meninos, e não os embaraceis, porque o reino de Deus é dos que se parecem com êles. Em verdade vos digo: o que não receber o reino de Deus como um menino, nêle não entrará.* (6)

Antes de Jesus Cristo, as crianças abandonadas pelos pais eram crianças *perdidas*. Depois de Jesus Cristo, tornaram-se as crianças *encontradas*, encontradas à porta das casas, das igrejas, dos hospitais,

---

(6) Lc. 17, 15. 17.

onde eram abandonadas pelo crime ou pela miséria, encontradas e adotadas pela caridade.

Acontecia, e não raro, que, depois de essas crianças encontradas serem adotadas por pessoas caridosas, por casais bem formados, que cuidavam dos pobres òrfãozinhos com desvelos, como se foram seus próprios filhos, surgia o pai ou aparecia a mãe, reclamando-os. E àquela criança, que teria um futuro sorridente, faltariam os meios e o ambiente que lhe daria os pais adotivos.

Para por côbro a isso, o primeiro imperador cristão declarou, por lei, que as crianças expostas pertenceriam a quem as encontrasse e delas cuidasse e nutrisse. Pertencer-lhe-iam como escravos ou como filhos.

Que fêz o concílio de Vaison? Mais ou menos na metade do século V, renovou aquela mesma ordenação, confirmando-a.

Nas paróquias cristãs do campo não havia crianças *encontradas*, porque não havia criança abandonada nem perdida. Nas grandes cidades já não acontecia o mesmo, principalmente depois das revoluções que corrompiam a fé e os costumes dos povos.

Assim, em Paris, com a anarquia religiosa, intelectual e moral de Lutero e Calvino, as crianças expostas às portas das igrejas ou nas praças públicas eram em grande número. Comissários levavam-nas por ordem da polícia. Quantos dêles não criaram, talvez, pobres enjeitadinhos? A maioria, porém, ia para a casa duma viúva que residia num casarão da rua de São Landri, e que, com duas criadas, se encarregava das crianças, vestindo-as, banhando-as, alimentando-as, cuidando de tudo.

Como, porém, grande era o número de crianças abandonadas e pequeno o dos caridosos, a viúva do casarão, por mais que fizesse, não vencia a avalancha e, pois, a morte por falta de trato, principalmente de alimentação, era inevitável. Que poderiam fazer três pessoas com uma multidão de crianças? Por mais que se desdobrassem, era humanamente impossível cumprir programas.

O mais deplorável era a morte sem o batismo. A viúva mesmo chegou a dizer que não fêz batizar nem batizou qualquer criança.

Quanto às raras pessoas que a esta ou àquela criança levavam, para delas cuidar, às vêzes acabavam por se aborrecer e passá-la a outras, que, por sua vez, dos pobrezinhos se desfaziam, devolvendo-os, ou abandonando-os à rua novamente.

Tal desordem tocava sensìvelmente o coração imenso de São Vicente de Paulo. Convidando algumas senhoras para debater o caso, reuniu-as em sua casa: queria a todo transe resolver aquêle problema ou então remediá-lo. Era um espetáculo deplorável o das mães a abandonar os filhos à morte.

— É lamentável, dizia, entristecido e abatido, mais lamentável, parece-me, que o massacre dos inocentes por Herodes.

Esmagadas por uma imensa compaixão, mas não podendo encarregar-se de tôda a multidão de crianças, aquelas senhoras prometeram incumbir-se de doze. E, para honrar a Providência divina, da qual ignoravam os desígnios, resolveram tirar a sorte, ao invés de escolher esta ou aquela.

Em 1638, alugou-se uma casa à porta de São Vítor, para alojar os pobrezinhos. E a viúva Legras, com as irmãs de caridade, entrou a cuidar das crian-

ças, alimentando-as com leite de vaca ou de cabra, mas logo passando à alimentação sólida.

Àquelas primeiras crianças, as virtuosas senhoras foram reunindo outras, segundo podiam arcar com a responsabilidade. E sempre tiravam a sorte.

Afinal, nos começos de 1640, houve uma assembléia geral para tratar do problema da criança abandonada. Nela, Vicente de Paulo louvou a abnegação das devotadas senhoras, que se debatiam com a questão de dinheiro. E conseguiu do rei uma verba de doze mil libras.

Com tal auxílio, a coragem das senhoras, ganhou mais alento e o vaivém na casa à porta de São Vítor continuou.

As vicissitudes pelas quais a Lorena passava, o temor de revolução no Estado, a Fronde, fêz com que o número de crianças crescesse. E crescia, assustadoramente, dia a dia, tanto que a coragem das nobres damas foi amortecendo.

— Tal despesa, diziam, nervosas, está longe, bem longe de podermos sustentar.

Foi para não deixar de lado assunto tão importante que São Vicente de Paulo convocou, em 1648, outra assembléia geral. As senhoras de Marillac, de Traversai, de Miramion, e outras de respeitável nomeada, compareceram. Debateu o santo o problema da continuação da grande obra começada. Fêz desfilar as razões tôdas, os prós e os contras.

Dum lado, não havia qualquer compromisso, a assembléia era livre de estatuir aquilo que julgasse mais conveniente. Doutro lado, Vicente fêz ver que, pelos desvelos caridosos, aquela mesma assembléia havia até aquela data conservado a vida dum grande número de crianças que, sem o socorro que vinham

tendo, estariam perdidas talvez para a eternidade. Aquelas crianças, ao aprender a falar, a conhecer as coisas, não passavam também a conhecer e a servir o Criador? E o santo, elevando um pouco a voz, terminou:

— Eia, pois, nobres senhoras! A compaixão e a caridade levaram-vos a adotar as crianças como vossos filhos. Fôstes-lhes mães segundo a graça, depois que as verdadeiras mães, segundo a natureza, as abandonaram. Vêde agora se ides abandoná-las também. Tais vidinhas estão em vossas mãos, ou a morte dos pobrezinhos de Deus, conforme agirdes, senhoras. Viverão tôdas se continuardes com vosso caridoso cuidado, morrerão e arruinar-se-ão infalìvelmente se a tôdas abandonardes. A experiência não vos permitirá dúvidas...

Vicente pronunciou essas palavras com um tom de voz que fazia conhecer, e bem, qual lhe era o sentimento; as senhoras, tocadas, unânimemente concluiram ser necessário continuar sustentando a luta, a qualquer preço. E, entre elas, combinaram o que se havia de fazer.

Para alojar as crianças, quando já desmamadas, conseguiram do rei o castelo de Bicetre. Como, porém, o clima ali lhes parecesse contrário à saúde, levaram-nas a São Lázaro, onde dez ou doze irmãs de caridade se encarregaram da educação dos órfãos. Com o tempo e a ajuda de Deus, outras casas foram surgindo. A obra de São Vicente de Paulo foi imitada em todos os países da Europa, passando à América. Quantas crianças foram salvas pelo santo, devendo-lhes a vida e a educação?

Os bons católicos da França e da Europa devem a São Vicente alguma coisa mais preciosa mesmo

que a vida — a pureza da fé católica, que a seita janseniana queria raptar nos começos do século XVII.

Um magistrado dizia ao historiador Fleury: "O jansenismo é a heresia mais sutil que o diabo já teceu. Os partidários, vendo que os protestantes separados da Igreja são excomungados, têm por máxima fundamental de conduta, jamais se separarem exteriormente, e protestam sempre submissão às decisões da Igreja, com a condição de procurar todos os dias novas sutilezas para explicá-las, de sorte que parecem submissos sem mudar de sentimentos.

De fato, como pode ver-se no tomo XXV da *História Universal da Igreja Católica,* os sectários diziam cruamente, na intimidade de Vicente de Paulo, que a intenção formal do jansenismo era destruir a Igreja e a religião.

Ora, depois de Deus, foi São Vicente de Paulo que preservou a França e a Europa de tão grande mal.

De tôdas as personalidades do tempo, foi o santo quem refutou a nova heresia com mais ardor, quem mais se rodeou de zêlo para combatê-la. Basta ver-lhe as cartas. São um monumento histórico do zêlo e do gênio de São Vicente. Não o vemos mais como o pai dos órfãos, mas como Doutor da Igreja. Nêle, vêem-se o espírito, o coração e a alma católica da França. Foi dêle que partiu o primeiro impulso que movimentou o rei, a rainha e os bispos. Vê-se agora porque a Providência o colocou na côrte e à frente do conselho de consciência: era para ser o anjo tutelar do reino num dos momentos mais perigosos.

Uma das últimas ações de São Vicente de Paulo foi distribuir exemplares da regra aos membros da

sua comunidade. Relembra sucintamente de que maneira começara a obra das missões, o retiro dos ordenandos, as confrarias de caridade, a obra das crianças encontradas. E acrescenta:

"Não sei como tudo se fêz. Não o posso dizer. Eis, *Monsieur* Portail, que tudo foi aparecendo. Os exercícios da comunidade, como surgiram? Não saberia dizê-lo. As conferências, por exemplo (oh! ainda outras faremos juntos!) com elas nem sonhávamos. A repetição da oração, que outrora era desprezada, e que agora se pratica com bênçãos em muitíssimas comunidades, passou jamais por nosso pensamento? E os vários exercícios que se empregam na comunidade? Não sei de nada! Fêz-se a pouco e pouco, sem que déssemos conta. As coisas vieram assim, diríamos, de mansinho, uma após outra. Foi Deus, ùnicamente Deus, quem inspirou tudo".

Rogava, então, aos padres, notadamente a Portail e Alméras, que viessem receber as regras que estabelecera, uma vez que lhe era impossível ir a cada qual, como, todavia, desejava.

Vieram êles, pois, e de joelhos as receberam beijando o livro, as mãos de *Monsieur* Vicente, com profunda humildade. E Vicente, a cada um dêles, dizia:

— Vem, para que Deus te abençoe.

Terminada a distribuição, Alméras ajoelhou-se e pediu ao santo que o abençoasse e a todos, igualmente de joelhos.

Vicente, também prosternado, orou a Deus:

— Ó Senhor, vós que sois a lei eterna e a razão imutável, vós que governais todo o universo por vossa infinita sabedoria; vós, de quem emana, como duma fonte, tôda a conduta das criaturas e as regras do bem

viver, abençoai, por misericórdia, os que aqui recebem as regras, como se vindas de vós. Dai-lhes, Senhor, as graças necessárias para que as observem sempre com inviolável fidelidade até a morte. É com confiança, pensando na vossa infinita bondade, que eu, pecador, e pecador miserável, pronuncio as palavras da bênção: "Que a bênção de Nosso Senhor Jesus Cristo desça sôbre vós e em vós permaneça para sempre! Em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo. Assim seja". (7)

O santo homem fêz ainda perto de trinta conferências aos missionários sôbre o espírito e a prática de suas regras. Era-lhe o testamento, o testamento de Elias à Igreja.

São Vicente de Paulo morreu a 27 de setembro de 1660.

* * *

(7) Conferências inéditas de São Vicente de Paulo.

# SÃO COSME E SÃO DAMIÃO (*)

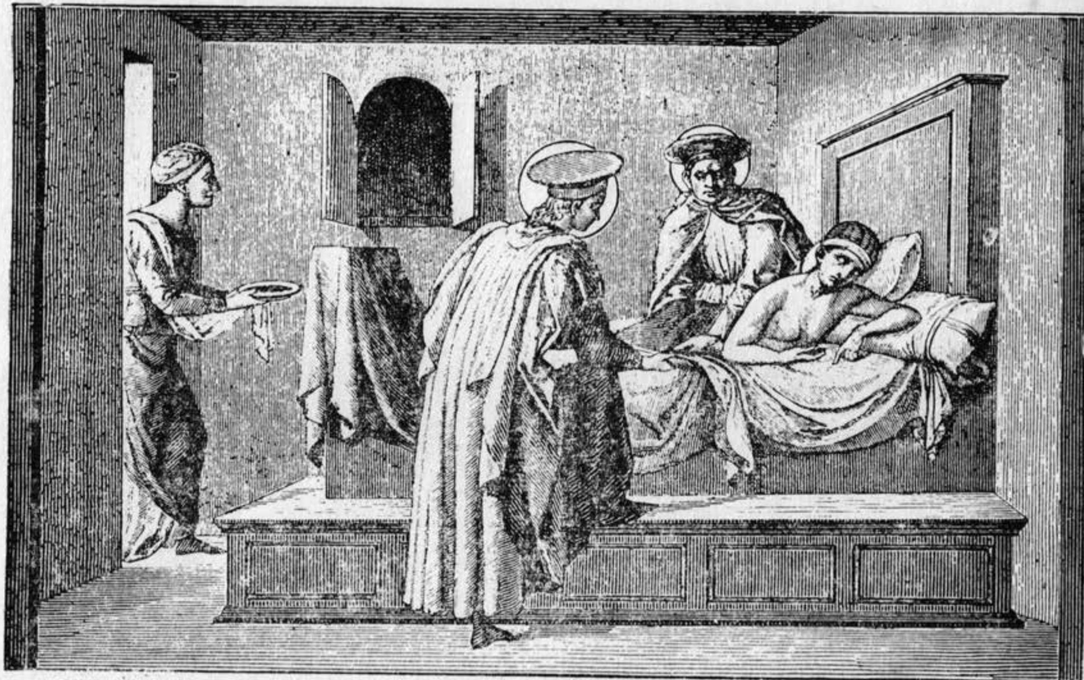
## *Mártires*

A origem do culto de São Cosme e São Damião localiza-se em Ciro, cidade da Síria do Norte. Teodoreto, que foi bispo daquela cidade, no século V, fala de São Cosme e da basílica dos dois santos irmãos.

São Gregório de Tours assim se refere aos dois (*In gloria mart.*, XCVIII): "Dois gêmeos, Cosme e Damião, médicos, tornaram-se cristãos, e pelo mérito das virtudes e intervenção das orações, expulsavam as enfermidades dos doentes. Depois de diversos suplícios, reuniram-se no céu e fazem milagres pelos compatriotas. Se um doente fôr à tumba dos dois santos e ali orar com fé, imediatamente obterá remédio para os males que o afligem. Diz-se que êles apareciam em sonho aos enfermos e que lhes indicavam o que fazer. Uma vez despertos e executadas as ordens, curavam-se prontamente".

Procópio assevera-nos que Justiniano, no século VI, construira em Ciro um grande templo, que dedicou aos dois santos. Teodósio, o peregrino, em 530, observa que, *in Quiro* São Cosme e São Damião foram supliciados.

O resumo do martirológio diz:



Os santos irmãos Cosme e Damião cuidando de um enfêrmo. Segundo uma pintura de Francesco Peselli. Século XV.

"Em Egéia, a morte dos santos mártires Cosme e Damião, irmãos: durante a perseguição de Diocleciano, depois de terem sido carregados de ferros e encarcerados numa estreita prisão, foram atirados ao mar, depois ao fogo, em seguida pregados na cruz, lapidados e trespassados de flechas. Tendo a tudo suplantado, foram, afinal, decapitados. Contam que com os dois também sofreram e morreram seus três irmãos Ântimo, Leôncio e Euprébio".

No Oriente, ambos os irmãos são comemorados a 1.º de novembro, 1.º de julho e a 17 de outubro. Uma *Paixão* grega situa-lhes a morte 'a 25 de novembro. Os nomes de Cosme e Damião aparecem no cânon da missa romana.

Adon e os martirólogos subseqüentes juntam Ântimo, Leôncio e Euprébio aos dois santos mártires.

* * *

## SÃO SIGISBERTO (*)

*Rei e Mártir*

Depois da morte dum irmão, que foi assassinado, Sigisberto refugiou-se na Gália. Pagão, recebeu o batismo e fêz questão de receber ensinamentos mais profundos da religião cristã.

Depois de alguns anos de exílio, tornou à pátria. Era em 630, e o país jazia no paganismo e fundamente mergulhado na anarquia.

Ajudado por São Félix, bispo que viera da Borgúndia, São Sigisberto levou o cristianismo por todo o país. Tendo fundado escolas e mosteiros, resolveu abdicar, para retirar-se a uma das fundações, feito monge.

Quando pretendia internar-se num dos mosteiros, no de Santo Edmundo, os bárbaros atacaram-lhe o reino. Chamado assim às armas, o santo atirou-se às batalhas, seguido ardorosamente pelo povo. Batido e morto, em 637, consideraram-no logo como mártir e entraram a venerá-lo.

Diz-se que, ao enfrentar o inimigo, destemerosamente, levava ùnicamente uma cana de junco na mão.

* * *

# SANTA HILTRUDES (*)

## *Virgem*

Hiltrudes, filha de Wiberto, conde de Poitiers, e de Ada, nobre franca, viveu na vasta propriedade dos pais, terras de imensas florestas e belas pastagens, situadas entre o Sambre e o Mosa e Hainaut e Thierache.

Em Molhaim, Wiberto fundou um mosteiro: conta-se que, um dia, a caçar, quando perseguia um javali, deu com um lugar tão belo e aprazível que o denominou Letícia. Ali surgiu a fundação, que logo progrediu. Uma capela, em honra de São Lamberto, ergueu-se em 790. Gontrad, filho de Wiberto, foi o primeiro abade da nova casa.

Hiltrudes, prometida a Hugo, conde da Borgonha, triste com o fato de que em breve devia casar-se, só tinha coração para Deus, ao qual queria dar-se tão sòmente, principalmente agora, que o pai fizera erguer um vasto mosteiro, onde o bom irmão vivia. Se pudesse deixar a casa em que nascera, os pais que amava, livrar-se do amor dum homem para ter o amor de Jesus . . .

Numa noite de tempestade, acompanhada de pessoas de confiança, já que Wiberto insistia no casamento, Hiltrudes deixou o castelo e foi refugiar-se na floresta vizinha. J. Peter, no seu *Sta. Hiltrudes,*

*Padroeira de Lessies*, citando Shakespeare (*Rei Lear*), diz que, dum lado, o velho rei, louco de amor paternal, fugia, na tempestade, do castelo da filha ingrata, e, doutro, a santa filha, em meio a tormenta, deixa o castelo do pai muito amado para salvar o seu amor por Jesus.

Hiltrudes, tendo recebido o véu das virgens, com a bênção do bispo de Cambrai, foi recebida pelo irmão, que a acomodou atrás da capela do mosteiro. A santa ali viveu por dezessete anos. Quando adoeceu, teve a alegria de receber a visita dos velhos pais, que lhe amenizaram as durezas da doença.

Falecida a 27 de setembro de 800, o luto e a dor abateram-se na região que ela socorria com fartas esmolas e sábios conselhos.

Enterrada na capela do claustro, logo depois operava vários milagres.

O culto de Santa Hiltrudes é antiquíssimo, e vem-se mantendo vivo através dos séculos. Ainda hoje se fazem peregrinações à sepultura da santa virgem.

---

No mesmo dia, em Sora, no Lácio, São Deodato, confessor, de cuja vida nada se conhece.

Na ilha de Barry, São Barroc, ermitão. Discípulo de São Cadoc, viveu do século VI para o século VII.

Em Paris, São Cerano, bispo de Paris. São Simplício foi seu predecessor e Leodeberto o sucessor. Faleceu depois de 614.

Perto de Cingoli, na região de Ancona, São Bonfílio, bispo de Foligno, falecido em 1115, ao que se supõe.

Em Roma, Santa Epícares, dama de estirpe senatorial, que, depois de ter sido dilacerada com açoites guarnecidos de chumbo, durante a mesma perseguição, pereceu pela espada. — Em Todi, os santos mártires Fidêncio e Terêncio, sob o mesmo imperador. — Em Córdova, Santo Adolfo e São João, seu irmão, que receberam juntos a coroa do martírio, durante a perseguição dos árabes. — Em Sion, São Florentino, que depois de ter a língua cortada, pereceu pelo ferro juntamente com Santo Hilário. — Em Biblos, na Fenícia, São Marcos, bispo, a quem São Lucas também deu o nome de João. — Em Milão, São Caio, bispo, discípulo do apóstolo São Barnabé que, depois de muito sofrer durante a perseguição de Nero, morreu em paz. — Em Ravenna, Santo Aderito, bispo e confessor.

* * *

## 28.º DIA DE SETEMBRO

# SANTA LÍOBA

### *Virgem e Abadêssa*

Nos meados do oitavo século, enquanto São Bonifácio, apóstolo da Alemanha, propagava o Evangelho, e fundava arcebispados e escolas, uma simples religiosa da Inglaterra escreveu-lhe em latim a seguinte carta:

"Ao Reverendíssimo Senhor, agraciado com a dignidade pontifical, Bonifácio, que em Cristo me é tão caro, e a quem, além disso, me unem laços de parentesco, Liobguthe, a última das servas que suporta o jugo tão leve de Cristo, saudações e saúde perpétua. Suplico-vos que vos digneis a lembrar-vos da velha amizade com que outrora honrastes meu pai cujo nome era Tinne, e que encerrou a sua carreira há mais de oito anos, a fim de que não vos recuseis a rogar a Deus pela sua alma. Recomendo-vos também a lembrança de minha mãe, que se chama Ebba e que, melhor do que eu o sabeis, está ligada a vós pelos laços do sangue; leva uma vida penosa e há muito tempo que uma enfermidade a atormenta. Sou a única filha de ambos. Embora indigna, possa eu merecer que vos considereis meu irmão, pois em ne-

nhum de meus próximos tenho tanta confiança como em vós. Envio-vos êsse pequeno presente, não que seja digno de vossa grandeza, mas para que o conserveis a lembrança da minha insignificância, e para que a grande distância não seja causa de esquecimento; ao contrário, para que os laços do verdadeiro afeto se estreitem cada vez mais. O que com mais insistência vos peço, bem-amado irmão, é que eu seja protegida pelo escudo de vossas orações das flechas envenenadas do inimigo oculto. Também vos peço que vos digneis corrigir a rusticidade desta epístola e que não me recuseis, para servir-me de modêlo, algumas palavras de vossa afabilidade, que estou ansiosa para ouvir. Quanto aos versinhos que se encontram mais abaixo, tentei compô-los de acôrdo com as regras da poética, não levada por qualquer presunção, mas para exercitar meu débil e insignificante talento sob vossa benevolente direção. Aprendi essa arte com Edimburgo, que não cessa de meditar a lei divina noite e dia. Desejo que passeis bem de saúde, que vivais longamente e feliz, que rezeis por mim. (1)

Essa boa religiosa, como ela mesma nos conta, chamava-se Liobguthe, mais comumente Líoba. No antigo alemão, o primeiro nome quer dizer Amada de Deus, no grego Philothéia; o segundo, Amada, em grego Philomena. Desde a adolescência, Santa Líoba fôra consagrada a Deus, e internada no Mosteiro de Winburn, sob a direção da abadêssa Tetta, irmã do rei da Inglaterra. Dedicava-se aos trabalhos manuais, porém ainda mais à leitura; de maneira que se tornou, ao mesmo tempo, santa e sábia. Tendo São Bonifácio

(1) Epist. 36.

reclamado a sua presença para servir-lhe de consôlo e de ajutório, a abadêssa muito sentiu dela ficar privada. Quando Líoba chegou à Alemanha, São Bonifácio resolveu utilizá-la na formação de religiosas, tal como se servira de São Sturmo na formação de monges. Construiu para ela um mosteiro no lugar chamado Bischofsheim, isto é, Casa do Bispo, nome que uma cidade da diocese de Maiença conservou; pois o mosteiro não mais subsiste. Lá foi constituída uma grande comunidade, da qual saíram as abadêssas de vários outros mosteiros.

Santa Líoba dava o exemplo de tôdas as virtudes. Além disso, era um prodígio de conhecimentos. Iniciada desde a infância na gramática, na poética, e em outras artes liberais, aumentava êsse tesouro por meio do estudo e da leitura assídua. Lia com atenção os livros do Antigo e do Novo Testamento, e gravava-lhes as máximas na memória. A isso juntava as palavras dos Santos Padres, os decretos dos cânones e todo direito de ordem eclesiástica. Entretanto, sabia mostrar-se discreta em tudo. Como a regra de São Bento permite a meridiana durante o estio, isto é, dormir um pouco depois do jantar, dormia e fazia com que suas irmãs também dormissem. "A privação do sono tira principalmente o gôsto de ler", observava ela. Mas, seja que dormisse à noite, ou depois do jantar, fazia sempre questão de que lhe lessem as Sagradas Escrituras. Jovens revezavam-se junto ao seu leito para fazer essa leitura. E, o que é maravilhoso, se saltavam qualquer coisa, mesmo dormindo ela as censurava. Poderia dizer como a espôsa dos Cânticos: "Durmo, mas meu coração vela". Sendo a primeira pela autoridade, pela virtude e pela cultura, contudo se considerava a última de tôdas. Pra-

ticava com especial cuidado a hospitalidade: ela própria lavava os pés de todos e servia-os à mesa, embora permanecesse em jejum. O demônio não pôde suportar o esplendor de tantas virtudes.

Uma infortunada mulher, prostrada pela doença, dormia à porta do mosteiro e pedia esmolas. Todos os dias levavam-lhe comida da mesa da abadêssa e as religiosas forneciam-lhe, pelo amor de Deus, roupas e outras coisas indispensáveis. Tendo-se essa infeliz criatura deixado corromper por um libertino, fingia-se de doente para ocultar as conseqüências do seu crime. E, havendo dado à luz uma criança, durante a noite, atirou-a ao rio que passava junto ao mosteiro. De manhã cedo, uma mulher que fôra buscar água, encontrou a criança morta e abalou a aldeia inteira com seus gritos, dizendo que as religiosas, louvadas como santas, assim batizavam seus filhos, infeccionando a água do rio. O povo reuniu-se, cheio de indignação, e imediatamente a abadêssa mandou chamar uma religiosa que se ausentara com o seu consentimento, a pedido de seus próprios pais; esta protestou perante Deus a sua inocência, suplicando-lhe que desse a conhecer a culpada. A abadêssa reuniu as religiosas na capela, e com elas recitou todo o saltério, de pé, com os braços estendidos em cruz; depois, caminhou à frente de tôda a comunidade em tôrno do mosteiro, em procissão, três vêzes por dia, à têrça, à sexta, e à nona. Depois de fazerem-no pela terceira vez, estando tôdas as monjas na igreja, na presença do povo, Líoba aproximou-se do altar e, de pé, diante da cruz da procissão, estendeu as mãos para o céu e falou entre gemidos e lágrimas: "Senhor Jesus Cristo, rei das virgens, amante da pureza, Deus invencível, mostrai vosso poder e livrai-

nos da infâmia que nos imputam, pois os insultos dos que vos ultrajam recaem sôbre nós! "No mesmo momento, a infeliz pecadora foi tomada pelo demônio e confessou seu crime diante de todos. O povo rendeu graças ao Senhor com grandes gritos; as religiosas, justificadas, choraram de alegria, mas a culpada permaneceu possessa durante o resto da vida.

Santa Líoba operou vários outros milagres.

Antes de levar a efeito a última missão na Frísia, onde deveria encerrar seus trabalhos com o martírio, São Bonifácio recomendou Santa Líoba a São Lulo, seu discípulo e sucessor na sede de Maiença; fêz questão de que, após a sua morte, ela fôsse depositada no mesmo túmulo em que êle devia repousar, no Mosteiro de Fulda. Santa Líoba foi honrada por príncipes e reis, particularmente por Carlos Magno. A rainha Hildegarda, espôsa dêste último, amava-a como a uma irmã, e mandava chamá-la sempre que podia, a fim de edificar-se com a sua palestra. Na última vez em que se viram, Santa Líoba beijou-a mais afetuosamente do que de costume, na bôca, na testa e nos olhos, dizendo: "Adeus, precioso pedaço da minha alma! Permita nosso Criador e Redentor, Jesus Cristo, que nos vejamos sem confusão no dia do julgamento, pois não mais nos reveremos neste mundo". Com efeito, a santa faleceu algum tempo depois, no Mosteiro de Schornsheim, a duas léguas de Maiença, no dia 28 de setembro de 779.

* * *

## SÃO CARITON (*)

### *Abade*

Cariton nasceu na Liconia, Ásia Menor. Tendo sofrido, pela fé, sob o imperador Aureliano, retirou-se à Palestina e ali iniciou vida de ermitão.

Estabelecido em Uadi Farak, a leste de Jerusalém, principiaram os discípulos a afluir. E, à medida que iam aparecendo, iam construindo celas ao redor da do santo. Surgiu assim a comunidade de Faran, em cujo centro Cariton erigiu uma igreja.

Mais tarde, retirando-se para Duka, nova comunidade surgiu, semelhante à primeira. Outra, ainda, apareceria em Uadi Kareitun, chamada de Suka, situada a sete quilômetros de Belém.

Em tôdas, jejuava-se até de tarde, diàriamente. Comia-se, então, pão molhado em água, ao qual se salpicava sal. O canto de salmos era freqüente, orava-se de dia e de noite, e o trabalho manual obrigatório e a hospitalidade sagrada.

Acredita-se que São Cariton faleceu no ano de 350.

* * *

## SANTO EXUPÉRIO (*)

### *Bispo*

Santo Exupério foi bispo de Tolosa, tendo sucedido a Sílvio, aquêle prelado que dera início à construção duma basílica dedicada a São Saturnino, primeiro bispo e mártir (250). Santo Exupério terminou-a e para o templo transferiu as relíquias daquele mártir.

São Jerônimo tinha-o em alta estima. Em 394 ou 395, escrevia à viúva Fúria: "Vós tende aí a Exupério, um santo, que vos poderá instruir com seus conselhos".

Santo Exupério viveu nos tempos em que os vândalos, terríveis, assolavam a região. Quantas vêzes, para matar a fome dêste ou daquele habitante de Tolosa deixou de comer!

Supõe-se que tenha, por aquela época, sido exilado. Pelo menos um poema daqueles idos fala de "um santo velho, banido da cidade prêsa do fogo, conduzindo, pastor exilado, as ovelhas feridas".

Santo Exupério faleceu depois de 411.

* * *

# SANTA EUSTÓQUIA (*)

## *Virgem*

Filha de Santa Paula, flor da aristocracia romana, Santa Eustóquia nasceu em 367. O pai Toxótio, era pagão. Assim que chegou à juventude, dois tios, Himétio e Pretextata, procuraram instilar-lhe o venenoso gôsto pelo mundo, à fôrça, e só não levaram avante obra tão ímpia porque a morte, colhendo a tia, pôs fim à bárbara secularização.

Depois do cutono do ano de 382, Jerônimo estava em Roma. Gozava, então, de grande prestígio. Procurado para fazer conferências na casa duma grande dama de Aventino, chamada Marcela, logo Santa Paula e a filha, encantadas com o mestre, faziam parte dos seus mais ardentes discípulos.

Para aquêle grande mentor cristão, Eustóquia foi ouvinte atenta, depois dirigida modêlo. A ela endereçou seguro guia espiritual, e é a sua mais longa carta em matéria de espiritualidade (Epístola XXII).

Em agôsto de 385, perseguido pelos inúmeros inimigos, morto que estava o seu protetor, o papa São Damaso, São Jerônimo buscou a Palestina. Não tardou para que Paula e Eustóquia, seguidas de outras virgens, fôssem juntar-se ao grande Doutor. Estabelecidas em Belém, Santa Paula e a filha ficaram, assim, ao lado do guia incomparável.

Data daqueles tempos os progressos mais acentuados e maravilhosos de Santa Eustóquia, e a carta que mãe e filha escreveram a Marcela, que ficara em Roma, na qual carta calorosamente a convidavam para que viesse juntar-se ao piedoso grupo.

Sob a direção do velho e santo mestre, Eustóquia progredia na santidade ininterruptamente, e, certamente, é a ela que o Doutor pinta numa carta que escreveu a Fúria, onde, em certo trecho, diz: "Oh! Se tu visses tua irmã, se tu ouvisses que linguagem lhe sai da bôca sagrada, que grande alma tu verias naquele frágil corpo! Tu ouvirias todos os tesouros do Velho e do Novo Testamento sairem, candentes, do seu coração. Os jejuns, para ela, são brinquedos, a oração delícias".

Santa Paula, que faleceu a 26 de janeiro de 404, deixou à filha a direção das almas que lhe estavam afetas. Depois de ter conhecido maus dias, mas sempre voltada para Deus, sem se desviar um momento sequer do suave Jesus, faleceu, ao que se supõe, em 419, quinze anos, portanto, depois da santa mãe.

Foi um grande golpe para São Jerônimo, porque Eustóquia lhe fôra a musa e o anjo visível. Escrevia êle a Ripário: "A súbita morte da santa e venerável virgem de Cristo, Eustóquia, perturbou-me muito e quase mudou meu gênero de vida".

Pouco depois, ia-se também o grande São Jerônimo gozar da paz eterna (Ver São Jerônimo, 30 de setembro).

* * *

# SÃO SALOMÃO (*)

## *Bispo*

Salomão, bispo de Gênova, era filho de Santo Euquério, que foi bispo de Lião em 434.

Antes de 439, São Salomão foi eleito bispo de Genebra. O irmão, Verano, devia ser elevado ao episcopado de Vence, em 450.

Salomão escreveu uma *Exposição Mística* sôbre os *Provérbios* e o *Eclesiaste*, assistiu aos concílios de Orange e de Vaison, e, depois de 450, ao concílio de Arles, no qual tratou da abadia de Lérins.

Bom retórico, faleceu santamente, depois de 450.

* * *

# SÃO VENCESLAU (*)

## *Duque da Boêmia, Mártir*

São Venceslau é o grande santo nacional da Boêmia. Filho de Vratislau, que governava uma parte do país, Venceslau, nascido em 907, era neto de Santa Ludmila, que o educou, carinhosamente, bem como ao irmão, Boleslau.

Morto o pai, em 920, quando se fêz com a expedição que marchou contra os húngaros, a mãe, Drahomira, tomou as rédeas do govêrno, como regente. Espírito irrequieto, com um verniz de cristianismo, talvez levada pelos conselheiros, fêz com que assassinassem Santa Ludmila, que encaminhava o jovem duque Venceslau para Deus, a êle que fôra feito para dirigir o país.

Quando, oficialmente, o santo se assenhoreou do poder, em 925, a mãe era o foco de tôdas as intrigas que campeavam na côrte. Grande foi a luta do filho contra os súditos apaganisados, aos quais dizia:

— Canalhas! Por que me impedistes de levar avante o meu aprendizado de Jesus Cristo e de obedecer os seus mandamentos? Se Deus a vós vos embotou a alma, por que impedis aos outros de amá-lo? Quanto a mim, desembaraço-me de vós todos, rejeito-vos os conselhos, não os quero! Quero, sim, servir a Deus de todo o meu coração!

Referia-se, certamente, à morte da avó querida e ao desejo que tinham todos de desviá-lo do caminho da verdade, tirando-lhe o doce Jesus do coração.

Drahomira era a maquiavélica Drahomira de sempre, a fomentadora do desassossêgo, a procurar, com intrigas, favorecer os que lhe eram simpáticos: para tal, encaminhava a política para o terreno que melhor lhe coubesse. Dela vinham todos os dissabores, mas Venceslau, com pulso firme, afastou-a daquela vida, e só a chamou novamente quando, tendo abjurado aquela funesta política que fazia, prometeu-lhe não mais se ocupar com o que só a êle dizia respeito.

São Venceslau fêz vir de Praga as santas relíquias de Ludmila. E aos sacerdotes que as trouxeram, favoreceu-os da melhor maneira possível. Cedo, levantava-se e dirigia-se à igreja. Ao padre que o atendia, rogava que por êle pedisse ao Senhor um dia pacífico e dêle fizesse o governante que a Deus fôsse agradável.

Embora fôsse entranhadamente avêsso à guerra, teve de participar dalgumas, mas em caráter defensivo. Conta-se de São Venceslau que, um dia, afrontou em combate singular um duque inimigo. O adversário, percebendo uma cruz a brilhar na sua fronte, deixou cair a espada, ajoelhou-se imediatamente e tratou o santo com a maior deferência, com veneração que não escondeu dos próprios soldados, rudes e sequiosos de luta.

O santo duque tomou o inimigo pelo braço, ajudou-o a levantar-se, abraçou-o fraternalmente e levou para o castelo.

Em 929, a Boêmia foi atacada pelas hordas germânicas, e o santo, para evitar o desastre, a ruína do



Sigilo da Universidade de Praga.

país, submeteu-se, sem lutar. Ora, o irmão, Boleslau, tomando o partido que àquele ato se opusera, com os demais confrades tratou de eliminá-lo.

Marcado o dia, 27 de setembro, acabariam com êle num banquete. Todavia, no último momento, hesitaram, pensando melhor no que pretendiam fazer. O santo, prevenido, compareceu ao banquete, e, em dado momento, levantando a taça na mão direita, ergueu-se e disse:

— Em honra de São Miguel, ao qual suplico que faça entrar vossas almas na paz e na eterna alegria!

Os comensais, a uma voz, responderam, constrangidos:

— Amém.

Depois de ter abraçado os amigos, sorridente, retirou-se. E, antes de deitar-se, orou longamente.

Ficou, então, decidido, que haviam de matá-lo no dia seguinte, 28, pela manhã, quando, conforme velho hábito, fôsse à igreja.

À porta, encontrou o irmão. Cumprimentou-o, disse-lhe:

— Possa o Cristo convidar-te ao seu banquete eterno, a ti, que me recebeste, e aos meus, tão bem!

Boleslau, de má catadura, respondeu:

— Ontem servi-te como pude, mas eis como o irmão vai servir o irmão!

Agrediu-o. Venceslau puxou da espada, mas no mesmo instante arrojou-a ao chão.

— Como fizeste mal! exclamou.

Depois:

— Tu te condenaste a ti mesmo! Eu poderia arrazar-te como a uma môsca se arrazaria, mas a destra dum servidor de Deus não deve ser fratricida.

Venceslau deixou o irmão e buscou o interior da igreja. Então Boleslau, espumando, chamou a sua gente e acabaram com o santo. Era a 28 de setembro de 929.

Logo os primeiros milagres que o duque operou correram terras. Enterrado perto da pequenina igreja de São Cosme e São Damião, pouco mais tarde transferiram-no para Praga (4 de março de 932), indo repousar na igreja de São Güido. Ali, um paralítico que fôra trazido de longe, "do país franco", foi curado.

Herói nacional, depois patrono dos exércitos checos, os hussitas invocaram-no sempre com grande sucesso. Em 1929, festas magníficas, triunfais, marcaram os mil anos da morte do santo. E os checos, ainda hoje, cantam o que os antepassados no século XII cantavam:

"São Venceslau,
duque da terra checa,
nosso príncipe,
rogai por nós a Deus,
o Santo Espírito!
*Kyrie eleison.*

Vós, o herdeiro da terra da Boêmia,
lembrai-vos da vossa raça,
não deixeis que pereçamos,
nem nossos filhos!
São Venceslau,
*Kyrie eleison.*

Imploramos vosso socorro,
tende piedade de nós,

consolai os que estão tristes,
expulsai todo o mal,
ó São Venceslau,
*Kyrie eleison.*

A côrte celeste é um belo palácio:
feliz daquele que nêle pode entrar para a vida eterna,
*Kyrie eleison".*

---

No mesmo dia em Roma, São Privado, mártir: coberto de feias úlceras, foi curado pelo bem-aventurado papa Calisto. Depois, sob o imperador Alexandre, a chicotadas de cordas de chumbo, passou, pela fé de Jesus Cristo, para a eterna bem-aventurança, provàvelmente em 222. Segundo a *Passio* de Calisto, Privado era soldado e jazia coberto de úlceras, que o torturavam noite e dia. Prosternando-se aos pés do Santo Papa, disse-lhe: "Livrai-me das úlceras, porque creio que o Senhor Jesus Cristo é Deus vivo e verdadeiro". Foi curado, mas o imperador Alexandre, tomado de grande cólera ao saber que um dos soldados fôra batizado, ordenou que o fustigassem até morrer.

Em Roma ainda, Santo Estácio, mártir (época desconhecida).

Na África, os santos mártires Marçal, Lourenço e vinte outros (época incerta).

Em Antioquia da Pisídia, São Marcos, mártir, pastor de ovelhas. Ao mesmo tempo, a comemoração dos santos Álfio, Alexandre e Zósimo, irmãos; Nicão, Neão, Heliodoro e trinta soldados, que, em vista dos

milagres operados em Cristo, receberam a coroa do martírio, em lugares diferentes, em dias distintos e de diferentes maneiras (época incerta).

No mesmo dia, a *Paixão* de São Máximo, sob o imperador Décio.

Em Gênova, São Salomão, bispo e confessor, falecido depois de 450. Confusão com São Salônio (?).

Em Bréscia, São Silvino, bispo (século V).

Na diocese de Auch, Santa Doda, virgem, que, segundo alguns, foi martirizada (época desconhecida).

Em Auxerre, Santo Eládio, bispo, ou Aleu (1), foi, possìvelmente, o sucessor de São Germano como bispo de Auxerre. São Germano faleceu em 448 e Eládio, crê-se, em 465.

Em Riez, na Provença, São Fausto, bispo, falecido depois de 485. Nascido na Grã-Bretanha, ao que se supõe, foi abade de Lérins em 433. Em 462, assistiu a um concílio de Roma. Abade, depois bispo, sucedeu a São Máximo. Exilado por Eurico, rei visigodo, ariano, só tornou à diocese depois da morte do monarca, ocorrida em 485. Escreveu, contra os arianos, *Sôbre o Santo Espírito,* obra que visava mostrar Deus consubstanciado ao Pai e ao Filho, e co-eterno.

Em Tarbes, São Fausto, bispo (?). Trata-se do São Fausto que vimos acima, bispo de Riez, que os autores do *Gallia christiana* admitiram na lista dos bispos de Tarbes baseados na *Vida de São Liziero.*

Em Chalon-sur-Saone, Santo Alnemundo, bispo de Lião, cujo pai foi prefeito das Gálias. Viveu nos

(1) Alódio, Elódio, Eládio, Heládio.

tempos do rei Dagoberto I e Clóvis II. Bispo de Lião, faleceu, talvez, em 658.

Na diocese de São Die, os santos Willigod e Martinho, monges. A lenda diz-nos que foram discípulos de São Die ou Deodato. Teriam fundado um pequeno mosteiro em Romant. De culto puramente local, ambos foram, anteriormente, festejados no último domingo de setembro. Festejam-no, hoje, a 28 de setembro.

Em Pola, na Ístria, o bem-aventurado Salomão, rei da Hungria, depois ermitão (século XI-XII). Filho de André I, rei da Hungria, teria nascido em 1048. Coroado muito jovem, quando o pai ainda vivia, principiou a reinar, acredita-se, em 1063. Morto André, teve no tio Bela e no primo Geza, filho de Bela, sérios competidores. Feito ermitão, morreu solitário em Pola, depois de vida tôda ela de penitência pelas faltas cometidas durante o reinado. Em 1487, consagrou-se o altar da catedral de Pola, no qual se colocaram, com outras relíquias, as de São Salomão.

Em Ascalon, São Thiemon, arcebispo de Salzburgo, mártir, em 1102. Educado entre os monges de Niederaltaich, diz a legenda que possuía maravilhosa habilidade para tôdas as artes manuais. Muitas das estátuas de Nossa Senhora, na Áustria, são tidas como saídas de suas mãos. Abade de São Pedro de Salzburgo, em 1077, quando de Henrique IV, teve necessidade de refugiar-se em Hirsau, onde viveu por três anos como simples monge. Em 1090, os membros do capítulo de Salzburgo, fiéis ao papa, elegeram-no arcebispo. Prêso por cinco anos, nos tempos do anti-arcebispo Bertoldo, foi, afinal, pôsto

em liberdade graças a um beneditino. Pereceu sob os muçulmanos, numa das cruzadas.

Em Die, Santo Ismidon de Sassenage, bispo, desaparecido em 1115. Filho do senhor de Sassenage, Ismidon foi cônego de Lião, depois bispo de Die. As relíquias permaneceram na igreja que se construíra em sua honra até 1567, quando então foi destruída e os seus santos restos queimados pelos protestantes.

Em Pistóia, na Toscana, o bem-aventurado Lourenço de Ripafratta, dominicano. Nascido em Ripafratta, muito jovem entrou para os Pregadores, no convento de Santa Catarina de Pisa. Segundo Santo Antonino de Florença, de quem foi grande amigo, teria tomado o hábito em 1397 e falecido mais que octogenário, em 1457. Estêve em Cortona como mestre de noviços: foi ali que trabalhou a alma do futuro grande bispo de Florença, Antonino. Profundo conhecedor das Escrituras, chamavam-no, como ao sublime Antônio de Pádua, *Arca do Testamento*.

Em Pavia, o bem-aventurado Bernardino de Feltre, franciscano. Nascido em 1439, faleceu em 1494. Percorreu, a pé, tôda a Itália do Norte e do Centro, a pregar e a condenar os maus costumes.

Em Madri, o bem-aventurado Simão de Rojas, trinitário. Provincial dos Trinitários para Castela, o bem-aventurado foi pregador notável. A rainha Isabel de Bourbon fê-lo seu confessor. Falecido em 1624, durante treze dias os principais conventos de Madri celebraram-lhe os funerais. Grande devoto do mistério da Encarnação, dêle sempre falava com infinita ternura.

* * *

## 29.º DIA DE SETEMBRO

### *São Miguel e os Anjos Bons*

A Igreja Católica, no seu conjunto, é a sociedade de Deus com os anjos e os homens fiéis. Durante tôda a eternidade ela subsistia em Deus, ou melhor, era o próprio Deus: sociedade inefável de três pessoas numa mesma essência. Agora, ela transpõe os séculos, passa sôbre a terra para associar-nos à sagrada unidade universal e perpétua, e retornar conosco à eternidade de que proveio.

Os primeiros chamados a essa união divina foram os anjos. Tendo sido criados bons, porém livres, Deus os põe à prova, tal como fêz conosco. Desde então houve cisma e heresia. Em lugar de tomarem como única regra o verbo divino, alguns dêles tomaram como regra a si próprios. Foram excluídos da comunhão de Deus, mas não da sua providência.

Divididos em nove coros subordinados um ao outro, os anjos que se conservaram fiéis foram um exército invencível. Seu número é incalculável. Quando o Altíssimo está sentado no seu trono, mil vêzes mil anjos o servem, e dez mil vêzes cem mil compõem a sua côrte. Êle denomina a si próprio o Deus dos deuses. Há anjos encarregados de governar os astros, os elementos, os reinos, as províncias; outros, o comportamento dos indivíduos.

Como filhos da Igreja, constituímos com êles uma única sociedade. Pois, diz São Paulo aos cristãos da raça de Jacó: "não vos aproximastes como aquêles que receberam a antiga lei de uma montanha sensível e terrestre, de um fogo ardente, de uma nuvem escura e tenebrosa, de tempestades e raios, do som de uma trombeta, e do clamor de uma voz formidável. Mas vos aproximastes da montanha de Sião, da cidade de Deus vivo, da Jerusalém celeste, de inumeráveis miríades de anjos, da assembléia e da Igreja dos primogênitos que estão inscritos no céu, de Deus que é o juiz de todos, dos espíritos dos justos que estão na glória, de Jesus que é o mediador da nova aliança, e daquele sangue por nós derramado e que fala mais proveitosamente do que o de Abel.

Desde o início existiu o ministério dos santos anjos. Depois de ter lançado a sua sentença sôbre nossos dois primeiros antepassados, Deus colocou os querubins às portas do paraíso terrestre, com uma espada flamejante, incumbidos de guardar-lhe a entrada. Eram provàvelmente os quatro querubins citados várias vêzes nas profecias de Ezequiel, e no Apocalipse de São João, e que apareciam como as quatro principais potências pelas quais Deus governa o universo material, o gênero humano, e a Igreja cristã. Seu conjunto forma uma espécie de carro sôbre o qual o Altíssimo avança através dos mundos e dos séculos; um trono onde está sentado, e do qual êle lança suas sentenças sôbre os reis e as nações. Do centro do trono partem os trovões e os raios que executam as sentenças. Será essa, talvez, a significação da espada de fogo brandida à entrada do paraíso. Deus que a princípio tratara o homem com a familiaridade de um

pai, quer fazer-lhe suceder, segundo parece, o formidável aparato de um senhor e soberano juiz.

Com Abraão, inicia-se uma era de misericórdia. Três anjos ou personagens, nos quais os Padres da Igreja reconheceram as três pessoas divinas, lhe aparecem sob o carvalho de Mambré, e lhe anunciam um filho em que serão abençoadas tôdas as nações da terra. Dois anjos salvam Lot e sua família, antes de começarem a destruição de Sodoma e Gomorra. Vê-se a providência ministerial do anjo em relação a Agar e Ismael, pai dos árabes: o anjo de Deus no episódio do sacrifício de Isaías na montanha de Moriah, mais tarde do Calvário: os anjos de Deus subindo e descendo a escada de Jacó, em Bethel: a luta de Jacó contra um anjo, que o abençoa e lhe dá o nome de Israel: os anjos perante Deus, e satã entre êles, na história de Jó: o anjo do Eterno na sarça ardente, confiando uma missão a Moisés: o anjo de Deus que guiou o povo de Israel: o anjo aparecendo a Balaam: o anjo de Deus dando ordens a Josué, a fim de introduzir o povo na terra prometida: o anjo aparecendo a Gedeão e designando-o para salvar o seu povo: o anjo anunciando o nascimento de Sansão, que libertaria o povo do jugo dos filisteus. Depois de ter pregado a penitência no reino de Israel, o profeta Elias é alimentado por um anjo. Isaías vê os Serafins diante do trono de Deus e recebe uma missão. Os querubins são avistados pelo profeta Ezequiel.

Só há três anjos cujos nomes próprios as Escrituras Sagradas nos dão a conhecer.

Miguel é o grande capitão do exército celeste. Seu nome Mi-cha-el significa, *quem é igual a Deus?* Quando Lúcifer, cego pelo orgulho, quis igualar-se

ao Altíssimo, Miguel exclamou com voz trovejante: "Quem é igual a Deus?" E acompanhado pelos anjos fiéis, precipitou do alto dos céus a tropa rebelde dos apóstatas. Assim se tornou o generalíssimo do incontável exército dos santos anjos. Vê-se, nos profetas, que era o protetor do povo de Israel; agora o é da Igreja. Rejubilemo-nos por estarmos sob o comando de tão destemido chefe; mas também imitemos a sua fidelidade.

A grande batalha iniciada no céu prossegue sôbre a terra. Batalha cujo objeto somos nós. Satanás e seus demônios gostariam de arrastar-nos com êle para o inferno; Miguel e seus anjos gostariam de levar-nos com êles para o céu. Com quem permaneceremos eternamente? Com quem estamos agora? Necessàriamente devemos estar com um ou com outro: não é possível nos conservemos neutros. Ao lado de quem combateremos? De quem seguiremos as inspirações? Do anjo de Deus ou do anjo de Satã? Se morrermos no estado em que nos encontramos, seria um anjo ou um demônio que nos apresentaria ao tribunal de Deus? Com efeito, será que, ao morrermos, nos reconhecerá São Miguel como fiéis companheiros de armas?

Se me deixar derrotar pelo demônio nessa batalha, a culpa será ùnicamente minha. Deu-me Deus um defensor para o corpo e para a alma, meu anjo bom. Ser-me-á bastante escutá-lo: combaterá comigo e por mim. No fundo, só há um inimigo a temer: eu mesmo.

Gabriel, cujo nome significa Fôrça de Deus, anuncia ao profeta Daniel a época da grande obra de Deus, a época do Filho de Deus feito homem, Cristo condenado à morte, a remissão dos pecados, o




São Miguel matando o demônio. Segundo uma pintura de Martin Schoen. Século XV.

Evangelho pregado a tôdas as nações, a ruína de Jerusalém e de seu templo, a condenação final do povo judeu. É o mesmo anjo Gabriel que prediz ao sacerdote Zacarias, no templo, no santuário, junto ao altar dos perfumes, o nascimento de um homem que será chamado João, ou cheio de graça, e que não mais anunciará a vinda do Salvador, mas que o apontará: "Eis o cordeiro de Deus! Eis quem tira os pecados do mundo!" É o mesmo arcanjo, sempre enviado para anunciar grandes coisas, que irá à humilde casa de Nazaré anunciar à Virgem Maria a maior de tôdas as coisas; comunicar que, sem deixar de ser virgem, ela daria à luz o filho do Altíssimo, que seria chamado Jesus ou Salvador, porque seria o Salvador do mundo. É êsse glorioso arcanjo que nos ensina a dizer tal como êle: "Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres!"

Rafael, cujo nome significa *Médico ou cura de Deus, dá-se a conhecer a Tobias*: "Quando oráveis, vós e Sara, vossa nora, ou apresentava o memorial de vossas orações diante do santo; e quando sepultáveis os mortos, estava presente junto de vós. Quando não vos recusáveis a levantar-vos da mesa e deixar vosso jantar para amortalhardes um morto, o bem que praticáveis não permanecia oculto; pois eu estava convosco. E por que éreis agradáveis a Deus, foi necessário que fôsseis provados. Agora, porém, Deus enviou-me para curar-vos, a vós e a Sara, espôsa de vosso filho. Sou Rafael, um dos sete anjos que apresentam as orações dos santos, e que podem defrontar a majestade do Santíssimo!

Feliz Tobias! diremos nós. Teve um anjo como companheiro de viagem! Mas cada um de nós não tem um anjo de Deus que o acompanha por tôda parte? . . . Pensamos nisso com a necessária freqüência?

* * *

# SÃO CIRÍACO (*)

## *Anacoreta*

Nascido na Acaia, a 9 de janeiro de 449, em Corinto, a cidade que lembra o grande apóstolo Paulo, Ciríaco era filho de João, sacerdote, e de Eudóxia. Um de seus tios, que era bispo, fê-lo leitor da igreja da cidade natal. Ali, ao ler um têxto de São Mateus, aquêle que fala da renúncia de si mesmo e manda que se tome uma cruz e siga o Mestre, deixou Corinto e rumou para a Palestina.

Ciríaco contava então dezoito anos. Recebendo o hábito das mãos de Santo Eutímio, um dos patriarcas monásticos, estêve ao lado do santo ancião por algum tempo, depois do que, ansioso pela solidão procurou São Gerásimo, que vivia perto do rio Jordão.

Nove anos passou São Ciríaco naquelas plagas, em duro noviciado levado a pão e água.

Quando Gerásimo faleceu, retornou à comunidade de Eutímio, que se transformava em mosteiro cenobítico. As divergências surgidas entre os monges, em virtude daquela transformação, levaram o santo a buscar lugar mais tranqüilo. Foi assim que viveu quarenta anos em Souca, velha comunidade venerável. Cuidando dos vasos sagrados e das relíquias, fôra também encarregado de anunciar os ofí-

cios, o que fazia "muito conscientemente", a bater num pedaço de pau com um longo ferro.

De Souca, passou a Natufa, onde viveu de bulbos, depois em Rouba, em Susakim e, novamente, em Souca.

Falecido em 557, com cento e oito anos, São Ciríaco foi homem simples, doce, profético, com dons para o ensino e duma ortodoxia perfeita. Diz-se que fôra belo, de físico avantajado e de muita saúde.

* * *

# BEM-AVENTURADO JOÃO DE MONTMIRAIL (*)

## *Cisterciense*

João, senhor de Montmirail, foi cavaleiro, depois monge na abadia de Longpont, diocese de Soissons, na Picardia.

Cavaleiro valorosíssimo, a êle deveu a vida o rei Filipe Augusto, quando, num combate, jazia a mercê dum cavaleiro adversário. Salvo pelo bem-aventurado, cumulou-o de graças.

João, porém, desde algum tempo, pensava fazer-se religioso. E, um dia, a tudo deixando, tomou o hábito. Alguma coisa, porém, da cavalaria, ficara-lhe como que aderida à personalidade, e, por isso, um dia, entrou a gabar-se, em conversa com um amigo, daquilo que, quando no século, praticava. E disse, muito cheio de si, que, duma feita, num único torneio, despendera mil libras na sua realização.

Um monge, que ouvia a conversa, advertindo-o de que não devia, agora que vivia sob o hábito religioso, discorrer assim tão calorosamente, sôbre assuntos que só lhe desviariam os passos do estreito caminho do céu, fêz com que João, enfiado com a jactância, jamais tocasse em mundanas coisas. Refletindo

no efêmero das criaturas, mudou completamente de vida.

Tendo buscado Longpont com o consentimento da espôsa, esta e o filho, mais tarde, entraram a desprezá-lo. Um dia, indo visitar o jovem, foi mal recebido. Disse, então, ao filho, citando São João (1, 11):

— *Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.*

E, indo-se dali a meditar, passou pela casa da ex-espôsa, fazendo-se anunciar. Logo um criado veio dizer-lhe:

— A senhora prepara-se para o seu banho de vapor.

João deve ter sorrido tristemente. E, como que espantando tristezas do mundo, dizem os biógrafos, respondeu ao criado:

— Que o Senhor lhe proporcione um suor muito proveitoso!

Dali buscou, então, conta-se, uma condêssa da família, que o recebeu muito bem, muito alegre e sinceramente.

Disse o bem-aventurado:

— Oh, senhora, pelo menos vós não ides suar!

João de Montmirail foi monge penitente, grande jejuador, *virtuose,* como o referem, da mortificação. Muito humilde, suportava tudo o que lhe faziam ou o que dêle diziam sarcàsticamente. Conta-se que, certa vez, uma criança chorava tão alto e insistentemente que importunava os religiosos a orar. João não teve dúvidas: levantou-se do lugar que lhe era reservado, saiu, e, tomando nos braços o chorão, foi levá-lo à mãe, para que dêle cuidasse e o pusesse calado. Aquilo foi motivo de risos por parte do povo, principalmente para os gaiatos e os moleques: quando

João passava pelas ruas, os irreverentes e os travessos, disfarçadamente, espremendo risadas, imitava o chôro desbragado de crianças, para arreliá-lo.

De tudo, porém, com grande paciência, João de Montmirail valeu-se para alcançar o céu, ao qual só se chega por estreita e difícil vereda. E conseguiu-o. Falecido muito santamente em 1217, teve o corpo exposto na igreja de Longpont, e os milagres que então se realizavam foram inúmeros e eram um atestado de que Deus o recebera na mansão eterna.

---

No mesmo dia, em Auxerre, São Fraterno, bispo e mártir, falecido depois de 450. Duchesne inscreveu-o como o oitavo bispo na lista dos prelados de Auxerre. Quanto ao título de mártir "é sem fundamento".

Na Trácia, a morte dos santos mártires Eutíquio, Plauto e Heracléia.

Na Pérsia, os santos mártires Dadas, parente do rei Sapor, Casdra, sua espôsa, e Gabdelas, o filho: depois de serem despojados dos bens todos que possuíam, experimentado diversos suplícios e serem por longos meses retidos na prisão, foram, afinal, mortos pela espada.

Na Armênia, as santas virgens Rípsimes e companheiras, mártires sob o rei Tiridates, em 312. Perto de Edchmiazin e de Vagharschapt acha-se uma igreja dedicada a Santa Rípsimes, a Santa Gaiana e companheiras mártires. Segundo a lenda, Rípsimes, nascida no Império Romano, refugiou-se na Armênia para livrar-se da luxúria do tristemente célebre Diocleciano. Chegadas a Vagharschapt, entraram a

trabalhar para ganhar a vida. O rei da Armênia, porém, ainda não convertido, enamorou-se de Rípsimes, e pôs-se a persegui-la. Como se opusesse veementemente aos propósitos de Tiridato, Rípsimes, Gaiana e as companheiras, pereceram nos tormentos. O culto das santas mártires é atestado em Vagharschapt desde o fim do século IV.

Na Pérsia, Santa Gudélia, mártir: depois de ter convertido à fé de Jesus Cristo numerosos pagãos e recusado adorar o sol e o fogo, foi submetida a uma série de torturas quando do rei Sapor. Tendo o couro cabeludo arrancado da cabeça, foi atada a um poste, assim merecendo o triunfo, a conquista da palma do martírio.

Em Pontecorvo, perto de Aquino, São Grimoaldo, padre e confessor. A não ser que Barônio introduziu êste santo no martirológio levado pela autoridade dos documentos da Igreja de Aquino, nada mais se sabe sôbre êle.

Na diocese de Troyes, Santo Úrsio.

Ainda na diocese de Troyes, São Lintwin, bispo, falecido em 713. Segundo a *Vida* de Lintwin, de Teofredo de Echternach, o santo prelado era sobrinho de São Basin, a quem sucedeu.

Na Baviera, os bem-aventurados Catoldo, Ano e Dietardo, monges, em fins do século VIII.

Na ilha de Ufrau, Santo Alarico, monge, no século X. Da família dos Burckhard, foi beneditino da abadia de Einsiedeln, na Suíça. Viveu longos anos como solitário na ilha de Ufnau, no lago de Zurich.

Na Castela, São Garcia, abade de São Pedro de Arlanza. Viveu nos tempos de São Domingos

de Silos, de Santo Iñigo d'Oña e de São Sisebuto de Cardenha. Faleceu, ao que parece, no ano de 1073.

Em Hampole, perto de Doncaster, na Inglaterra do Norte, o bem-aventurado Ricardo Rolle, ermitão. Um dos grandes místicos de seu tempo, escreveu, entre outros trabalhos, *O Fogo do Amor* e *Da Melhora do Pecador*.

Em Auray, o bem-aventurado Carlos de Bois, duque da Bretanha. Filho de Güido de Chatillon e de Margarida, irmão de Filipe VI de Valois, nasceu em 1320. Casado com Joana de Penthièvre, aos 4 de junho de 1337, teve dois filhos. Era grande amigo dos Menores. Vivendo em época turbulentíssima, soube ser digno e valoroso. Cavaleiro destemido, mas que levava debaixo das vestes e da armadura rude cilício, foi conhecedor do latim, músico e poeta. Dedicava longas horas à oração. Quando prisioneiro de guerra, escreveu uma *Vida* de Santo Yves, seu santo preferido, do qual, junto do papa Clemente VI, conseguiu a canonização, um pouco antes da malfadada batalha de La Roche — Derrien (20 de junho de 1347). Naquele dia, tendo fugido, escondeu-se num moinho, sendo perseguido pelos inglêses, que o feriram em dezoito partes do corpo. Recapturado, foi libertado em 1351, quando deixou os dois filhos como reféns. Durante todo o tempo de lutas e de desassossegos, a espôsa soube ser companheira valente e forte. Vencido, com Duguesclin, na batalha de Auray (1364), conquistou a paz tão ardentemente desejada. O corpo, que encontraram com o áspero cilício, foi enterrado em Guingamp. Pio X confirmou-lhe o culto imemorial.

Em Troyes, o bem-aventurado João de Gand, ermitão de São Cláudio, falecido em 1439. Menos

conhecido do que Santa Joana d'Arc, cuja missão muito gloriosa se impôs pelos séculos, João de Gand, todavia, tudo fêz junto de Carlos VII e afrontou Henrique V da Inglaterra para conseguir a libertação da França.

Em Santo Onofre, Roma, o bem-aventurado Nicolau de Forca Palena, hieronimita, desaparecido em 1449. Depois de ter recebido o sacerdócio, Nicolau foi a Roma, onde um solitário da região chamada Campo de Março o iniciou numa vida mais perfeita, que era o que mais desejava. Em 1425, o bem-aventurado Pedro Gambacorta, fundador dos Ermitães de São Jerônimo ou Hieronimitas, fêz uma peregrinação a Roma e concluiu uma aliança com Nicolau, que foi, com o concurso do papa Nicolau V, quem erigiu a igreja e o mosteiro de Santo Onofre, onde faleceu com cem anos. Fundou uma ermida em Nápoles. O papa Eugênio IV doou-lhe um mosteiro perto de Florença. A união oficial de Santo Onofre e dos Hieronimitas, contudo, só se efetivou, verdadeiramente, sendo assinada, no ano de 1446. A multidão que acorreu, quando o bem-aventurado Nicolau de Forca Palena deixou o mundo, venerou-lhe o corpo durante três dias.

* * *

## 30.º DIA DE SETEMBRO

# SÃO JERÔNIMO

### *Doutor da Igreja*

Na segunda metade do quarto século, enquanto nas Gálias surgiam dois grandes homens, Hilário e Martim, surgiam outros dois na África: Santo Optat, bispo de Mileva, e Agostinho, que acabara de nascer em Tagasta, em 354. Ambrósio, futuro bispo de Milão, que deveria um dia receber Santo Agostinho na Igreja, tinha então quatorze anos, e estudava em Roma as línguas grega e latina. Nessa mesma ocasião, Roma viu chegar dos confins da Dalmácia e da Panônia, outro futuro doutor da Igreja, Jerônimo, nascido em cêrca do ano de 331 de pais ricos e distintos. Viera para identificar-se com a língua de Virgílio e de Cícero, sob a direção do orador Vitorino e do gramático Donato, célebre comentador de Virgílio e de Terêncio. A Igreja tinha que sustentar acirradas lutas de doutrina, e a Providência suscitava-lhe por tôda a parte grandes doutôres.

Depois de ter estudado em Roma e viajado pelas Gálias, São Jerônimo permaneceu algum tempo na Aquiléia, e em seguida dirigiu-se a Antioquia em companhia do sacerdote Evrágio; de lá, retirou-se

para um deserto, nos confins da Síria e da Arábia. Foram seus companheiros de retiro dois amigos, Inocêncio e Heliodoro, e um escravo chamado Hilas. O sacerdote Evrágio, que era rico, forneceu-lhe tudo de quanto precisava, pagava escribas para auxiliá-los nos estudos, que continuava a fazer, e remetia-lhe de Antioquia as cartas que lhe eram dirigidas de vários lugares. São Jerônimo perdeu dois de seus companheiros: Inocêncio morreu, Heliodoro não tardou a partir, prometendo retornar. O próprio santo foi acometido por repetidas doenças e, o que ainda mais o fatigava, assaltado por violentas tentações impuras, que provinham da lembrança dos prazeres de Roma. Como os jejuns e outras austeridades corporais não o libertassem, empreendeu, para dominar a imaginação, um estudo espinhoso: aprender a língua hebraica, sob a direção de um judeu convertido. Depois da leitura de Cícero e dos melhores autores latinos, era-lhe penoso voltar ao alfabeto, e exercitar-se nas aspirações e nas pronúncias difíceis. Muitas vêzes abandonou o trabalho, irritado com as dificuldades; muitas vêzes o retomou e finalmente adquiriu um profundo conhecimento daquela língua.

Até mesmo no seu deserto da Síria, São Jerônimo foi perturbado pela discórdia que irrompera entre três bispos, um ariano e dois católicos. Queriam saber com qual dêles permanecia, se com Vital, Melécio, ou Paulino. O bispo dos arianos e dos católicos do partido de Melécio perguntou-lhe se considerava tais hipóstases na Trindade. Farto dessas perguntas, escreveu São Jerônimo ao Papa São Damaso nos seguintes têrmos:

"Como o Oriente, agitado por suas antigas violências, dilacera as vestes sem costura do Senhor,

julguei meu dever consultar o trono de Pedro, e a fé louvada pela bôca do apóstolo, procurando alimento para a minha alma no mesmo lugar onde revesti Cristo por intermédio do batismo. Vossa grandeza me enche de temor, mas vossa bondade me atrai; cordeiro, peço socorro ao pastor. Para trás, pois, inveja; para trás, dignidade e grandeza de Roma! dirijo-me ao sucessor do Pescador e ao Discípulo da Cruz! Não tendo outro senhor a não ser Cristo, estou unido em comunhão à vossa beatitude, isto é, ao trono de Pedro. Sei que a Igreja foi construída sôbre essa Pedra. Quem comer o cordeiro fora dessa casa é profano; quem não estiver na arca de Noé, perecerá no dilúvio. Como nem sempre posso consultar Vossa Santidade, procuro os confessores egípcios, vossos colegas, como uma barquinha se coloca sob a proteção dos grandes navios. Não conheço Vital, rejeito Melécio, ignoro quem seja Paulino. Quem não se reunir a vós, está disperso; isto é, quem não é por Cristo, é pelo Anticristo.

"Perguntam-me se admiti três hipóstases; pergunto o que significam tais palavras. Respondem-me que são três pessoas subsistentes; digo que assim o creio; argumentam que não é suficiente e insistem em que eu pronuncie a palavra. Dizemos em voz alta: "Se alguém não confessar três hipóstases, no sentido de três pessoas subsistentes, que seja anátema". E por não têrmos pronunciado a palavra sem explicação, tratam-nos como a heréticos. De outro lado, também dizemos: "Se alguém compreendendo por hipóstase essência, não confessa uma hipóstase em três pessoas, é estranho a Cristo", e acusam-nos, tal como a vós, de confundir as três pessoas numa só. Decidi, pois, conjuro-vos; se me aprovardes, não recearei mais dizer

três hipóstases; se assim ordenais, será feito um novo símbolo de acôrdo com o de Nicéia, e professada a fé ortodoxa quase nos mesmos têrmos em que os arianos professam seu êrro". É que os arianos diziam três hipóstases no sentido de essência, segundo costumavam fazer os autores profanos; o que aumentava a desconfiança de São Jerônimo. Foi por causa disso que novamente suplicou ao Papa que o autorizasse em suas cartas a dizer, ou a não dizer, hipóstases. Também lhe pede para acordar com êle sôbre o que deveria comunicar a Antioquia; pois todos os partidos se gabavam da comunhão de Roma. (1)

Como a essa primeira carta não fôsse dada resposta, escreveu uma segunda, onde dizia ao Papa: "De um lado os arianos praticam violências, apoiados pelo poder secular; de outro, a Igreja, dividida em três partes, quer atrair-me: os monges que me rodeiam exercem sôbre mim a sua antiga autoridade. Contudo, exclamo: "Quem estiver unido ao trono de Pedro é dos meus!" Melécio, Vital e Paulino dizem que estão unidos a vós. Poderia acreditá-lo se apenas um dêles assim o afirmasse; mas há dois que mentem, ou talvez três. É por isso que conjuro Vossa Beatitude, pela cruz do Senhor, a designar-me, por intermédio de vossas cartas, com quem deverei comunicar-me na Síria. Não desprezeis uma alma pela qual Jesus Cristo morreu. (2)

O Papa São Damaso servia a Igreja de mais de uma maneira: não apenas a governava com sabedoria: nela fazia florescer as ciências sagradas. Tendo São Jerônimo ido a Roma com Paulino de Antio-

(1) **Hieron,** Epist. 14, edit. Bened.

(2) Hieron, Epist. 16.

quia, que o ordenara sacerdote, o Papa reteve-o; fêz dêle seu amigo e secretário, a fim de que o ajudasse a responder às consultas sinodais do Oriente e do Ocidente. Profundamente versado nas literaturas sagrada e profana, Jerônimo já escrevera várias obras sôbre as Escrituras; Damaso lia-as àvidamente e até mesmo as copiava, insistindo para que o santo escrevesse outras, propondo-lhe nessa intenção várias questões. Bem depressa fê-lo empreender uma obra de mais ampla serventia: uma edição correta do Saltério. Jerônimo executou-a, mas com o menor número possível de alterações, pois os salmos, traduzidos pelos Setenta, andavam nas mãos e na memória de todos os fiéis, que os cantavam na igreja. Mais tarde fêz outra edição, na qual intercalou, sob a forma de sinais característicos, as diferenças entre grego e hebraico. Finalmente fêz uma versão literal do próprio hebraico.

Desde tempos imemoriais, era utilizada no Ocidente uma versão latina do Novo Testamento, conhecida sob a denominação de Itálica, Latina, Vulgata ou Vulgar. Supõe-se que tenha sido feita na própria Roma, no tempo dos apóstolos, ou pouco depois; pois cêrca da metade do Novo Testamento foi redigida em Roma, ou de Roma: o Evangelho de São Marcos, os Atos dos Apóstolos, as duas Epístolas de São Pedro, e as sete Epístolas de São Paulo. Mas como antes da invenção da imprensa era preciso copiar tudo a mão, inevitàvelmente uma boa quantidade de erros de copistas eram inseridos nos diferentes exemplares, erros que algumas vêzes outros corrigiam, cometendo novos erros. Às vêzes, também, o intérprete não reproduzia fielmente o sentido do original. Além disso, cada fiel não possuía a

coleção inteira do Novo Testamento, apenas uma ou outra parte em separado, nas quais se permitia às vêzes acrescentar ou intercalar trechos de outras. Tudo isso tinha como resultado variantes, diferenças mais ou menos acentuadas entre os vários exemplares. Para remediar êsse inconveniente, o Papa insistiu para que São Jerônimo organizasse uma edição correta dos quatro Evangelhos, e de todo o Novo Testamento, de acôrdo com o texto original, que era grego. Êle assim o fêz, acrescentando-lhe um índice de concordância entre os quatro Evangelhos. Mais tarde, empreendeu e levou a cabo o mesmo trabalho com relação ao Antigo Testamento inteiro, que traduziu do hebraico. Como o povo estava habituado à antiga Vulgata, a versão de São Jerônimo encontrou certa oposição. Numa igreja da África, onde era lida, o povo amotinou-se por ter êle chamado aboboreira, e não hera, à planta que deu sombra ao profeta Jonas. Mas foram certas pessoas invejosas e ciumentas, que não se consideravam povo, que lhe opuseram as maiores resistências. Contudo, com o decorrer do tempo, a versão de São Jerônimo, que os gregos consultaram desde o seu aparecimento, foi adotada por tôda a Igreja Latina, e o Concílio de Trento acabou por declará-la autêntica. Com efeito, jamais pessoa alguma se encontrou em melhores condições para bem executar semelhante obra. Não apenas aproveitou tudo quanto já fôra realizado, trabalhos exaustivos de Orígenes e de outros; porém, possuindo grande conhecimento do hebraico, do siríaco, do caldaico, interrogara os doutôres das sinagogas, visitara, estudara na companhia dêles os próprios lugares referidos pelas Escrituras.

Mais surpreendente ainda é, depois do Pontífice romano, terem sido as primeiras damas de Roma, descendentes dos Cipiões, dos Paulo-Emílios, dos Fábios, dos Marcelos, dos Júlios, filhas, espôsas, viúvas de prefeitos e de cônsules, as pessoas que mais insistiram com São Jerônimo para que levasse a efeito a obra projetada, e que nela participaram de alguma forma, pois chegaram a aprender o hebraico.

Realmente, uma das mais absorventes ocupações do santo doutor durante a sua permanência em Roma era dar resposta às damas romanas que o consultavam sôbre as Sagradas Escrituras. Malgrado as precauções ditadas pela sua modéstia no sentido de evitar encontrar-se com elas, era constantemente procurado. Santa Marcela, Santa Asela, sua irmã, e Santa Albina, mãe de ambas, incluíam-se no número das que lhe solicitavam os pareceres. Marcela assimilou prontamente tudo o que São Jerônimo conseguira aprender a custa de muito esfôrço, tal como se depreende de suas cartas. Tendo ficado viúva no sétimo mês após as suas núpcias, Marcela recusou-se a desposar Cerealis, homem idoso, mas de alta nobreza e muito rico, tio de César Galo e que, sob Constâncio, fôra prefeito de Roma, e Cônsul em 358. Não obstante a sua longa viuvez, nunca a pureza do seu comportamento foi manchada pela menor suspeita. Retirou-se para uma casa de campo, junto a Roma, onde durante muito tempo praticou a vida monástica em companhia de sua filha espiritual, a virgem Princípia, e êsse exemplo fêz surgir em Roma um grande número de mosteiros para ambos os sexos. Santa Marcela tomara gôsto pela piedade e pela vida monástica quarenta anos antes, quando Santo Atanásio fôra a Roma, sob o papa Júlio, em 341. Êle lhe deu

a conhecer a vida de Santo Antônio, que ainda vivia, e a disciplina dos mosteiros de São Pacômio para homens e mulheres.

Paula, amiga de Marcela, inclui-se entre as mais ilustres patrícias romanas doutrinadas por São Jerônimo. Era filha de Rogato e de Belsila. Seu pai, grego de origem, fazia chegar a sua genealogia até Agamenon; sua mãe descendia dos Cipiões, dos Gracos e dos Paulo-Emílios. Paula desposou Júlio Toxótio, da família Júlia, e, conseqüentemente, descendente de Iulo e Enéias: teve com êle quatro filhas e um filho. A mais velha das filhas, chamada Blesila, nome de sua avó, permaneceu casada apenas sete meses, tal como Santa Marcela, ficando viúva com a idade de vinte anos. São Jerônimo explicou-lhe o livro *Do Eclesiástico,* a fim de incitá-la ao desprêzo do mundo. Ela lhe pediu que lhe fizesse um pequeno comentário da obra, que lhe possibilitasse compreendê-la sòzinha. Porém, quando São Jerônimo se preparava para satisfazer-lhe o desejo, ela faleceu, ràpidamente vitimada por uma febre. Santa Paula, sua mãe, mostrou-se pesarosa em extremo, e São Jerônimo consolou-a numa carta, onde refere que Blesila falava tanto o grego como o latim, que aprendera o hebraico em poucos dias, e que tinha sempre nas mãos as Sagradas Escrituras.

A segunda filha de Santa Paula, Paulina, desposou Pamáquio, primo de Santa Marcela, da família Fúria, e que contava vários cônsules entre os antepassados. Era velho amigo de São Jerônimo, que estudara com êle, e lhe dedicou várias de suas obras. Paulina precedeu-o na morte e, viúvo e sem filhos, consagrou-se inteiramente ao serviço de Deus, e às boas obras; ingressou na vida monástica e empregou

tôda a fortuna para socorrer os pobres, particularmente os estrangeiros, recebendo-os num hospital que fundou em Pôrto, nas imediações de Roma. A terceira filha de Santa Paula, Júlia Eustóquia, nunca a deixou, e permaneceu virgem; a quarta, Rufina, desposou mais tarde Alétio, da categoria dos claríssimos. O filho de Santa Paula, o mais môço de todos, recebeu o nome do pai, Toxótio. Desposou Leta, filha de Albino, pagão e pontífice dos ídolos, mas que se converteu na velhice, persuadido pela filha e pelo genro. Do casamento de Toxótio e Leta nasceu a jovem Paula; Leta, então viúva, recebeu de São Jerônimo uma carta com instruções sôbre a maneira de educar cristãmente a filha. Era essa a família de Santa Paula.

São Jerônimo também nos legou a apologia de duas viúvas, Léa e Fabíola, e da virgem Asela. Léa dirigia um mosteiro de virgens, às quais instruía mais com exemplos do que com palavras; passava as noites rezando; seu hábito e sua alimentação eram muito pobres, embora não o fôsse ostensivamente. Era tão humilde que mais parecia a serva das outras, ela que antes possuíra um grande número de escravos. A Igreja cultua-lhe a memória no dia vinte e dois de março. São Jerônimo soube de sua morte uma manhã, quando escrevia a Santa Marcela, explicando-lhe o salmo 72; o que lhe deu oportunidade para tecer o elogio da morta. Dois dias depois também lhe fêz o de Santa Asela, irmã da própria Marcela, e que ainda vivia. Fôra consagrada a Deus desde a idade de dez anos. Aos doze, fechou-se numa cela, dormindo no chão, só se alimentando de pão e água, jejuando o ano inteiro, e muitas vêzes passando dois ou três dias sem comer; na quaresma, passava sema-

nas inteiras em jejum. Já completara cinqüenta anos e suas austeridades não lhe tinham alterado a saúde. Trabalhava com as mãos, nunca saía, a não ser para ir às igrejas dos mártires, mas sem que ninguém a visse. Jamais dirigira a palavra a homem algum; sòmente sua irmã a via. Sua vida era simples e uniforme e, em plena Roma, permanecia em completa solidão. A Igreja reverencia-lhe a memória no dia seis de dezembro. Fabíola pertencia à ilustre família dos Fábios. Desposara um homem de costumes tão desregrados que, achando impossível suportá-lo, abandonou-o; mas como ainda era jovem, usou da liberdade que lhe concediam as leis civis, e tornou a casar-se. Depois da morte do segundo marido, Fabíola caiu em si e, reconhecendo que com aquêle casamento infringira a lei do Evangelho, fêz penitência pública; apresentou-se na Basílica de Latrão, na véspera da Páscoa, de mistura com os penitentes, de cabelos soltos, e nas mesmas lamentáveis condições em que os outros se encontravam, arrancando lágrimas ao bispo, aos sacerdotes e aos assistentes. Permaneceu fora da igreja até que o bispo a chamasse, depois de tê-la expulso. Em seguida, vendeu todos seus bens e foi a primeira a fundar em Roma um hospital para doentes, onde os servia com suas próprias mãos. Mostrava-se extremamente generosa para com os clérigos, os monges, as virgens, não apenas em Roma, mas em tôda a Toscana, onde já existiam vários mosteiros.

Enquanto São Jerônimo assim entretinha, em Roma, juntamente com o amor à virgindade, o amor às letras sagradas, certo Helvídio, discípulo do ariano Auxêncio, escreveu um livro em que pretendia provar, pelas Escrituras, que a Santa Virgem, depois

do nascimento de Nosso Senhor, tivera outros filhos com São José; e, passando à tese geral, sustentava que a virgindade não oferecia vantagens sôbre o casamento. São Jerônimo desdenhou durante algum tempo o tratado de Helvídio, tanto por causa da obscuridade do autor, dêle desconhecido, embora ambos residissem em Roma, quanto por causa do escasso mérito da obra. Enfim, persuadido a refutá-la, mostrou claramente que nada há nas Escrituras a desfavor da crença estabelecida na Igreja de que Maria se conservou sempre virgem, tendo em São José apenas o guarda da sua virgindade. Sustenta mesmo que êsse santo permaneceu virgem; enfim, enobrece a virgindade, sem reprovar o casamento.

Porém, embora erguendo tão alto a virgindade, a viuvez, e o celibato religioso, São Jerônimo nem por isso poupava as pessoas que, satisfeitas por fazerem a profissão exterior do citado estado, desejosas de serem respeitadas perante os homens, continuavam a viver, não sòmente no mundo, mas como no mundo. É uma prova disso a longa carta por êle enviada à virgem Eustóquia, que versa sôbre a maneira de conservar a virgindade. Nela lamenta a queda cotidiana de tantas virgens, de tantas viúvas que, depois de terem professado, levam uma vida indolente e sensual, amantes do bom passadio e dos adornos, mostrando-se em público para atrair os olhares dos jovens e, mais tarde, para escapar à desonra do crime cometido, a êle acrescentam outros crimes sacrificando a criança ainda por nascer. Lamenta o escândalo dos agapetas, a praga daquelas virgens falsamente devotas, que deixavam irmãos para procurar estrangeiros, com êles ocupando a mesma casa, o mesmo quarto, e muitas vêzes a mesma cama, e

protestando que são caluniadas quando se tornam objeto de suspeita; mulheres sem casamento, concubinas de nova espécie, prostituídas a um só homem, e não virgens cristãs.

Quanto a Eustóquia, foi advertida para fugir daqueles hipócritas de ambos os sexos. Falando dos clérigos em particular, disse: "Existem uns que disputam o sacerdote ou o diaconato para mais livremente se avistarem com mulheres. Só se preocupam com suas vestes, com terem o calçado limpo, com estarem perfumados. Encrespam os cabelos com ferros; anéis lhes brilham nos dedos; andam na ponta dos pés, mais parecem noivos do que clérigos. Existem outros, cuja única ocupação é saber os nomes e as moradas das mulheres de categoria, e ficar a par de suas amizades. Poderia citar um que é mestre em tal ofício. Levanta-se com o sol, e como a ordem de suas visitas já está preparada, procura os caminhos mais curtos; êsse velho importuno quase entra nos quartos onde elas dormem. Se vê um travesseiro, um guardanapo, ou qualquer outro objeto a seu gôsto, elogia-o, gaba-lhe a limpeza, apalpa-o, queixa-se de não possuir coisa semelhante, e mais o arranca do que o obtém; pois todos temem êsse correio da cidade. Inimigo da castidade, inimigo do jejum, aprova, isso, sim, um bom jantar, um prato apetitoso". São Jerônimo também apontava a avareza daqueles clérigos interesseiros que, sob o pretexto de dar sua bênção, estendiam a mão para receber dinheiro, e tornavam-se dependentes das mesmas pessoas a quem deveriam dirigir. Também se queixa, alhures, dos que se apegavam a pessoas idosas e a seus filhos, e lhes pres-

tavam assìduamente os mais baixos e indignos serviços a fim de serem incluidos na sucessão. (3)

Servindo-se de linguagem tão crua e tão severa, naturalmente São Jerônimo fazia muitos inimigos. Assim sendo, a princípio consideravam-no um santo, um homem ao mesmo tempo humilde e eloqüente; a cidade inteira estimava-o, julgava-o digno do soberano pontificado e atribuía-lhe tudo quando o Papa São Damaso fazia. Porém, quando se atreveu a verberar os vícios dos romanos, taxaram-no de patife impostor; os que lhe beijavam as mãos, achicalhavam-no por trás; censuravam-lhe até mesmo o andar, o riso, a expressão do rosto; a simplicidade que o marcava tornou-se suspeita. (4) Nada o assustava; ao contrário, divertia-o. "Então! escrevia êle, por que não ousaria dizer o que os outros não se envergonham de fazer? além do mais, de que falei com tão grande liberdade? descrevi, por acaso, os ídolos esculpidos na baixela dos festins? relembrei que no correr das refeições cristãs são oferecidos aos olhares das virgens os amplexos dos sátiros e das bacantes? externei desgôsto pelo fato de mendigos se tornarem ricos? achei errado que enterrem aquêles de quem herdarão? por ter tido a desgraça de fazer uma observação, isto é, que as virgens de preferência deveriam conviver mais freqüentemente com mulheres do que com homens, com isso ofendi a cidade inteira, todos me apontam. E julgais que nada mais direi? (5)

Havia em Roma, entre outros, um indivíduo de nariz disforme e fala empolada, que se julgava belo

(3) Hieron, epist. 18, 34.

(4) Ibid, 28.

(5) Epist. 25, aliás 102.

homem e formoso espírito. Ora, êsse homem tomava para si, pessoalmente, tudo quanto São Jerônimo dizia acêrca de vícios e de extravagâncias, e se queixava a tôda gente. Depois de tê-lo ridicularizado por assim se trair, Jerônimo acabou por dar-lhe êste conselho: "Faze com que teu nariz desapareça do rosto, e depois conserva a bôca bem fechada; a êsse preço poderão acreditar que és um belo homem e que sabes falar bem. (6)

No mesmo ano de 385, em que Santo Agostinho se convertia em Milão, São Jerônimo deixava Roma para retornar ao Oriente. No momento de embarcar, em Pôrto, escreveu a Santa Asela uma carta na qual lhe comunicava as razões da sua partida: calúnias de invejoso, principalmente. Avistou-se, de passagem, com Santo Epifânio, na Ilha de Chipre, com Paulino em Antioquia, e encontrou em Alexandria um novo bispo, Teófilo, sucessor de Timóteo, que acabava de falecer. São Jerônimo foi à capital do Egito encontrar-se com um cego, o famoso Dídimo, e aprender com êle, embora já tivesse os cabelos brancos, e fôsse considerado um dos mais sábios doutôres da Igreja. Durante um mês inteiro expôs a Dídimo as dificuldades em relação às Escrituras, e foi a seu pedido que Dídimo compôs três volumes de comentários sôbre Oséias, e cinco sôbre Zacarias, a fim de suprir as lacunas deixadas por Orígenes.

Durante essa viagem, São Jerônimo visitou os mosteiros do Egito; em seguida, retornou à Palestina e retirou-se para Belém. Acreditavam que, depois de ter ouvido Dídimo, nada mais teria para aprender; mas ainda tomou como mestre um judeu que, mediante

(6) **Ibid.**, 26, aliás 100.




São Jerônimo no deserto (de acôrdo com um quadro da escola de Andrea del Sárto, século XVI).

determinado salário, ia dar-lhe lições, à noite, temeroso dos outros judeus. Foi então que São Jerônimo resolveu explicar as Epístolas de São Paulo. Por êsse tempo faleceu São Cirilo de Jerusalém, depois de ter sido muitas vêzes expulso da sua igreja, e muitas vêzes nela restabelecido, e de tê-la governado pacìficamente durante oito anos, sob Teodósio. Teve por sucessor João, que praticara a vida monástica.

Uma das últimas tarefas de São Jerônimo, foi escrever contra a heresia de Pelágio. Êsse inovador fôra à Palestina e, encontrando o bispo João, de Jerusalém, em desacôrdo com o santo doutor, disso se aproveitou para depreciar êste último, e assim mais fàcilmente espalhou a própria heresia. Paulo Oroso veio do Ocidente e apontou-a aos bispos. Num concílio de Jerusalém foi decidido que entregariam a questão ao Pontífice Romano. Noutro concílio, o de Dióspolis, Pelágio disfarça seus sentimentos e os condena de bôca, a fim de infiltrá-los mais fàcilmente, de fato. Logo depois do concílio de Dióspolis, talvez mesmo durante o concílio, São Jerônimo publicou em três volumes o seu *Diálogo* entre um católico, a quem chama Ático, e um pelagiano, a quem chama Critóbulo. Emprega contra a nova heresia, abundantemente, as mesmas provas que Santo Agostinho, a quem cita na parte final, nos seguintes têrmos: "O santo e eloqüente bispo Agostinho escreveu, há muito tempo, em Marcelino, dois livros sôbre o batismo das crianças, contrários à vossa heresia; e um terceiro contra aquêles que dizem, tal como vós, que podemos ser isentos do pecado, se quisermos; e, há pouco tempo, um quarto, em Hilário. Dizem que escreve outros especialmente contra vós; mas ainda não chegaram às minhas mãos. É por isso que sou de opinião

que devo interromper êste trabalho; pois repetirei inùtilmente as mesmas coisas, ou se pretendesse dizer novas, aquêle brilhante espírito me anteciparia dizendo as melhores".

Não tardou que o caráter da heresia fôsse percebido. Depois de iludir, como vimos, o concílio de Dióspolis, e julgando-se bastante forte sob a proteção de João, de Jerusalém, Pelágio resolveu vingar-se daqueles que na sua opinião mais se opunham às suas idéias. Enviou, pois, um bando de desordeiros a Jerusalém, atacar os servos e servas de Deus, que viviam sob a direção de São Jerônimo. Alguns dêles foram espancados com bárbara crueldade; um diácono foi morto; os edifícios do mosteiro foram reduzidos a cinzas; e São Jerônimo só evitou os maus tratamentos daqueles ímpios, refugiando-se numa sólida tôrre. As virgens Eustóquia e Paula, sua sobrinha, mal puderam livrar-se do fogo e das armas que as ameaçavam, depois de terem visto os irmãos espancados ou mortos. Queixaram-se, assim como São Jerônimo, ao Papa Santo Inocêncio, sem contudo citar nomes. O Papa escreveu uma carta a Jerônimo, na qual assim se expressou: "Tocados pela narrativa de tantas atribulações, apressamo-nos a empunhar a autoridade do Trono Apostólico para reprimir qualquer espécie de atentados. Mas como ninguém foi citado ou acusado em vossas cartas, não sabemos a quem nos dirigir. Fizemos aquilo que está em nosso poder, isto é, lamentar vossos contratempos. Mas se depuserdes uma queixa precisa contra certo número de pessoas, darei juízes competentes, ou, se fôr possível, ordenarei pronto remédio. Contudo, escrevi a meu irmão, o Bispo João, recomendando-lhe que seja mais cuidadoso, a fim de que seme-

lhante desordem não mais se repita numa igreja que lhe foi confiada. (7)

Essa carta é notável pcr quanto mostra a autoridade do Papa sôbre tôda a Igreja. Cabia-lhe o direito de nomear juízes na própria Palestina, e num caso criminal. Sua carta a João de Jerusalém é extremamente severa. Nela se refere às queixas que lhe foram dirigidas pelas virgens Eustóquia e Paula, sem contudo designar nem pessoas, nem motivos. Censura-lhe a negligência não prevenindo semelhante desordem. A possibilidade de tal atrocidade ser levada a efeito numa igreja condenava um pontífice. Censura-lhe a sua indiferença depois da ocorrência. "Onde estão vossas consolações para com aquelas que foram as vítimas? pois dizem que mais temem pelo futuro, do que sofreram no passado. Se me tivessem comunicado algo mais preciso sôbre êsse caso, eu falaria mais alto e agiria mais severamente." (8)

O Bispo João faleceu algum tempo depois, no dia dez de janeiro de 417. Sucedera a São Cirilo e resistira ao cêrco de Jerusalém durante mais de trinta anos. Seu sucessor foi Prayle, cujos costumes estavam de acôrdo com o seu nome, que significa doce. Resistiu ao cêrco quase treze anos. O próprio São Jerônimo pouco sobreviveu a essa perseguição. Morreu em trinta de setembro de 420, com a idade de noventa e um anos. Seu corpo, gasto pelos trabalhos, pelas austeridades, pelos anos e pelas moléstias, foi sepultado em Belém, na gruta pertencente ao seu mosteiro. Malgrado seu temperamento um pouco

(7) Coustant, col. 907, **epist.** 34.

(8) Coustant, **epist.** 35.



A comunhão de São Jerônimo (de um quadro de Dominiquino, século XVI).

veemente, São Jerônimo foi um dêsses homens raros, e a simples enunciação do seu nome é mais expressiva do que qualquer elogio.

Mais tarde, seu corpo, transportado para Roma, foi colocado na Basílica de Santa Maria Maior.

* * *

# SÃO GREGÓRIO, O ILUMINADOR (*)

## *Apóstolo da Armênia*

São Gregório, apelidado o Iluminador, foi o grande apóstolo da Armênia.

Segundo uma antiga legenda, Krikor ou Krikorios era filho de Anak, príncipe parto. Quando, em 226, Artaxerxes I usurpou o trono persa, Cosroés, rei da Armênia, da raça destronada, lutou com denodo contra o invasor, mas foi assassinado por Anak.

O filho de Artaxerxes, Scapor ou Sapor I, procurando Anak, para corrompê-lo, soube que bem cedo Anak fôra castigado pelo crime praticado: haviam-no afogado.

Ora, um filho de Cosroés, Tiridato, diante daquelas ocorrências políticas, refugiara-se em Roma, e de lá, com a ajuda dos romanos, entrou a trabalhar e a lutar para a reconquista do trono, o que logo conseguiu. Krikor, Gregório, também pôsto a salvo daqueles dias agitados, fôra levado a Cesaréia da Capadócia. Ali, depois de batizado, feito moço, casou-se e voltou à pátria, à côrte de Tiridato, do qual conseguiu captar a amizade, fazendo-se estimado. O filho de Cosroés, todavia, era pagão e fiel à deusa Anahita, correspondente a Diana, e, para provar o amigo, ordenou-lhe que sacrificasse àquele ídolo.

Gregório recusou-se. Foi, então, submetido a maus tratos: passou por oito suplícios e, como se mantivesse firme em não aceder aos desejos do príncipe, foi atirado a um fôsso profundo e escuro, *Khor-Virab,* onde permaneceu quinze dias a viver entre serpentes e escorpiões.

Sem ser atacado por ofídios, nem aracnídeos, foi alimentado por uma pobre mulher, viúva que lutava com grandes dificuldades, que ia levar-lhe, todos os dias, um pedaço de pão.

Depois do suplício de Santa Ripsima e companheiros (29 de setembro), deu-se a conversão do rei Tiridato. Um dia, pouco depois da morte daquelas santas mártires, o rei saiu para caçar. Senão quando, eis que, fantàsticamente, deixa de ser homem e se transforma num vasto *varaz,* javali.

Tornando ser humano novamente, diz a lenda, tocado pela graça, converteu-se, e uma das primeiras coisas que fêz foi libertar o amigo Gregório.

Consagrado padre, depois bispo, em 294, em Cesaréia, por Leôncio, São Gregório propôs-se conquistar tôda a Armênia para Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fundou, então, escolas, seminários, onde os clérigos aprendiam o latim e o siríaco, já que o alfabeto armênio era incompleto, alevantou igrejas e, diz a legenda, ordenou quatrocentos bispos — "o que é exagerado."

A atividade principal de São Gregório, o Iluminador foi a contemplação: convertido o país, retirou-se a uma gruta e ali permaneceu até a morte, que o colheu em 326, segundo se crê.

Há, na legenda de São Gregório, coisas plausíveis, tais como fazer-se amigo do filho de Cosroés,

que Anak, o pai, matara, os suplícios, por não querer sacrificar a Anahita, etc. Quanto à conversão da Armênia, contudo, há um certo exagêro, exagêro que se deve, decerto, aos pósteros, porque, antes do Iluminador, a evangelização do país ia já bem adiantada. No país já havia algumas igrejas, fundadas por pregadores, dizem os escritores que sírios, vindos da Mesopotâmia. São Gregório, não resta a menor dúvida, fêz muito e se notabilizou pela cristianização da Armênia, mas não de tôda a Armênia, uma vez que as terras do nordeste já estavam sob o Signo da Cruz quando o grande apóstolo iniciou os trabalhos que levou a cabo pelas regiões ainda paganizadas.

São Gregório teve especial devoção por São João Batista, o precursor, e por Santo Atenógono, bispo e mártir de Sebasta.

* * *

# SANTO HONÓRIO (*)

## *Arcebispo*

Santo Honório foi o quinto arcebispo de Cantorbéry e discípulo de São Gregório, o Grande. Sucessor de Justo, parece que em 627, foi consagrado, presume-se, em 628, em Lincoln, na igreja que o prefeito Blaeka mandara erigir. Quem consagrou Santo Honório foi o bispo de York, Paulino.

Santo Honório teve longo pontificado e fundou muitas Igrejas, mas dados sôbre sua vida temos poucos. Diz-se que consagrou ou reconheceu como bispo a Félix, aquêle prelado que, depois de 631, trabalhou na conversão da Inglaterra do Este. Recebeu a viúva do rei Edwin e os missionários que Paulino lhe enviou, depois da queda daquele rei e dos cristãos mortos pelos pagãos de Penda.

Paulino, arcebispo de York, faleceu em 644 e teve como sucessor a Itamar. Êste Itamar foi consagrado por Santo Honório e o primeiro inglês elevado ao episcopado. Foi quem, morto Santo Honório, consagrou-lhe o sucessor em Cantorbéry, Deusdedit.

Honório faleceu a 30 de setembro de 653 (1) e foi enterrado em Cantorbéry. As crônicas monásti-

---

(1) Beda, **Hist. Eccl.**, L. III, c. XX.

cas não o dão como fundador de mosteiros. O nome do santo arcebispo não aparece em nenhuma carta da época. O culto é antiquíssimo. Os calendários e os martirológios, principalmente inglêses, referem-lhe a festa. O saltério de Bosworth menciona-o.

* * *

# SÃO SIMÃO DE CRÉPY (*)

## *Beneditino*

São Simão de Crépy foi beneditino de São Cláudio (Saint-Claude).

Conde de Crépy-en-Valois, herdou do pai, em 1072, uma das mais invejáveis, mais altas situações na França do Norte. Parente de Guilherme, o Conquistador, por três anos combateu o rei Filipe, para tomar o Vexin e entregá-lo à Normandia.

São Simão fêz a peregrinação de Roma, diz-se que para "obter remissão dos pecados e das faltas cometidas contra os pais". Em 1075, morto o pai em Montdidier, foi buscá-lo, transportando-o para Crépy: data daí que, ao ver o cadáver daquele que lhe dera a vida, entrou a desgostar-se do século e das glórias que conquistara. Fêz-se, então, beneditino, encerrando-se no antigo mosteiro de Santo Ouen, hoje de São Cláudio.

Monge zeloso e penitente, conta-se que dormia na sacristia da igreja, para, à noite, mais fàcilmente ir orar.

Santo Hugo de Cluny solicitou-lhe os préstimos para levar avante negociações com o rei da França. São Simão, depois disto, procurou pacificar Guilherme e os filhos, que se debatiam num conflito. Numa missão que lhe confiara o papa São Gregório

VII, junto de Roberto Guiscard e seus normandos na Itália, o santo monge saiu-se muito bem.

Falecido entre 1080 e 1082, São Simão de Crépy logo foi venerado como santo.

---

No mesmo dia, em Lisieux, na Gália, a morte de Santa Teresa do Menino Jesus, da ordem das carmelitas descalças: ilustríssima pela inocência e simplicidade de sua vida, foi inscrita no catálogo das santas virgens pelo soberano pontífice Pio XI, que a proclamou especial padroeira de tôdas as Missões e lhe fixou a festa aos 3 de outubro. Ver êste dia.

Em Roma, São Leopardo, mártir, um dos oficiais de Juliano, o Apóstata: teve a cabeça cortada; o corpo foi transferido para Aix-la-Chapelle (século V). Leopardo é citado entre os mártires do cemitério de Santo Hermes, no *Epitome de locis sanctis*. Existe, sôbre êle, uma *Passio* sem valor.

Em Soleure, na Gália, a *Paixão* dos santos mártires Vítor e Urso, da muito gloriosa legião tebana: sob o imperador Maximiano, sofreram, primeiramente, cruéis torturas, sendo livres quando uma luz celeste, brilhando sôbre êles, aterrorizou os executores. Mais tarde, atirados numa fogueira, nada sofreram. Afinal, morreram pela espada (século III?).

Em Placença, Santo Antonino, mártir da mesma legião.

Em Roma, Santa Sofia, viúva, mãe das santas virgens e mártires Fé, Esperança e Caridade, festejadas a 1.º de agôsto.

Em Moissac, Santo Ansberto, abade, no século VI, que, segundo certos manuscritos da *Vida de São*

*Didier*, de Cahors, teria concorrido para a fundação do mosteiro de Moissac, ou, como querem alguns autores, de Marsillac.

Em Limousin, São Vitorniano, anacoreta (século VI-VII?).

Na Inglaterra, Santo Enghenel (século VII?), cujas relíquias, ensinam-nos, foram levadas para o mosteiro de São Juliano de Tours.

Em Chalons-sur-Marne, São Lumiero, bispo, falecido depois de 614.

Na Itália, o bem-aventurado Conrado de Urach, cardeal cisterciense, falecido em 1227.

Na abadia cisterciense de Villers, Brabante, o bem-aventurado Guilherme de Dongelberg, monge, desaparecido em 1250.

* * *

# Outubro



# 1.º DIA DE OUTUBRO

## *Festa do Santo Rosário*

A festa do Santo Rosário foi instituída pelos Papas Pio V e Gregório XIII no primeiro domingo de outubro, como testemunho de gratidão pela vitória obtida pelos cristãos sôbre os maometanos no gôlfo de Lepanto, em dezessete de outubro de 1571.

Nos anos de 1570 e 1571, os maometanos, auxiliados por um grande número de renegados, apoderaram-se da Ilha de Chipre e, faltando à palavra empenhada, trucidaram todos os cristãos que lá se encontravam. Ameaçados do mesmo destino, os venezianos comunicaram o ocorrido ao Chefe da Igreja, suplicando-lhe que os socorresse, e instigasse os outros príncipes a proceder da mesma forma. De boa vontade Pio V os atendeu. Organiza uma frota comandada por Marco Antônio Colonna para com ela reforçar a de Veneza. Envia emissários aos reis da Espanha, de Portugal, da França, da Polônia, aos príncipes da Itália, ao Imperador da Alemanha, ao soberano de Moscou; faz-lhes ver que não apenas o reino de Chipre se encontra em perigo, mas todos os reinos do Ocidente; propõe-lhes uma santa liga contra

os turcos, para a defesa comum da cristandade; os reis de Portugal, da França, da Polônia, e o Imperador da Alemanha esquivam-se sob vários pretextos; apenas o rei da Espanha e os príncipes da Itália constituem com o Papa e os venezianos uma santa liga, uma cruzada em prol da salvação comum da Europa cristã, e convidam outros soberanos para dela participarem. A fim de manter a harmonia entre os confederados, o Papa foi aclamado chefe da Liga. Pio V nomeou generalíssimo das tropas a Dom Juan da Áustria, filho natural de Carlos V, e irmão de Filipe II, rei da Espanha que em várias oportunidades já revelara grandes dons militares. Recebeu em Nápoles, das mãos do Cardeal de Granvelle, o estandarte enviado pelo Papa, no qual fôra bordada, com ouro e prata, a imagem do Salvador crucificado, embaixo; as armas do Pontífice, no meio; as do rei Filipe II, rei da Espanha, que em várias oportunida-juntamente com as do generalíssimo, prêsas com pequenas correntes. Marco Antônio Colonna, general das galeras pontificais, recebera das próprias mãos do Papa o seu estandarte, que reproduzia a imagem do Salvador crucificado, ladeada pelas de S. Pedro e São Paulo, além da inscrição: *Com êste sinal vencerás.*

Enquanto as negociações e os preparativos se arrastavam, chegou a notícia das derrotas de Nicósia e de Famagusta, e da devastação de outras ilhas, levada a efeito pelos turcos. Pio V apressou enèrgicamente a expedição, e designou como ponto da reunião geral o pôrto de Messina. Mandou dizer ao generalíssimo que a única salvação possível estaria numa batalha, e predisse-lhe que obteria a vitória, recomendando-lhe, porém, que se preparasse de ma-

neira cristã, e que dispensasse do exército os homens de mau proceder. Todos os comandantes seguiram os conselhos do Papa e decidiram-se a ir à caça do inimigo. Imediatamente, no dia 8 de setembro de 1571, Natividade da Santa Virgem, é decretado um jejum de três dias; a esquadra inteira confessa-se, comunga e recebe indulgências do Vigário de Jesus Cristo; todos os desafetos se reconciliam e em nada mais pensam a não ser em vencer ou morrer lado a lado. Ótimos sacerdotes e religiosos, espalhados pela frota, nela entretinham a ordem e a piedade e distribuíam aos soldados terços e *Agnus Dei*, bentos pelo Santo Pontífice. Aliás, Juan da Áustria impunha uma severa disciplina. Mandou enforcar dois desgraçados acusados de terem proferido blasfêmias, fato que infundiu salutar temor a tôda armada.

Enfim, depois de embarcarem em Messina no dia 16 de setembro, chegaram no sábado, 7 de outubro, a uma hora e meia da tarde, ao gôlfo de Lepanto, à vista dos turcos, prontos para combater. Naquelas mesmas paragens fôra travada a batalha de Actium entre Otávio e Antônio. A esquadra dos turcos constava de trezentos vasos de guerra; a dos cristãos de duzentos e nove. Dom Juan da Áustria colocou-se no centro, tendo à direita Marco Antônio Colonna, Almirante do Papa, e à esquerda Sebastião Veniero, Almirante de Veneza: a ala direita era comandada por André Doria, Almirante genovês; a ala esquerda, pelo veneziano Barbarigo: o marquês de Santa Cruz comandava a reserva. Juan da Áustria percorreu tôda a frente num batel, empunhando um crucifixo, e exortando com gestos e com a voz os chefes e os soldados a cumprir o dever. Enquanto isso, com o crucifixo nas mãos, os sacerdotes ouviam ràpida-

mente as confissões, davam a absolvição geral acompanhada pela indulgência plenária do Papa. Enfim, ao sinal dado pelo generalíssimo, ressoaram as trombetas: todos os cristãos invocaram a Santíssima Trindade em voz alta e saudaram a Santa Virgem. Assim Pio V o ordenara.

As duas esquadras defrontaram-se durante algum tempo, recìprocamente se estudando. O almirante turco rompeu o silêncio com um disparo de canhão, ao qual Dom Juan mandou responder: a batalha iniciou-se em tôda a frente. Eram cêrca de quatro horas da tarde. Os cristãos recebiam nos olhos o sol, o vento e a fumaça, o que proporcionava aos turcos uma dupla vantagem, pois também eram mais numerosos. Pouco a pouco, porém, o sol começou a bater nos olhos dos infiéis; e, sùbitamente mudando de direção, o vento lançou a fumaça da artilharia para o lado da esquadra turca. Pelas quatro horas e meia o almirante turco meteu-se entre a nau capitânea de Dom Juan e a de Colonna, e outro paxá avançou entre Dom Juan e o Almirante Veniero. Lutaram encarniçadamente, corpo-a-corpo, durante uma hora inteira; afinal uma bala de artilharia feriu o almirante turco e um soldado espanhol que subira à embarcação inimiga por meio da abordagem, cortou-lhe a cabeça, colocando-a na ponta de uma lança. A derrota dos turcos foi completa: perderam trinta mil homens, duzentos e oitenta navios, dos quais noventa e quatro foram impelidos contra a costa e incendiados: só conseguiram salvar quarenta galeras. Perderam, porém, muito mais do que os navios, isto é, a reputação de invencibilidade no mar; dessa época em diante, tanto seu império como o renome que gozavam caíram em decadência. Os cristãos vitoriosos fizeram

três mil, quatrocentos e sessenta e oito prisioneiros; e, ainda mais, quebraram as cadeias de quinze mil cristãos reduzidos à escravidão. Tiveram a lamentar a perda de quinze galeras e de oito mil bravos, entre os quais o almirante veneziano Barbarigo, que morreu três dias depois, em conseqüência de ferimentos recebidos. Miguel Cervantes, famoso escritor espanhol, combateu em Lepanto, e perdeu o braço esquerdo. Nos despojos do inimigo foram encontrados cento e dezessete canhões pesados e duzentos e cinqüenta e seis mais leves, os estandartes dos paxás, lanternas de ouro, pavilhões de púrpura com inscrições de ouro e prata, estrêlas e crescentes. (1)

Entrementes, o Santo Pontífice Pio V multiplicava austeridades e esmolas. Organizara preces perpétuas nos estabelecimentos religiosos de Roma. Permanecia dia e noite em oração, e quando a necessidade de repouso, ou a direção de negócios o obrigava a afastar-se, confiava a homens de exemplar devoção o cuidado de rezar em seu lugar. Um dia, o tesoureiro, chamado Bussoti, cumprindo deveres inerentes ao seu cargo, foi procurá-lo no Vaticano para submeter-lhe, na presença de vários prelados, um importante trabalho. De súbito Pio V impõe-lhe silêncio com a mão, levanta-se bruscamente, dirige-se para a janela, abre-a, e durante alguns minutos permanece em intensa contemplação. Sua fisionomia, sua atitude traem uma profunda emoção; depois, voltando-se, em êxtase, exclama: "Não falemos mais de negócios: a hora não é apropriada! Apressai-vos em dar graças a Deus na sua igreja, pois a vitória

(1) De Hammer, Hist. des Ottomans, t. III, liv. XXXVI, p. 566, em alemão.

coube à nossa esquadra!" Nem bem terminara de pronunciar essas palavras, despede os assistentes, extremamente surpresos; e mal êstes se retiram, o Santo Pontífice precipita-se, banhado em lágrimas, para o seu oratório, onde se põe de joelhos. Bussoti e os prelados, testemunhas privilegiadas dêsse milagre relataram-no aos mais considerados cardeais de Roma e às pessoas mais recomendadas pela piedade. Juntos, anotaram o dia e a hora da visão do Santo Padre: sétimo dia de outubro, cinco horas da tarde. Exatamente o dia e a hora em que a cruz triunfava no gôlfo de Lepanto.

Em sinal de gratidão por essa vitória, o Santo Papa fêz questão de que celebrassem a festa do Rosário no primeiro domingo de outubro, e inseriu nas litanias da Santa Virgem a invocação: *Auxilium christianorum, Auxílio dos cristãos, rogai por nós!* Os presos encarcerados por dívidas abaixo de cento e vinte ducados foram postos em liberdade às expensas do tesouro pontifical.

Quanto ao Santo Rosário, pròpriamente, foi um dos meios mais eficazes que São Domingos empregou para obter de Deus a conversão dos heréticos e, ao mesmo tempo, para doutrinar seus fiéis. Podemos verificar na vida de São Domingos, a 4 de agôsto, em que consiste essa devoção.

* * *

# SÃO REMÍGIO

## *Bispo de Reims, Apóstolo dos Francos*

Pelos fins do século quinto, a Igreja de Deus viu entrar em seu seio, para nunca mais sair, a primeira nação cristã do Ocidente, nação que, após quatorze séculos de revoluções de tôda espécie, ainda constitui seu consôlo e sua glória. Queremos falar da conversão de Clóvis e dos francos, conversão que deu ensejo a que o Papa Anastácio praticasse o seu primeiro ato em nome da Igreja Católica, congratulando-o.

A rainha Clotilde não cessava de exortar o rei a abandonar os ídolos e a reconhecer o verdadeiro Deus; mas não conseguia persuadi-lo. Fê-lo uma batalha. Os alemães, a mais feroz das tribos da Germânia, que se tinham estabelecido nas províncias modernas da Alsácia e da Lorena, em 496 atacaram os franco-ripuarianos, senhores do território da Colônia, e aliados de Clóvis. O rei dos franco-salianos imediatamente marchou contra os agressores. Uma grande batalha foi travada nas planícies de Tolbiac, hoje Zurique, na região de Juliers. Clóvis, a princípio, invocou os seus deuses; mas tendo seu aliado Sigeberto, rei dos francos de Colônia, sido ferido no joelho, suas tropas puseram-se em fuga; as de Clóvis também começavam a dispersar-se; os alemães esta-

vam certos da vitória. Nessa altura, Clóvis lembrou-se das lições de Clotilde. Ergueu as mãos para o céu e disse entre lágrimas: "Jesus Cristo, vós que, segundo Clotilde afirma, sois o Filho de Deus vivo, e que, como o proclamam, socorreis os infelizes e dais a vitória aos que em vós confiam, ardentemente imploro o vosso auxílio. Se me fizerdes triunfar de meus inimigos, acreditarei em vós e farei com que me batizem em vosso nome, pois debalde invoquei os meus deuses: não devem dispor de nenhum poder, pois não socorrem os que os adoram. É por êsse motivo que vos invoco, e que desejo acreditar em vós; apenas vos peço que me livreis de meus inimigos". Nem bem terminara a sua oração e os alemães começaram a retroceder e a fugir; pouco depois, morto o rei inimigo, seus soldados rendem-se a Clóvis, dizendo: "Cessai vosso morticínio, pois nos entregamos em vossas mãos". Clóvis mandou suspender o ataque, reuniu os dois povos e retornou em paz. (1)

Fiel ao seu voto de abraçar a religião cristã, apressou-se em receber a necessária instrução, mesmo durante a jornada de volta, a fim de mais ràpidamente se preparar para o batismo. Nessa intenção, ao passar por Toul, trouxe consigo um santo sacerdote chamado Vedast ou Vaast, que lá levava vida retirada, e gozava da reputação de grande virtude. O santo homem mais o confirmou na fé pelos seus milagres do que por suas lições; pois, quando passou juntamente com o rei pela região de Vouzi, um cego, ali postado, a êle se dirigiu: "Homem de Deus, tende piedade de mim; não vos peço nem ouro nem prata, restituí-me a vista". Sentindo-se assistido do alto,

(1) Greg., Turon, l. II, n. 30.




Sagração de São Remígio, bispo de Reims. Segundo a alcatifa de Reims, século XVI.

o religioso pôs-se a orar, não apenas pela salvação daquele desgraçado, mas também pela salvação do povo presente; terminada a oração, fêz o sinal da cruz sôbre os olhos do cego, dizendo: "Senhor Jesus, vós que sois a verdadeira luz, vós que abristes os olhos do cego de nascimento, abri também os olhos dêste, a fim de que o povo aqui presente reconheça que sois o único Deus capaz de fazer prodígios no céu e na terra". No mesmo momento, o cego recuperou a vista e, para perpetuar aquêle milagre, uma igreja foi construída no lugar. (2)

Entrementes, a rainha mandara buscar secretamente São Remígio, que acabou de introduzir o rei no conhecimento do verdadeiro Deus, criador do céu e da terra, convencendo-o da vaidade dos ídolos, de cuja impotência já tivera provas. "Santíssimo Pai, observou Clóvis, de boa vontade vos ouvirei; mas resta uma dificuldade: o povo que me acompanha não consentiria em abandonar seus deuses. Vou falar-lhes de acôrdo com as vossas instruções". Reuniu os francos; porém, antes que a êles se dirigisse, inspirados por Deus, êstes declararam a um só tempo: "Senhor, rejeitamos os deuses mortais e estamos prontos a seguir o Deus imortal, que Remígio prega". O Bispo, no auge da alegria, tudo preparou para o batismo do rei e dos francos. Auxiliado por São Vaast, continuou a doutriná-los, e fazê-los observar, de acôrdo com os cânones, alguns dias de jejum e de penitência. Ao mesmo tempo, vários bispos foram a Reims participar da solenidade, que se realizou no dia de Natal, no ano de 496.

(2) Acta SS., 6 febr.



São Remígio cura uma mulher paralítica, um homem doente, e batiza o rei Clóvis (de um marfim esculpido no século XI).

As ruas, da residência do rei até à igreja tinham sido atapetadas; a própria igreja fôra iluminada com círios perfumados, e o batistério envolto em deliciosos aromas. Todos caminharam em procissão levando os Evangelhos e a cruz, e cantando hinos e litanias. São Remígio segurava a mão do rei; a rainha vinha atrás com as duas princesas, irmãs de Clóvis; seguiam-se mais de três mil homens do exército dos francos, oficiais, na maioria, conquistados a Jesus Cristo pelo exemplo do rei. No meio dessa pompa, o rei indagou ao Bispo: "Meu Pai, é êste o reino de Jesus Cristo que me prometeste?" "Não, respondeu o religioso, é apenas o comêço do caminho que a êle conduz".

Tendo chegado ao batistério, o rei pediu o batismo. Disse-lhe, então, o santo Bispo: "Sicambro, baixa dòcilmente a cabeça; queima o que adoraste e adora o que queimaste". Em seguida, depois de tê-lo feito confessar sua fé na Trindade, batizou-o e ungiu-o com o santo crisma. Os oficiais e os soldados que o acompanhavam, em número de três mil, sem contar as mulheres e as crianças, igualmente foram batizados pelos bispos e outros ministros. As duas princesas, irmãs de Clóvis, eram Albofleda e Lantilde. Albofleda recebeu o batismo, e Lantilde, que já era cristã, mas que professava o arianismo, reconciliou-se pela unção do santo crisma.

Clóvis não quis que as alegrias de tão auspiciosa festa fôssem empanadas pelas lágrimas dos desgraçados. Mandou libertar todos os prisioneiros e mostrou-se extremamente generoso em relação às igrejas. Durante oito dias usou o hábito branco dos neófitos; e quando São Remígio, que continuava a instruí-lo, leu certo dia a paixão de Jesus Cristo, sùbitamente

exclamou: "Ah! se eu tivesse estado presente, com os meus francos, bem que o teria vingado!" (3) Essas palavras já anunciavam a espada cristã de Carlos Martelo, de Carlos Magno, de Godofredo e Tancredo.

A princesa Albofleda, renunciando aos ídolos, também renunciou aos prazeres e grandezas mundanas. Consagrou a virgindade a Deus que, pouco tempo depois, a retirou dêste mundo. Clóvis sentiu profundamente a sua morte. Para consolá-lo, São Remígio escreveu-lhe nos seguintes têrmos: "Tomo uma grande parte na dor que experimentais pelo falecimento de vossa irmã Albofleda, de gloriosa memória; mas devemos encontrar consolação na sua santa vida e na santa morte que a coroou. Jesus Cristo concedeu-lhe a graça de receber a bênção das virgens; não devemos chorar aquela que foi consagrada ao Senhor e que recebeu no céu a coroa da virgindade. Expulsai, pois, meu Senhor, a tristeza do coração. Lembrai-vos de que tendes um reino para governar com a ajuda de Deus. Sois o chefe do povo, e sois vós quem governais". (4)

A notícia da conversão de Clóvis encheu de júbilo o mundo cristão. O Papa Anastácio tanto mais se alegrou, quando esperava encontrar na pessoa do príncipe um poderoso protetor da Igreja. Com efeito, era então Clóvis o único soberano verdadeiramente católico. O Imperador Anastácio entregara-se aos eutiquianos, aos quais protegia; Teodorico, rei dos ostrogodos, na Itália; Alarico, rei dos visigodos, na

(3) Fredeg., **Epist.**, c. XXI, Greg. Tur., l. II, n. 31. **Vita S. Remig. Acta SS.**, 1.º Oct.

(4) Labbe, t. IV, 1268.

Espanha e na Aquitânia; Gondebaud, rei dos burgundos, nas Gálias; e Trasamundo, rei dos vândalos, na África: todos professavam o arianismo.

O Papa escreveu a Clóvis a seguinte carta: "Nós nos felicitamos, mui glorioso filho, por ter vossa admissão à fé cristã coincidido com o nosso ingresso ao pontificado; pois poderia o trono de São Pedro deixar de estremecer de alegria ao ver a plenitude das nações acolher-se ao seu seio? Ao ver a rêde que o pescador de homens, o porteiro do céu, recebeu ordem para lançar, encher-se no decorrer dos séculos? Foi o que pretendemos comunicar à Vossa Serenidade por intermédio do sacerdote Eumério, a fim de que, ciente do júbilo de vosso Pai progridais em boas obras e leveis ao auge a nossa alegria, e sejais nossa coroa, e a Igreja, vossa mãe, possa rejubilar-se com o aperfeiçoamento de tão grande rei, que acaba de entregar-se a Deus. Glorioso e ilustre filho, sêde, pois, o consôlo de vossa mãe; sêde, para sustentá-la, uma coluna de ferro; pois a caridade de muitos amortece e, por causa da astúcia dos maus, nosso barco está sendo açoitado por uma furiosa tempestade. Esperamos, embora contra tôda esperança, e bendizemos o Senhor por ter-vos arrancado ao poder das trevas para dar à igreja, na pessoa de tão augusto príncipe, um protetor capaz de defendê-la contra seus inimigos. Que Deus Todo-Poderoso também se digne conceder-vos, e ao vosso reino, sua celeste proteção! Que o Senhor e seus anjos vos guardem em todos os caminhos e vos concedam a vitória sôbre todos os inimigos que vos rodeiam". (5)

---

(5) Labbe, t. IV, 1282.

A carta de Santo Avito, Bispo de Viena, ainda mais claramente trai a alegria universal que provocou nos católicos a conversão e o batismo de Clóvis. Era êsse bispo súdito do rei dos borgonheses, que nêle depositava grande confiança. Poder-se-ia acreditar que já naquela época os borgonheses eram tributários dos francos pois, na referida carta, Gondebaud é denominado soldado ou vassalo de Clóvis. Êste último recomendara ao Bispo de Viena a liberdade de um cativo, filho de servos seus. Santo Avito aproveitou a oportunidade para felicitá-lo pela conversão.

Disse-lhe, em primeiro lugar, que a escolha por êle feita da religião católica, de preferência a tantas seitas heréticas, constituía um juízo a ela favorável, tal como um raio através do qual a luz da verdade se manifestava. "Vossa escolha determina o julgamento dos outros; julgais por êles, embora escolhais sòzinho, e vossa fé se transforma em vitória nossa. Aquêles a quem instamos para que abracem a verdadeira fé, na sua maioria opõem-nos os costumes e usos de seus antepassados, que se vexam de condenar; e, por um pretenso respeito a seus pais, persistem em permanecer infiéis. Porém, após o milagre a que acabamos de assistir, desaparecerão vergonha e pretexto. Só consentistes em herdar a nobreza de vossos antepassados; tudo mais que constitui a glória de um grande príncipe vem de vós mesmo e de vós se reflete sôbre vossos pais. Se realizaram grandes coisas, realizastes outras ainda maiores. Aprendestes com vossos antepassados a reinar sôbre a terra; ensinais a vossos descendentes a reinar no céu. Pode a Grécia felicitar-se por ter um príncipe da nossa santa lei; não é a única a usufruir essa ventura. Eis que se ergue uma nova luz na pessoa de um antigo rei do

nosso Ocidente. E, naturalmente, não foi sem mistério que começou a cintilar no dia do nascimento do Redentor. Era conveniente que vos regenerásseis pela água no mesmo dia em que o Senhor do Céu nascera na terra para a redenção do mundo.

"Que direi da solenidade do vosso batismo? Embora não a tenha assistido em pessoa, estava presente em espírito, e compartilhei do regozijo geral. Pois aprouve à bondade divina que vossa mui sublime humildade nos desse a conhecer antecipadamente a feliz nova. Oh! como essa noite sagrada nos encheu de consôlo ao evocarmos a vossa pessoa! como nos forneceu assunto para reflexões e palestras! Que espetáculo, dizíamos, ver reunidos um grupo de pontífices, servir com solicitude no batismo de um grande rei, contemplar aquela cabeça temida pelas nações curvar-se diante dos servos de Deus; ver aquela cabeleira crescida sob o capacete militar receber, com a sagrada unção, o capacete da salvação; ver aquêle guerreiro deixar por algum tempo a couraça para usar vestes brancas. Não duvideis, ó mais florescente dos reis, a maciez dos novos trajes emprestará nova fôrça às vossas armas; e tudo quanto a vossa boa sorte realizou até agora, a vossa piedade realizará ainda melhor.

"Quereria misturar aos louvores algumas palavras de advertência e de exortação, caso houvesse algo que pudésseis ignorar ou deixar de praticar. Mas pregarei a fé a quem foi confirmado nessa fé, e que dela teve ciência sem o auxílio dos pregadores? Pregarei a humildade a quem dela deu tantas provas, antes mesmo que fôssem exigidas pela profissão do cristianismo? Exortarei à clemência aquêle de quem um povo de cativos pôsto em liberdade proclama, com

lágrimas que a alegria faz correr, a misericórdia para com Deus e para com os homens? Uma única coisa eu gostaria que fizésseis crescer: já que Deus, por vosso intermédio, tornará inteiramente sua a vossa nação, poderíeis tirar as sementes da fé do belo tesouro do vosso coração para lançá-las às nações mais distantes, ainda mergulhadas em natural ignorância, mas ainda não corrompidas por dogmas perversos. Não desdenheis de enviar-lhes embaixadores, no interêsse de um Deus que tão bem cuidou do vosso. Sujeitos à religião, os povos pagãos, reconhecidos, vos servirão de longe e vos considerarão soberano. Sois como o sol. Todos desfrutam da sua luz: o que se encontra mais próximo mais aproveita, mas o que se encontra mais longe não fica privado do seu esplendor. Os vossos triunfos repercutem por tôda parte. Embora de outra nação, essa felicidade também nos alcança: sempre que lutais, a batalha é nossa. Mas no auge da glória e do soberano poder, nem por isso a vossa piedade brilha menos que a vossa soberania. É êsse o motivo por que vos interessais pela liberdade de um de vossos servos. Obtive-a de meu príncipe que, embora rei da sua nação, é vosso soldado. Invejo ao jovem cativo a felicidade de ver-vos. Ser-lhe-á menos propício ser restituído a seu verdadeiro pai do que ser apresentado ao pai comum de todos." (6)

Essa alegria da Igreja Católica diante da conversão dos francos fôra predita e mesmo pretermінada pelo profeta Isaías quando, doze séculos antes, a ela se dirige: "Alegra-te, estéril, que não dás à luz; entoa cânticos de louvor e de júbilo, tu que não tinhas filhos, porque os filhos da desamparada são

(6) Labbe, t. IV, 1266.

muito mais do que os daquela que tem marido, diz o Senhor. Alarga o espaço da tua tenda, e estende enquanto puderes as peles dos teus pavilhões; alonga as tuas cordas e segura as tuas estacas. Porque tu te estenderás para a direita e para a esquerda; e a tua posteridade tomará posse das nações, e povoará as cidades desertas". (7)

As esperanças que o Papa Anastácio e Santo Avito, de Viena, depositavam na nação dos francos não foram vãs; os votos que formularam para a sua glória não foram baldados. É a espada dos francos, sob Carlos Martel, que salva a Europa cristã da barbárie maometana; é a espada dos francos, sob Carlos Magno, que consolida a independência, mesmo temporal, da Igreja Romana, e, com ela e por ela, a liberdade e a independência de todos os reis e povos cristãos; é a espada dos francos, sob o comando de Godofredo e de Tancredo, que prepara ao longe a libertação da humanidade inteira, cujo prelúdio começamos a entrever; é a piedade dos francos, ainda mais invencível do que a espada que, na pessoa de São Luís, o mais altivo dos cristãos, triunfa de seus vencedores pelo próprio infortuno. O zêlo dos francos e de seus príncipes em prol da propagação da verdadeira fé tornou-os famosos em tôda a terra. Na Ásia e na África, o nome dos francos é sinônimo de europeus; a França e a Europa são uma só coisa perante êsse continente. No Tonquim, na China, na Grécia, a religião dos francos, a religião da Europa, significa a religião católica. Ainda hoje, é entre os francos que surge a obra da propagação da fé, que espalha as dádivas da sua caridade até nas ilhas mais

(7) Isaías, 54.

longínquas do Oceano Pacífico. E, em 1839, é através dos francos que novamente Cristo conquista a África. Há dez anos atrás, Argel era um covil de ladrões ùnicamente ocupados com escravizar cristãos. Hoje, como conseqüência do valor dos francos, Argel é uma cidade livre e quase cristã; um bispo, escolhido entre os francos, acaba de partir de Roma com as bênçãos do Papa e do mundo para reerguer as antigas igrejas da Cesaréia, de Hipona, de Cirta e de Cartago. E, em 1850, o valor dos francos, e dos republicanos, tornou a colocar Pio IX em Roma, onde o conserva com respeito e amor, não obstante as traições e o punhal de italianos degenerados; e os representantes do povo francês declararam solenemente que a autoridade do Pontífice romano é necessária ao repouso do mundo, e que é direito e dever de tôdas as nações católicas mantê-la intacta contra os inimigos de Deus e do homem.

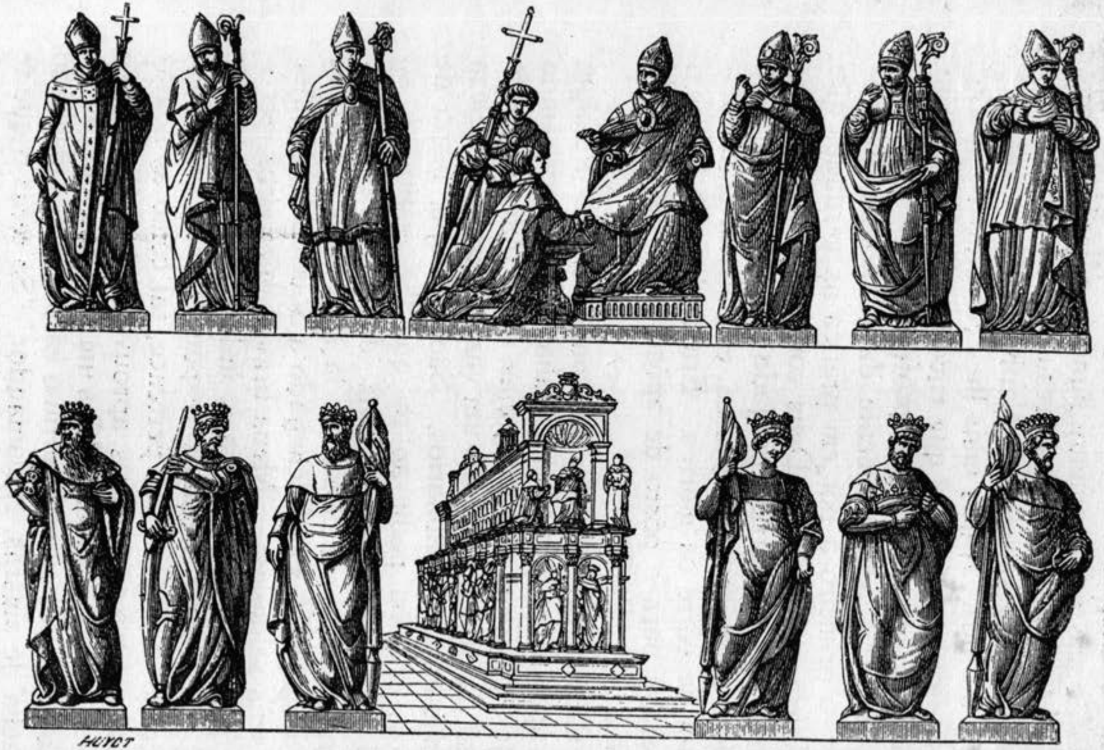
São Remígio nasceu em cêrca do ano de 439 na região, ou mesmo na própria cidade de Laon. Pertencia a uma família das mais ilustres. Seu pai chamava-se Emílio; sua mãe foi Santa Celínia ou Celina. Teve como ama Santa Balsâmia, e como irmão São Príncipe, Bispo de Soissons. Êsses nomes indicam uma família romana.

Remígio, cujo nascimento fôra predito à sua mãe por um eremita chamado Montan, foi instruído com o maior cuidado, tanto nas letras como na piedade. Na opinião de São Sidônio Apolinário, que acompanhou de perto os primeiros anos de sua vida, êle sobrepujou em eloqüência os oradores do seu tempo. Ainda existia no século nono, em Laon, um alojamento secreto, onde se habituara a encerrar-se, a fim de entregar-se mais livremente à oração. Chegou a

deixar a casa paterna, e confinou-se num lugar isolado, onde só a Deus tinha por testemunha da sua vida austera e fervorosa. Quanto à aparência física, era respeitável, com uma estatura de quase sete pés.

Tendo-se vagado o sólio episcopal de Reims, Remígio foi eleito por unanimidade, embora só tivesse vinte e dois anos. Seus merecimentos incomuns foram considerados pelos bispos da província razão suficiente para que lhe fôsse concedida a dispensa da idade canônica. Desde o início, o novo bispo mostrou-se perfeito pastor; dedicava-se com incrível zêlo a tôdas as funções do seu ministério; orava, e meditava as Escrituras; doutrinava o povo confiado aos seus cuidados; trabalhava incessantemente pela conversão dos pecadores, dos heréticos e dos infiéis. Anunciava os oráculos divinos com tanto calor e tanta unção, que houve quem o cognominasse "segundo São Paulo".

São Sidônio Apolinário não conseguia encontrar têrmos bastante expressivos para pintar a admiração inspirada pela ardente caridade e pela pureza de coração com que o nosso santo bispo celebrava os divinos mistérios. Não era menos digno de admiração o zêlo com que pregava a palavra de Deus. A unção que repassava os seus sermões tocava os mais endurecidos corações e levava os mais inveterados pecadores a reparar suas culpas pela penitência. Sua eloqüência e piedade, dizia o mesmo santo, faziam dêle uma das mais brilhantes luzes da Igreja. Acrescenta: "Consegui cópias de seus sermões que considero inestimável tesouro. Admiro nêles a nobreza dos pensamentos, a escolha judiciosa dos epítetos, a beleza e a naturalidade das figuras, a exatidão, a solidez e a fôrça do raciocínio que podem ser com-




Sepulcro de São Remígio, construído na igreja do santo, por Roberto de Lenoncourt, arcebispo de Reims. Século XVI.

paradas à impetuosidade do trovão. As palavras brotam naturalmente e sem afetação. Tôdas as partes da oração são perfeitamente ligadas, o estilo é suave e espontâneo e do conjunto resulta uma fôrça a que não é possível resistir". Nenhum dêsses sermões chegou até nós. Ainda mais lhes ressaltava o mérito a elevação das máximas que encerravam, e o espírito de piedade com que eram proferidos; mas sua eficácia decorria principalmente da santidade do pregador, o primeiro a pôr em prática as verdades que anunciava aos outros. Deus confirmou com o dom dos milagres a doutrina pregada por seu servo. São Remígio exorcizou uma pessoa, e, mais tarde, ressuscitou-a de entre os mortos. Era assim que o céu o preparava para o pôsto de apóstolo de uma grande nação.

Clóvis teve ocasião de conhecer São Remígio logo após a sua entrada na Gália. Os francos, ainda pagãos, pilharam muitas igrejas, entre outras uma de Reims, da qual subtraíram um vaso de prata de beleza e tamanho extraordinários. São Remígio, bispo de Reims, mandou pedir ao rei que lhe restituísse ao menos aquêle vaso. Clóvis disse ao emissário: "Acompanha-me a Soissons; lá será feita a partilha dos despojos". Tendo chegado a Soissons, dirigiu-se aos seus soldados: "Meus bravos guerreiros, peço-vos que me cedais êste vaso, independente da partilha". Os mais sensatos responderam: "Glorioso soberano, tudo isso vos pertence, tal como as nossas pessoas; fazei o que vos aprouver: ninguém saberá resistir ao vosso poder". Mas um soldado, mais audacioso do que os outros, partiu o vaso com seu machado ou acha de amaras, exclamando: "Só terás o que te couber pela sorte!" Foi grande o espanto dos guer-

reiros. Dissimulando a indignação, o rei calmamente apanhou o vaso quebrado e entregou-o ao emissário da Igreja; mas guardou o ressentimento no coração. No fim do ano, ao passar suas tropas em revista, no Campo de Marte, dirigiu-se ao soldado que quebrara o vaso nos seguintes têrmos: "Ninguém tem armas tão sujas quanto as tuas". E, tomando-lhe o machado, atirou-o ao chão. Quando o outro se curvou para apanhá-lo, o rei ergueu o seu e enterrou-lho na cabeça, dizendo: "Foi assim que fizeste com o vaso de Soissons". Essa execução inspirou temor aos soldados. Clóvis levou a efeito muitas guerras e alcançou muitas vitórias; sobretudo, quando no décimo ano de seu reinado subjugou a Tongria, região hoje ocupada por Liège. (8)

Contudo, havia dois anos que o rei Clóvis era prêsa de uma febre intermitente, sem que a arte dos médicos conseguisse restituir-lhe a saúde. Enfim, um dêstes últimos, chamado Tranquillim, aconselhou-o a recorrer a São Severino, abade do Mosteiro de Agune, no Valais. Imediatamente Clóvis enviou ao religioso Tranvário, seu camarista, a fim de pedir-lhe que viesse curá-lo. O santo abade consentiu em fazer a viagem. Despediu-se de seus irmãos, como se não mais devesse vê-los neste mundo, e pôs-se a caminho, ao lado do emissário do rei. Ao passar por Nevers, encontrou doente o Bispo Eulálio, que havia um ano não podia ouvir, nem falar; curou-o com as suas orações e, no mesmo dia, o bispo levantou-se, celebrou a missa e abençoou o povo.

(8) Greg., 1. II, n. 27.

Ao entrar em Paris, Severino encontrou nas portas da cidade um leproso, a quem devolveu a saúde perfeita, beijando-o e esfregando-o com sua saliva. Antes de tudo foi à igreja, rezar; em seguida, apresentou-se no palácio do rei, prosternou-se aos pés do leito de Clóvis em oração e, despojando-se de suas vestes exteriores, com elas cobriu o doente. No mesmo momento, o rei sentiu-se restabelecido, levantou-se da cama e, atirando-se aos pés do seu benfeitor, disse-lhe: "Meu pai, tirai do meu tesouro, para os pobres, todo o dinheiro que vos aprouver; em vossa homenagem, concedo a liberdade a todos os prisioneiros que disso julgardes dignos". Severino operou vários outros milagres na côrte de Clóvis, e na cidade de Paris. Depois, tornou a partir e chegou a Château-Landon, em Gâtinois, onde, segundo Deus lhe dera a conhecer, deveria encerrar a sua carreira. Com efeito, faleceu alguns dias após a chegada, e foi enterrado na capela do lugar. Uma grande quantidade de milagres foram operados no seu túmulo; e, mais tarde, Childeberto, filho de Clóvis, lá mandou construir uma igreja. (9)

Alarico, rei dos gôdos, ao ver que Clóvis subjugava nação após nação, mandara-lhe dizer, havia tempo, por intermédio de embaixadores: "Se consentísseis, meu irmão, o desejo do meu coração seria que nos encontrássemos". Clóvis não se recusou. Encontraram-se numa ilha do Loire, junto de Amboise, em terras de Tours; e, após haverem conferenciado, bebido e comido juntos, e de terem prometido um ao outro recíproca amizade, separaram-se

---

(9) Acta SS., 11 feb.

em paz. (10) Mas eram reis e jovens; e os povos da Gália desejavam os francos; as perseguições de que eram vítimas seus bispos, da parte dos arianos, só lhes estimulava êsse desejo. Assim, restabelecido da prolongada moléstia, Clóvis disse aos francos: "Não posso ver, sem mágoa, os arianos ocupar uma parte da Gália. Vamos derrotá-los, com o auxílio de Deus, e apoderar-nos de suas terras". Os francos aplaudiram-no e prepararam-se para a guerra. Tedorico, rei da Itália, sogro de Alarico e cunhado de Clóvis, de nada descuidara para apagar as primeiras centelhas da discórdia acesa entre os dois príncipes; enviara-lhes cartas e embaixadores; também as enviara ao rei Gondebaud e aos reis das Hérulas, de Guardes e dos turingianos, desejoso de conter os dois rivais com uma coligação geral. Mas de nada adiantaram seus esforços. O rei dos francos acabou declarando guerra a Alarico. (11)

Informado do fato, São Remígio achou que devia dar a Clóvis alguns conselhos paternais e escreveu-lhe nestes têrmos: "Chegaram até aqui rumores de que pretendeis empreender uma segunda expedição militar. Não é de estranhar que vos mostreis tal como foram vossos antepassados. Mas, acima de tudo, deveis proceder de maneira a não vos afastardes da lei do Senhor; pois é o fim que justifica a ação. Deveis escolher conselheiros cuja sabedoria possa conferir novo brilho à vossa glória. Respeitai vossos bispos e recorrei sempre aos seus conselhos. Se permanecerdes em boas relações com êles, vosso reino só ganhará em felicidade e solidez. Aliviai

(10) Greg. Tur., L. II, c. XXXV.
(11) Cassiod., 1. III, epist. 2, 3, 1.

vosso povo, consolai os aflitos, protegei as viúvas e alimentai os órfãos. Procedei de maneira a fazer com que todos vos temam e vos amem. Aplicai estritamente a justiça; nada recebais dos pobres e dos estrangeiros. Que o vosso palácio permaneça aberto para todos, e que ninguém dêle se retire com o coração pesado. Empregai no resgate dos cativos os bens do vosso domínio paterno. Nenhum daqueles que comparecem à vossa presença deve sentir que é estrangeiro. Em resumo, se quiserdes reinar gloriosamente, mostrai-vos agradável com os jovens; mas só tratai de negócios com os velhos. (12)

A fim de atrair ainda mais bênçãos do céu para a sua emprêsa, Clóvis construiu em Paris uma grande igreja dedicada a São Pedro e a São Paulo, junto ao túmulo de Santa Genoveva, falecida alguns anos antes. Também publicou uma ordenação na qual proibiu que os soldados pilhassem os lugares sagrados; que insultassem ou prejudicassem virgens consagradas a Deus, viúvas, clérigos, filhos e viúvas de clérigos, e os escravos das igrejas.

Clóvis dirigiu-se diretamente a Poitiers, onde Alarico o esperava. Ao entrar na Touraine, então em poder dos visigodos, fêz questão de demonstrar seu respeito a São Martinho e procurar merecer a sua proteção. Mandou publicar um pregão público, destinado ao exército, no qual proibia, sob as mais severas penalidades, que tirassem qualquer coisa que fôsse em tôda a extensão da província, a não ser água e erva. Tendo encontrado feno em poder de um pobre camponês, um soldado o arrebatou, argumen-

(12) Labbe, t. IV, 1402.

tando que não passava de erva. Informado do ocorrido, o rei condenou à morte o culpado, dizendo: "Como poderemos conservar a esperança de obter vitória, se ofendermos São Martinho?" Também enviou emissários ao túmulo do santo com ricos presentes a fim de obter, pela sua intercessão, alguns presságios da vitória. Ao entrarem na Igreja de São Martinho, os delegados ouviram o primicério entoar a antífona do salmo décimo-sétimo: "Senhor, vós me revestistes de fôrça para a guerra, derrubastes a meus pés os que se erguiam contra mim: fizestes meus inimigos retroceder, e perecer os que o ódio armara contra mim". Depois de terem entregue seus presentes e feito suas orações no túmulo do santo bispo, os emissários apressaram-se em regressar, transmitindo aquêles felizes prognósticos ao rei, que avançava, cheio de confiança, pelas margens do Viena.

Êsse rio, que separa a Touraine de Poitou, fôra consideràvelmente engrossado pelas chuvas, e os soldados debalde procuraram um vau. Clóvis, segundo o testemunho de Gregório de Tours, passou a noite em oração; e, na manhã seguinte, uma corça de tamanho incomum atravessou o rio pelo vau, à vista do exército, que fêz o mesmo, seguindo-lhe a trilha. Clóvis também se preocupou com mandar preservar os bens da Igreja de Poitiers, por consideração para com Santo Hilário. Esperava merecer-lhe a proteção na luta contra uma nação ariana, com tanta maior confiança por ter-se o santo bispo sempre mostrado inimigo irreconciliável dessa heresia. A esperança do rei não foi frustrada; uma luz esplendorosa, que parecia sair da igreja de Santo Hilário deu-lhe um novo presságio da vitória. Entrementes, Alarico, que esperava reforços, não deixava Poitiers. Para atraí-

lo à luta, Clóvis ordenou aos soldados que devastassem a região; e êsse ardil, que não tardou a produzir resultados satisfatórios, deu-lhe ensejo para admirar a virtude de um santo abade daqueles cantões.

Havia nas imediações de Poitiers um mosteiro governado por São Maixent, originário de Agde, que vivia em reclusão. Vendo aproximar-se um bando de soldados francos, os monges arrancaram-no a contragôsto da cela, a fim de opô-lo, como um escudo, ao furor dos invasores. Maixent avançou intrèpidamente ao encontro dêstes e pediu-lhes poupassem o seu mosteiro. Como única resposta um soldado brutal puxou a espada e ergueu o braço para ferir o santo homem; no mesmo momento seu braço imobilizou-se e êle se jogou aos pés do monge. São Maixent vingou-se restituindo a saúde àquele que pretendera tirar-lhe a vida. Tendo-se inteirado do duplo milagre, Clóvis prestou grandes honras ao santo abade e presenteou-o com as terras de Milon. (13)

Finalmente Alarico deixou Poitiers, onde permanecia e, avançando pelas planícies de Vouillé, ofereceu combate ao inimigo que o procurava. A princípio ambos os adversários bateram-se com denodo; mas a luta era desigual. Os francos nada mais sabiam fazer à não ser guerrear e, amolecidos por um longo descanso na Gália meridional, os visigodos tinham esquecido as artes da guerra. (14) Sucumbiram, pois, e fugiram como costumavam fazer, segundo relata Gregório de Tours. A derrota completou-se quando, avistando o rei Alarico, Clóvis correu-lhe ao encontro e matou-o com suas próprias mãos. E quase pereceu

(13) Greg. Tur., L. II, c. XXXVII.
(14) Cassiod., I. III, Epist. 1.

na ocasião, pois dois gôdos lançaram-se sôbre êle, inesperadamente, e atacaram-no de ambos os lados. Clóvis ficou devendo a vida à solidez da sua couraça e ao vigor do cavalo em que montava.

Depois da morte de Alarico, uma parte dos fidalgos visigodos reconheceu por rei a Gesalico, filho natural do primeiro, e fizeram novas tentativas para defenderem-se. Clóvis não lhes deu tempo, assenhoreou-se da Aquitânia, tomou Toulouse e apoderou-se dos tesouros de Alarico, guardados nessa cidade. Enquanto isso, seu filho Teodorico ou Thierri, que tivera de uma concubina antes de casar-se com Clotilde, dominava o Rouergue, o Albigeois, o Auvergne, e avançava até às fronteiras de Bourgogne.

Tendo passado o inverno em Bordéus, e, de passagem, tomado posse de Angoulême, Clóvis regressou triunfalmente a Tours, onde novas glórias o esperavam. Recebeu uma embaixada do imperador Anastácio, que lhe enviava o título de cônsul, e um vestido de púrpura; de maneira que, daí por diante, relata Gregório de Tours, deram-lhe o título de cônsul e de augusto, ou seja, o que os modernos geralmente entendem por consulato honorário, ou melhor, por patriciado. Clóvis revestiu os adornos ligados às novas dignidades diante do túmulo de São Martinho, que então se encontrava fora da cidade; e, montado a cavalo, com diadema cingindo-lhe a cabeça, cavalgou em triunfo até a catedral de Tours, atirando grande quantidade de moedas de prata ao povo que acorrera para assistir à cerimônia. Anastácio, o Bibliotecário, conta que Clóvis enviou uma

coroa de ouro ao Papa; talvez tenha sido a mesma usada nessa solenidade romana. (15)

Além dos suntuosos presentes que fêz à igreja de Santo Hilário, em Poitiers, e à de São Martinho, em Tours, o vitorioso rei dos francos escreveu uma carta circular aos bispos da Aquitânia, recomendando-lhes que reclamassem tudo quanto tivesse sido arrancado às igrejas, aos clérigos, às virgens consagradas a Deus, e às viúvas pelos soldados, malgrado as ordens dadas no início da guerra. Também consentiu que fôssem reclamados os escravos que não houvessem sido conquistados na guerra, e prometeu mandar restituí-los, sob a condição de os bispos atestarem sob juramento a verdade que afirmassem; precaução exigida pelos francos, receosos de que se servissem do nome da Igreja para privarem-nos de despojos legítimos.

São Remígio, apóstolo dos francos, faleceu no dia 13 de janeiro de 533, com a idade de noventa e seis anos, após setenta e quatro de episcopado. Ainda em gôzo de plena saúde, fizera um testamento que chegou até nós, e no qual constitui seus herdeiros a Igreja de Reims, Lupa, bispo de Soissons, e o sacerdote Agrícola, ambos seus sobrinhos. Entre outras coisas, lega à igreja de Reims, e à de Laon, um grande vaso de prata com o pêso de dezoito libras, para dêle serem feitos cálices e patenas. Acrescentou, referindo-se à igreja de Reims: "Também vos lego outro vaso que me foi dado pelo rei Hlodovic (Clóvis), de gloriosa memória, que ergui às fontes sagradas, e quero que com êle sejam feitos um cibório e

---

(15) Anast., **In Hormisd.**

um cálice esculpidos, o que eu próprio mandarei executar, se o Senhor me conservar a vida". Como êsse cálice deveria servir para a comunhão do povo, ordenou que nêle fôssem gravados os três versos latinos, que mandara insculpir num vaso da Igreja de Laon, e que expressam a fé na presença real, e a transubstanciação. Êsse cálice foi conservado na Igreja de Reims até o tempo de Hincmaro, quando o fundiram para pagar o resgate dos cativos aos normandos. São Remígio deu ao sacerdote Agrícola, seu sobrinho, uma vinha, sob a condição de que fizesse em seu nome uma oferta ao altar nos dias santos e nos domingos, e de que oferecesse todos os anos um banquete aos sacerdotes e aos diáconos da Igreja de Reims. Também incumbiu outro de seus sobrinhos de oferecer, todos os anos, um banquete aos sacerdotes e aos diáconos da Igreja de Laon. Êsse ato de devoção, visando a proporcionar, em certos dias do ano, festas para os cônegos e monges, ganhou prestígio nos séculos seguintes. Vê-se, pelo número de legados, que São Remígio possuía muitas terras e escravos; pois designa êstes últimos até o número de oitenta e quatro, dos quais libertou uma boa porção. (16)

Certo dia, não obstante a avançada idade, o santo bispo de Reims foi convidado para participar de um concílio e confundir um bispo ariano, muito versado em controvérsias e nos meandros da dialética. Remígio não deixou de comparecer e quando entrou, imediatamente todos os padres do concílio se levantaram em sua homenagem. O bispo ariano foi o único a permanecer sentado, em sinal de desdém;

(16) Labbe, t. IV, **Bibl. nov.**, p. 806.

Deus, porém, reservava-lhe uma humilhação proporcionada ao seu orgulho. São Remígio fizera um belo discurso atacando o êrro e todos aguardavam que o sacerdote ariano lhe respondesse; mas êste perdeu o uso da palavra e, incapaz de proferir uma única sílaba, foi lançar-se aos pés do santo bispo para confessar seu pecado e seus erros por entre gemidos e lágrimas. Então o santo lhe disse: "Em nome de Jesus Cristo, Nosso Senhor, verdadeiro Filho de Deus, se nêle credes, falai e confessai aquilo em que a Igreja Católica acredita". Imediatamente o arrogante herético, que se tornara humilde e contrito, recobrou o uso da palavra e confessou claramente a fé na Trindade e na Encarnação. São Remígio, em lugar de gabar-se da vitória obtida, só se serviu da ocorrência para demonstrar aos bispos que nunca deviam repelir os maiores pecadores, pois o Senhor favorecera com um milagre a penitência daquele ariano. (17)

Pouco tempo depois de ter feito seu testamento, São Remígio perdeu a vista. Essa provação redobrou-lhe o fervor e acabou de desprendê-lo da terra. Teve, porém, o consôlo de recobrar o uso dos olhos antes de morrer. São Sidônio e São Gregório tecem grandes elogios à sua eloqüência e à sua erudição. Tinha dignos amigos. A história menciona um dêles, chamado Anatólio, que chegou a fundar doze hospitais com seus próprios recursos. São Romano, abade de Mantenai, junto de Troyes, foi seu sucessor na sede de Reims. Havia formado vários discípulos que se distinguiram pela santidade de vida, sendo o santo abade Thierri o mais ilustre dêles. Filho de um ladrão, de tal modo o favoreceu a graça divina que,

(17) Flodoard, L. I, c. XVI.

tendo-se, a contragôsto, prendido nos laços do casamento, persuadiu a espôsa de que ambos deveriam conservar-se continentes. Depois foi para junto de São Remígio e, sob a sua direção, construiu nas imediações de Reims, um mosteiro no qual não tardou em reunir fervorosa comunidade. Tendo sido ordenado pregador, trabalhou zelosamente pela conversão das almas, em particular pela alma de seu pai, que de ladrão se tornou monge.

Um dia, quando o santo abade passava, na companhia de São Remígio, pelas imediações da cidade, cantando salmos, sùbitamente lhe faltou a voz. Acontecendo-lhe a mesma coisa, na volta, São Remígio indagou a razão daquele acidente. Respondeu-lhe que era causado pela mágoa de ver almas perderem-se quase sob os olhos de seu bispo, e aconselhou-o a transformar aquêle infame lugar num mosteiro de viúvas e de arrependidas, onde aquelas infelizes pudessem recolher-se. São Remígio aceitou o conselho e transformou-o em realidade. (18)

O discípulo não sobreviveu muito tempo ao mestre. São Thierri faleceu no primeiro dia de julho, cêrca do ano de 533, depois de ter-se tornado famoso no reino da Austrásia por grande número de milagres. O rei de Metz, Thierri ou Teodorico, informado de sua morte, apressou-se em comparecer ao mosteiro e fêz questão de levar pessoalmente o corpo até o lugar da sepultura, num ato ao mesmo tempo de gratidão e de piedade. Aquêle príncipe estivera arriscado a perder um ôlho e fôra curado pelo abade, motivo pelo qual doara ao mosteiro as terras de Germigni.

---

(18) Flodoard, L. I, c. XXIV. **Hist. de l'Eglise Gallicane**, 1. V.

Por essa época, uma princesa do sangue de Clóvis distinguiu-se pela persistência na fé católica. Amalarico, rei dos visigodos, que reinava na Septimânia, e na Espanha, desposara uma filha do rei dos francos, que se chamava Clotilde, tal como sua mãe. O rei gôdo nada poupou para conduzi-la ao arianismo. Ela resistiu às suas carícias e às suas ameaças. Amalarico apelou para os maus tratos: quando se dirigia para a igreja, atirava-lhe, ou melhor, mandava que lhe atirassem lama e imundícias. Enfim, espancou-a várias vêzes até fazê-la sangrar. Então Clotilde mandou um lenço tinto com sangue a seu irmão Childeberto, rei de Paris, e êste imediatamente se pôs a caminho para libertá-la. (19)

Ao passar pelo Berri, visitou um santo eremita chamado Eusício e ofereceu-lhe cinqüenta moedas de ouro. O santo homem recusou-se a recebê-las e disse ao rei: "Por que me ofereceis essas moedas? dai-as a alguém que as distribua aos pobres. Quanto a mim, delas não necessito: basta-me orar ao Senhor pela remissão dos meus pecados". Acrescentou: "Ide, alcançareis a vitória e fareis segundo a vossa vontade". Childeberto obteve vitórias por tôda parte e pilhou os tesouros de Amalarico, que foi morto quando fugia, ao que parece por Theudis, seu sucessor; pois tendo o novo rei dos visigodos sido assassinado alguns anos depois, recomendou insistentemente não lhe vingassem a morte, porque êle também matara o chefe do seu povo. (20) Childeberto retornou triunfante e distribuiu às igrejas do reino os vasos sagrados que se encontravam nos despojos, a saber:

---

(19) Greg. de Tours, l. III, c. X.

(20) Ibid. De glor. conf. c. LXXXII.

sessenta cálices, quinze pátenas, vinte capas de livros de Evangelho, tudo de ouro puro e guarnecido de pedras preciosas. Mas Clotilde, sua irmã, morreu em caminho, sem dúvida em conseqüência dos maus tratos que sofrera pela religião. O corpo foi levado para Paris e enterrado junto ao de Clóvis, seu pai.

No regresso, o rei Childeberto mandou construir um mosteiro para Santo Eusício: o de Celle, no Berri. Eusício era originário de Perigueux. A pobreza obrigara seus pais a vendê-lo ao abade de Percy. Serviu algum tempo no mosteiro, onde, depois de ter sido recebido entre os monges, foi elevado ao sacerdócio e obteve a permissão de retirar-se para qualquer lugar solitário; mas as suas virtudes e os seus milagres atraíram-lhe discípulos. Certo dia, curou um de seus vizinhos que estava com febre intermitente. Êste, voltando-se, avistou duas colmeias que os clérigos do santo homem haviam colocado numa árvore. Resolveu roubá-las. Retornou, pois, à noite, juntamente com um cúmplice, e subiu à árvore a fim de apanhar as colmeias e fazê-las descer, dentro de cestos, às mãos do companheiro. Justamente nesse momento o santo se aproximou e o cúmplice fugiu sem nada dizer. O outro, em cima da árvore, fêz descer a cesta que Santo Eusício recebeu nas mãos e depositou no chão. Mas quando ia repetir a manobra, ouviu o bom velho dizer-lhe: "Chega por hoje, meu filho; deixa a segunda colmeia para o seu legítimo dono". Ao ouvir essas palavras, o ladrão, aterrorizado, atirou-se ao chão. Tendo-o levado à sua cela, perguntou-lhe Eusício: "Por que escutaste as sugestões dos demônios? Não recebeste ainda

ontem a bênção do Senhor? Se me tivesses pedido o mel, eu to teria dado sem fazer objeções". Enfim, depois de entregar-lhe um favo, deixou-o ir, dizendo: "Não tornes a fazer isso, pois o roubo é dinheiro de satanás". São Leonardo sucedeu a Santo Eusício no govêrno do mosteiro de Celle. (21)

* * *

(21) Greg. Tur., **De glor.** Conf., c. LXXXII. Isid. **Hist. goth.**

# MARIA MEDIADORA (*)

O glorioso nome de Maria Mediadora exprime um poder, o poder, e confortador, que Maria tem sôbre seu divino Filho, no que nos diz respeito, aos que habitamos cá na terra. É um privilégio, e privilégio imenso, fundado sôbre sua dupla maternidade, a maternidade natural, relativamente a Jesus, e a maternidade espiritual, no que respeita aos homens.

Tal privilégio, o de medianeira, conquistou-o a Virgem Mãe em virtude da cooperação que prestou à obra de redenção. Recebendo o poder de obter e de distribuir tôdas as graças destinadas por Deus aos homens, Maria deve ocupar destacadíssimo lugar em nossos corações, *porque Deus quer que tudo tenhamos por Ela*, segundo o mais célebre panegirista da Virgem, São Bernardo. (1)

Diz ainda o grande santo:

"Quem é mais digno do que Vós, ó Maria, para interceder por nós junto do Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo? Falai, ó Soberana, vosso divino Filho vos escutará e vos concederá tudo o que lhe pedirdes".

— — — —

(1) VI Sermão sôbre a Natividade de N. S.; VI.ª lição do ofício de Maria Mediadora.

As origens desta doutrina encontram-se no Gênesis, na passagem que trata do brilhante despique da mulher e da sua posteridade sôbre a serpente. Sôbre êste ponto, Pio IX (2) diz:

"Ao explicar (3) as palavras com que, desde as origens do mundo, Deus anunciou os remédios preparados pela sua misericórdia para a regeneração dos homens, confundiu a audácia da serpente enganadora e reergueu admiràvelmente as esperanças do gênero humano, dizendo: *Porei inimizades entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela* (4), êles ensinaram que, com esta divina profecia, foi clara e abertamente indicado o misericordiosíssimo Redentor do gênero humano, isto é, o Filho Unigênito de Deus, Jesus Cristo; foi designada sua santíssima Mãe, a Virgem Maria; e, ao mesmo tempo, foi nìtidamente expressa a inimizade de um e da outra contra o demônio.

"Em conseqüência disto, assim como Cristo, Mediador entre Deus e os homens, assumindo a natureza humana destruiu o decreto de condenação que havia contra nós, cravando-o triunfalmente na Cruz, assim também a Santíssima Virgem unida com Êle por um liame estreitíssimo e indissolúvel, foi, conjuntamente com Êle e por meio d'Êle, a eterna inimiga da venenosa serpente, e esmagou-lhe a cabeça com seu pé virginal".

A Bíblia, assim, proclama a mediação da Santa Virgem, anunciando que por Ela virá o Vencedor do demônio, operando, dessarte, a reconciliação do ho-

---

(2) Bula **Ineffabilis Deus.**

(3) Os Padres e os Escritores eclesiásticos.

(4) Gen. 3, 15.

mem com Deus. No Evangelho, Deus no-la dá como Mãe, título que o concílio de Éfeso proclamou.

Os *Diálogos* de São Justino oferecem-nos uma das argumentações fundamentais da mediação de Maria — a antítese de Eva e de Nossa Senhora.

Santo Ambrósio escreveu:

"Maria deu-nos o autor da salvação". (5)

E Santo Agostinho:

"Maria é a mãe de todos os membros de nossa cabeça, Jesus Cristo".

São Bernardo fala ainda de Maria Santíssima como o *aqueduto das graças.*

Santo Tomás de Aquino ensina que a Virgem deu o consentimento à encarnação em nome da humanidade inteira.

Bossuet foi grande defensor da mediação marial, e dizia:

"Intercedei por nós, ó bem-aventurada Virgem! Tendes em vossas mãos, se ouso dizê-lo, a chave das bênçãos divinas. Vosso Filho é essa chave misteriosa, com a qual se abrem os cofres do Pai Celeste".

Leão XIII (6) declarou:

"Do mesmo modo que não se pode ir ao Pai senão pelo Filho, semelhantemente não podemos chegar ao Filho senão pela Mãe".

Pio XI (7):

"Quem considerar atentamente os anais da Igreja Católica verá, fàcilmente, unido a todos os fastos do nome cristão, o valioso patrocínio da Virgem Mãe de Deus. E, na verdade, quando os erros, grassando

---

(5) Da instit. das virgens, XIV.

(6) Encíclica **Octobri mense,** 1891.

(7) Encíclica **Ingravescentibus malis,** 1937.

por tôda parte, procuravam dilacerar a túnica inconsútil da Igreja e subverter o mundo católico, Àquela que, "única, destruiu tôdas as heresias do mundo inteiro recorreram os nossos pais e se lhe dirigiram com o coração cheio de confiança. E a vitória por Ela obtida trouxe-lhes tempos mais felizes. Quando a impiedade muçulmana, confiada em poderosas armadas e grandes exércitos, ameaçava arruinar e escravisar os povos da Europa, foi implorada instantìssimamente, por conselho do Sumo Pontífice, a proteção da Mãe celeste. E dêste modo foram destruidos os inimigos e submergidas as suas naus. E, tanto nas calamidades públicas, como nas necessidades particulares, tem recorrido a Maria, suplicantes, os fiéis de todos os tempos, para que Ela venha benignìssimamente em seu socorro, obtendo-lhes o alívio e o remédio dos males do corpo e da alma. E jamais o seu poderosíssimo socorro foi esperado em vão por aquêles que o imploram com prece confiante e piedosa".

Pio XII (8):

"Ao ponderardes a situação tão sobrecarregada de graves perigos, não deveis, Veneráveis Irmãos, deixar-vos abater pelo desânimo, mas lembrados daquela palavra divina: *Pedi e dar-se-vos-á, buscai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á* (9), com fé mais firme voltai-vos para a Virgem Mãe de Deus, sob cujo manto encontrou sempre refúgio o povo cristão nas horas de perigo, pois Ela foi constituída causa de salvação para todo o gênero humano". (10)

---

(8) Encíclica **Ingruentium malorum.**

(9) Lc. 11, 9.

(10) Sto. Iren., Advers. haer., III, 22; Mg., VII, 959.

São Pio X (11):

"Maria é o caminho mais seguro e mais fácil para Cristo.

"Quem é que não tem por certo que não há caminho mais seguro e mais fácil que Maria por onde os homens possam chegar a Jesus Cristo, e alcançar, por intermédio de Cristo, essa adoção perfeita de filhos que os faz santos e imaculados na presença de Deus? Por certo, se realmente foi dito à Virgem: *Bem-aventurada és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que pelo Senhor te foram ditas* (12), isto é, que conceberia e daria à luz o Filho de Deus; se, por conseguinte, Ela acolheu em seu seio Aquêle que por natureza é a Verdade, de forma que, *engendrado numa nova ordem e por um novo nascimento . . ., invisível em si, se fizesse visível em nossa carne* (13); visto que o Filho de Deus é o *autor e consumador de nossa fé,* é de estrita necessidade que Maria seja participante dos divinos mistérios e de algum modo sua guardiã e que também sôbre Ela, como o mais nobre alicerce, após Jesus Cristo, repouse a fé de todos os séculos.

"E como poderia ser de outra forma? Não nos poderia ter Deus concedido por outro meio, que não Maria, o reparador da humanidade e o fundador da fé? Mas como aprouve à eterna Providência que o Homem-Deus nos fôsse dado pela Virgem e visto que esta, tendo-o concebido por virtude do divino Espírito, na realidade o carregou em seu seio, que nos resta ainda, senão receber Jesus das mãos de

(11) Encíclica **Ad diem illum.**

(12) Lc. 1, 45.

(13) **S. Leo M., Serm. 2 de Nativitate Domini, c. 2.**

Maria? Por isso, sempre que nas Sagradas Escrituras se *fale da graça que nos aguarda*, sempre também, ou a mais das vêzes, o Salvador dos homens aparece acompanhado da sua santa Mãe. O Cordeiro dominador da terra há de vir, mas da pedra do deserto; a flor brotará, mas da raiz de Jessé. Em vendo, no futuro, Maria esmagar a cabeça da serpente, Adão estancou as lágrimas que a maldição arrancava de seu coração. Maria ocupa a mente de Noé na arca libertadora; de Abraão, impedido de imolar seu filho; de Jacob, contemplando a escada por onde subiam e desciam os anjos; de Moisés, admirando a sarça que ardia sem se consumir; de David, cantando e dançando, ao conduzir a arca de Deus; de Elias, lobrigando a nuvenzinha erguer-se no mar. E, sem nos alongarmos por demais, em Maria temos, depois de Cristo, o fim da lei, a verdade das imagens e dos oráculos.

"Na verdade, que seja por Maria, e sobretudo por Ela, que encontramos o caminho para o conhecimento do Cristo, ninguém poderá duvidar, se considerarmos, entre outras coisas, que no mundo sòmente Ela teve com Êle, sob o mesmo teto e numa familiaridade íntima de trinta anos, essas relações estreitas que são próprias de mãe e filho. Os admiráveis mistérios do nascimento e da infância de Jesus, máxime os que respeitam à sua Encarnação, princípio e fundamento de nossa fé, a quem poderiam ter sido desvendados mais amplamente que à sua Mãe? *Ela guardava e considerava em seu coração* os acontecimentos que vira em Belém e presenciara no templo de Jerusalém; mas, participante de seus conselhos e dos desígnios secretos de sua vontade, viveu, deve-se dizer, a vida mesma de seu Filho. Sim, jamais alguém

no mundo conheceu, como Ela, Jesus em seu íntimo; não há mestre melhor, nem guia mais seguro para fazer conhecer a Jesus Cristo.

"Segue-se, como conseqüência, que jamais alguém será mais poderoso que a Virgem para unir os homens a Cristo, como já o temos insinuado. Se, com efeito, segundo a doutrina do Mestre divino, *a vida eterna consiste em que êles te conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, que tu enviaste* (14); como por Maria chegamos ao conhecimento de Jesus Cristo, por Êle também nos é mais fácil adquirir a vida, da qual Êle é o princípio e a fonte.

"E agora, por pouco que consideremos quantos e quão prementes motivos levam esta Mãe Santíssima a nos dar profusamente da abundância de seus tesouros, que de incrementos não tomará nossa esperança? Não é Maria a Mãe de Deus? Portanto é Mãe nossa também. Pois deve-se estabelecer o princípio de que Jesus, Verbo feito carne, é ao mesmo tempo o Salvador do gênero humano. Em conseqüência, como Deus Homem, Êle tem um corpo qual os outros homens; como Redentor de nosso gênero, um corpo *espiritual* ou, como só dizer-se, *místico*, que outra coisa não é que a comunidade dos cristãos unidos a Êle pela fé. *Embora muitos, somos um só corpo em Cristo.* (15) A Virgem, pois, não concebeu o Filho de Deus só para que, d'Ela recebendo a natureza humana, se tornasse homem; mas a fim de que Êle se tornasse, mediante esta natureza d'Ela recebida, o Salvador dos homens. O que explica as palavras dos anjos aos pastôres: *Hoje nasceu-vos o*

---

(14) Jo. 17. 3.

(15) Rom. 12, 5.

*Salvador, que é o Cristo Senhor.* (16) Por isso, no seio virginal de Maria, onde Jesus assumiu a carne mortal, lá mesmo Êle se agregou um corpo *espiritual* formado de *todos os que deviam crer n'Êle.* E pode dizer-se que Maria, levando Jesus em suas entranhas, levava também todos aquêles cuja vida o Salvador trazia. Todos, portanto, que, unidos a Cristo, somos, consoante as palavras do Apóstolo, *membros do seu corpo, de sua carne e dos seus ossos* (17), devemos crer-nos nascidos do seio da Virgem, donde um dia saimos qual um corpo unido à sua cabeça. É por isso que somos chamados, num sentido espiritual e místico, filhos de Maria, e Ela é, por sua vez, nossa Mãe comum. *Mãe espiritual, contudo verdadeira mãe dos membros de Jesus Cristo, quais somos nós.* (18) Se, pois, a Bem-aventurada Virgem é ao mesmo tempo Mãe de Deus e dos homens, quem pode duvidar de que Ela se desvele com tôdas as fôrças junto de seu Filho, cabeça do corpo da Igreja (19), a fim de que Êle derrame sôbre nós, seus membros, os dons de sua graça, notadamente aquêle que nos leva a conhecê-lo e *nos faz viver por Êle?* (20)

"Mas não foi apenas para seu próprio louvor que a Virgem ministrou a matéria de sua carne ao Filho unigênito de Deus, que haveria de nascer com membros humanos (21), e que Ela preparou, desta forma, uma vítima para a salvação dos homens; sua missão foi também velar por esta vítima, nutri-la e

---

(16) Lc. 2, 11.
(17) Eph. 5, 30.
(18) S. Ang., L. de S. Virginitate, c. 6.
(19) Col. 1, 18.
(20) 1 Jo. 4, 9.
(21) S. Beda Ven., lib. IV in Luc. XI.

apresentá-la ao altar, no tempo estabelecido. Por isto, entre Maria e Jesus reinou perpétua sociedade de vida e sofrimentos, que nos permite aplicar a ambos estas palavras do Profeta: *A minha vida vai-se consumindo com a dor e os meus anos com os gemidos* (22). E quando chegou a hora derradeira de Jesus, vemos a Virgem *aos pés da cruz*, horrorizada certamente ante a visão do espetáculo, *mas feliz porque seu Filho se oferecia vítima pela salvação dos homens e, ademais, de tal modo partícipe de suas dores que teria preferido padecer os tormentos que cruciavam o seu Filho, tal lhe fôsse dado fazer.* (23)

"Em conseqüência dessa comunhão de sentimentos e de dores entre Maria e Jesus, a Virgem *fêz jus ao mérito de se tornar legìtimamente a reparadora da humanidade decaída* (24) e, portanto, dispensadora de todos os tesouros que Jesus nos adquiriu por sua morte e por seu sangue".

E Pio X continua, abordando o título "Maria, a Medianeira poderosíssima":

"Não se pode dizer, sem dúvida, que a dispensação dêstes tesouros não seja de alçada própria e particular de Jesus Cristo, porque fruto exclusivo de sua morte e por Êle mesmo, em virtude de sua natureza, o mediador entre Deus e os homens. Contudo, em vista dessa comunhão de dores e de angústias, já mencionada, entre a Mãe e o Filho, foi concedido à Virgem o ser, junto do Filho unigênito, a mediadora poderosíssima e advogada de todo o mundo. (25)

---

(22) Sl. 30, 11.

(23) S. Bonav., I Sent., d. 48, ad Litt., dub. 4.

(24) Eadmeri Mon., De Excellentia Virginis Mariae, c. IX.

(25) Pio IX, Bula Ineffabilis.

O manancial, pois, é Jesus Cristo: *E todos nós recebemos de sua plenitude* (26), *do qual todo o corpo coligado e unido por tôdas as juntas que mùtuamente se auxiliam, segundo a operação da medida de cada membro, efetua o aumento do corpo para edificação de si mesmo em caridade.* (27) Como nota com acerto São Bernardo, Maria é, na verdade, o *aqueduto;* ou então, essa parte média que tem por missão unir o corpo à cabeça e transmitir àquele os influxos e eficácias desta, o que vale dizer: o pescoço. *Sim,* diz São Bernardo de Sena, *Ela é o pescoço de nossa Cabeça, pelo qual comunica todos os dons espirituais a seu corpo místico.* (28) Torna-se, por conseguinte, evidente que não atribuimos à Mãe de Deus uma virtude geradora da graça, virtude esta que é só de Deus. Contudo, porque Maria excede a todos em santidade e em união com Cristo, e por ter sido associada por Êle à obra redentora, Ela nos merece de *congruo,* segundo a expressão dos teólogos, o que Jesus Cristo nos mereceu de *condigno,* sendo Ela a ministra suprema da dispensação das graças. *Êle* (29) *está sentado à direita da Majestade nas alturas.* (30) Ela, Maria, está à direita de seu Filho: *O refúgio mais seguro, mais valioso amparo de quantos se acham em perigo; nada, pois, temos a temer sob sua conduta, seus auspícios, seu patrocínio, sua égide.* (31)

---

(26) Jo. 1, 16.

(27) Eph. 4, 16.

(28) S. Bern. Sen., Quadrag. de Evang. aeterno serm. X, a 3, c. 3.

(29) Jesus.

(30) Heb., 1, 3.

(31) Pio IX, Bula **Ineffabilis.**

"Estabelecidos êstes princípios, e para tornarmos ao Nosso propósito, quem não reconhecerá termos afirmado com justa razão ser Maria, companheira inseparável de Jesus desde a casa de Nazaré até o Calvário, conhecedora mais que ninguém dos segredos do seu coração, dispensadora, como de direito materno, dos tesouros de seus méritos, tornando-se, por todos êsses motivos, um auxílio certíssimo e muito eficaz para se chegar ao conhecimento e ao amor de Jesus Cristo? Ah! Êsses homens que, seduzidos pelos artifícios do demônio ou enganados por falsas doutrinas, julgam poder prescindir do auxílio da Virgem, nos fornecem disto em sua prova assaz peremptória. Pobres infelizes, desconhecem Maria, sob pretexto de tributar honra a Cristo! Como se pudéssemos *achar o menino de outro modo que não pela Mãe!*"

* * *

# SÃO SULIAU (*)

## *Abade*

## *Século VI*

Suliau era filho de Bromail, rei do País de Gales. Diz-se dêle que, um dia, ainda menino, a brincar com os companheiros, viu passar um padre, chamado Guimarck, a cantar hinos com doze dos seus discípulos, e ficou encantado. Quis então, seguí-los, para aprender aquilo que tão docemente cantavam, mas os amiguinhos procuraram retê-lo, dizendo-lhe que se fôsse o rei havia de ficar imensamente zangado.

Suliau não lhes deu ouvidos, e, desvencilhando-se daqueles que desejavam impedi-lo, deixou-os, e largou a correr atrás do padre Guimarck e os doze discípulos, que já iam longe. Alcançando-os, reuniu-se a êles.

Ora, os amigos de Suliau, que nada puderam fazer para que o menino fôsse juntar-se aos religiosos, correram avisar o rei.

Bromail, assim que se inteirou do sucesso, despachou imediatamente trinta homens para que lhe trouxessem o filho e matassem o padre Guimarck,

mas, quando os soldados lá chegaram, encontraram o pesado portão fechado e os religiosos, com Suliau, ao abrigo, atrás dos muros do mosteiro.

O santo ali viveu para sempre, e quando Guimarck faleceu, sucedeu-o.

* * *

# SÃO BAVO (*)

## *Monge*

Bavo teria nascido numa nobre família belga e levado vida pouco edificante até a mocidade. Tendo-se casado com uma filha do conde Adilion, a qual lhe deu uma filha, Agletrudes, à morte da espôsa, arrependido de tudo o que fizera, dispersivamente, resolveu não mais se casar. E, um dia, indo em busca de Santo Amando, então em Gand, atirou-se aos pés do santo homem, confessando-lhe, em lágrimas, tôdas as faltas do passado. Desde aquêle dia, mudou radicalmente de vida: distribuiu os bens aos pobres e tornou a Gand, onde Santo Amando acabava de fundar um mosteiro em honra de São Pedro.

Bavo foi tonsurado, abraçou a vida religiosa e principiou a fazer penitência, depois de ter, por uns tempos, seguido Santo Amando nos trabalhos apostólicos.

Segundo uma das quatro *Vidas* latinas de São Bavo, um dia, o santo encontrou um homem que, outrora, vendera como servo a um poderoso senhor. Transtornado com o encontro, arrependido ao extremo do que fizera a um ser humano, caiu de joelhos aos seus pés e rogou-lhe, instantemente, que o conduzisse à prisão, como criminoso.

Foi na reclusão que Bavo principiou a instruir-se nos Padres do Deserto e a sofrer as mesmas tentações que Santo Antônio experimentou.

Quando se sentiu perto da morte, pediu a um velho solitário, chamado Donlino, que vivia em Thourout, para que viesse assisti-lo. Donlino, embora tivesse que atravessar uma grande floresta, que naqueles tempos jazia infestada pelos piores salteadores, não hesitou. Era a 1.º de outubro de 659, e Bavo, santa e suavemente, faleceu nos braços do velho padre solitário de Thourout.

Morto, Bavo apareceu a Santa Gertrudes de Nivelles, e a ela rogou que lhe enterrasse o corpo, o que a Santa fêz, com unção. Sepultado no interior de Gand, no mosteiro de Ganda, que seria, mais tarde, de São Bavo, desapareceu assim o "discípulo do pai Amando".

---

No mesmo dia, em Roma, o bem-aventurado Aretas, mártir, e quinhentos e quatro outros.

Em Tournai, na Gália, São Piato, sacerdote e mártir: por pregar o Evangelho, foi torturado e morto sob Maximiano, indo-se, assim, para o Senhor. Segundo uma legenda, Piato teria sido enviado de Roma com onze companheiros, dentre êles Dionísio de Paris e Quintino, para pregar na Gália. Dionísio teria ordenado Piato para Tournai. São Quintino ter-se-ia encarregado de Amiens. São Piato, padroeiro de Tournai, emprestou o nome a uma paróquia de Chartres.

Em Tomi, no Ponto, os santos mártires Prisco, Crescêncio e Evágrio.

Em Lisboa, Portugal, os santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, suas irmãs, que sofreram durante a perseguição de Diocleciano, em 303.

Em Tessalônica, São Donino, mártir, sob o imperador Maximiano (século IV). Citado no dia 30 de março, a 1.º de outubro novamente aparece: dia em que é honrado em Constantinopla.

Em Orvieto, São Severo, sacerdote e confessor. De culto antiquíssimo, em Orvieto erigiram-lhe uma abadia *in memoriam*.

Em Bar-sur-Alba, Langres, Santa Germana, mártir. Diz uma antiga legenda que Santa Germana, que servia na igreja de Santo Estêvão, teve a cabeça cortada, quando da incursão vândala, pelo chefe invasor: tomando a cabeça entre as mãos, deixou os carrascos e voltou à igreja, donde fôra tirada à fôrça. (1)

Um Toul, Santo Albino, bispo (século VI?).

Em Troesne, diocese de Soissons, São Vulgis, ermitão, no século VI. Em 1110, Hugo, o Branco, senhor de La Ferté-Milon, fundou um priorado sob a invocação de São Vulgis, Santo que uma legenda dá como sendo discípulo de São Remígio.

Em Constantinopla, São Romanos, o Melodioso (século VI?), um dos mais importantes poetas litúrgicos bizantinos. Natural da Síria, foi diácono da igreja da Ressurreição de Beirute. Passando a Constantinopla, retirou-se à igreja da Santíssima Mãe de Deus. Diz-se que, numa noite de Natal, Maria apareceu-lhe: trazia um papiro na mão e, estendendo-lhe, ordenou que o comesse. Romanos, prontamente,

---

(1) São muitas as lendas e legendas de santos que, tendo a cabeça cortada, tomam-na nas mãos e se vão ao local do martírio.

atendeu-a, e, quando voltou do êxtase, pôs-se a cantar:

*A Virgem,*
*hoje,*
*terá Aquêle que está acima de todos os sêres.*

Traduzindo livremente:

*Vinde todos,*
*cantemos Aquêle que foi crucificado por nós.*
*Maria viu-o sôbre o lenho,*
*e disse:*
*Tu maravilhosamente suportastes a cruz,*
*tu, que és meu Filho e meu Deus.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Tu vais,*
*ó meu coração,*
*a uma morte iníqua,*
*e ninguém te chora.*
*Pedro não mais te acompanha,*
*êle, que disse:*
*Não te renegarei jamais!*
*Tomé deixou-te,*
*êle, que gritou:*
*Morreremos todos contigo!*
*E os outros,*
*todos:*
*tua casa,*
*teus filhos,*
*os que devem julgar as tribos de Israel,*
*onde estão agora?*

*Ninguém, ninguém.*
*Único,*
*Morres por todos,*
*meu Filho.*
*Só,*
*o Salvador de todos,*
*que resgatas a todos,*
*meu Filho e meu Deus.*

Os poemas de Romanos são longos, de versos curtos e ritmo variado.

Na Bretanha, Santa Uríela, virgem (século VII), ou Euríela, irmã do rei Judicael, da Bretanha.

Na diocese de Cambrai, São Wasmulfo, ou Wasnon (século VII?). O culto é antigo, mas não nos ocorre, sôbre sua vida, dado algum.

Ainda na diocese de Cambrai, São Dodon, abade, no século VIII. Discípulo de Santo Ursmer, que o enviou a governar a abadia de Wallers. Dodon, preferindo a vida eremítica, retirou-se à solidão, a pouca distância de Wallers, e ali, governando a fundação, faleceu santamente, depois de muitos anos, a 1.º de outubro, pelo meio do século VIII.

Perto de Sebasta, ou de Nisiba, São Miguel, arquimandrita, e trinta e seis monges, em 782.

Em Milão, o bem-aventurado Tomé, arcebispo, falecido em 783.

No mosteiro de São Lourenço de Leira, na Navarra, São Viril, abade (século VIII ou IX).

Na Inglaterra, os bem-aventurados Roberto Wilcox, Eduardo Campion, Cristóvão Bruxton, Roberto Widmerpool, Raul Crockett, Eduardo James e João Róbinson, mártires, em 1588.

Em Nagasaki, Japão, os bem-aventurados Gaspar Ficogiro e André Yachinda, mártires, em 1617.

Em Tolosa, São Sílvio, bispo e confessor, que se sobressaiu pelo culto que rendeu a São Saturnino, apóstolo de Tolosa, cujo túmulo protegeu com uma basílica. Faleceu em 400.

Em Osnabruck, Santa Helmetrudes, cujo corpo repousava na igreja das ursulinas de Herse, em Westfália (século X ou XI).

* * *

## 2.º DIA DE OUTUBRO

### *Os Santos Anjos da Guarda*

Bem que gostaria, meus bons Anjos, de fazer uma prece para vós e convosco. Ajudai-me, peço-vos. Jesus, vosso Senhor e também o meu, ensina-me no Evangelho que contemplais incessantemente a face de Nosso Pai que está nos céus. Oh! como eu quereria fazer convosco essa prece! Como desejaria, convosco, contemplar Deus face a face, ver tôdas as coisas nêle e êle em tôdas as coisas, admirá-lo, amá-lo, e exclamar convosco: "Êle é santo! é santo!" Ai de mim! disso não sou digno, nem capaz. Pelo menos, desejaria fazer aquilo que fazeis.

Meu bom Anjo, contemplais incessantemente a face de nosso Pai que está no céu; rejubilo-me convosco e por vós; pois é a felicidade do próprio Deus. Mas ao mesmo tempo pensais continuamente em mim: agradeço-vos, amo-vos com todo meu coração.

Velais sôbre mim, acompanhais-me por tôda a parte, mais de uma vez me carregastes em vossas mãos para livrar-me de perigos espirituais e corporais: sois meu guarda do corpo e da alma. Foi o próprio Deus quem me recomendou a vós; e há muitos anos que me guardais com amor. Quantas vêzes deixei de pensar em Deus e em vós! Quantas vêzes esqueci

a vossa presença, repeli vossas inspirações! Quantas vêzes, enfim, tão pouco me assemelhei a vós!

Anjos de Deus, ocorre-me uma idéia que mal me atrevo a expressar. Também sou um anjo, também deve ser um anjo para as crianças que Deus me confia. Anjos invisíveis dessas criancinhas, fazei com que eu seja a vossa imitação visível. Contemplais incessantemente a face de nosso Pai celeste; fazei com que eu nada mais considere a não ser Deus. Velais contìnuamente sôbre mim; fazei com que também eu vele sôbre os que foram confiados à minha guarda. Vós me conduzis ao bem por meio de vosso exemplo e de vossas inspirações; fazei com que eu também conduza os outros ao bem; enfim, fazei com que me assemelhe a vós.

* * *

# SÃO LEODEGAR

## *Bispo de Autun e vários outros santos da mesma época*

Pelos fins do sétimo século, a nação dos francos estava às voltas com uma dessas crises que na linguagem moderna são chamadas revoluções políticas. A antiga dinastia finava-se na inércia e na moleza; urgia, pois, que desse nascimento a uma nova dinastia: parto longo e doloroso. Os descendentes de Clóvis, conhecidos sob a alcunha de reis indolentes, anulavam-se cada vez mais. Ora, quando o chefe se anula, é natural que o primeiro, logo abaixo, lhe tome o lugar. Tratava-se de saber quem seria o primeiro do palácio, o maior, em latim *major palatii*. Em 664, no reinado do rei nominal da Nêustria, Clotário III, era Ebroíno o prefeito do palácio; o da Austrásia, no reinado do rei nominal Childerico II chamava-se Wulfoaldo. Tendo Clotário III falecido em 670, com dezenove anos, no máximo, imediatamente Ebroíno colocou no trono o terceiro filho de Clóvis II, Teodorico, ou Thierri III, enquanto o segundo, Childerico II continuava a reinar na Austrásia. Mas os grandes da Nêustria e da Borgonha, que não tinham sido consultados por Ebroíno, colocaram-se ao lado de Childerico e organizaram um exército, decididos

a lutar. Teodorico III e Ebroíno não tiveram outro recurso a não ser procurar asilo nas igrejas, e depois receber a tonsura monástica; o primeiro recolheu-se ao mosteiro de São Dionísio, e o segundo ao de Luxeuil. No ano de 673, Childerico II, que se tornara odioso aos grandes foi trucidado, assim como sua mulher e um de seus filhos de tenra idade. Seu irmão Teodorico III foi elevado ao trono por aquêles mesmos que o haviam destronado e encerrado no mosteiro de São Dionísio. A Austrásia mandou buscar na Inglaterra Dagoberto II, filho de São Sigisberto, a quem Wilfrido concedera generosa hospitalidade. Em 674, Ebroíno, que deixara o mosteiro de Luxeuil, proclama rei um pretenso filho de Clotário III, sob o nome de Clóvis. Um ano depois, faz desaparecer aquêle fantasma de rei, reconcilia-se com Teodorico, a quem faz reconhecer na Nêustria e na Borgonha, reservando a soberania para si mesmo. Em 679, Dagoberto II é condenado à morte pela facção de Ebroíno, que também é assassinado no ano de 681 por um fidalgo franco, cuja perda determinara. Em 687, o Duque Pepino da Austrásia, neto de Santo Arnulfo e pai de Carlos Martelo, obtém grande vitória sôbre o exército da Nêustria, aprisiona Teodorico III, reconhece-o soberano, reivindica para si o título de prefeito do palácio, e realmente exerce a soberania, de que Teodorico era incapaz.

Essas agitações não impediram que um grande número de bispos se santificasse e santificasse outros. Os que mais se destacaram foram São Leodegar, de Autun, São Prejecto, de Auvergne, e São Lamberto, de Mastricht. Leodegar pertencia à mais alta nobreza; ainda era criança quando seus pais o colocaram na côrte de Clotário III, que pouco tempo depois o

recomendou a Didon, Bispo de Poitiers, seu tio, para que o instruísse nas letras. O bispo deu-lhe por mestre um sacerdote muito hábil e, alguns anos mais tarde, reteve-o ao seu lado, a fim de que com o seu exemplo e suas exortações lhe preservasse a pureza de costumes. Ordenou-o diácono quando completou vinte anos e pouco depois fê-lo arquidiácono, entregando-lhe completamente a gestão da diocese. Leodegar tinha uma bela estatura, boa presença, era prudente, eloqüente e conquistava tôdas as simpatias. Tendo falecido o abade de São Maixent, recebeu das mãos do bispo, seu tio, o govêrno daquela abadia, que dirigiu com muita sabedoria durante seis anos, e à qual muito favoreceu.

A sua reputação chegou à corte do rei Clotário III e de Santa Batilde, rainha-mãe, e êstes pediam ao bispo de Poitiers que lhes cedesse Leodegar. Em pouco tempo o religioso conquistou as boas graças do rei, da rainha, dos bispos e dos fidalgos; todos o julgavam digno do episcopado. Quando São Ferreol, Bispo de Autun faleceu, houve candidatos ao seu pôsto que o disputaram a ponto de derramar sangue. Um dêles foi morto, o outro banido como autor do crime; e, durante dois anos a igreja de Autun permaneceu vaga. Para dar fim a êsse escândalo, a Rainha Batilde fêz questão de que Leodegar fôsse ordenado bispo, cêrca do ano de 659. Êle apaziguou os ânimos com a sua presença e promoveu a união, persuadindo uns e intimidando outros. Muito se preocupou com o sustento dos pobres e a ornamentação das igrejas. Nelas colocou vasos preciosos e painéis dourados; adornou magnìficamente o batistério e trasladou o corpo de São Sinforiano; também mandou restaurar os muros da cidade. Ao

mesmo tempo doutrinava cuidadosamente o clero e pregava assìduamente ao povo. Reuniu um sínodo em Autun a fim de restabelecer a disciplina clerical e monástica, e apresentou vários regulamentos.

Durante a revolução que se seguiu à morte de Clotário III, Teodorico, segundo irmão do falecido rei, foi encerrado no mosteiro de São Dionísio; e tôda a França ficou sujeita a Childerico II; o prefeito do palácio, Ebroíno, que se tornara odioso pela avareza e crueldade, correu o perigo de ser condenado à morte. Alguns bispos intercederam por êle, principalmente São Leodegar, embora Ebroíno fôsse seu inimigo declarado, pois muitas vêzes se opusera às injustiças do prefeito. Êste conseguiu permissão para recolher-se ao mosteiro de Luxeuil. Nessa primeira fase de seu reinado, Childerico II reteve São Leodegar na côrte testemunhou-lhe muita confiança; pouco durou, porém, essa atitude.

Em obediência aos conselhos do santo e para satisfazer a vontade dos francos, Childerico ordenou aos juízes que respeitassem as antigas leis de cada província; que os governadores de uma província não invadissem as outras; e que não seriam perpétuos, evitando assim que algum dêles usurpasse a tirania como fizera Ebroíno. Enquanto Childerico ouviu São Leodegar, o povo abençoou seu govêrno; mas a maioria dos fidalgos, cuja ambição não se ajustava a tais regras, trabalhou para tornar o santo bispo suspeito a Wulfoaldo, prefeito do palácio, e ao próprio rei, que jovem e irascível, gratuitamente dava crédito aos que lhe favoreciam os prazeres. Permitiu que fôssem infringidas leis que acabava de promulgar, e chegou, mesmo, a desposar a filha de seu tio. Acreditando que Leodegar continuasse a gozar as

boas graças do rei, os cortesãos queixavam-se do seu mau procedimento. Muitas vêzes o santo bispo advertia Childerico em particular; enfim, viu-se obrigado a censurá-lo pùblicamente e a ameaçá-lo da vingança divina, caso não se corrigisse. A princípio o rei ouviu-o com benevolência; porém, temendo a retidão e a firmeza de Leodegar, de tal modo os cortesãos instigaram o jovem príncipe contra o religioso, que o indispuseram definitivamente contra êle, levando-o a planejar a sua perda.

Havia três anos que Childerico reinava sôbre a França inteira, quando São Leodegar o convidou para passar as festas da Páscoa em sua casa, em Autun. Foi nessa ocasião que Hector, patrício de Marselha, amigo de São Leodegar se dirigiu ao rei, pedindo-lhe que os bens de Cláudia, sua sogra, lhe fôssem restituídos. Cláudia fôra uma piedosa mulher de Auvergne que, tendo-se consagrado a Deus, dera uma parte de seus bens a São Prejecto, Bispo de Clermont, e aos pobres da sua igreja. Morrera e deixara uma filha que Hector raptara e em seguida desposara, assim se considerando com o direito de reivindicar os bens dados à igreja de Clermont, com prejuízo para a sua mulher. Conseguiu que o rei mandasse chamar o bispo Prejecto; êste se viu obrigado a dar caução, pois se encontrava eu Autun, embora não gostasse de ausentar-se da sua igreja durante as festas. Hector hospedara-se em casa de São Leodegar, que o apoiara; e a amizade que os ligava serviu de pretexto aos inimigos do santo para o intrigarem com o prefeito do palácio, Wulfoaldo, e com o rei Childerico; convenceram-nos de que Hector e Leodegar conspiravam para se apossarem do soberano poder. Na quinta-feira santa, um monge cha-

mado Bercário avisou São Leodegar de que o rei pretendia mandar matá-lo; mas nem por isso deixou o bispo de comparecer ao palácio no dia seguinte, desejoso de dar seu sangue no dia em que o Salvador derramara o seu; o rei tê-lo-ia morto com suas próprias mãos, se alguns senhores não o houvessem dissuadido de fazê-lo, por respeito ao dia. (1)

Tendo São Prejecto chegado a Autun, entrou com Hector na Sala da Audiência, onde a causa de ambos seria examinada; observou, porém, que não poderia ser obrigado a responder às perguntas nesse dia, sábado da aleluia, porque os cânones e a lei do reino proibiam julgar causas nos dias santificados. Contudo, instado para responder, disse que os negócios da sua igreja se encontravam sob a proteção da rainha Blichilde. Não houve prossecução; ao contrário, o rei Childerico e a rainha Blichilde, sua espôsa, desculparam-se pùblicamente perante São Prejecto pelo trabalho que lhe tinham dado, fazendo-o vir a Autun. E como o rei, irritado contra São Leodegar, não desejava assistir ao ofício por êle celebrado, pediu a São Prejecto que realizasse outro na Igreja de São Sinforiano. Pois já passara do meio-dia e aproximava-se a hora em que deveria ser iniciada a solenidade da véspera da Páscoa. Todos os fidalgos e bispos presentes juntaram suas instâncias às do rei e São Prejecto celebrou o ofício da missa daquela santa noite. (2)

De seu lado, São Leodegar oficiou na catedral. Quando para ela se encaminhava, fôra mais uma vez advertido para acautelar-se, pois o rei resolvera man-

(1) **Vitae, S. Leod.**

(2) **Vit. S. Preject. Acta SS.**, 25 jan.

dar matá-lo depois da missa. Não deu importância ao aviso. Ainda se encontrava no batistério quando ouviu o rei chamá-lo em voz alta. O ofício celebrado por São Prejecto já terminara e Childerico já comera e bebera muito vinho, enquanto os outros ainda permaneciam em jejum. Dirigira-se à catedral, pois, chamando Leodegar pelo nome. E tendo sido informado de que o bispo se encontrava no batistério para lá se encaminhou; ao entrar, impressionou-se com a luz abundante e o perfume do santo crisma, que os neófitos traziam e, embora São Leodegar lhe respondesse: "Aqui estou!" passou sem olhá-lo e recolheu-se à casa da igreja, onde estava alojado. Os demais bispos, que haviam auxiliado São Leodegar a celebrar a santa noite voltaram para as suas casas. Quanto a êste, sem nada temer, foi procurar o rei e perguntou-lhe com brandura por que motivo não comparecera ao ofício e permanecia encolerizado em tão santa noite. Não sabendo o que responder, o rei observou: "Tenho razões para desconfiar de vós".

Então, vendo que o rei estava resolvido a fazê-lo perecer, assim como ao patrício Hector, resolveu retirar-se furtivamente. Temia menos por si do que pelo fidalgo, que se colocara sob a sua proteção, e não desejava que o dia da Páscoa fôsse profanado com a sua morte, e pilhada a sua igreja. Hector fugiu naquela mesma noite; São Leodegar fêz o mesmo pouco depois. Mas o rei mandou persegui-los: Hector foi encontrado e assassinado, assim como todos os seus, depois de uma intrépida resistência. Também São Leodegar foi prêso e levado de volta a Autun. Seguindo o conselho dos bispos e dos fidalgos, o rei enviou-o para o mosteiro de Luxeuil, onde ficaria encerrado até que deliberassem sôbre o des-

tino que lhe caberia. No temor de que o rei levasse sua indignação longe demais, alguns bispos aconselharam São Leodegar a que lhe solicitasse a graça de permanecer definitivamente naquele mosteiro, o que lhe foi concedido. Ebroíno ainda lá se encontrava. São Leodegar pediu-lhe perdão, caso o tivesse ofendido em qualquer coisa, no que foi imitado pelo outro. Perdoaram-se mùtuamente e viveram juntos como se nunca se houvessem desavindo e pretendessem passar o resto de suas vidas no mosteiro. Entretanto, dando ouvidos a maus conselhos, o rei ordenara que São Leodegar fôsse tirado do mosteiro, a fim de ser deposto e condenado à morte. Ermanário a isso se opôs. Era êle abade de São Sinforiano, em Autun, e a rôgo do povo, o rei recomendara-lhe a cidade depois que São Leodegar a deixara. Ermanário atirou-se aos pés do soberano e tanto lhe pediu que obteve permissão para o santo bispo permanecer em Luxeuil. Vendo o abade em freqüentes conferências com o rei, todos imaginavam que estivesse trabalhando contra São Leodegar, desejoso de obter o bispado vago, que efetivamente lhe coube, mais tarde. Bem diversos eram seus desígnios e, enquanto São Leodegar viveu, assistiu-o com grande afeição.

Sempre entregue às suas paixões, o rei Childerico mandou amarrar a um poste um fidalgo chamado Bodilon e espancá-lo com varas; motivo pelo qual os outros senhores do reino de tal forma se irritaram que organizaram uma conspiração. Bodilon matou o rei na floresta de Livri, assim como a rainha Blichilde, que estava grávida, e o filho de ambos, Dagoberto, ainda criança. Os três foram sepultados na Igreja de Saint-Germain-des-Prés. Mas Childerico deixara

outro filho chamado Daniel. Morreu, pois o rei em 673, com a idade de vinte e três anos, depois de ter reinado durante onze. Por ocasião de sua morte a França foi agitada por novas convulsões. Teodorico, irmão de Childerico, foi retirado do mosteiro de São Dionísio e aclamado rei da Nêustria e da Borgonha; a Austrásia reconheceu Dagoberto II, filho de São Sigisberto, que mandaram buscar na Irlanda. (3)

Nesse período de confusão, um indivíduo chamado Agrício, considerando São Prejecto responsável pela morte do patrício Hector, instigou contra êle os senhores do Auvergne, que se armaram para destruí-lo. O santo bispo partira de Autun com uma ordem do rei Childerico, que o confirmava na posse das terras contestadas, e calmamente se encontrava em sua casa em companhia do abade Santo Amarino, que outrora trouxera da região dos Vosgues. Ciente de que o acharia em Volvic, Agrício para lá se dirigiu com uma tropa de homens armados. Quando ouviram o som da trombeta, São Prejecto e Santo Amarino puseram-se a orar; mas todos os oficiais do bispo fugiram para os bosques. Os inimigos, em número de vinte, entraram na casa, e degolaram o santo abade, que tomaram pelo bispo. Iam retirar-se quando São Prejecto lhes disse: "Aqui está aquêle a quem buscais". Imediatamente foi traspassado por uma punhalada, enquanto rezava pelos seus perseguidores. Um de seus servos, chamado Elídio, também foi morto. Êsses três santos são venerados como mártires no dia 25 de janeiro. Vários milagres foram operados em seus túmulos, e Santo Avito, que sucedeu a São Prejecto, mandou construir em Volvic, no

(3) Cont. Fredeg., n.° 95.

próprio lugar do seu martírio, um mosteiro a êle dedicado.

São Prejecto, mais conhecido pelo nome de São Prix, ou Priest, era originário de Auvergne. São Genes, bispo dessa província, confiou-lhe a paróquia de Yssoire, e Félix, seu sucessor, incumbiu-o do govêrno de um mosteiro. Depois da morte de Félix, a parte mais sã do clero e do povo desejou que Prejecto o substituísse no sólio episcopal; porém, o arquidiácono Carivaldo comprou o episcopado a pêso de ouro e morreu quarenta dias depois. Em seguida, tentaram eleger um senador chamado Genes; acreditando-se indigno do episcopado, êste mandara reunir sufrágios em favor de Prejecto, e o rei aprovara a eleição.

Ainda não existiam mosteiros de mulheres na província do Auvergne; São Prejecto incumbiu Genes, que não tinha filhos, de fundar um nas imediações da cidade, para o qual estabeleceu uma regra, tirada das normas de São Bento, de São Cesário e São Columbano. Mandou construir, perto da mesma cidade de Auvergne, um segundo mosteiro e também um hospital, ao qual deu médicos, designando rendas para a manutenção dos doentes. São Prejecto escrevera a história do martírio dos santos Cássio, Vitorino, Antoliana, e de outros, supliciados no Auvergne, sob Croco; mas essa obra nunca foi encontrada.

São Teodardo, sucessor de São Remaclo na sede de Mastricht, teve morte idêntica à de São Prejecto. Fôra procurar o rei Childerico, que ainda permanecia na Austrásia, a fim de pedir-lhe a restituição dos bens da sua igreja, usurpados por alguns particulares, quando aquêles mesmos usurpadores o assassinaram numa floresta, junto ao Espira, e lhe cortaram o corpo

em pedaços. Contudo, seus restos foram recolhidos e transportados para Tongres por São Lamberto, seu sucessor.

São Lamberto ou Landeberto era natural de Mastricht, de pais nobres e ricos, e de uma família que se cristianizara havia muito tempo. Ainda criança, seu pai mandou instruí-lo nas letras sagradas; depois o confiou a São Teodardo para que mandasse educá-lo com o maior cuidado; e de tal modo o santo bispo se afeiçoou ao seu protegido, que o teria feito eleger como seu sucessor, se os cânones lho permitissem. Depois da morte de Teodardo, Lamberto foi eleito, de acôrdo com o desejo do povo, e com o consentimento do rei Childerico e dos que mandavam na sua côrte, da parte da qual foi tratado com muita consideração. Porém, após a morte do rei Childerico, a facção de Ebroíno expulsou-o e pôs no seu lugar um indivíduo chamado Faramundo. O santo bispo retirou-se para o mosteiro de Stavelo, onde viveu como simples religioso. Só se distinguia dos outros pelo fervor e pela humildade. Tinha o costume de levantar-se antes dos monges e ir rezar na igreja; no temor de despertá-los, andava descalço no dormitório, carregando as sandálias nas mãos. Certo dia, tendo deixado cair uma das sandálias, o abade, que ouviu o barulho, ordenou a quem o provocara, e que acreditava fôsse um dos monges, que se prostrasse diante da cruz, no pátio do claustro, em oração. Era uma penitência usada nos mosteiros. O santo bispo apressou-se em obedecer e, malgrado o frio e a neve que caía, lá permaneceu até a manhã. Quando o reconheceu, o abade atirou-se a seus pés pedindo-lhe perdão. Lamberto passou sete anos nesse

refúgio, antes de ser restabelecido no sólio episcopal pelo Duque da Austrásia, Pepino de Heristal. (4)

São Leodegar, ao contrário, tornou a ocupar gloriosamente sua cadeira episcopal no ano de 674. O rei Childerico enviara dois duques para buscá-lo em Luxeuil. Um de seus criados resolveu assassiná-lo assim que saísse do mosteiro; porém, no momento de executar o crime foi prêsa do temor e lançou-se aos pés do santo bispo pedindo-lhe perdão. Tendo-se espalhado a notícia de que Childerico fôra morto, os duques que acompanhavam São Leodegar transformaram-se em seus guardas e deram-lhe alguns homens para defendê-lo durante as agitações do novo reinado. Conduziam-no, pois, a Autun, com uma grande escolta, quando se encontraram com Ebroíno, que deixara Luxeuil, sem despir o hábito de monge, e também se dirigia a Autun, bem escoltado. Ebroíno sentiu-se tentado a apoderar-se de São Leodegar, não obstante a amizade que lhe prometera no mosteiro; mas São Genes, arcebispo de Lion, que chegou com numerosa tropa impediu-o de levar a efeito o seu intento. Não se julgando o mais forte, Ebroíno dissimulou suas malévolas intenções e acompanhou São Leodegar a Autun, onde o santo bispo foi recebido com grande júbilo. As ruas foram ornamentadas, o clero veio-lhe ao encontro, carregando tochas e cantando hinos; a cidade inteira festejou o regresso do seu pastor. No dia seguinte, São Leodegar e Ebroíno deixaram Autun a fim de prestarem homenagem ao rei Teodorico. Ebroíno, porém, desejoso de vender seus serviços e recuperar o pôsto de prefeito do palácio, separou-se do bispo no caminho e

(4) **Acta SS., 17 sept.**

foi tecer novas intrigas com os seus apaniguados. Bem depressa, chegou-lhe a notícia de que os francos, aconselhados por São Leodegar, tinham escolhido para prefeito do palácio a Leudésio, filho de Erquinoaldo.

Daí por diante, Ebroíno não respeitou qualquer limite. Abandonou o hábito monástico, juntou-se à sua espôsa, reuniu tropas e investiu contra o rei Teodorico. Atraiu Leudésio, sob o pretexto de uma conferência, e mandou matá-lo; depois, associou-se a dois bispos depostos em virtude de seus crimes. Desejado, cognominado Didon, de Châlon-sôbre-o-Saône, e Abbon ou Bodon, de Valença. Dêsse conluio fizeram surgir um pretenso filho de Clotário III, a quem chamaram Clóvis, e declararam que Teodorico morrera. E sob o pretexto de fazer reconhecer o novo rei, Ebroíno dirigiu-se para a Nêustria e enviou para a Borgonha os dois bispos depostos, juntamente com Vaimer, Duque de Champanha. Marcharam rumo Autun a fim de apoderar-se de São Leodegar, que trabalhava para reformar o povo da cidade, após as desordens provocadas pela sua ausência. Tanto seus amigos como o clero aconselharam-no a retirar-se, levando consigo os tesouros, a fim de desanimar os adversários, fazendo-os perder a esperança de se tornarem senhores dêsses tesouros. Respondeu-lhes o bispo: "Para que arrastar vergonhosamente comigo aquilo que não poderei levar para o céu? Será preferível dá-lo aos pobres". E mandou vir a baixela de prata, que constava de muitas peças, ordenou que a dividissem em pedaços a marteladas, a fim de distribuí-los pelas pessoas fiéis; reservou apenas os vasos que poderiam servir nos altares e que, no mesmo momento, remeteu para várias igrejas. Utilizou o dinheiro principalmente para melhorar as condições

de alguns mosteiros de homens e de mulheres. Em seguida, ordenou um jejum de três dias e uma procissão geral ao redor dos muros da cidade, e na qual figuraram a cruz e as relíquias dos santos. Prosternava-se diante de cada porta e pedia a Deus, derramando lágrimas, que, se o chamasse ao martírio, não permitisse fôsse seu rebanho escravizado. O temor dos inimigos fizera com que o povo acorresse de tôdas as partes da cidade, e tudo fôra organizado para a defesa. Então o santo bispo convocou tôda a população e pediu perdão aos que talvez houvesse ofendido com censuras excessivamente enérgicas.

Os inimigos não tardaram em aproximar-se. Os habitantes da cidade defenderam-se corajosamente e lutaram até à noite. Porém, diante do perigo a que se expunham, disse-lhes São Leodegar: "Por favor, cessai de combater. Se vieram por minha causa, estou pronto a entregar-me; enviemos um de nossos irmãos saber o que pretendem". Um abade, chamado Mercaldo, saiu da cidade e dirigiu-se ao bispo deposto, Didon, conjurando-o a lembrar-se desta palavra do Evangelho: "Se não perdoardes aos outros, vosso Pai celeste também não vos perdoará. Assim como julgardes, sereis julgados". Ao mesmo tempo, propôs-se a apagar qualquer resgate por êle exigido. Didon respondeu que só não atacariam a cidade de Leodegar se lhes fôsse entregue, e se êste prometesse fidelidade ao rei Clóvis; também afirmou, sob juramento, que Teodorico morrera. Inteirado dessa resposta, São Leodegar declarou pùblicamente que preferiria morrer a faltar à fé prometida a Teodorico, perante o Senhor. E como os assaltantes ameaçassem a cidade com ferro e fogo, despediu-se dos irmãos e, depois de receber a santa comunhão, caminhou

intrèpidamente para a porta da cidade, mandou-a abrir e entregou-se aos inimigos. Mandaram arrancar-lhe os olhos. Suportou a tortura sem consentir em que lhe atassem as mãos, e sem soltar o menor gemido, mas bendizendo a Deus e cantando salmos. Vaimer e Didon deram a Bodon o arcebispado de Autun para compensá-lo pela perda do de Valença, do qual fôra expulso; e o povo recebeu-o para evitar o cativeiro. Dessa forma, ninguém foi levado como escravo; mas retiraram cinco moedas de ouro do dinheiro da igreja, além da quantia exigida dos habitantes.

Vaimer levou Leodegar para a sua casa, na Champagne. Didon e Bodon acompanharam Adalrico, a quem pretendiam constituir patrício, na Provença. Em caminho, tencionavam apossar-se de São Genes, arcebispo de Lion; mas o povo, que acorrera de todos os lados, tão bem defendeu aquela grande cidade, que os invasores foram obrigados a retirar-se. O arcebispo morreu algum tempo depois, no dia 1.º de novembro de 677, e teve como sucessor São Lamberto, abade de Fontenelle, e depois São Vandrille. Antes de abraçar a vida monástica, êste último fôra muito considerado na côrte de Clotário III. São Lamberto sucedeu-lhe em Fontenelle e foi o terceiro abade do lugar, de acôrdo com a profecia de São Vandrille, que designara seus dois primeiros sucessores.

Ebroíno ordenara ao Duque Vaimer que levasse São Leodegar ao coração de uma floresta e lá o deixasse morrer de fome, espalhando depois a notícia de que se afogara. Vaimer deixou o santo bispo sem comer durante muitos dias; em seguida, achando que seus sofrimentos ultrapassavam a capacidade de

sofrer da natureza humana, compadeceu-se e mandou levá-lo para a sua casa. Tão impressionados ficaram, tanto êle como sua mulher, com as virtudes e as palavras de Leodegar, que lhe restituíram a quantia paga como resgate pela cidade de Autun; quantia que o santo bispo mandou de volta à cidade para ser distribuída entre os pobres. Em seguida Vaimer foi eleito bispo de Troyes por um ardil de Ebroíno que, ao que parecia, temia o seu prestígio; e São Leodegar foi recolhido a um mosteiro onde permaneceu durante dois anos.

Depois de fazer desaparecer o pretenso Clóvis, Ebroíno que tomara a si o cargo de prefeito do palácio de Teodorico, e de prefeito absoluto da Nêustria e da Borgonha, simulou a intenção de vingar a morte do rei Childerico, apontando como responsáveis São Leodegar e o irmão dêste, o Conde Gerino. Foram ambos levados à presença do rei e dos senhores. Ebroíno cumulou-os de censuras; mas São Leodegar respondeu-lhe: "Queres colocar-te acima de todos na França; mas, muito em breve, perderás as dignidades que tão pouco mereces". Ebroíno mandou separar os dois irmãos. Leodegar exclamou enquanto levavam Gerino: "Coragem, meu querido irmão, precisamos suportar tudo isto porque os males desta vida em nada se comparam à glória futura. Nossos pecados são grandes, é verdade; mas a misericórdia de Deus, sempre pronto a perdoar, é ainda maior. O tempo de nossos sofrimentos será breve, o da nossa recompensa será eterno". Sem que o submetessem a outra forma de processo, Gerino foi amarrado a um poste e apedrejado. Orava enquanto durou o atroz suplício: "Senhor Jesus, que não viestes chamar os justos e, sim, os pecadores, recebei a alma de vosso

servo; e já que vos dignastes conceder-me uma morte semelhante às dos mártires, ó Deus de bondade, coroai essa graça com o inteiro perdão dos meus pecados".

Leodegar desejava ardentemente morrer com seu irmão, considerando uma morte rápida como um benefício; porém, a crueldade de seus inimigos reservava-lhe tormentos mais prolongados. Primeiramente, Ebroíno obrigou-o a caminhar num tanque d'água cheio de seixos pontiagudos, que lhe ensangüentaram a planta dos pés. Em seguida, ordenou que lhe retalhassem impiedosamente o rosto, lhe cortassem os lábios e a língua para roubar-lhe o consôlo de cantar os louvores de Deus. E, para cobri-lo de vexame, mandou que o despojassem de suas roupas e o levassem pelas ruas. Afinal, confiou-o à guarda do Conde Vaningue, que o colocou num péssimo cavalo para conduzi-lo à sua casa, situada a vários dias de viagem da côrte.

Na primeira pousada, o abade Sinoberto, que acompanhara o santo bispo para assisti-lo, muito se afligiu ao encontrá-lo estendido na palha e coberto de farrapos; porém, ficou tão consolado quanto surprêso ao ouvi-lo falar, embora lhe tivessem cortado a língua. Derramou lágrimas de alegria e apressou-se em comunicar aquela maravilha a Ermenário, abade de São Sinforiano, e mais tarde bispo de Autun. Ermenário obteve de Vaningue permissão para ver Leodegar; e, tendo-se certificado do milagre, tratou-o com o respeito devido a um mártir, considerando-se feliz por poder proporcionar-lhe algum alívio nas lamentáveis condições a que estava reduzido. Pensou-lhe as feridas e mandou que lhe dessem bebidas e roupas, sem temer expor-se aos ressentimentos de

Ebroíno. Leodegar, que tinha algumas queixas contra Ermenário, acusado por muitos de pretender ocupar o seu sólio episcopal, perdoou-lhe os erros passados e deu-lhe sua bênção.

Vaningue, que era muito piedoso, e que presenciara os milagres que Deus operara em favor do prisioneiro, não pôde resolver-se a executar as ordens recebidas no sentido de maltratá-lo. Ao contrário, nada omitiu que pudesse suavizar-lhe a prisão. Nesse propósito mandou levá-lo ao mosteiro que fundara em Fécamp. Nêle, Leodegar fêz jus à veneração das religiosas, que não se cansavam de ouvi-lo, pois encontravam nas suas palavras permanente motivo de edificação. Embora cego, tinha o consôlo de oferecer todos os dias o santo sacrifício.

Sigrada, mãe de São Leodegar, ainda vivia, e compartilhava os sofrimentos do filho. Ebroíno, que persistia em perseguir a família, depois de confiscar os bens da pobre senhora, ordenou-lhe, na intenção de melhor vigiá-la, que se recolhesse ao mosteiro por êle erigido em Soissons. Sigrada abraçou a vida religiosa com um fervor que lhe permitiu mortificar-se menos com os infortúnios de que ela e seus filhos eram vítimas. São Leodegar escreveu-lhe uma carta, confortando-a, e na qual reponta a mesma intensa fé que, através dos séculos, iluminou as cartas de Santo Inácio, mártir. Vejamos algumas passagens:

"À senhora, e mui santa mãe Sigrada, que era minha mãe segundo a carne, mas que se tornou bem mais verdadeiramente minha mãe segundo o espírito; Leodegar, servo dos servos de Jesus Cristo, nosso Salvador: a graça e a paz da parte de Deus, nosso Pai, e de Nosso Senhor Jesus Cristo. Dou graças a meu Deus, que não me privou da sua misericórdia,

mas que me fêz compreender a alegria e o júbilo pela fé, e a paciência com a qual suportastes tôdas as tribulações, a exemplo daquele mesmo que deve julgar-nos. Nenhuma língua, senhora, nenhuma palavra pode exprimir a alegria que deveis sentir no Senhor. Deixastes o que era necessário abandonar, obtivestes o que a vossa alma desejava; o Senhor ouviu vossas orações, viu vossas lágrimas. Êle suprimiu tudo o que parecia retardar-vos no caminho da salvação, a fim de que, livre dos laços que vos prendiam ao mundo, vivêsseis para Deus e sentísseis quanto é doce o Senhor! Ó venturosa morte, que dá a vida! feliz perda dos bens, que merece as riquezas eternas! ditosa tristeza, que proporciona a alegria dos anjos! Já experimentastes as misericórdias do Senhor Jesus; êle vos inspirou o desprêzo do mundo, para levar-vos a praticar as observâncias de uma santa regra. Êle libertou vossos filhos das misérias do século, e deu-lhes a esperança de uma vida eterna, em lugar de chorá-los como mortos se, ao morrer, os tivésseis deixado na terra. Acompanhando assim nosso rei como soldados, acautelemo-nos para que nada em nós possa existir do homem antigo; por menos que fôsse, causar-nos-ia um dano considerável, sobretudo se persistisse em nosso coração qualquer ódio contra os inimigos, digne-se Deus disso livrar o espírito dos cristãos fiéis! Haverá virtude mais perfeita do que amar seus inimigos para tornar-se filho de Deus e, perdoando, obter perdão para todos seus pecados? E se o autor da vida, que revestiu uma carne sem mácula, orou por seus inimigos, ainda mais nós, que estamos repletos de pecados, devemos amar nossos inimigos, e rezar por êles? E se alguns existem apartados da nossa comunhão pela

perversidade, não devemos odiá-los por causa disso, porém ainda mais os amar, segundo o preceito do Senhor, sendo êles suas criaturas. (5)

Eis como um grande fidalgo franco, a quem arrebataram bens e dignidades, arrancaram os olhos e a língua, e na expectativa de padecer morte atroz, escreve à sua velha mãe, igualmente despojada de seus bens e tal como êle encerrada num mosteiro. Evidentemente, aí existe uma ordem de idéias e de sentimentos de que os historiadores do mundo não têm sentimento, nem idéia, e que, entretanto, transformou o mundo. Assim sendo, as histórias que narram não passam, na sua maioria, de justaposições mais ou menos incompletas de fatos e de acontecimentos, cujo conjunto não tem sentido, nem alma. Sigrada, mãe de São Leodegar, foi venerada como santa no mosteiro de Nossa Senhora de Soissons, onde suas relíquias são conservadas juntamente com as de São Gerino, seu filho.

Durante os dois anos que São Leodegar passou no mosteiro de Fécamp, ùnicamente voltado para a prece, teve conhecimento de que quase todos seus perseguidores tinham sido castigados, alguns condenados à morte, outros condenados ao exílio por falta de fidelidade. Longe de alegrar-se, lamentou que tivessem morrido sem penitência. O rei Teodorico e Ebroíno convocaram, entre outras, uma assembléia geral, na qual vários bispos foram condenados. Nessas assembléias gerais da nação, os bispos ocupavam-se em particular com os negócios da Igreja e, juntamente com os fidalgos, com os negócios do estado. Era ao mesmo tempo um concílio eclesiástico e uma

(5) Labbe, **Biblioth. nov.** t. I, p. 777.

assembléia nacional. Na assembléia de que se trata, Didon, que fôra bispo de Châlon, teve a cabeça raspada, o que era um sinal de degradação; em seguida foi banido e condenado à morte. Vaimer, Duque de Champagne, e depois bispo de Torys, caiu no desagrado de Ebroíno, e foi deposto, batido com varas e enforcado.

Ebroíno era o único dos perseguidores de São Leodegar que ainda restava; bastou, porém, para acabar a coroa do seu martírio. Ordenou que o santo viesse ao palácio para que fôsse degradado no concílio dos bispos, e perdesse o direito de oferecer o santo sacrifício. Tentaram obrigá-lo a confessar-se cúmplice da morte do rei Childerico. Respondeu que era pecador como todos os homens, mas que, em relação àquele crime, não lhe cabia a menor culpa, e isso Deus o sabia melhor do que os homens. Então, mandaram-no comparecer à assembléia geral; mas não chegou a apresentar-se, pois o rei e Ebroíno o chamaram à parte, antes que entrasse, e mantiveram com êle uma conferência durante a qual São Leodegar lhes predisse muitas coisas que depois aconteceram. Nada mais conseguiram arrancar-lhe, embora o interrogassem durante muito tempo; então, rasgaram-lhe a túnica de alto a baixo, o que também fazia parte da cerimônia de degradação e em seguida Ebroíno entregou-o nas mãos de Roberto, conde do palácio, ordenando-lhe que mandasse matá-lo. Dêsse modo o santo bispo foi deposto, não na assembléia geral da nação, nem no concílio regular dos bispos, mas numa conferência particular com o rei e Ebroíno. (6) Pode-se observar a completa nulidade do rei Teodorico,

(6) **Acta SS.**, 2 oct. **Vit. Leod.**, n.° 45 e 46.

pois fôra por fidelidade para com êle que São Leodegar voluntàriamente se expusera ao ressentimento de Ebroíno quando êste era ministro do pretenso Clóvis e inimigo de Teodorico.

Porém, São Leodegar e São Gerino, seu irmão, encontraram em nossos dias um inimigo ainda mais cruel do que o cruel Ebroíno: um protestante de Gênova que, numa História dos Franceses, oficialmente recomendada à juventude francesa, apresenta a ambos como regicidas. Vamos dar alguns pormenores, a fim de que vejam claramente, num exemplo entre mil, com que leviandade ou má-fé ainda hoje certos escritores se atrevem a alterar a história, quando se trata de caluniar a Igreja e os santos de Deus.

Diz o genovês Simonde de Sismondi, ao comentar os acontecimentos que acabamos de descrever:

"Childerico abandonava-se cada vez mais às suas impetuosas paixões, assim atraindo o ódio e o desprêzo de todos os que haviam trabalhado para a sua elevação. Um dos senhores da Nêustria, chamado Bodilon, sofreu, por ordem do rei, um ultraje que atingiu todos os francos. Por causa de uma ofensa de nós desconhecida, Childerico mandou amarrá-lo a um poste e açoitá-lo como se fôsse escravo. Todos os grandes da côrte se sentiram ofendidos com a indignidade de semelhante tratamento. Enviaram emissários encarregados de consultar o santo bispo de Autun, Leodegar, que, embora no cativeiro, não perdera a sua influência no partido. Não podendo acompanhá-los, Leodegar mandou-lhes Gerino, seu irmão para compartilhar os perigos da emprêsa. Os duques Ingoberto e Amalberto incumbiram-se de vingar o ultraje lançado aos nobres na pessoa de Bodilon; surpreenderam Childerico II quando caçava na

floresta de Livry, perto de Chelles, a pouca distância de Paris, e assassinaram-no; também mataram sua mulher Blichilde, que estava grávida, e um de seus filhos de tenra idade. (7)

De acôrdo, pois, com o genovês Simonde de Sismondi, foi Leodegar quem aconselhou o assassínio do rei, da rainha e do infante, e seu irmão Gerino participou dêsses crimes. A acusação é grave. As provas deveriam ser tão graves quanto a acusação. O genovês Sismondi aponta quatro testemunhos: duas *Vidas de São Leodegar*, o continuador de Fredegário, e as *Gesta regum Francorum*. Mas nenhuma dessas obras faz referência a São Leodegar e a seu irmão, ao abordar o caso do regicídio. As duas *Vidas de São Leodegar* só mencionam Bodilon; as duas outras peças só citam os duques Ingoberto e Amalberto. Apenas diz o continuador de Fredegário que, depois de ter sido Teodorico II reconhecido rei em lugar de Childerico, os francos deram o lugar de prefeito do palácio a Leudésio, filho de Erchinoldo, a conselho do bem-aventurado Leodegar e de seus amigos. (8) Também os *Gesta regum Francorum*, depois de relatarem a eleição de Leudésio, acrescentam: o bem-aventurado Leodegar, bispo de Autun, e seu irmão Gerino eram participantes dêsse conselho, da parte da Borgonha. (9) Quando, pois, o genovês Sismondi

(7) Hist. dos franceses, t. II, p. 68.

(8) Franco verò Leudesium filium Erchivaldi nobilem in majoris domum dignitatem statuunt per consilum beati Leodegari et sociorem ejus. Andr. Duchesne. **Hist. Franc.** t. I. Fredg., n.° 95, p. 738.

(9) Franci autem Leudesium filium Erchinaldi nobilem in majores domus palatii eligunt. Eratque ex Burgundiâ in hoc consilio beatus Leodegarius augustodunensis episcopus, et Gerinus frater consentientes. Ibid. Gesta reg. Franc., n. 45, p. 717.

escreve que os emissários dos nobres consultaram o santo bispo de Autun, e êste, impossibilitado de comparecer pessoalmente, mandou seu irmão compartilhar os perigos do regicídio, parecem-nos essas afirmações comporem uma adição por êle acrescentada às citadas obras.

O referido escritor reproduz a mesma acusação algumas páginas adiante. Vejamos em que circunstâncias.

Vendo Ebroíno que lhe tinham preferido Leudésio como prefeito do palácio, despe o hábito de monge, reúne um exército, proclama rei um pretenso filho de Clotário, a quem dá o nome de Clóvis, faz espalhar a notícia da morte de Teodorico, sitia Autun até conseguir que o bispo lhe seja entregue, ou que reconheça o pretenso Clóvis III. São Leodegar responde que prefere morrer a faltar à fidelidade prometida a Teodorico e, para poupar à sua cidade maiores danos, entrega-se voluntàriamente aos inimigos, que lhe furam os olhos. Na mesma ocasião, Ebroíno manda assassinar traiçoeiramente Leudésio, prefeito do palácio. Logo em seguida faz desaparecer o pretenso Clóvis, reconcilia-se com Teodorico, a quem declarara morto, e que se viu obrigado a aceitá-lo como prefeito, ou melhor, como senhor. Foi quando se deram os fatos relatados pelo genovês Sismondi na alínea seguinte:

"A fim de ter um pretexto para perseguir os nobres, Ebroíno anunciou sua intenção de punir os assassinos de Childerico II, embora nunca tivesse servido àquele príncipe. São Leodegar, Bispo de Autun, e seu irmão Gerino, foram obrigados a comparecer perante a justiça; Gerino foi imediatamente lapidado; São Leodegar sofreu atrozes tormentos, mas

conservou a vida, e seus biógrafos asseguram que as feridas cicatrizavam milagrosamente e que, embora com os lábios e a língua cortados, continuou a falar ainda com maior eloqüência. Privado dos olhos e com os membros mutilados, São Leodegar já era venerado como um mártir pelo povo. Ebroíno sentia a cólera aumentar ao ver que todo mal que fizera ao inimigo só servira para glorificá-lo. Fêz questão de que o bispo fôsse degradado pelos bispos da França, que reuniu em concílio, em 678, e tentou compelir o santo a confessar, perante os prelados, a sua cumplicidade no assassínio de Childerico II. O bem-aventurado não quis manchar o fim da vida com um perjúrio, negando a participação no regicídio, nem atrair sôbre si novas desgraças, confessando-a. Contentou-se com responder às perguntas que lhe foram dirigidas, dizendo que ùnicamente Deus, e não os homens, poderiam ler no íntimo do seu coração. Os bispos, que nada mais puderam arrancar-lhe, consideraram essas palavras uma confissão; rasgaram-lhe a túnica de alto a baixo, em sinal de degradação, e entregaram-no ao conde do palácio, que mandou cortar-lhe a cabeça. É êle um dos mártires que a Igreja hoje venera. (10)

De acôrdo com as palavras do genovês Sismondi, São Leodegar e seu irmão Gerino são, incontestàvelmente, dois regicidas, nem mais, nem menos. Um é *reconhecido culpado de cumplicidade*, o outro *não quer manchar o fim da vida com um perjúrio, negando sua participação no regicídio, nem atrair sôbre si novas desgraças, confessando-a*. E a Igreja venera não apenas São Leodegar, mas também seu irmão.

---

(10) P. 75-77.

A acusação é das mais graves, tanto contra as duas personagens como contra a Igreja Católica. Para sustentá-la, seriam necessárias provas das mais convincentes. O genovês Sismondi indica ao leitor interessado nessas provas as duas vidas de São Leodegar que são encontradas, entre outras, no primeiro tomo dos *Historiadores da França,* de André Duchesne. Ora, não relatam as referidas vidas os fatos apontados pelo genovês Sismondi; contam, até, coisas bem diferentes.

Em primeiro lugar, abordaremos os fatos menos importantes:

1.º) Os biógrafos de São Leodegar asseguram, narra o genovês Sismondi, que tôdas as suas feridas se cicatrizaram milagrosamente. Ao contrário, êsses biógrafos dizem que tais e tais pessoas entraram na prisão para pensar-lhes as feridas. (11)

2.º) O genovês Sismondi faz êsses biógrafos afirmarem que, depois de ter São Leodegar os lábios e a língua cortados continuou a falar ainda com maior eloqüência. Êsses biógrafos limitam-se a dizer que continuou a falar tão bem quanto antes. (12)

3.º) O genovês Sismondi faz supor que a cerimônia da degradação se tenha dado no concílio. Os biógrafos asseguram terminantemente que se se passou, não no concílio, mas durante uma conferência particular mantida entre o rei e Ebroíno. (13)

---

(11) Ipse (Hermenarius) vulnera ejus steduit diligenter curare. Prima vita S. Leod., apud Duchesne, t. I, p. 610, n.º 13.

(12) Nam inter sputamina sanguinum incisa lingua sine labiis solitum reddere coepit eloquium. Ibid., p. 699.

(13) Nec tamen infra concilium confirmatur fuisse, sed seorsum. **Ibid.**, p. 611, n.º 14.

Abordemos, porém, o ponto capital, a convicção jurídica do regicídio. O genovês Sismondi menciona, como prova, as duas vidas de São Leodegar. Ora, essas vidas contam que, embora desejasse mais do que ninguém a morte de Childerico, Ebroíno acusou os dois irmãos como responsáveis; que, tendo São Leodegar lhe censurado a ambição, separou os dois irmãos; que São Leodegar aconselhou Gerino a enfrentar cristãmente a morte, e que êste não tardou a ser amarrado a um poste e lapidado. (14)

Quanto a São Leodegar, a biografia que relata os pormenores do seu interrogatório assegura que foi intimado a confessar-se cúmplice do regicídio. Acrescenta, porém: *êle protestou que, sem negar que tivesse culpas como qualquer outro homem, absolutamente não era culpado daquêle crime, e que Deus o sabia melhor do que os homens.* (15) É isso que relata o biógrafo contemporâneo do santo. Ora, o genovês faz o mesmo biógrafo afirmar: *"O bem-aventurado Leodegar não quis manchar o fim de sua vida com um perjúrio, negando a participação ao regicídio, nem atrair novas desgraças sôbre si, confessando-a. Contentou-se, pois, em responder a tôdas as perguntas que lhe foram dirigidas, dizendo que ùnicamente Deus, e não os homens, poderia ler no íntimo do seu coração"*. Que se diria de uma testemunha, de um jurado, de um juiz que permitisse fôsse desfigurado a tal ponto o processo verbal de um interrogatório para obrigar um acusado a confessar-se culpado quando protesta a sua inocência!

---

(14) **Ibid., n.º 12, p. 609.**

(15) ...Ut de humano se non excusaret delicto, ità de hoc facinore nullatenùs dixit fuisse se conscium, sed potiùs Deum quàm homines hoc est scire professus. Ibid., n.º 14, p. 610 et 611.

O historiador é, ao mesmo tempo, testemunha, jurado e juiz; seu dever é ser testemunha fiel, jurado consciencioso, juiz íntegro. Gostaríamos de perguntar ao genovês Simonde de Sismondi se, com a mão na consciência, nos asseguraria ter cumprido êsse tríplice dever em relação a São Leodegar e a seu irmão, e se lhe cabe o direito de verberar o primeiro com êste sarcasmo: *"É um dos mártires hoje venerados pela Igreja!"*

Finalmente, em duas alíneas encontramos sete ou oito alterações ou falsificações de fatos e de palavras, feitas no objetivo de transformar em regicidas dois santos venerados pela Igreja. Terá o genovês Sismondi assim procedido por ignorância? Seria lamentável. Terá procedido conscientemente? Seria ainda mais lamentável.

Não o é menos o fato de ter o protestante Guizot, então professor de história, depois titular da Universidade, embaixador da França na Inglaterra, ministro do rei dos franceses, na sua *História da Civilização Francesa,* recomendado a obra de Sismondi à juventude francesa, sobretudo à juventude universitária. São palavras suas: "De tôdas as histórias da França que poderia indicar-vos, a melhor é, indubitàvelmente, a do Sr. Sismondi". (16) Dizemos que é lamentável, pois após uma recomendação dêsse quilate, como exigir que a juventude consiga discernir a verdade numa história que assim falsifica palavras e fatos? Os trechos que reproduzimos não constituem exceção. O tom geral da obra é sempre o mesmo. Por tôda parte deparamos com a mesma exatidão e a mesma boa-fé. Sob êsse ponto

(16) **Cours d'Histoire moderne,** par Guizot, t. I, p. 40.

de vista, o genovês Sismondi pode ser comparado a Voltaire, menos o espírito e o estilo.

Mas retornemos a São Leodegar, entregue às mãos de Roberto, conde do palácio, para ser executado.

Roberto apressou-se em levar o prisioneiro para casa. Durante a viagem, vendo-o prostrado pela fadiga, mandou que lhe dessem de beber. Enquanto se preparavam para obedecer àquela ordem, Deus, que se aprazia em glorificar o servo na proporção em que o ultrajavam, fêz surgir em tôrno de sua cabeça uma resplandecente auréola de luz. Os guardas, ao divisá-la, foram tomados de respeitoso temor e indagaram ao santo bispo qual era a significação de tão extraordinário fato. Êste imediatamente se prosternou e pôs-se a orar, desejoso de agradecer a Deus que se dignava confortá-lo e animá-lo com aquêle milagre. Os assistentes, transtornados, exortavam-se a melhor servir ao Senhor daí por diante e diziam uns aos outros: "Êste homem é um verdadeiro servo de Deus". Foi como se a bênção do céu entrasse com Leodegar na casa de Roberto, pois nela se operou uma grande transformação. Servos e senhores, tocados da mais intensa compunção, apressavam-se em pedir a penitência e confessavam humildemente os pecados. A presença do santo bispo, tão-só, inspirava o amor à virtude, que tanto mais importante parecia quanto mais ultrajava na sua pessoa.

Não tardaram a chegar ordens do palácio para que Leodegar fôsse executado sem tardança. Prevendo que seria venerado como mártir, o cruel Ebroíno ordenou que procurassem um poço no recesso de um bosque e lá atirassem o corpo do bispo, depois de bem recobri-lo, de maneira a não mais ser encon-

trado. O conde Roberto já começara a converter-se sob a influência das prédicas do santo. Não podendo resolver-se a assistir à sua morte, mandou quatro de seus criados executarem a ordem que recebera. A espôsa do conde chorou amargamente; mas São Leodegar consolou-a e disse-lhe que, se cuidasse bem da sua sepultura, atrairia as bênçãos de Deus.

Os executores levaram o santo a uma floresta, na qual havia um poço; porém, não conseguiram encontrá-lo. Caminharam durante muito tempo por caminhos perdidos e depois São Leodegar deteve-se e disse-lhes: "Meus filhos, será necessário que vos fatigueis caminhando ainda mais? Fazei aqui mesmo o que vos foi ordenado". Três dos quatro algozes se atiraram a seus pés, conjurando-o a dar-lhes a bênção e a perdoar-lhes o que iam fazer. O santo satisfez-lhes o pedido e depois, ajoelhando-se orou: "Senhor Deus, Pai de Jesus Cristo, sêde bendito por me terdes feito chegar ao fim das minhas lutas. Conjuro-vos, ó meu Deus, que me façais participar da vossa misericórdia, e me torneis digno de participar dos méritos dos santos na vida eterna. E, Senhor, perdoai aos meus perseguidores; pois espero que me glorificareis por intermédio dêles". Tendo terminado a oração, levantou-se e estendeu o pescoço. O quarto carrasco imediatamente lhe decepou a cabeça. Êsse infeliz pereceu miseràvelmente pouco tempo depois. A Igreja venera a memória de São Leodegar e de seu irmão Gerino no dia 2 de outubro. A morte do santo bispo ocorreu, segundo se supõe, em 678.

A espôsa do Conde Roberto mandou enterrar secretamente o mártir na capela da sua casa de campo, então chamada Sarcin, hoje São Leodegar, tal como a floresta onde foi executado. O corpo do santo per-

maneceu três anos e meio nessa capela, onde operou tão grande número de milagres que atraía gente de todos os lugares. O fato causou a Ebroíno alarme e confusão. Mandou um de seus agentes secretos à capela, a fim de apurar, no próprio lugar, a verdade sôbre os propagados prodígios. O emissário viu um homem que fôra cego e que lhe assegurou ter recuperado a vista. Não quis dar crédito ao que ouvia e, batendo com o pé no túmulo do santo mártir, desdenhosamente, exclamou: "Êsse morto não faria milagres!" Não tardou a ser castigado pela insolência pois pereceu miseràvelmente antes de ter podido contar o que vira àquele que o enviara. O acontecimento só serviu para endurecer o coração de Ebroíno. Proibiu, sob castigos severos, que fôssem divulgados as virtudes e os milagres de São Leodegar. Mas se durante algum tempo conseguiu obscurecer a glória do santo bispo, não lhe foi possível deter o braço da justiça divina que se erguera para vingar tanto sangue inocente. Um fidalgo, chamado Hermenfroi, informado de que Ebroíno determinara arruiná-lo, antecipou-o, assassinando-o num domingo, no ano de 681, quando êle saía de casa para ir às matinas. Pois Ebroíno não era homem sem religião: fundara, mesmo, um mosteiro em Soissons. Era realmente capaz de governar uma nação. A ambição é que o tornara cruel e tirano, tirano do reino e do próprio rei.

Depois da morte de Ebroíno, São Leodegar como que reviveu, e aquêles a quem o temor ou a complacência conservara em silêncio, foram os que com que mais eloqüência publicaram seus louvores. O rei Teodorico também reconheceu a injustiça que praticara, e a inocência do santo bispo; depois de ter mandado verificar jurìdicamente os milagres divul-

gados, glorificou como mártir aquêle mesmo que, acusado por Ebroíno, êle considerara criminoso. Certo dia, quando se realizava no palácio a assembléia dos bispos e dos fidalgos, tendo o assunto recaído sôbre as virtudes e os milagres de São Leodegar, Ansoaldo, bispo de Poitiers, pediu ao rei que lhe permitisse transferir as relíquias para a sua diocese, argumentando que seria justo ceder-lhe o corpo do santo bispo, seu parente, e que fôra educado na igreja de Poitiers. Ermenário de Autun declarou que seria mais conforme à justiça dá-lo à igreja e ao povo de que fôra pastor. São Vindiciano, bispo de Arras e de Cambrai, também presente, alegou que o santo mártir sofrera a morte na sua diocese e que não deviam transferir suas relíquias de um lugar onde o Senhor o glorificava com tantos prodígios.

O rei e os outros bispos que não desejavam resolver aquela pendência, decidiram-se a consultar Deus. Foram ordenados jejum e preces. Em seguida escreveram o nome dos três bispos em três papéis diferentes, que foram colocados sob a toalha que cobria o altar, sendo convencionado que as relíquias de São Leodegar caberiam ao pretendente cujo nome fôsse o primeiro a ser tirado. No dia seguinte, depois da missa celebrada nessa intenção, os bispos mandaram um dos oficiantes apanhar um dos bilhetes colocados debaixo da toalha do altar. Êle tirou o que continha o nome do bispo de Poitiers.

O prelado apressou-se em enviar para Artois Audulfo, abade de São Maixent e antigo discípulo de São Leodegar, a fim de levar o santo corpo com

o respeito que lhe era devido. Logo que em Sarcin foi conhecido o objetivo daquela viagem, afluíram pessoas de todo lado, sendo que muitas acompanharam as santas relíquias. Durante a jornada, sacerdotes e monges vinham de todos os lugares, em procissão, para glorificá-las. O número dos milagres operados nessa traslação foi tão grande que o Audulfo chegou a afirmar que, para relatá-los, precisaria escrever um livro mais grosso do que o saltério. Contentou-se em fazer uma relação abreviada, que enviou para Querci, a pedido da abadêssa Ermanane. Reproduziremos alguns dêsses milagres atestados pelos dois autores contemporâneos da vida de São Leodegar.

Em terras de Chartres, uma moça chamada Radingue, surda, muda e paralítica desde os sete anos, recuperou a saúde ao tocar o esquife do santo. Uma mulher, acusada de ter matado o marido era conduzida ao suplício pelas ruas de Tours; ao ver as relíquias passar, exclamou: "Bem-aventurado Leodegar, socorrei-me, pois morro inocente!" Imediatamente se romperam as correntes que lhe cingiam o pescoço e as mãos e ela se atirou sôbre o ataúde do santo bispo. Não procuraram outras provas da sua inocência. Roberto, bispo de Tours, acompanhou por deferência as santas relíquias até Ingrande, onde um coxo foi curado. Ansoaldo de Poitiers, que se dirigia à sua igreja, foi até Gilnac, ao encontro do cortejo, em procissão, à frente de seu clero. As relíquias do santo foram primeiramente colocadas na igreja de Santa Radegunda, onde um paralítico se curou,

e em seguida na de Santo Hilário, onde uma cega recobrou a vista.

Satisfeita a devoção do povo de Poitiers, Ansoaldo, acompanhado de seus clérigos, carregou nos ombros o sagrado depósito além das portas da cidade, e em seguida escoltou-o até um aldeia vizinha, onde o entregou nas mãos dos monges de São Maixent, que receberam com grandes homenagens e vivo reconhecimento o corpo de seu antigo abade. Uma mãe desesperada levou a êsse lugar o filho agonizante; acreditaram, mesmo, que tivesse morrido no caminho. Ela o colocou diante do corpo do santo, exclamando: "Senhor, restituí-me meu filho!" Três horas depois, como que despertando de um profundo sono, a criança indagou: "Minha mãe, onde estais?" Restabelecera-se completamente. Quando os monges de São Maixent transportavam as relíquias para o seu mosteiro, uma pobre cega, guiada por seu marido, que era caolho, foi até a estrada invocar São Leodegar. A mulher recuperou a vista, mas o marido, que se mostrava incrédulo, perdeu a sua completamente. Foi guiado na volta pela espôsa, a quem servira de guia na vinda. A traslação do corpo do santo foi realizada no mês de março de 682.

Ansoaldo de Poitiers, parente de São Leodegar, nada poupou para ornamentar-lhe o túmulo. Começou por mandar construir em São Maixent uma belíssima igreja, cuja estrutura muito diferia das outras. E quando ficou pronta, compareceu juntamente com o seu clero a fim de colocar o corpo do santo mártir no mausoléu que mandara preparar-lhe. O mesmo prelado e o abade Audulfo encarregaram o monge

Ursino de escrever a vida de São Leodegar. Ermenário, bispo de Autun, e a abadêssa Ermanane também incumbiram outro monge de narrar a parte de que fôra testemunha. Assim, a vida de São Leodegar, relatada por dois autores contemporâneos e quando ainda viviam os que a tinham testemunhado, é tão autêntica quando seria de desejar. (17)

* * *

(17) Acta. SS., 2 oct.

# BEM-AVENTURADOS LUÍS, LÚCIA, ANDRÉ E FRANCISCO YAKICHI

## *Mártires*

Luís Yakichi era dono duma barca, em Nagasaki. Amigo do padre Collado, êste, um dia, veio pedir-lhe um favor: necessitava da barca para que o padre Flôres escapasse da fúria da perseguição de que vinha sendo vítima.

Luís não titubeou. Cristão, estava pronto para tudo. Infelizmente, a evasão do padre Flôres não correu satisfatòriamente: um incidente, tendo retardado a saída do barco, propiciou aos agentes perseguidores a oportunidade de prender a todos aquêles que se mancomunaram com o padre Collado.

Presos em Firando, pouco mais tarde foram transferidos para Nagasaki. Submetidos a interrogatório, Luís e quatro dos seus ajudantes, por quatro semanas permaneceram firmes. Luís experimentou dezessete tipos de suplícios. Afinal, a 2 de outubro, Gonroku, o governador, resolveu liqüidar a questão. Era em 1622, e Luís Yakichi, a espôsa e os filhos foram condenados à morte.

Luís pereceu no fogo. A espôsa e os filhos foram decapitados. O valente Luís Yakichi, cujo corpo, depois dos tormentos pelos quais passou, era uma

só chaga, ao declararem que o levariam ao lugar do suplício, replicou que não era necessário: era cristão e, pois, tinha fôrças para ir por si mesmo, a pé. E foi. E era o mais enfraquecido, o que mais sofrera. No entanto, era quem, cheio de calor, acoroçoava, com palavras de consolação e promessa, os companheiros todos. E presenciou a morte da espôsa e dos filhos. Viu rolar a cabeça da fiel companheira, Lúcia. Viu rolar a cabeça dos filhos queridos, Francisco, de quatro anos, e de André, de oito.

Luís foi o último a morrer, depois dos quatro ajudantes. Atirado ao fogo, recebeu, com os demais, a coroa do martírio e a paz eterna no reino que não é desta terra.

---

No mesmo dia, em Roma, a *Paixão* de São Modesto, mártir: sob o imperador Diocleciano, foi atormentado no cavalete e, afinal, consumido pelo fogo. O corpo, transportado para Benevento, foi sepultado na igreja que traz seu nome.

Em Milão, Santa Diotéria, virgem. Honrada em Milão, desconhece-se tudo a seu respeito.

Festa de São Gerino, mártir, irmão do bem-aventurado Leodegar, bispo de Autun: lapidado por ordem de Ebroíno. O nome de São Gerino apresenta variantes: Garino, Gaireno, Warino.

Em Veneza, São Lucério, mártir romano.

Na floresta de Yvelines, Santa Escariberga, espôsa de Santo Arnulfo, virgem.

Em Chantemerle, diocese de Troyes, São Sereno (século VII?). Nascido em Metz, de família nobre. Sereno foi feito prisioneiro por Dagoberto,

quando duma expedição que se propunha punir revoltosos. Libertado pela mãe, Serena, que suplicou a Dagoberto a soltura do filho, Sereno, para se santificar, abdicou da condição de nobre e se fêz pastor dum grande rebanho de ovelhas. Mais tarde, tornou-se monge, vivendo solitàriamente. Peregrinando a Roma, ali estêve por sete anos e meio. O papa ordenou-o padre e deu-lhe relíquias de São Fabiano e de São Sebastião, as quais o santo levou para a sua ermida de Chantemerle, onde morreu e foi enterrado.

Em Como, São João, bispo, no século VII. Converteu inúmeros arianos (*Acta sanct.* 1.º *octob.*).

Na Bretanha, São Melar ou Melor, mártir (século VIII?). Segundo a legenda, era filho do rei de Domnoneu, São Miliau. Por questões políticas, foi morto pelo tio Rivódio, que, após a morte de Miliau, cobiçando o trono de longa data, resolveu, pela eliminação do herdeiro, Melar, apoderar-se do govêrno.

Na Suíça, Santo Ursicino, abade-bispo de Disentis, e talvez bispo de Coire (pela metade do século VIII).

Em Lerida, na Espanha, o bem-aventurado Berengário, bispo, falecido em 1256. Berengário de Peralta teria sido dominicano e diácono de Lerida, quando foi elevado ao episcopado, segundo um historiador. A julgar por outros, teria sido cônego da catedral de Lerida desde os quinze anos e proclamado bispo de Lerida no princípio do ano de 1256, morrendo a 2 de outubro do mesmo ano, como se viu.

Na Nicomédia, São Eleutério, soldado, martirizado, assim como uma infinidade de outros cristãos falsamente acusados de terem ateado fogo ao palácio

de Diocleciano, que acabava de ser incendiado. O cruel imperador, acreditando-os culpados, ordenou que fôssem mortos por grupo: uns foram decapitados, outros queimados, outros atirados ao mar. Eleutério, que era o mais importante de todos, depois de submetido a cruéis torturas, e parecendo adquirir a cada tormento um novo vigor, tal como o ouro, foi depurado pelo fogo, e assim encerrou o seu triunfo. — Na Antioquia, os santos mártires Primo, Cirilo e Secundário. — Em Constantinopla, São Teófilo, monge, que na defesa das santas imagens, foi impiedosamente açoitado na defesa das santas imagens, e, em seguida, enviado ao exílio, onde morreu. — Em Hereford, na Inglaterra, São Tomás, bispo e confessor.

* * *

## *3.º DIA DE OUTUBRO*

# SÃO GERALDO DE BROGNE

Nasceu no território de Namur, de boa família, e, desde os mais tenros anos, mostrou-se ternamente devoto e, sobretudo, muito desapegado para com tudo quanto pudesse manchar-lhe a pureza. Tomou parte em várias campanhas, sob o comando de Berenger, Conde de Namur, sem que a sua virtude fôsse atingida; ao contrário, a dissolução, ligada às armas, apenas serviu para fazê-la prosperar. Sua probidade e sabedoria converteram-no no conselheiro e confidente do Conde de Namur que o mandou tratar de alguns negócios junto ao Duque Roberto, futuro rei da França.

Durante essa embaixada, Geraldo visitou o mosteiro de São Dionísio, onde assistiu ao ofício das vésperas; e, tendo ouvido referências a Santo Eugênio, indagou quem era aquêle santo. Responderam-lhe que fôra um companheiro de São Dionísio, primeiro bispo de Toledo, de onde viera para a Gália; sofrera o martírio na aldeia de Deuil, e suas relíquias, conservadas em São Dionísio haviam operado vários milagres. Geraldo insistiu com os monges para que lhe dessem o corpo daquele santo mártir, pois queria colocá-lo na nova igreja que mandara construir nas suas terras de Brogne. Seu pedido não foi atendido:

contudo, deram-lhe a entender que se quisesse entrar como monge em São Dionísio, lhe concederiam o que tanto desejava. Na noite seguinte, Geraldo concebeu o projeto de abraçar a vida religiosa. De regresso, comunicou sua intenção ao Conde de Namur, que debalde se esforçou para dissuadi-lo. Também falou com Estêvão, Bispo de Liège, seu tio materno. Temendo opor-se aos desígnios de Deus em relação ao sobrinho, o prelado deu-lhe sua bênção, depois de fazer-lhe algumas advertências para auxiliá-lo a assegurar-se da sua vocação.

Geraldo retornou a São Dionísio, onde tomou o hábito monástico cêrca do ano de 928, depois de ter cortado o cabelo e raspado a barba. Começou a aprender o alfabeto, como as crianças, e fêz grandes progressos nas letras e outros ainda maiores na virtude. Permaneceu dez anos em São Dionísio, e foi ordenado sacerdote no nono ano por Adelmo, bispo de Paris, sucessor de Fulrado. Depois disso, tendo enfim obtido as relíquias de Santo Eugênio, regressou a Brogne, onde substituiu por doze monges de São Dionísio os clérigos que serviam a Igreja. Também fundou um mosteiro que dirigiu, e que se tornou famoso pelas virtudes dos monges e do prior.

Gisleberto, Duque de Lorena, e Arnulfo, o Grande, Conde de Flandres, tão edificados ficaram, que incumbiram Geraldo de reformar tôdas as abadias das terras dêles dependentes. Os principais mosteiros reformados e dirigidos pelo santo, na Flandres, foram os de Brogne, o de São Guislain, de São Pedro e São Bavo, em Gand, de São Martin, em Tournai, de Marchiennes, de Hasnon, São Vast de Arras, São Bertin, Santo Omer, Santo Armando, São Vulmer ou Samer, além dos mosteiros de Lorena e

vários outros da França, tais como o de São Remígio, em Reims, e São Riquier. Importantes milagres aumentaram a autoridade conferida a São Geraldo pela virtude e pela sabedoria.

Arnulfo, Conde de Flandres, era atrozmente atormentado por cálculos, e não se resolvia a deixar-se operar, embora os médicos e os cirurgiões lhe tivessem declarado que seria o único remédio contra o seu mal; para tranqüilizá-lo e abrandar-lhe o temor inspirado pela perigosa intervenção, operaram na sua presença dezoito pessoas atacadas pela mesma doença, das quais uma única morreu. Malgrado essas experiências, o Conde não consentiu em servir-se de um remédio que lhe parecia mais doloroso do que o próprio mal. Recorreu a São Geraldo e o santo abade obteve-lhe, com suas orações, uma cura completa.

No fim de sua vida, Geraldo fêz uma viagem a Roma para obter privilégios em favor do seu mosteiro de Brogne. Depois visitou todos os mosteiros a êle subordinados e, em seguida, demitiu-se, a fim de melhor preparar-se para a morte, que chegou numa segunda-feira, 3 de outubro de 959. Depois de ter recebido o santo viático com intensos sentimentos de piedade, deu ordens para que fizessem ressoar um sino que mandara benzer pelo bispo, e, mal êste começou a tocar, êle expirou. Vimos que São Sturme, abade de Fulda, também mandou tocar os sinos para avisar que entrara em agonia. (1)

* * *

(1) **Acta SS.**, 3 oct. **Acta** Bened. sect 5.

# SANTA TERESA DO MENINO JESUS (*)

## *Carmelita*

Maria Francisca Teresa, ou Teresinha, depois Teresinha do Menino Jesus, nascida aos 2 de janeiro de 1873, era filha de Luís José Aloyes Estanislau Martin e de Zélia Maria Guerin, dos quais a Santa, mais tarde, diria: "O bom Deus deu-me um pai e uma mãe mais dignos do céu do que da terra".

Depois de terem imitado, durante dez meses, a vida tôda pureza de Nossa Senhora e de São José, rogaram ao Senhor que se dignasse dar-lhes muitos filhos, e os tomasse para si. Com efeito, casados em 1858, em 1860 nasceu-lhes Maria Luísa; em 1861, Maria Paulina; em 1863, Maria Leônia; em 1864, Maria Helena, que faleceu em 1870; em 1866, Maria José Luís, que faleceu em 1867; em 1869, Maria Celina, falecida recentemente no Carmelo de Lisieux; e em 1870, Maria Melânia Teresa, que morreu no ano mesmo em que nasceu. Com exceção das falecidas, as demais foram religiosas.

Santa Teresinha veio ao mundo em Alençon. Quando a mãe, a boa Zélia Maria, faleceu, contava quatro anos, e, embora em tenra idade, sofreu grande choque. Luís Martin então deixou a cidade e foi

fixar-se em Lisieux, nos Buissonnets, perto da farmácia do cunhado Guerin.

Teresinha, para Luís Martin, era a filha querida, a "pequenina rainha da França e da Navarra", como a chamava. Invariàvelmente, colocava-a sôbre os joelhos, e, em cadência de cavalinho, ia-a balançando, a cantar, destacando as sílabas:

*Mon petit Reinot*
*qui a fait la fortune*
*de toute l'Auvergne,*
*fouchtra!*

Morta a mãe, Teresinha viu-se rodeada pela ternura do pai e das irmãs, principalmente dos cuidados de Paulina, a sua *mãezinha*.

Desde os três anos de idade que a nossa Santa resolveu nada recusar a Jesus. Assim é que, sendo a caçula, e, pois, a mais mimada, assentou que de tal privilégio não havia de abusar jamais.

Tímida, amável, obediente, às vêzes, como ela mesmo nos conta, era vaidosa. Vivia-lhe ainda a mãe, quando nos relata o que se segue: "Duma feita, devíamos ir ao campo, à casa duma família amiga. A mamãe disse a Maria que me pusesse o meu lindo vestido, mas que me cobrisse os braços. Não disse palavra, mostrei até indiferença, própria das crianças daquela idade, mas, interiormente, dizia: Quanto mais bonita iria eu com os meus bracinhos de fora".

E então? Como se os santos já nascessem santos! Quantos detratores há da religião, pelo mundo afora, que, por isto e por aquilo, desmerecem os escolhidos de Deus. A santidade há que se conquistar

com o combate, combate rude, que só com a graça do Alto se levará a bom têrmo.

Com treze anos por motivo de doença, retiraram-na do colégio, para ficar com uma preceptora da sociedade, que se encarregaria de lhe completar a educação. Daqueles tempos, diria: "Nesta salinha mobiliada à antiga, rodeada de cadernos, assisti, muitas vêzes, à recepção de numerosas visitas. A mãe da minha professôra era quem sustentava a conversa. Todavia, nesses dias, não aprendia grande coisa. Com o nariz em cima do livro, ouvia tudo, até mesmo o que seria melhor não ouvir. Uma das senhoras dizia que eu tinha um lindíssimo cabelo, outra, ao sair, perguntava quem era a mocinha tão bonita. E estas palavras, tanto mais lisonjeadoras porque eram pronunciadas para mim, davam-me tal prazer que eu via claramente quanto estava cheia de amor próprio".

Em agôsto do ano de 1879, estava, então, com quase sete anos, ocorreu o "primeiro fenômeno verdadeiramente extraordinário que encontramos na vida mística de Irmã Teresa", — como diz Petitot — a visão profética que se relaciona com Luís Martin. Segundo a autobiografia, confirmada pelo depoimento das principais testemunhas, dá-nos a cena como passada no verão.

"Deviam ser duas ou três horas da tarde". O sol, esplendoroso, brilhava por todo os Buissonets, e "a natureza parecia estar em festa".

Luís Martin estava fora, ausentava-se já de alguns dias. Em Alençon, tratava de negócios. Maria e Paulina, num dos quartos da casa, trabalhavam. Noutro quarto, Teresinha, pela janela, apreciava a natureza. Teve a Santa, naquele dia, a sombria visão

da mais pesada prova moral que, em 1892, muitos anos mais tarde, pois, devia afligi-la. Diz ela com pormenores: "Encontrava-me sòzinha a uma das janelas que davam para o jardim e tinha o espírito com pensamentos alegres, quando vi defronte da lavanderia, à minha frente, um homem vestido exatamente como meu pai, da mesma estatura, com o mesmo andar, mas mais curvado e envelhecido. Digo envelhecido para pintar o conjunto geral da sua pessoa, porque não lhe vi o rosto; a cabeça estava coberta com um espêsso véu. Caminhava lentamente, com passo regular, ao longo do jardinzinho. Imediatamente, fui tomada dum sentimento de pavor sobrenatural e gritei alto, com voz trêmula:

"— Papai! Papai!"

"Mas a personagem misteriosa parecia não ouvir; continuou a andar sem se voltar, e dirigiu-se para um bosquezinho de pinheiros que cortava a álea principal do jardim. Esperava vê-la reaparecer do outro lado das grandes árvores, mas a *visão profética* desvanecera-se".

Maria e Paulina, quando ouviram aquêle gritado "Papai! Papai!", correram até Teresa, em busca de explicação para as notas de terror que sentiram na voz da irmã.

Cientes do sucedido, deram minuciosa busca por tôda a extensão do jardim, e nada encontraram. Mas Teresa teimava, e dizia:

"— Eu vi um homem e êsse homem parecia-se absolutamente com papai!"

Cansadas de rebuscar pelas moitas, pelos arbustos, de olhar por todos os recantos que pudessem esconder um ser humano, acabaram por voltar para casa. E as duas mais velhas aconselharam a Teresi-

nha que não mais pensasse no caso. Não pensar mais no que sucedera! "Ah! diria ela, mais tarde, se estivesse na minha mão! Muitas vêzes a imaginação me representava essa visão misteriosa. Muitas vêzes procurava levantar o véu que lhe encobria o sentido, e no íntimo do coração tinha a convicção de que um dia me seria inteiramente revelada".

E o foi, de fato. Anos mais tarde, Luís Martin precisaria ir a Alençon. "Julgando-se muito feliz, conta-nos Petitot, muito cheio de consolações, ofereceu-se como vítima na Igreja de Nossa Senhora:

"— Meu Deus, exclamou êle, é demasiado! Sim, sou feliz demais, e não é possível ir assim para o céu — quero sofrer alguma coisa por vós! Ofereço-me para ser vítima . . ."

"Deus aceitou a oferta dêste pai venerando, e, pouco tempo depois, foi acometido de ataques de paralisia que, a pouco e pouco, acabaram por lhe tirar o uso das faculdades intelectuais. Que prova para aquêle pai e para a família a perda da inteligência! Era a luz, o sol do mundo ideal que se extinguia e, com ela, tudo o que dizia respeito ao espírito sucumbia nas trevas e no caos.

"Na definição do homem, se se lhe tira o uso da razão, que fica? O velho curvado que Teresa vira na sua inesplicável visão é o pai acometido pela paralisia mental que avança a passo lento para o túmulo.

"Coisa notável, conta-nos uma das filhas, no princípio da doença, viam-no, muitas vêzes, cobrir a cabeça. Como a realidade corresponde exatamente à profecia até nos pormenores, que pareciam secundários!

"Mas uma pergunta se formula, que a própria Irmã Teresa na sua autobiografia se acautela de não iludir: "Por que, escreveu ela, quis Nosso Senhor dar esta luz a uma criança que, se a tivesse compreendido, teria morrido de dor? Por que? Eis um mistério que só no céu compreenderemos para fazer dêle assunto da nossa admiração".

"A Santa sugere-nos, no entanto, uma explicação: Deus proporcionou a prova à sua fraqueza, quis que estivesse preparada para ela por esta visão profética. Esta solução é verdadeira e justa, mas deixa subsistir, em grande parte, como a Santa reconhece, o *mistério impenetrável*.

"Outra interpretação, continua o autor, foi sugerida pela *História duma Alma* e pelos depoimentos das irmãs de Teresa.

"Esta visão profética do pai, dêste pai tão bom, tão piedoso, tão generoso, tão irrepreensível, é a do justo oferecida e aceita como vítima pelas faltas dos seus semelhantes, os pecadores. Ora, esta visão relembra, por uma sucessão de idéias, a de Isaías, a do servo de Javé, do qual Teresa devia extrair o fundo da sua piedade.

"O homem visto por Isaías, na mais extraordinária das profecias, é uma vítima oferecida em holocausto, carregada com o pêso das suas faltas:

*Ofereceu-se porque assim o quis, e o Senhor lhe imputou tôdas as nossas iniquidades; não responde quando o interrogam, "non aperuit os suum"; o seu rosto está oculto e velado, "absconditus vultus ejus"*.

"Da mesma forma, o homem visto por Teresa é uma vítima voluntária; não responde ao seu apêlo, tem o rosto velado.

"A visão profética de seu pai e a do justo de Isaías correspondem-se. Evidentemente, estas aproximações, êstes traços simbólicos tão profundamente gravados na memória da Irmã Teresa "e cuja lembrança lhe está tão presente como a própria visão" ajudaram-na providencialmente a penetrar no verdadeiro caráter do Messias e nos mistérios inefáveis ocultos na Santa Face do Salvador. "Assim como a Face adorável se velou durante a Paixão, assim a face do seu servo (o próprio pai) deve velar-se nos dias da humilhação, para poder irradiar com maior brilho nos céus".

Petitot, aqui, relembra valiosa enunciação fornecida por uma das irmãs de Santa Teresinha, que disse:

"Foi no Carmelo, no momento de tão grande provação, relativa à doença cerebral de meu pobre pai, que ela mais se prendeu ao mistério da Paixão, foi então que obteve licença de juntar ao seu nome o da Santa Face. Enfim, depois da sua morte, creio que foi ela quem inspirou à Irmã Genoveva a obra prima da Santa Face, conforme ao Santo Sudário de Turim".

O ideal de Santa Teresinha do Menino Jesus porventura não era a imagem de Nosso Senhor subindo o Calvário, o do Rosto impresso no véu da Verônica? A visão do pai fôra providencial. Guiala-ia no futuro.

Embora menina, e menina nova, compreendeu que a verdadeira glória consiste em sofrer e esconder-se. Diria:

"Recebi uma graça que sempre considerei como uma das maiores da minha vida: Jesus fêz-me compreender que a verdadeira glória, a única glória é a

que há de durar para sempre; que, para chegar a essa glória não é necessário cumprir grandes obras, mas sim ocultarmo-nos aos olhos dos outros e até aos nossos próprios, de forma que a mão esquerda ignore o que faz a direita".

Depois:

"— Compreendi melhor do que nunca em que consiste a verdadeira glória. Aquêle cuja glória não é dêste mundo mostrou-me que a única realeza invejável consiste em querer ser esquecida e ser tida por nada, pôr a glória no próprio desprêzo. Ah! Como o de Jesus, eu queria que o meu rosto se ocultasse a todos os olhares, que sôbre a terra ninguém me conhecesse: tenho sêde de sofrer e ser esquecida".

Assim é que a visão que teve, naquele verão, "pode afirmar-se sem mêdo de exagerar", orientou-a desde menina. "Do que escandalizou os judeus, da loucura que os gregos nunca quiseram aceitar, isto é, o Messias crucificado, símbolo da vida cristã, fêz a Irmã Teresa o seu ideal desde a infância".

— — — —

Em 1881, então com oito anos, Teresinha passou a freqüentar, como semipensionista, a abadia beneditina de Lisieux, onde se aplicou aos estudos, tudo para que ao pai pudesse dar alegria. As boas notas que tirava, porque se esforçava para ser sempre das primeiras da turma, eram tôdas para o bom Luís Martin. E Teresinha estudava muito, mesmo nas horas em que os colegas pulavam no recreio. A idéia de tirar notas baixas martirizava-a.

Paulina, a doce Paulina que escolhera para substituir a mãe, a *mãezinha* Paulina, estava prestes a buscar a quietude do convento.

Em 1882, abria-se em Teresinha a ferida causada com a morte de Zélia Maria: com a entrada da *mãezinha* no Carmelo de Lisieux, ia-se transformar. Não brincaria mais. Iria viver tristemente, a suspirar. Com efeito, só fazia pensar e pensar. Começou, então, a ter dores de cabeça com muita freqüência. Às vêzes, queixava-se. E, para esquecer a *mãezinha* que se fôra, estudava, estudava muito. Que falta, que grande falta lhe fazia Paulina!

Em 1883, adoeceu gravemente. Era uma doença estranha, que parecia sobretudo nervosa. As dores de cabeça, de suportáveis, passaram a terríveis, insuportáveis, e um esquisito tremor entrou a apoderar-se da menina. E as coisas do quarto em que jazia, tomavam formas fantásticas, que aterravam. Gritava. Gritava de espantar. Quando lhe iam administrar remédios, recuava, apavorada, recusava-os terminantemente. E gritava, de confranger:

— Querem envenenar-me!

Maria, a irmã mais velha, um dia, percebeu que Teresa não a reconhecia. Que dor! Aflita, pôs-se a dizer quem era. Lançando mão de tôda a suavidade, calcando a dor, procurava fazer-se reconhecer. Tudo em vão.

Quem poderia descrever a amargura de Luís Martin? Que teria a sua *Rainha,* aquela rainha que punha sôbre os joelhos e enchia de mimos?

Maria, desesperada, principiou a rogar a Nossa Senhora, numa novena, a cura da irmãzinha que não mais a conhecia. Leônia e Celina, prontamente, cheias do mais vivo fervor, uniram-se a ela, com a

alma a vibrar. E Teresinha, mesmo naquele triste, desolador estado, abalada por violentas crises, acompanhou-as. A segunda visão da festejada Santa de Lisieux estava próxima. Ia dar-se o milagre.

No quarto da enfêrma havia uma estátua da Virgem. No domingo de Pentecostes, enquanto as irmãs oravam a Nossa Senhora das Vitórias, Teresinha viu a imagem mover-se. "De repente, diria, a estátua animou-se! A Santíssima Virgem tornou-se linda, tão linda, que nunca encontrei expressão que pudesse dar uma idéia desta divina beleza. O rosto respirava doçura, bondade, ternura inefáveis, mas o que me penetrou até o fundo da alma foi o seu *sorriso arrebatador!* Então, tôdas as minhas penas se desvaneceram, duas grossas lágrimas me caíram das pálpebras e correram silenciosamente".

Estava curada, radicalmente curada. Tinha o rosto radiante, tão radiante, que as irmãs adivinharam a cura. E Teresinha, a elas, cândidamente, tudo contou.

— — — —

Em 1886, Maria, a irmã mais velha, buscava, seguindo as pegadas de Paulina, o Carmelo.

No ano seguinte, a *Rainha da França e da Navarra* confiava ao pai o desejo que tinha de também entrar naquela ordem. Luís Martin, depois dalguma reflexão, consentiu, mas o farmacêutico Guerin, embora fôsse ótimo cristão, opôs-se.

Teresinha não se desencorajou. E, tôda esperança, pôs-se à espera. Conta-se dela nessa altura da vida, a conversão que conseguiu do bandido Pranzini, à fôrça de oração. Havia vencido certos escrú-

pulos, porque muito impressionável, excessivamente emotiva, e agora, confiante, tôda no desejo de salvar almas, propusera-se obter de Deus a conversão daquele homem à beira do abismo. Foi atendida. O capelão, que assistiu aos derradeiros momentos de Pranzini, contou que o pobre condenado, braços atados às costas, pediu insistentemente o crucifixo, ao qual, com grande amor e maior respeito, várias vêzes cobriu de beijos.

Que grande alegria! Salvar uma alma prestes a perder-se. "É o meu primeiro filho. dizia ela depois. Mandava celebrar-lhe missas pela alma, dizendo: "Não posso esquecê-lo, pois deve ter tanta necessidade disso, depois das partidas que pregou".

Eis senão quando, o tio Guerin acabou por consentir que a sobrinha procurasse as carmelitas. Assim, com o pai, viajou para Bayeux, em busca da autorização para a entrada no Carmelo, porque tinha sòmente quinze anos.

O superior achava conveniente esperar até que Teresinha completasse os vinte e um, mas a jovem foi tão eloqüente, o pai apoiou-a tão firmemente, que o bispo acabou prometendo tudo fazer para que o desejo da pequena fôsse satisfeito.

Em Roma, a audiência com o Supremo Pontífice correu bem. Disse a ela o papa Leão XIII:

— Se o bom Deus quiser, tu entrarás.

Escreveu a Paulina — Irmã Inês de Jesus: "Se tu soubesses como me bateu o coração, ao ver que minha hora havia chegado!"

Santa Teresinha estava no Carmelo aos 9 de abril de 1888. A 10 de janeiro do ano seguinte, tomava o hábito. Desde então passou a ser a Irmã Teresa do Menino Jesus da Santa Face. Em feve-

reiro, o pai era transferido para a casa de saúde de Caen.

A 8 de setembro de 1890, fêz profissão. Com vinte anos, foi encarregada da direção espiritual das noviças. Leiamos o que escreveu:

"Logo que penetrei no santuário das almas, julguei, à primeira vista, que a tarefa excedia as minhas fôrças, mas logo me lancei nos braços de Nosso Senhor... e disse-lhe: "Senhor, bem vêdes, sou muito pequenina para alimentar as vossas filhas; dai-lhes, em meu lugar, o que a cada uma convém, enchei a minha mão e, *sem deixar os vossos braços,* sem mesmo afastar a cabeça, distribuirei os vossos tesouros à alma que me vier pedir o sustento... compreendendo assim que nada podia fazer por mim mesma, a tarefa pareceu-me simplificada. Ocupava-me interior e ùnicamente em me unir a Deus cada vez mais, sabendo que o resto me seria dado por acréscimo... Confesso, minha Madre, se tivesse agido doutra maneira, se me tivesse apoiado nas próprias fôrças, teria, sem demora, deposto as armas!"

Por tôda a vida religiosa, Santa Teresinha do Menino Jesus procurou, nas mínimas coisas, praticar a regra do Carmelo. Procurava, contudo, evitar os excessos, porque não queria ser alvo de atenções. Queria passar despercebida, desejava trabalhar "sem ver o fruto do seu labor". Às vêzes era mal interpretada por esta ou aquela da comunidade. Dizia certa irmã conversa, que se azafamava na cozinha:

"— Vejam como ela anda. Nunca tem pressa. Quando tem de fazer alguma coisa não serve para nada".

Por que êste dito? Porque era moderada, e dizia: "Vós vos entregais com demasiado ardor no que fazeis, atormentai-vos nos vossos empregos como se fôsseis as únicas responsáveis por êles". Como algumas almas não lhe conheciam o caráter! Diziam as irmãs de Santa Teresinha:

"Viam-na sempre sorridente, mostrando uma alegria muito amável, e, não penetrando na sua intimidade, podia julgar-se que seguia uma senda muito suave, muito cheia de consolações. Também muitos leitores da sua vida não descobrem a significação dêsse sorriso, não vêem a cruz cuidadosamente oculta debaixo das flôres. Esquecem as palavras do rei profeta: *Quando se olha para Deus, fica-se radiante de alegria*".

Se as religiosas que a censuravam pudessem agir como Teresinha agia, encontrariam, sem dúvida, e bem depressa, o inverso. "Uma santa religiosa da comunidade, conta-nos a Santa de Lisieux, tinha outrora o defeito de me desagradar em tudo. Procurava eu então fazer por essa Irmã tudo quanto faria pela pessoa que mais estimasse. Sempre que me encontrava com ela, pedia a Nosso Senhor por ela. Prestava-lhe todos os serviços que estavam ao meu alcance, e quando tinha vontade de lhe dar uma resposta desagradável, apressava-se a dar-lhe o meu melhor sorriso, mudando de conversa. Muitas vêzes, também, quando o demônio me tentava violentamente e não podia esquivar-me, sem que ela percebesse a minha luta íntima, fugia como o *soldado desertor*. Entretanto, disse-me ela, um dia, com ar radiante: "Irmã Teresa do Menino Jesus, diga-me, em segrêdo, o que é que em mim a atrai? Nunca a encontro sem que não me dê um gracioso sorriso". Ah! O que

nela me atraía, era Jesus oculto no fundo da sua alma, o Jesus que torna doce quanto há de mais amargo!"

----

A 29 de julho de 1894, Luís Martin falecia na casa do cunhado Guerin. Em setembro, Celina ia juntar-se às irmãs no Carmelo. Teresinha, então, era monitora. Em dezembro, nossa Santa recebia da priora, da *mãezinha* Paulina, agora a Madre Inês de Jesus, a ordem de escrever as recordações da infância.

Santa Teresinha ajoelhou-se diante da imagem de Nossa Senhora do Sorriso, a quem devia a cura milagrosa daqueles duros dias de enfêrma, orou por algum tempo, abriu o Novo Testamento e principiou a obra.

Diz ela:

"Antes de tomar da pena, ajoelhei-me diante da estátua de Maria, aquela que tantas provas nos deu das maternais preferências da Rainha do Céu; pedi-lhe que me guiasse a mão, para não escrever uma linha só que lhe desagradasse. Em seguida, abertos os Santos Evangelhos, os meus olhos depararam com estas palavras: Jesus, subindo a uma montanha, chamou a si aquêles que quis . . ."

Sem se preocupar com técnica de composição, ou com o que quer que seja, sem consultar livros, memórias, dicionários ou gramáticas (apenas alguns documentos de família) foi escrevendo, calmamente, sem se exaltar. Sentada num banquinho baixo, muito baixo, escrevia sôbre uma caixa, de gavetinha, colocada nos joelhos. Quieta, rememorando coisas pas-

sadas, ali, dum canto da cela, perto da enxerga, compôs para o pósteros.

Inês de Jesus, leu o manuscrito e ficou maravilhada. Era um primor, uma obra-prima de simplicidade e de honestidade.

"Nas primeiras páginas apenas indicou três períodos bem marcados na sua infância, conta-nos H. Petitot, até a sua entrada no Carmelo. Foi o padre Godofredo Madalena, premonstratense, que, de acôrdo com a Madre Inês de Jesus, dividiu a obra em capítulos.

"Como se adverte no Prefácio das últimas edições, o trabalho inicial da Irmã Teresa só compreendia os oito primeiros capítulos. Começada nos primeiros dias de 1894, a redação estava terminada a 20 de janeiro de 1896, festa de Santa Inês.

Entrando no côro das religiosas para a oração da noite, a Irmã Teresa veio entregar, de joelhos, à Prioresa, a narrativa que esta lhe mandara escrever. A Madre Inês de Jesus, que estava a acabar o têrmo do seu priorado e cujos momentos eram absorvidos por múltiplos cuidados, colocou distraìdamente o manuscrito na estante, depois levou-o para a cela e o guardou.

"Alguns dias mais tarde, as irmãs tiveram que eleger outra prioresa. A eleição foi trabalhosa. A Madre Inês de Jesus, pelo seu caráter de suave firmeza, adquirira a estima das religiosas, mas a Madre Maria de Gonzaga, pelo prestígio da sua autoridade, conservava as suas partidárias. Após sete escrutínios, foi eleita.

"A transmissão de poderes numa comunidade religiosa faz-se sem complicações. Todavia, a Madre Inês de Jesus andava bastante preocupada com tôdas

estas mudanças, e esqueceu por completo o manuscrito a que não ligava importância de maior; e a Irmã Teresa, despegada de tudo, buscando só a paz e o esquecimento, também tinha o cuidado de a êle não fazer a menor alusão. Ninguém pensava então na publicação dessa obra-prima. Assim, decorreram dois meses.

"A Madre Inês de Jesus, voltando a simples religiosa e dispondo de mais tempo, encontrou o manuscrito, leu-o, e ficou edificadíssima e encantada".

Aos 4 de abril de 1896, sexta-feira santa, a doença que devia levar Teresinha dêste mundo declarou-se. A Madre Inês de Jesus estava desolada. A irmã quase nada escrevera sôbre a vida religiosa. Embora o manuscrito fôsse precioso, jazia incompleto, e incompleto permaneceria se a nova prioresa não lhe desse ordem para continuar. Que fazer, se a Madre Maria de Gonzaga era muito conservadora, muito autoritária? Era bem capaz de recusar a ordem sem pestanejar.

Afinal, depois de muito pensar, Inês de Jesus, criando coragem, foi ter com a prioresa. Mais tarde escreveria:

"Vendo a Irmã Teresa do Menino Jesus muitíssimo doente, na tarde de 2 de julho de 1897, quatro meses antes de sua morte, pela meia-noite, fui ter com a Madre Prioresa: "Minha Madre, disse-lhe eu, não posso dormir sem lhe confiar um segrêdo: quando eu era prioresa, a Irmã Teresa escreveu, por obediência e para me dar prazer, algumas recordações da sua infância. Reli-as outro dia; é bonito, mas não se poderá tirar dali grande coisa quando tiver que se fazer a circular anunciando a sua morte, porque não diz nada da sua vida religiosa. Se lhe orde-

nasse, ela poderia escrever qualquer coisa mais grave e não duvido de que ficaria com coisa muito melhor do que a que eu possuo". Nosso Senhor abençoou os meus passo se, no dia seguinte, de manhã, a Nossa Madre ordenou à Irmã Teresa que continuasse a sua narrativa. Já lhe tinha preparado um caderno, mas ela o achou bom demais, ainda que fôsse vulgar, e temia cometer falta contra a virtude da pobreza, servindo-se dêle. Perguntou-me se não seria preciso apertar as linhas para gastar menos papel. Respondi-lhe que estava muito doente para se cansar, se escrevesse dêsse modo. O que precisava era espacejar as linhas e escrever com letra grande".

Em julho do mesmo 1897, havia redigido cinqüenta páginas. A pena, então, caiu-lhe da mão. Era a fraqueza. Instalaram-na, pois, numa cadeira de rodas, e Teresinha entrou a escrever no jardim, ao ar livre, à sombra dos castanheiros.

Foi ali que escreveu, para as carmelitas, as últimas páginas, como que o seu testamento espiritual.

— — — —

Vejamos algumas passagens da obra de Santa Teresinha do Menino Jesus. Para mostrar como pôde *crescer* por *pequeninos nadas*, lemos:

"Resolvi entregar-me mais do que nunca a uma vida grave e mortificada. Quando digo mortificada, não me refiro às penitências dos santos. Longe de me assemelhar a essas belas almas que, desde pequeninas, praticam tôda a espécie de macerações, fazia ùnicamente consistir as minhas em quebrar a minha vontade, reter uma palavra de réplica, prestar pequeninos serviços aos que me rodeavam sem fazer valer

êsses serviços, e mil coisas do mesmo gênero; pela prática dêstes nadas, preparava-me para me tornar desposada de Jesus, e não posso dizer quanto esta demora me fêz crescer na completa entrega, na humildade e outras virtudes".

Sôbre a instrução das almas:

"Compreendo e sei por experiência que o reino de Deus está dentro de nós. Jesus não tem necessidade de livros nem de doutôres para instruir as almas; êle, o Doutor dos doutôres, ensina sem ruído de palavras. Nunca o ouvi falar, mas sei que êle está em mim. A cada instante me guia e me inspira; vejo, justamente no momento em que disto tenho necessidade, claridades desconhecidas até então. Não é muitas vêzes na hora da oração que elas brilham aos meus olhos, mas no meio das minhas ocupações do dia".

Falando da confiança que se deve depositar em Deus:

"Não é por ter sido preservada do pecado mortal que me elevo a Deus pela confiança e amor. Ah! Eu sinto que, ainda que tivesse sôbre a consciência todos os crimes que se podem cometer, nada perderia da minha confiança: iria, com o coração dilacerado pelo arrependimento, lançar-me nos braços do Salvador. Sei como êle amou o filho pródigo, ouvi as suas palavras a Madalena, à mulher adúltera, à samaritana".

Da resignação:

"Havia algum tempo, oferecera-me ao Menino Jesus para ser o seu brinquedo. Disse-lhe que não se servisse de mim como dum bonito e caro, que as crianças olham, mas não ousam tocar, mas sim como duma bola de valor ínfimo, que se pode atirar ao

chão, empurrar com o pé, abrir, atirar para um canto, ou então apertá-la ao coração, se isso lhe desse prazer. Numa palavra, queria divertir o Menino Jesus e entregar-me aos seus caprichos infantis. Acabou por ouvir a minha prece! Em Roma, Jesus furou o seu brinquedo . . . queria, certamente, ver o que estava dentro . . . e depois, contente com a descoberta, deixou-a cair ao chão e adormeceu. Que fêz êle enquanto dormiu tranqüilamente e que foi feito da bola abandonada? Jesus sonhava que se divertia ainda, que a pegava, deixava, mandava rolar e, por fim, apertou-a contra o coração, sem nunca mais permitir que ela se afastasse da sua mão".

Êste trecho refere-se ao tempo em que estêve em Roma, em busca da autorização papal para, com quinze anos, entrar no Carmelo, entrada que sòmente depois da quaresma se deu, já que a Prioresa Maria de Gonzaga achara melhor esperar mais um pouco. Fôra, para postulante, uma decepção.

Eis uma página em que se vê uma comparação moderna: "Bem sabe, minha Madre, o meu desejo foi sempre tornar-me santa, mas, ai de mim! vi sempre, quando me comparava aos santos, que entre mim e êles existia uma diferença como a que nós vemos na natureza, entre a montanha, cujo cume se perde nas nuvens, e o obscuro grãozinho de areia calcado aos pés de quem passa. Em vez de desanimar, disse para mim mesma: "Nosso Senhor não nos pode inspirar desejos irrealizáveis; posso, pois, apesar da minha pequenez, aspirar à santidade". Crescer, era impossível! Tenho que me suportar tal como sou, com as minhas inúmeras imperfeições; mas quero procurar um meio de ir para o céu por uma via certa, muito curta, uma senda inteiramente nova. Estamos

num século de invenções: já não vale a pena subir os degraus duma escada; nas casas ricas um ascensor substitui vantajosamente a escada. Eu queria encontrar um ascensor para me elevar até Jesus; sou muito pequenina para trepar a rude escada da perfeição. Então pedi aos livros santos que me indicassem o *ascensor*, objeto dos meus desejos; e li estas palavras, saídas da bôca da própria Sabedoria eterna: "O que fôr pequenino, venha até mim . . ." Ah! Nunca palavras mais ternas, mais melodiosas vieram alegrar a minha alma. O ascensor que deve elevar-me até o céu são os vossos braços, ó Jesus".

Teresinha aspirava o martírio. No dia da sua profissão, num bilhete que levava sôbre o coração, tinha escrito:

"Ó Jesus, meu divino Espôso . . . Fazei que por vós morra mártir; dai-me o martírio do corpo ou o do coração. Ou antes, dai-mos ambos!"

Numa das suas mais belas páginas, simples e sincera, de estilo límpido e corrente, lê-se sôbre o martírio do corpo:

"Na sexta-feira Santa, muito cedinho, Jesus deu-me esperança de ir depressa ter com êle ao seu lindo céu. Oh! Como esta recordação é suave! Quinta-feira, como não obtivera licença para ficar em adoração junto ao Túmulo, à meia-noite entrei na minha cela. Mal deitei a cabeça no travesseiro, senti uma farfalheira pelo peito acima, que veio refervendo até os lábios; julguei que ia morrer e o meu coração despedaçava-se de alegria. No entanto, como acabara de apagar o candeeiro, mortifiquei a minha curiosidade até de manhã e adormeci tranqüilamente. Às cinco horas, ao sinal de despertar, pensei logo que ia saber qualquer coisa que me daria muita alegria;

e, aproximando-me da janela, vi imediatamente que tinha o lenço cheio de sangue. Ó minha Madre, que bela esperança! Estava intimamente persuadida de que o meu Bem-Amado, no aniversário da sua morte, fazia-me ouvir o primeiro apêlo, como um longínquo e doce murmúrio que me anunciava a sua próxima vinda".

Um ano e meio depois, ir-se-ia dêste mundo.

— — — —

Santa Teresinha recebeu a extrema-unção aos 30 de julho de 1897. Aos 19 de agôsto, pela última vez, a eucaristia, falecendo pela festa de São Jerônimo, aos 30 de setembro, às sete horas da noite, depois de atrozes sofrimentos.

Arfava, dizia:

"— Não posso respirar! Não posso morrer! Ainda quero sofrer! Vamos! Vamos! Não gostaria de sofrer menos!

Depois, para o crucifixo:

"— Oh! ... Amo-vos! ... Meu Deus! ... Amo-vos!

A cabeça descaiu-lhe, de repente, para o lado direito, mas levantou-a ainda, fixando os olhos na imagem da Santíssima Virgem, num longo olhar de êxtase e de amor, depois do que expirou. Estava com vinte e quatro anos e nove meses.

— — — —

A doutrina de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face exprime-se na *História duma Alma*, nas cartas que deixou, nas poesias que compôs, nas pinturas que trabalhou e nas recordações das irmãs.

Quanto aos livros que tinha como verdadeiramente formadores, afora os Evangelhos e a Bíblia, contava com *A Imitação*, o *Fim do Mundo Presente* e o *Mistérios da Vida Futura*, do Padre Arminjon, as obras de São João da Cruz e de Santa Teresa de Ávila.

Santa Teresinha queria ganhar méritos "para as almas, para as necessidades de tôda a Igreja, enfim, para atirar rosas a tôda a gente, justos e pecadores". Queria "amar, ser amada e tornar sôbre a terra para fazer amar o Amor".

Dizia, a 9 de junho de 1897:

"Farei cair uma chuva de rosas". Com efeito, quantos milagres, quantas graças!

Em 1923, Pio XI proclamou-a bem-aventurada. Em 1925, elevou-a à honra dos altares, colocando-lhe o nome no Catálogo dos Santos. Em 1927, foi feita padroeira principal de tôdas as missões do globo, e a festa, fixada para o dia 3 de outubro, foi estendida à Igreja inteira.

Em 1944, Pio XII nomeou-a padroeira secundária da França, como Santa Joana D'Arc.

— — — —

Há uma grande diferença entre Santa Teresinha do Menino Jesus e os santos de outrora. Àqueles, os êxtases, as visões, as profecias, a estigmatização, os milagres eram coisas comuns. Com Santa Teresa de Lisieux êste aspecto é diverso. Durante a vida terrena, jamais operou um milagre. Na sua autobiografia não nos narra nenhum arroubo, "nenhum rapto pròpriamente dito". Tal ausência de fenômenos extraordinários na vida duma santa que foi cano-

nizada tão ràpidamente é coisa nova e apreciável. É o que Petitot chama de o *caráter negativo da espiritualidade da Irmã Teresa.* E diz:

"Notemos que a Irmã Teresa do Menino Jesus nunca desejou as graças extraordinárias da vida mística, nem as apreciava excessivamente, como fazem tantas freiras e até mesmo cristãos esclarecidos. Na idade de dezesseis anos, durante o retiro para a tomada de hábito, escrevia à Madre Inês de Jesus a respeito das provações inerentes à vida de comunidade: "Sim, desejo as feridas do coração, as picadas de alfinête que tanto fazem doer; a todos os êxtases, prefiro o sacrifício".

"Entre as datas comemorativas das principais graças recebidas, que foram em número de treze, a de 12 de fevereiro de 1889, é intitulada: *A nossa maior riqueza.* Esta data relembra o mais cruel sofrimento moral experimentado pela Irmã Teresa, por causa da entrada do pai, do "rei querido", numa casa de saúde. Na autobiografia, a Santa resumiu nalgumas linhas a convicção profunda e que todos os dias se ia arraigando durante êsses dolorosos meses: "Mais tarde, no céu, gostaremos de conversar sôbre os tristes dias de exílio. Sim, os três anos de martírio do nosso pai parecem-me os melhores, os mais frutuosos da nossa vida; não os trocaria pelos êxtases mais sublimes".

"Preferir aos mais sublimes êxtases os sacrifícios grandes e pequenos, aceitos por amor, é um dos caracteres mais essenciais da espiritualidade da Irmã Teresa, no seu *Caminho da Infância.*

"O número dos pequenos é muito grande sôbre a terra", escrevia ela".

No depoimento da irmã, a Madre Inês de Jesus, lemos:

"A Irmã Teresa do Menino Jesus não se parece quanto aos dons sobrenaturais, ou pelo menos à manifestação dêles, com a maior parte dos santos canonizados pela Igreja".

Depois:

"Excetuando a visão da Santíssima Virgem, e a que lhe revelou adiantadamente a doença de nosso pai, excetuando também a flecha de amor com que disse ter sido ferida uma vez e o êxtase da sua morte, nada vejo na sua vida que saia da via ordinária. Salvo, talvez, certas predições que ela fêz do que se passaria depois da sua morte. É preciso, no entanto, dizer que os fenômenos místicos extraordinários foram na sua vida inteiramente um estado de exceção, a simplicidade era a sua regra. Pensar doutra maneira seria mudar a fisionomia tão animadora que Nosso Senhor quis dar à sua Servazinha expressamente para chamar ao seu divino amor as almas pequeninas que quisessem seguí-la".

— — — —

Tratando-se de graças místicas, Santa Teresa de Lisieux foi favorecida com elas.

Duma feita, a Madre Inês de Jesus perguntou-lhe se conhecera estados de oração. Teresinha respondeu-lhe:

"Sim, no jardim, por várias vêzes, à hora do calmo silêncio da noite, no verão, tendo-me sentido em tão grande recolhimento e o coração de tal modo unido a Deus, com tanto ardor e com tão suaves aspirações de amor, que me parece que estas graças

são as que a nossa Madre Santa Teresa chama *vôos de espírito*".

"A oração de recolhimento, quando se perpetua, é como fogo que arde debaixo da cinza, diz o autor de *Santa Teresa de Lisieux,* mas, em certos momentos projeta chamas ou transportes de amor. Quando êstes transportes são muito veementes, atravessam o invólucro da nossa carne mortal e são capazes de pôr a vida em risco".

Nossa Santa provou várias vêzes êstes transportes de amor. Uma vez, mesmo, quase veio a morrer. Diz-nos ela mesma:

"Alguns dias depois do meu oferecimento ao Amor Misericordioso, comecei no côro o exercício da Via Sacra; de repente, senti-me ferida dum dardo de fogo tão ardente que me julguei à morte. Não sei como explicar êste transporte; não há comparação que possa fazer compreender a intensidade desta chama. Parecia-me que uma fôrça invisível me mergulhava inteiramente no fogo. Oh! Que fogo! Mas, que doçura! ... Um minuto, um segundo mais, e a minha alma separar-se-ia do corpo ... Mas ai! encontrava-me sôbre a terra ... e a aridez, imediatamente, voltou a habitar no meu coração!"

Depois:

"Enfim, minha Mãezinha, é o que os santos tantas vêzes experimentaram".

São João da Cruz, com efeito, cantou:

"Ó suave ardência!
Ó chaga deliciosa!
Ó suave mão! ó suave toque!
Tendes o sabor da vida eterna ..."

Santa Teresinha morreu num êxtase de amor. Como vimos, descaiu-lhe a cabeça para o lado direito, dir-se-ia que terminara o combate, mas, de repente, levantou-a, fixando a estátua de Maria Santíssima num longo, estático olhar de amor. Diz a Madre Inês de Jesus:

"Julgávamos que tudo estava acabado, quando, de repente, levantou os olhos cheios de vida e chama, nos quais se refletia uma felicidade que excedia tôdas as nossas esperanças. A Irmã Maria da Eucaristia, querendo ver mais de perto êsse olhar, que durou o espaço dum *Credo*, passou e repassou uma luz por diante das suas pálpebras sem as fazer vacilar. Era um êxtase, uma visão do céu, mas uma visão que lhe punha no coração demasiado amor, demasiado reconhecimento, e não pôde suportar os "assaltos deliciosos" e teve que quebrar os elos dessa cadeia".

São João da Cruz expôs como morrem os santos inflamados no amor divino. Sucumbem, sem dúvida, por causa da doença, em virtude das fadigas, do pêso da idade, mas o que lhes arrebata a vida é outra coisa — "é uma aspiração suprema de amor".

Santa Teresinha, na terra, viveu de aspirações de amor: poderia, então, morrer doutra maneira, ela que, no mundo, vivia no céu?

"Não sei bem, dizia, o que é que poderei ter a mais no céu do que o que possuo na terra. Verei a Nosso Senhor, é certo, mas, quanto a estar com êle, já estou inteiramente com êle na terra".

E também:

"Vives em mim prisioneiro noite e dia",

— — — —

Uma das santas mais populares do mundo, a origem da veneração e da glória de Santa Teresinha data da primeira publicação da sua autobiografia — *História duma Alma* — aparecida em 1898, depois traduzida para mais de trinta línguas.

Antes da Primeira Grande Guerra, quando ainda não tinha sido beatificada, tinham-se editado nos primeiros quinze anos, cêrca de duzentos mil exemplares em língua francêsa. Cartas, pedidos de retratos, choviam, diàriamente, no Carmelo de Lisieux. E o povo cristão vivia no mais fervoroso afã de conseguir o que quer que fôsse pertencente a Santa Teresinha, porque, lendo a *História duma Alma,* tinha a certeza de que inteiramente conhecia a alma da meiga Santa de Lisieux, alma que aparecia "como um lindíssimo modêlo de heróica santidade em que Nosso Senhor pôs a sua graça." Sentia-se que logo seria beatificada, logo seria canonizada. O povo mesmo, antes da Igreja, já a havia canonizado. (1)

* * *

---

(1) **História duma Alma; Santa Teresa de Lisieux**, de H. Petitot, **Hist. duma Família**, de Piat.

# SÃO MAXIMIANO (*)

## *Bispo*

Bispo de Bagais, conhece-se São Maximiano por intermédio de Santo Agostinho. (1)

Bagais vivia agitada, no concílio de Milevo, a 27 de agôsto de 402, Maximiano, na esperança de pôr fim aos tumultos que geravam temores, propôs a demissão da dignidade de que fôra revestido: donatista por uns tempos, não queria, agora que retornara ao seio da Igreja, ser o perturbador da paz.

O concílio aceitou a demissão, mas Maximiano, até 404, era bispo de Bagais e fôra objeto da cólera dos heréticos. Por vingança, perseguiram-no e maltrataram.

Um dia, quando estava na igreja, aos pés do altar, foi assaltado pelos fanáticos, que o surraram, e tão violentamente que o sangue lhe correu, duma grande ferida, abundantemente. Agarrado brutalmente, foi despojado das vestes, e os católicos, estarrecidos, que procuraram, passado o estupor, defendê-lo, tal a fúria dos donatistas, não o conseguiram.

Levado para o alto duma tôrre, bàrbaramente de lá São Maximiano foi arrojado ao solo, indo cair

---

(1) Sto. Agost., **Contra Cresconium, L III, c. XLIII, XLVII.**

sôbre um montão de lixo, donde um passante o retirou, caridosamente, e levando-o consigo.

Curado por milagre, Maximiano buscou Roma, e, diz-se, diante dos ferimentos que apresentava por todo o corpo, o imperador Honório, que com êle se entrevistou, sentiu-se profundamente emocionado.

Em 411, Bagais tinha novo bispo, mas donatista: Donaciano. E Maximiano? Demitindo-se, retirara-se, ou morrera? Infelizmente nada se sabe. Santo Agostinho, falando sôbre o santo bispo apenas diz que repousa no Senhor.

Baseado neste "repousa no Senhor", Barônio introduziu São Maximiano, bispo de Bagais, no martirológio".

* * *

## SANTO EVALDO, O BRANCO E SANTO EVALDO, O NEGRO (*)

### *Mártires*

Entre os monges que acompanharam São Willibrord à Frisia, dois chamavam-se Evaldo. Para evitar confusão, passaram todos nomeá-los Evaldo, o *Branco* e Evaldo, o *Negro*. Não porque um fôsse de raça branca e outro de raça negra, mas sim porque um tinha os cabelos brancos e o outro negros.

Quando deixaram o apóstolo dos frísios ambos buscaram o país dos saxões. Recebidos pelos chefes, tiveram livre o caminho para a prática da religião cristã e evangelização das gentes. O povo, porém, temendo que aquilo fôsse acabar com as tradições, um dia, repentinamente, apoderaram-se dos dois santos Evaldo, arrastaram-nos a um lugar solitário e mataram ao *Branco* e ao *Negro*, a espada.

Quando um dos chefes que receberam os santos soube do que lhes sucedera, tomado de grande ira, ordenou que se incendiasse a aldeia donde saíram os matadores daqueles que acolhera com simpatia.

Os santos Evaldo, atirados ao Reno, foram, depois, recolhidos por um nobre soldado. Chamava-se Tilmon. Vira uma estranha luz a brilhar sôbre as águas e, curioso, fôra em busca de explicação para

o mistério: deparou então com os corpos; recolheu-os, e, reverentemente, sepultou-os.

Mais tarde, Pepino, rei dos francos, fêz com que os transportassem para a igreja de São Clemente de Colônia, aquela que, anos mais tarde, deveria chamar-se de São Cuniberto.

Os dois santos mártires foram honrados imediatamente depois da morte, e os numerosos calendários franceses, inglêses e alemães mencionam-nos desde o século VII. Mortos em 695, ambos são padroeiros de Westfália.

---

No mesmo dia, em Beauvais, Santa Romana, virgem e mártir.

Em Toulon, São Cipriano, bispo, discípulo dos mais importantes de São Cesário de Arles. Compareceu a todos os concílios em que o mestre reuniu os bispos da Provença: em Arles, em 524; em Carpentras, em 527; em Orange e em Vaison, em 529; e em Marselha, em 533. O maior título de glória de São Cipriano de Toulon vem-lhe dos escritos: uma carta endereçada ao bispo de Genebra, Máximo, em 530, onde deixa ver sua ortodoxia na doutrina da encarnação, e, principalmente, a Vida de São Cesário: Cipriano é o autor principal da primeira parte da *Vida* do bispo de Arles, obra-prima da hagiografia. São Cipriano faleceu depois de São Cesário (543), entre 543 e 549. A festa, que se celebra hoje, 3 de outubro, é talvez, a data duma das translações, ocorridas, uma em 701, e outra em 1301.

Em Meaux, São Pathus, bispo (século VII ou VIII). Conta-se de São Pathus que, sendo cônego,

foi eleito bispo de Meaux. Humilde, não quis aceitar o cargo, mas, como não conseguiu escapar do episcopado, rogou para que Deus o levasse, o que aconteceu, antes de tomar posse.

No mosteiro de Andain ou Andage, agora de Santo Huberto, na diocese de Liège, São Beregiso, abade, desaparecido depois de 725. Nascido, provàvelmente, em 670, filho de Berila (desconhece-se o nome do pai), foi enviado ao mosteiro de São Trond, ainda jovem. Ordenado padre, estêve uma temporada na casa de Pepino de Heristal. A espôsa de seu mestre, Plectrudes, um dia, no vão dum rochedo, encontrou misterioso bilhete, no qual se pedia o levantamento à margem do Andage, um largo ribeiro que atravessava a solidão da floresta de Ardenne. Beregiso dedicou a igreja a São Pedro e reuniu discípulos que foram cônegos ou clérigos regulares.

Na Borgonha, São Widrad, abade de Flavigny, em 720. Faleceu em 748.

Em Metten, o bem-aventurado Utto, abade. Metten é um mosteiro beneditino da congregação bávara dos Anjos da Guarda, situado na Alemanha, não longe de Deggerdorf, na Baixa Baviera. Fundado por Gamalberto, em 770, Utto foi seu primeiro abade. Faleceu, supõe-se, em 800 (*Vita Gamalberti*).

Na diocese de Reims, São Juvino, ermitão, no século IX. Segundo uma legenda, sem valor, Juvino era pastor, humilde, sempre voltado para Deus. Porque o rebanho que guardava era quieto, os companheiros, que cuidavam doutros, irrequietos, acusaram-no de negligente ao patrão. Ameaçado de ser prêso, São Juvino, diz a legenda, enterrou o bastão, que sempre trazia consigo, no chão. Brotando e tornando-se árvore magnífica no mesmo instante, o senhor,

emocionado, penitenciou-se da aspereza na hora, concedendo-lhe a maior liberdade de ação.

Em Poussay, na diocese de Toul, Santa Mena, virgem.

Em Coire, na Suíça, Santo Adalgott, bispo. Discípulo de São Bernardo e monge cisterciense, foi eleito bispo de Coire em 1150. Foi sagrado no ano seguinte pelo arcebispo de Maiença, Henrique. Trabalhou com grande afinco na restauração das casas religiosas da diocese. Faleceu aos 3 de outubro de 1160.

Em Roma, no bairro de Santa Bibiana, São Cândido, mártir. — Também os santos mártires Dinis, Fausto, Caio, Pedro, Paulo e quatro outros que muito padeceram sob o imperador Décio. Depois, sob Valeriano, tendo sido submetidos a prolongados tormentos por ordem do imperador Emiliano, obtiveram a palma do martírio. — Na Palestina, Santo Hesíquio, confessor, discípulo de Santo Hilarião, e seu companheiro de viagens.

* * *

## 4.º DIA DE OUTUBRO

# SÃO FRANCISCO DE ASSIS

No início do décimo-terceiro século, havia na cidade de Assis um homem oriundo de estirpe nobre, mas que se fizera mercador e dispunha de avultada fortuna. Tinha um filho, que se chamava João. Como o seu comércio obrigava a constantes contactos com os franceses, fêz questão que o filho aprendesse francês. João chegou a falar tão bem essa língua, que recebeu a alcunha de François (Francisco), sob a qual é conhecido. Ùnicamente preocupados com os negócios, os pais do jovem Francisco haviam negligenciado a sua educação. Êste, a princípio, mostrava-se muito inclinado aos vãos divertimentos mundanos e a adquirir riquezas. Entretanto, obrigara-se a dar esmola a todo e qualquer pobre que a pedisse pelo amor de Deus. Certa vez em que, muito ocupado, se recusara a atender um mendigo, arrependeu-se, e correu atrás dêle para entregar-lhe o óbulo solicitado. Outra vez, recuperando-se de grave moléstia, mandou fazer roupas luxuosas e montou a cavalo, disposto a divertir-me um pouco. De súbito, porém, no meio de uma planície, apeia-se, despoja-se das vestes, troca-as pelos andrajos de um mendigo, cuja miséria lhe comovera o coração. Essa fidelidade às primeiras graças é recompensada por Deus com

graças ainda maiores. Certo dia, ao dar com um leproso que se aproximava, o primeiro impulso de Francisco foi recuar, horrorizado. Recuperando-se, porém, beija o leproso e dá-lhe esmola. Era assim que aquêle filho de mercador fazia seu aprendizado na virtude.

Finalmente decidido a chegar à perfeição, Francisco só achava prazer na solidão e pedia a Deus, incessantemente, que lhe desse a conhecer a vontade. Muitas vêzes visitava os hospitais, onde carinhosamente se punha a serviço dos enfermos; chegava a beijar-lhes as úlceras, sem dar atenção às fraquezas e repulsas da natureza. Quando não dispunha de dinheiro para distribuir entre os pobres, dava-lhes suas próprias roupas. Irritado com as suas prodigalidades, o pai fê-lo comparecer perante o bispo de Assis para que renunciasse aos seus bens. Francisco devolveu-lhe até mesmo as roupas que usava, e cobriu-se com um surrado capote de camponês, que alguns dias mais tarde, substituiu por um manto de eremita. Dois anos depois, durante uma missa a que assistia, ficou extremamente impressionado com estas palavras do Evangelho: "Não queirais possuir ouro nem prata, nem tragais dinheiro em vossas cinturas, nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão". Obedeceu-lhe literalmente e aplicou-as a si mesmo; e, depois de jogar fora seu dinheiro, de tirar os sapatos e abandonar o cajado e o cinto de couro, vestiu um pobre hábito, que amarrou com uma corda. Era o traje habitual dos pastôres e dos pobres camponeses daquele cantão da Itália.

Foram êsses os primórdios de São Francisco; como seriam os dias que viriam depois? Possa eu terminar por onde êle começou! Meu Deus, quando

medito na vida dos vossos santos, cada vez mais me convenço de que nada valho e de que nada faço. E assim mesmo chego a imaginar muitas vêzes que sou qualquer coisa, que faço qualquer coisa! Meu Deus, tende piedade da minha miséria e do meu orgulho. Concedei-me a graça de fazer com que me despreze e me aborreça, mas sem impaciência, e sem desconfiar da vossa misericórdia.

São Francisco tornou-se o patriarca de uma ordem religiosa que se espalhou pela terra inteira. Deu aos seus monges o nome de "Irmãos Menores", ou "Irmãozinhos", para distingui-los dos religiosos de São Domingos, denominados "Irmãos Pecadores". No decorrer do tempo, receberam também as alcunhas de "franciscanos", e de "Cordeleiros", porque cingiam a cintura com uma corda. Dividiram-se em várias famílias, das quais a dos Capuchinhos é a que mais estritamente observa a pobreza. Francisco dizia que o espírito da pobreza era o fundamento da sua ordem. Seus religiosos nada possuíam que lhes pertencesse exclusivamente. Também não permitia que recebessem dinheiro, apenas as coisas necessárias à subsistência diária. Chamava a pobreza sua dama, sua rainha, sua mãe, sua espôsa, reclamava-a insistentemente de Deus, como seu quinhão, seu privilégio. Dizia: "Ó Jesus, vós que vos comprouvestes em viver na extrema pobreza, fazei-me a graça de conceder-me o privilégio da pobreza. Meu desejo mais ardente é ser enriquecido com êsse tesouro. Peço-o para mim e para os meus, a fim de que para a glória do vosso santo nome nada possuamos, nunca, sob o céu, para que devamos nossa própria subsistência à caridade dos outros e por isso mesmo sejamos muito moderados e muito sóbrios".



S. Francisco de Assis casa-se com a pobreza (de um afrêsco de Giotto, na igreja do Santo em Assis (século XIV).

O amor de Francisco pela obediência não era menos digno de admiração. Com freqüência era visto consultando os últimos de seus irmãos, embora fôsse dotado de rara prudência e até mesmo do dom da profecia. Nas suas viagens costumava prometer obediência ao religioso que o acompanhava. Considerava a propensão que tinha para a obediência uma das maiores graças que Deus lhe concedera, pois com a mesma facilidade e presteza obedecia tanto a um simples noviço como ao mais antigo e prudente dos frades; dizia, justificando-se, que devemos considerar não a pessoa a quem obedecemos, mas à vontade de Deus manifestada através da vontade dos superiores.

Vemos como São Francisco amava a pobreza e a obediência. E, nós, será que as amamos? e, nós, será que as praticamos?

Quanto à milagrosa impressão dos estigmas de São Francisco, é comemorada no dia 17 de setembro. Vimos, nesse dia, como Francisco amava a Deus em tôdas as criaturas em Deus.

Tinha particular afeição pelas cotovias. Comprazia-se em admirar na plumagem dêsses pássaros o matiz pardo e acinzentado que escolhera para a sua ordem, a fim de dar aos frades freqüentes ocasiões para meditarem na morte, na cinza do túmulo. Ao mostrar aos seus discípulos a cotovia que se erguia nos ares e se punha a cantar, depois de ter apanhado alguns grãozinhos no chão, dizia alegremente: "Vêde, elas nos ensinam a dar graças ao Pai comum que nos proporciona alimento, a comer apenas para a sua glória, a desprezar a terra e a elevar-nos ao céu, onde devemos nos entreter.

Certa vez, quando pregava no povoado de Alviano e não conseguia ser ouvido por causa da algazarra das andorinhas que tinham construído o ninho naquele lugar, a elas se dirigiu nestes têrmos: "Irmãs andorinhas, já falastes bastante, chegou agora a minha vez de falar. Escutai a palavra de Deus e ficai em silêncio enquanto eu pregar". As avezinhas não soltaram mais um único pio, e não se mexeram do lugar em que se encontravam. São Boaventura, que narra o fato, acrescenta que, sentindo-se um estudante de Paris incomodado com o chilrear de uma andorinha, disse a seus condiscípulos: "Devem ser uma das que perturbavam o bem-aventurado Francisco no seu sermão e à qual mandou calar-se". Depois disse à andorinha: "Em nome de Francisco, servo de Deus, ordeno-te que te cales e que te chegues a mim." Imediatamente o pássaro se calou e pousou-lhe na mão. Surprêso, êle a deixou ir, e não foi mais importunado. (1) Era assim que Deus se comprazia em honrar o nome do seu servo.

Um dia, quando São Francisco se preparava para tomar a refeição em companhia do irmão Leão, sentiu-se ìntimamente confortado ao ouvir o canto de um rouxinol. Pediu a Leão que também cantasse os louvores de Deus, alternando sua voz com a do pássaro. Como o religioso se desculpasse, alegando falta de voz, o santo pôs-se a responder ao rouxinol, e assim continuou até à noite, quando foi obrigado a interromper-se, confessando com santa inveja que o passarinho o derrotara. Fê-lo pousar na sua mão, louvou-o por ter cantado tão bem, deu-lhe de comer,

---

(1) S. Bonavent., n.º 12.



S. Francisco de Assis falando aos pássaros (de uma miniatura de um Saltério do século XIII).

e só depois de ter recebido a sua bênção, e com a sua permissão, foi que o rouxinol voou. (2)

Quando, pela primeira vez, visitou o monte Alvergne, viu-se rodeado por uma multidão de pássaros que lhe pousaram na cabeça, nos ombros, no peito e nas mãos, batendo as asas e demonstrando com o movimento de suas cabecinhas o prazer que lhes causava a chegada de seu amigo. "Vejo, disse Francisco a seu companheiro, vejo que devo permanecer aqui, pois meus irmãozinhos estão contentes". Durante uma estada sua nessas montanhas, um falcão, aninhando nas proximidades, afeiçoou-se ao santo homem; anunciava-lhe com um grito que chegara a hora em que costumava rezar; e, se Francisco se encontrava doente, dava-lhe o aviso uma hora mais tarde a fim de poupá-lo; e quando, ao romper do dia, sua voz, como um sino inteligente, tocava as matinas, tinha o cuidado de atenuá-la e suavizar-lhe a sonoridade. Era, afirma São Boaventura, o divino presságio dos grandes favores que o santo receberia nesse mesmo lugar.

Se isso nos surpreende é por nunca termos suficientemente meditado no mistério a que se refere São Paulo, ao dirigir-se aos cristãos de Roma: "A natureza inteira, criada para glorificar a Deus, está sujeita, embora a contragôsto, à vaidade do homem; sofre, e espera que os filhos de Deus a libertem. Pois a própria criação só será libertada dessa servidão corrupta por uma certa participação na glória dos filhos de Deus, na glória dos santos." (3) É o que ensina o Apóstolo. Não deve surpreender aos cris-

---

(2) **Fioretti di S. Francesco.**

(3) Rom., VIII, 19-22.

tãos, pois, o fato de sofrerem as criaturas com a sujeição em que as mantém os pecadores, de se alegrarem à vista dos santos que lhes iniciam a libertação, lhes testemunharem à sua maneira um respeito religioso e lhes obedecerem à voz, como muitas vêzes vimos fazer os leões e os ursos dos anfiteatros, que se deitavam familiarmente aos pés dos mártires, e os animais do deserto, que obedeciam à voz de Santo Antão.

Entre os animais, São Francisco amava particularmente os que podiam simbolizar a mansuetude de Jesus Cristo, ou figurar qualquer virtude. Os cordeiros evocavam-lhe o dulcíssimo Cordeiro de Deus, que se deixava conduzir à morte para remir os pecados do mundo. Quando passava ao longo das pastagens, saudava amigàvelmente os rebanhos, e as ovelhas aproximavam-se dêle e festejavam-no à sua maneira. Mais de uma vez resgatou cordeiros a caminho do matadouro.

Ao mesmo tempo, dominava a ferocidade dos lôbos e fazia pactos com êles. Certo dia, quando viajava de Grécio a Cotannelo com um camponês, os lôbos achegaram-se e acariciaram-no como fazem os cães. Testemunhando o prodígio, os habitantes dos arredores suplicaram a São Francisco que os livrasse dos dois grandes flagelos que os atormentavam, os lôbos e o granizo. Disse-lhes São Francisco: "Pela honra e pela glória de Deus Todo-Poderoso, dou-vos minha palavra que, se crerdes em mim e tiverdes piedade de vossas almas fazendo uma boa confissão e dignos frutos de penitência, o Senhor vos considerará favoràvelmente, vos livrará dessas calamidades e tornará vossa terra abundante em tôda a espécie de bens. Mas também vos declaro que, se fordes ingratos, se

fizerdes como o cão que retorna ao vômito, Deus ainda mais irritado ficará contra vós, e dobrará vossas dores e tribulações". Enquanto os habitantes do vale de Grécio permaneceram fiéis a Deus, os lôbos não comeram seus rebanhos, e a nuvem, pesada de saraiva e de tempestade, desviou-se de suas terras para desfazer-se noutro lugar. (4)

No tempo em que São Francisco morava na cidade de Eugúbio, um lôbo assolava aquela região, e cidadãos armados andavam à sua procura como se fôsse um inimigo público. Não obstante as súplicas dos irmãos, São Francisco dirigiu-se, sòzinho, ao encontro do lôbo. Assim que avistou, ordenou-lhe, em nome de Deus, que não fizesse mais devastações, e o feroz animal, que se tornou manso como um cordeiro, foi deitar-se aos pés do santo. Êste assim lhe falou: "Meu irmão lôbo, tu atacas e matas as criaturas de Deus, és um assassino, e tôda a região tem horror a ti. Mas quero, irmão lôbo, que faças a paz com ela. Como é a fome que te conduz ao mal, quero que me prometas não mais praticá-lo, se te alimentarem". Em sinal de consentimento, o lôbo inclinou profundamente a cabeça. "Dá-me um penhor da tua palavra", continuou o santo homem, estendendo-lhe a mão. O lôbo ergueu com naturalidade a pata dianteira e pousou-a na mão de seu amigo e senhor, e depois o acompanhou à cidade. São Francisco disse ao povo que se reunira para admirar tão grande maravilha: "Entre outras coisas, Deus permitiu êsse flagelo por causa dos pecadores; mas as chamas eternas do inferno são bem mais temíveis aos condenados do que a ferocidade de um lôbo, que só pode matar o corpo. Meus irmãozi-

(4) S. Bonavent., c. VIII.

nhos, convertei-vos a Deus e fazei penitência, e Deus vos livrará do lôbo, no tempo, e do inferno, na eternidade. Meu irmão lôbo, aqui presente, prometeu-me fazer um pacto convosco, se do vosso lado prometerdes dar-lhe todos os dias o alimento necessário". O povo, por aclamação, comprometeu-se a fazê-lo. O lôbo novamente deu mostras do seu consentimento e, durante dois anos consecutivos, veio à cidade, de casa em casa, reclamar seu alimento, como fazem os animais domésticos; e os habitantes ficaram muito pesarosos quando morreu, pois representava para êles um memorial da virtude e da santidade de Francisco. (5)

Por amizade para com as abelhas, Francisco mandava levar-lhes, durante o inverno, mel ou bom vinho para alimentá-las e aquecê-las. Amava a água por ser o símbolo da penitência, e por ter lavado nossa alma no batismo. Também reverenciava as pedras, lembrando-se da pedra angular do Evangelho. Recomendava aos irmãos que iam cortar lenha na montanha para deixarem rebentos vigorosos em memória de Jesus Cristo que quisera morrer pela nossa salvação no lenho da cruz. Fazia questão de que o jardineiro conservasse, no centro do jardim principal, um jardinzinho composto de flôres suaves, fragrantes e belas ao olhar, a fim de que com sua beleza convidassem a todos para louvar a Deus. As flôres elevavam sua alma a essa flor brotada da haste de Jessé, e cujo perfume alegra o mundo. (6)

Essa fraternidade na piedade e na afeição, Francisco estendia-se até mesmo aos elementos. Um dia em que os médicos iam aplicar-lhe um ferro em brasa

(5) **Fioretti di San Francesco, c. XX.**
(6) Thomas de Celano, l. I, c. X.

nas têmporas, primeiro o abençoou e depois lhe disse: "Meu irmão fogo, o Senhor te fêz antes de tôdas as coisas, e te fêz belo, útil e poderoso; sê, pois, cauteloso hoje, e digne-se Deus suavizar-te de tal maneira que eu possa suportar-te". O ferro foi-lhe aplicado e o santo exclamou: "Meus irmãos, louvai comigo o Altíssimo; o próprio fogo não queima, e não sinto a menor dor." (7)

Quando o amor transbordava do coração de Francisco, êle se punha a andar pelo campo; convidava as colheitas, as vinhas, as árvores, as flôres do campo, as estrêlas do céu, todos seus irmãos da natureza, a juntarem-se a êle na exaltação ao Criador, e sua ingênua e radiosa ternura, erguendo-se de grau em grau até o sol, um hino ascendia de sua alma.

Altíssimo, onipotente, bom Senhor
A Ti glória, louvor, honras e bênção,
Pois só Tu as merece
E nenhum homem é digno de dizer o Teu nome.

Sê louvado, Senhor meu, com tôdas as tuas criaturas,
E mais que todos pelo Senhor Irmão Sol,
Que o dia produz e a luz nos dá.
Êle é belo, radioso e cheio de esplendor:
Uma amostra de Ti, Senhor.

Sê louvado, Senhor meu, pelo Irmão Vento,
E pelo ar e pela nuvem e por tôdas as estações,
Pelas quais alimentas tôdas as Tuas criaturas.
Sê louvado, Senhor meu, pela Irmã Água
Tão útil, tão humilde e preciosa e casta.

(7) Crônica dos Irmãos Men. l. II, c. XI.

Sê louvado, Senhor meu, pelo Irmão Fogo,
Com o qual as noites iluminas.
Êle é belo e alegre e tão robusto e forte.

Sê louvado, Senhor meu, por nossa mãe, a Terra,
Que nos sustenta e conserva e produz para nós
Ervas, frutos diversos e coloridas flôres,

Louvai, agradecei e bendizei ao Senhor
E a Êle servi com grande humildade. (8)

Tendo chegado ao conhecimento de São Francisco que o Bispo de Assis e os magistrados da mesma cidade se tinham desavindo, acrescentou estas palavras ao seu cântico:

Louvado seja meu Senhor naqueles que perdoam por seu amor e suportam sofrimentos e tribulações.

Felizes os que perseveram na paz; pois serão coroados pelo Altíssimo.

E disse aos seus companheiros: "Ide com confiança procurar os magistrados e dizer-lhes de minha parte que vão à casa do bispo. Quando chegarem à presença do prelado, não temais, trovadores de Deus, cantai em dois coros o cântico de meu irmão, o sol". Essas palavras tão simples restabeleceram a paz: os inimigos abraçaram-se e pediram recìprocamente perdão.

Enfim, tendo o santo homem tido a revelação de que a sua morte estava próxima, acrescentou mais uma estrofe ao cântico de amor da natureza:

---

(8) Na tradução de Oscar Mendes em «Os Santos que Abalaram o Mundo».

Sê louvado, Senhor meu, pela Irmã Morte,
Da qual vivente algum pode escapar.
Ai dos que morrem em pecado mortal,
Mais felizes aquêles que se acham na Tua santa [vontade,
Não lhes pode fazer a morte nenhum mal.

Louvai e bendizei meu Senhor, dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade. (9)

Havia já dois anos que São Francisco recebera os estigmas, e sua saúde declinava dia a dia; e, tendo aumentado os pregos de seus pés, não podia mais caminhar. Pedia que o levassem às cidades e às aldeias para animar os outros a carregarem a cruz de Jesus Cristo. Numa dessas excursões, curou uma criancinha de Bagnara que, mais tarde foi São Boaventura. Francisco tinha um grande desejo de voltar às primeiras práticas de humildade, servir os leprosos, e obrigar o corpo a servir-lhe, como no início da conversão. O fervor do espírito compensava a fraqueza do corpo; mas as enfermidades de tal modo se agravaram que eram raros os lugares nos quais não sentia dores muito fortes; e, tendo as suas carnes se consumido inteiramente, só lhe restavam pele e ossos. Os frades acreditavam defrontar outro Job, tanto por causa dos sofrimentos como da paciência com que os suportava. O santo pediu-lhes que o levassem à Nossa Senhora dos Anjos, a fim de entregar a alma a Deus no mesmo lugar onde recebera o espírito da graça.

Nos seus últimos momentos, ditou uma carta dirigida a todos os superiores, sacerdotes e irmãos da

(9) **S. Franc. Opusculo. Chavin, Vie de S. François.**

ordem, recomendando-lhes respeito para com o santíssimo sacramento do altar. Chegou a ditar seu testamento, no qual recomendou particularmente o respeito para com os sacerdotes, a observação da regra e o trabalho manual.

Sentindo aproximar-se a última hora, mandou que o deitassem na terra nua, tirou a túnica, a fim de tornar mais sensível o seu perfeito despojamento; depois, erguendo os olhos ao céu, cobriu com a mão esquerda a chaga do lado direito e disse a seus irmãos: "Fiz o que me cabia: Nosso Senhor vos ensinará o que deveis fazer". Êles se desfaziam em lágrimas; e um dos religiosos, a quem denominava seu guarda, adivinhando a intenção do santo, levantou-se prontamente, apanhou uma túnica e uma corda que lhe apresentou, dizendo: "Empresto-vos êste hábito como a um mendigo, aceitai-o por obediência." O santo homem ergueu as mãos para o céu e bendisse a Deus por ter sido aliviado de todos os cuidados. Em seguida mandou chamar todos os irmãos que se encontravam na casa e exortou-os a perseverarem no amor de Deus, na paciência, na pobreza, na fé da Igreja Romana; depois, estendendo sôbre êles os braços colocados um sôbre o outro em forma de cruz, deu sua bênção tanto aos ausentes como aos presentes. Satisfazendo-lhe a um desejo, Frei Leão e Frei Ângelo cantaram em côro o cântico do irmão sol e da irmã morte. Terminado o cântico, pediu que lhe lessem a Paixão de Nosso Senhor, segundo São João. Depois dessa leitura, começou a recitar com voz agonizante o salmo de Davi:

Com minha voz clamei ao Senhor; com minha voz supliquei ao Senhor.

Derramo na sua presença a minha oração e exponho diante dêle a minha tribulação, o meu espírito.

Quando o meu espírito foi desfalecendo, tu conheceste as minhas veredas. No caminho por onde eu andava, armaram-me laços ocultos.

Voltava-me para a minha direita, e olhava, e não havia quem me conhecesse. Não me ficou possibilidade de fuga, e não há quem se importe com a minha vida.

A ti clamei, Senhor, e disse: Tu és a minha esperança, a minha porção na terra dos viventes.

Atende à minha súplica, porque fui sumamente humilhado. Livra-me dos que me perseguem, porque se tornaram mais fortes do que eu.

Tira a minha alma desta prisão, para eu dar glória ao teu nome; estão me esperando os justos até que me faças justiça. (10)

Depois de pronunciar as últimas palavras, sua bôca fechou-se para sempre: Francisco não mais pertencia a êste mundo. Era a noite do sábado para domingo, no dia 4 de outubro de 1226, quadragésimo-quinto da sua vida, vigésimo da sua conversão, décimo-oitavo da instituição da sua ordem.

Depois da sua morte, seus estigmas foram livremente examinados. Descreve-os São Boaventura: "Eram pregos milagrosamente formados de carne, e de tal forma aderentes que, quando empurrados de um lado, avançavam do outro, como se fôssem nervos duros e inteiriços. Tais pregos eram negros como o ferro; mas a chaga do lado era vermelha e redonda como espécie de rosa". Reafirmando a fé de seus

(10) Salmo, CXLI.

filhos, êsse espetáculo tão novo lhes estimulava o amor e, quando beijavam as maravilhosas chagas, uma santa alegria lhes suavizava a mágoa. Ao espalhar-se a notícia da morte do santo, uma verdadeira multidão acorreu para vê-lo, pois todos estavam desejosos de verificarem os estigmas com os próprios olhos, e compartilharem aquela alegria. Alguns cidadãos de Assis tiveram permissão para aproximar-se, ver e beijar os estigmas; um dêles, chamado Jerônimo, cavalheiro e letrado, homem de responsabilidade e de boa reputação, mal ousando crer no prodígio, examinou-o mais desembaraçada e detidamente na presença dos religiosos e de outras pessoas. Tocou com suas mãos nos pés, nas mãos e na espádua do santo corpo, fêz mover os pregos e certificou-se tão bem da verdade, que mais tarde foi uma das testemunhas que depuseram sob juramento. Ao levarem o corpo para Assis, o cortejo passou pela Igreja de São Damião, onde se encontravam Santa Clara e suas companheiras, e lá se deteve por algum tempo para dar-lhes o confôrto de verem e beijarem o corpo e seus estigmas. Finalmente, foi sepultado na cidade, na Igreja de São Jorge, onde iniciara seus estudos, na infância, e onde pregara pela primeira vez. Desde então, Deus se comprouve em fazer resplandecer a sua santidade com um grande número de milagres. Foi solenemente canonizado pelo amigo, Cardeal Ugolino, que se tornou Papa sob o nome de Gregório IX. (11)

* * *

(11) Ver F. Cecco, 4 de agôsto, Clara, 13 de agôsto, Pacífico, 10 de julho.

## SÃO PETRÔNIO (*)

### *Bispo*

Petrônio, filho de Petrônio, o que foi vigário da Espanha, é o autor, segundo Genádio, das *Vidas dos Monges do Egito* e do *Tratado da Ordenação do Bispo*.

Bispo de Bolonha, São Petrônio foi admirável administrador, ocupando-se ativamente com restaurar a cidade, fortificando-a com muralhas, construíndo casas e edificando um bairro à imagem de Jerusalém, com igrejas e um mosteiro, onde, com seus clérigos, levava vida comum.

São Petrônio faleceu, ao que se supõe, em 450, sendo honrado como santo desde a Idade Média. É o padroeiro da arquidiocese de Bolonha.

* * *

# SÃO PEDRO DE CAPITÓLIAS (*)

## *Mártir*

Capitólias, no princípio do século VIII, pertencia ao califado de Damasco. Os soberanos muçulmanos, então, eram bastante tolerantes com os cristãos. Pedro era sacerdote. Fôra casado e tinha um filho e duas filhas, com o consentimento da espôsa, passara a levar vida solitária, absoluta. Quanto a esta, fôra viver no retiro, e as filhas num convento. O jovem, instalado numa cela perto da igreja da Virgem, progredia, dia a dia, na religião e no caminho do céu.

Pedro, que ansiava pelo martírio, via os anos correrem sem que o desejo se realizasse. Quando chegou perto dos sessenta anos, ficou gravemente enfêrmo. Viu, então, com pavor, que a coroa do martírio ia fugir-lhe. Teve, então, uma idéia: ordenou a um companheiro, que o servia, que convidasse alguns muçulmanos notáveis de Capitólias para que viessem vê-lo porque os desejava como testemunhas dum testamento que estava para redigir.

Quando os muçulmanos se reuniram, Pedro começou, falando ardentemente, a fazer uma profissão de fé cristã, inspiradíssimo. E terminando com graves, violentas invectivas contra o Islã, ficou a aguardar o resultado da idéia que tivera e pusera em ação.

Furiosos, os sectários de Maomé, a princípio, quiseram atirar-se a Pedro e liquidá-lo, mas, vendo o estado em que jazia, limitaram-se a dar-lhe as costas e se foram. À noite, porém, na mesquita, debateram a questão. Logo, a notícia de que Pedro se curara, chegou-lhes ao conhecimento: era outra tentativa de buscar o martírio, pois, pouco após a nova, correu a notícia de que o Santo, pregava contra Maomé com grande veemência nas ruas mais movimentadas e nas praças mais centrais.

Aquilo era demais, e os muçulmanos, furiosíssimos, enviaram ao filho do califa Walid I, Omar, um relatório do que se passava.

Omar incumbiu um dos seus lugares-tenentes, Zora, para que investigasse a verdade. Zora ordenou que prendessem Pedro e interrogou-o. Tudo fêz o Santo para obter a palma do martírio. Destarte, aquilo que respondia, respondia-o comprometedoramente. Levado ao califa Walid, Pedro foi condenado à morte.

Pregado a uma cruz, acabaram-lhe com a vida com três golpes de lança: recebera, assim, a desejada palma gloriosa.

---

No mesmo dia, em Paris, São Lisbio, mártir, que, dizem, foi convertido por São Dionísio.

Em Éfeso, Santo Adauto, mártir, e a filha, Calistena. Adauto teria sido general, sob Maximino. Gabando a beleza da filha, tanto falou que Maximino, impressionado, quis vê-la. O pai, temeroso do que à jovem pudesse suceder, embarcou-a para o Oriente, secretamente. Quando o imperador soube de que o

general lhe afastara a filha, deportou-o para a Mesopotâmia, dando ordens para que o decapitassem como cristão. A espôsa e a filha enterraram-no. Quando Licínio se tornou imperador, Calistena obteve autorização para levar o corpo do pai para Éfeso. Ali viveu ela quietamente e faleceu em odor de santidade.

Na Síria, as santas Prosdocéia e Bernicéia, virgens, e Santa Dómina, sua mãe, mártires, vítimas da perseguição de 202.

No deserto de Nítria, Santo Amon ou Amun, monge, que faleceu em 350.

Em Tours, São Quintino, mártir (século VI ou VII). Nascido em Meaux, filho de pais parisienses, Quintino foi trabalhar na mansão dum nobre chamado Gontran. Gontran era casado com perversa mulher, Aga. Encantada com o servidor, Aga propôs viver com êle. Quintino, como um novo José, repeliu-a. Irada, a mulher reuniu fiéis servidores para que o matassem. Levado a lugar escuso, perto duma fonte, cortaram-lhe traiçoeiramente a cabeça, que jogaram às águas da nascente, desde então tornadas miraculosas.

Em Verdun, São Madolveu, bispo. Madolveu foi o maior dos grandes bispos de Verdun, na Idade Média. Iniciou-se o seu episcopado quando Pepino foi sagrado rei, em 754. Faleceu em 777.

Na diocese de Colônia, Santa Irmengarda, condêssa de Suchteln, falecida em 1082 (?).

Em Palermo, o bem-aventurado Juliano Mayahi, beneditino, falecido em 1470.

Em Corinto, festa dos santos Crespo e Caio, aos quais São Paulo se refere ao escrever aos coríntios. — No Egito, os santos mártires Marcos e Marciano, irmãos, e também uma enorme quantidade

de cristãos de ambos os sexos e de tôdas as idades, dos quais alguns, depois de açoitados, e outros, depois de sofrerem terríveis torturas de várias espécies, foram atirados ao fogo ou precipitados no mar; alguns tiveram a cabeça cortada, vários morreram de fome; outros, ainda, pregados em patíbulos, quase sempre com a cabeça para baixo e os pés para cima: todos mereceram a preciosa coroa do martírio. — Em Alexandria, os santos sacerdotes e diáconos Caio, Fausto, Eusébio, Ceremão, Lúcio e seus companheiros, dos quais uns foram martirizados durante a perseguição de Valeriano; os outros, que serviam aos mártires, receberam a recompensa do martírio. — Em Atenas, São Hieróteo, discípulo do apóstolo São Paulo.

* * *

## 5.º DIA DE OUTUBRO

# SANTO APOLINÁRIO

### *Bispo de Valença, no Delfinado*

Santo Apolinário, irmão de Santo Avito, originário do Auvergne, pertencia à mais alta nobreza de Roma, era neto do Imperador Avito, e filho do senador Hesíquio que, tendo praticado a continência com sua mulher, a bem-aventurada Audença, sucedera a São Mamerto, no sólio episcopal de Viena, onde também é venerado como santo. Teve como sucessor o filho mais velho, Santo Avito, cuja vida relatamos no dia cinco de fevereiro. A mesma família contava com vários bispos e algumas virgens consagradas a Deus: Santo Avito menciona-as no seu poema sôbre a virgindade, dedicado a sua irmã Fuscina, que lhes seguira o exemplo.

Apolinário, nascido em Viena, fôra educado nas virtudes clericais por São Mamerto. Foi eleito bispo de Valença cêrca do ano de 480, cuja igreja havia muito tempo se encontrava num estado lamentável. Testemunha-o uma carta do Papa São Bonifácio, datada de 13 de junho de 419, e dirigida aos bispos da Gália. Tem por objeto o julgamento de Máximo, bispo de Valença, acusado de vários crimes, entre

outros, o de ser maniqueu, crime provado por atos sinodais. Também ficara demonstrado por atos de juízes seculares que fôra processado e condenado por homicídio. Mesmo nessas circunstâncias, continuava a declarar-se bispo nos lugares onde se ocultara, e recusava-se a submeter-se ao julgamento de seus confrades, embora já por várias vêzes houvesse recebido dos Papas ordem para fazê-lo. O clero da Igreja de Valença endereçou novas queixas ao Papa Bonifácio, e os bispos da Gália a elas acrescentaram documentos. Não obstante constituírem as fugas de Máximo motivo suficiente para a sua condenação, assim mesmo o Papa lhe deu um prazo para apresentar-se. Determinou que seria julgado pelos bispos da Gália reunidos em conselho antes do dia primeiro de novembro e que, presente ou ausente, seria julgado sem outro adiamento, sob a condição, declarada necessária na carta, de que a autoridade do Papa confirmasse o julgamento.

Não se sabe ao certo quando, nem como, o caso foi encerrado. Aquela época foi marcada pela maior convulsão que jamais abalou o mundo. O Império Romano, que tanto perseguira a Igreja de Deus, e que decaía dia a dia, estava sendo desmembrado vivo pelos vândalos, pelos suevos, burgondos, gôdos, alanos, francos e hunos. Os vândalos, comandados por Genserico, invadiram a África, devastaram Cartago e pilharam Roma. Na Espanha, os suevos apoderavam-se das regiões que os vândalos haviam abandonado e derrotavam as tropas romanas; isso enquanto os visigodos da Gália meridional não os batessem, formando depois com êles a nação espanhola. A Gália estava dividida entre os romanos, os gôdos, os

burgondos e os alanos. Os gôdos ocupavam a Aquitânia; os burgondos, que tinham entrado pela Helvécia, fundaram um reino na região por êles denominada Borgonha; como não conseguiram expulsar os alanos, deixaram-lhes as terras de Valença-sôbre-o-Ródano. A avareza dos magistrados era tão grande nos países subordinados aos romanos que os habitantes de mais categoria se refugiavam entre os bárbaros, e os camponeses se revoltaram por várias vêzes. Os francos avançavam, vindos das margens do Reno, e dariam um dia o nome à Gália inteira. E os vândalos, os suevos, os gôdos, os alanos e os francos eram empurrados para a frente por outro povo, cujo nome e cujas guerras são mencionadas até nos anais da China e da Armênia: os hunos. De todos êsses povos, mais ou menos bárbaros, uns ainda eram idólatras, outros já eram cristãos, porém contaminados pelo arianismo: o que muitas vêzes os tornava piores do que os primeiros.

Foi em meio a essas violentas transformações que Santo Apolinário foi eleito bispo de Valença. Bem se concebe quais tenham sido suas lutas e dificuldades durante um episcopado de trinta e quatro anos, fôsse para reparar o escândalo causado pelo seu predecessor, fôsse para preservar o seu povo no meio de tão grandes calamidades. A tantos embaraços e tribulações vieram juntar-se várias moléstias, sendo longa e grave a que o acometeu em Lion, cêrca do ano de 510.

Os burgondos, senhores da região, eram quase todos arianos, como o rei Gondebaud. Os bispos católicos, em especial Santo Avito, de Viena, e Santo Apolinário, de Valença, trabalharam com zêlo para trazê-los à fé da Igreja. Cêrca do ano 500, pediram

ao rei que ordenasse fôsse realizada uma conferência, de que participariam bispos católicos e arianos, a fim de que as dúvidas fôssem esclarecidas, tornando possível a fusão. Santo Apolinário tomou parte na conferência. Os arianos não souberam como defender-se. Gondebaud tratou muito amigàvelmente os bispos católicos e chegou a dizer-lhes que desejava reconciliar-se com o catolicismo, porém em segrêdo; faltou-lhe a coragem para fazer uma declaração pública. Entretanto havia na sua côrte uma santa princesa chamada Caretenea, provàvelmente sua própria espôsa, que fazia profissão pública da verdadeira fé, e que o honrava ainda mais pela piedade do que pela sua nobreza. Vivia no palácio como num convento, usando um cilício sob a púrpura, praticando o jejum, fazendo esmolas generosas e exortando seus filhos e seus netos a abraçarem a fé católica. Morreu cheia de merecimentos, com mais de cinqüenta anos de idade, no dia 16 de setembro de 506, e foi enterrada em Lion, na Igreja de São Miguel, que mandara construir; é o que nos informa o seu epitáfio. Sigismundo, filho de Gondebaud, não apenas se convertera ao catolicismo, com Sigerico, seu filho, mas mereceria ser venerado como santo.

Outra boa obra da qual participaram tanto Santo Apolinário como seu irmão Santo Avito, foi a defesa da autoridade da Santa Sé e da honra do Papa São Símaco, contra os atentados dos cismáticos; fato que poderemos verificar em seus pormenores na vida de Santo Avito, 5 de fevereiro, e na de São Símaco, 19 de julho.

Mais outra glória que coube aos bispos do reino da Borgonha, em particular a Santo Apolinário, de

Valença, foi a inquebrantável firmeza com que implantaram os bons costumes. Em 517 reuniram um concílio em Epaona, no qual publicaram vários regulamentos, visando corrigir abusos e reprimir escândalos. Onze dos bispos que tinham assistido ao concílio reuniram outro em Lion, no mesmo ano, ou no seguinte, para tratar do caso de Estêvão, prefeito fiscal do rei Sigismundo. Êsse fidalgo desposara Paládia, sua parenta, ou, como relata a vida de Santo Apolinário, irmã de sua primeira mulher. Por causa disso, os bispos, sem consideração pelo seu prestígio, tinham-no excomungado, de acôrdo com os cânones, reformados em Epaona. Sigismundo, que se considerou ofendido na pessoa do seu ministro, tomou abertamente a defesa do culpado e ameaçou os prelados com a sua cólera. Mas êstes não tardaram em demonstrar que mais temiam o Senhor do céu do que os poderosos da terra. Reuniram-se em Lion e, depois de confirmarem a sentença lançada contra o casamento incestuoso de Estêvão e de Paládia, prometeram recìprocamente que, se um dêles sofresse qualquer violência em resultado daquela decisão, todos os outros o apoiariam, compensando-o pelos prejuízos que pudesse sofrer; que, caso o rei continuasse a abster-se da comunhão dos bispos, e a não mais encontrar-se com êles nas igrejas, recolher-se-iam aos mosteiros, de onde não sairiam antes que os outros se vissem livres de perseguição; que a nenhum bispo era concedido o direito de usurpar a igreja de outro, ou de oficiar na sua ausência, ou de realizar qualquer outro ato de jurisdição, sob pena, não sòmente de ser admoestado no próximo conselho, mas também de ser privado da comunhão de seus irmãos. Além do mais,

renovaram a interdição, que proibia quem quer que fôsse de candidatar-se ao sólio de um bispo vivo, e declararam excomungados para sempre os que se fizessem ordenar a fim de ocupar o lugar dos ausentes, e também todos que participassem dessas ordenações. O último cânon dêsse concílio faz supor que finalmente o rei reconhecera a eqüidade da sentença lançada contra os dois culpados, pois os bispos dizem que, de acôrdo com o parecer do príncipe, tinham consentido que Estêvão e Paládia assistissem às preces da Igreja até à oração rezada após o Evangelho. (1)

Santo Apolinário de Valença foi um dos bispos que mais firmeza mostrara em relação a êsse caso. E a tempestade desabou sôbre êle, pois instigado por Estêvão, Sigismundo exilou-o. Mas pouco depois caiu o rei tão gravemente doente, prêsa de febre, que parecia mais próximo da morte do que da vida. Animada de uma viva fé, a rainha imediatamente se transportou para o lugar onde o santo pontífice se encontrava exilado, e suplicou-lhe com lágrimas que fôsse restituir a saúde a seu marido. Santo Apolinário recusou-se a ir pessoalmente socorrer o rei; porém, premido pela insistência da rainha, entregou-lhe seu hábito de capuz, uma espécie de murça. Quando essa roupa foi estendida sôbre o doente, imediatamente êle recuperou a saúde. Tocado de maneira profunda por êsse milagre, Sigismundo, que mais tarde mereceu ser incluído entre os santos, arrependeu-se do êrro, foi procurar o santo bispo, atirou-se a seus pés e pediu-lhe perdão, dizendo: "Pequei, fiz mal em causar tantas tribulações a justos que não as mereciam". (2)

(1) Labbe, t. IV, 1584.
(2) **Acta SS.**, 5 oct.

Santo Apolinário estreitou laços de amizade com vários bispos ilustres da Gália e, sobretudo, com São Cesário de Arles, cidade que visitou quando estêve em Marselha. Acredita-se que tenha falecido por volta do ano de 525. Foi sepultado na Igreja de São Pedro e São Paulo, situada nos subúrbios de Valença.

* * *

# BEM-AVENTURADO JOÃO DE PENNA (*)

*Franciscano*

João nasceu no primeiro têrço do século XIII, na aldeia de Penna, na Marca de Ancona. Quando menino e estudava na província, uma noite, apareceu-lhe um menino belíssimo, que o chamou pelo nome e disse:

— João, vai a Santo Estêvão, onde prega um dos frades menores, em cuja doutrina crê e a cujas palavras atende, porque lá o mandei eu. Depois disto, tens de fazer uma longa viagem e então voltarás a mim.

Imediatamente, João, levantando-se, sentiu grande mudança na alma, e foi a Santo Estêvão e encontrou uma grande multidão de homens e mulheres a ouvir uma prédica. Quem pregava era um frade chamado Filipe, e fazia-o devotìssimamente, não com palavras de "sapiência humana, mas em virtude do espírito de Cristo". E pregando com grande calor, discorria maravilhosamente, a anunciar o reino da vida eterna.

Os ouvintes, mudos, todo olhos para frei Filipe e todo ouvidos para tão altas palavras, jaziam como que magnetizados.

Terminada a prédica, o menino João aproximou-se do frade e disse:

— Frei, se vos aprouver receber-me na Ordem, eu, de boa vontade, hei de fazer penitência e servirei a Nosso Senhor Jesus Cristo.

O frade olhou-o ternamente. E descobrindo nêle uma inocência maravilhosa, respondeu-lhe, todo ternura:

— Vai ter comigo em Recanati e farei com que te recebam.

E, marcando o dia e a hora, sorrindo-lhe, deixou-o em meio a multidão que se dispersava, piedosamente a comentar-lhe a prédica.

João, que era puríssimo, "pensou, como dizem os *Fioretti,* que esta fôsse a grande viagem que devia fazer, segundo a revelação que lhe fôra feita, e depois ir-se ao paraíso; e assim acreditava suceder logo que fôsse recebido na Ordem. Lá foi, e o receberam; e vendo que o seu pensamento não se realizava então, dizendo o ministro em capítulo que todo aquêle que quisesse ir à província da Provença, pelo mérito da santa obediência, êle de boa vontade dava licença, tomou-o grande vontade de ir, pensando, no seu coração, que seria aquela a grande viagem que tinha de fazer, antes que fôsse ao paraíso. Mas, envergonhando-se de dizê-lo, confiando finalmente no dito frei Filipe, o qual o tinha feito receber na Ordem, pediu-lhe com instância que lhe obtivesse a graça de ir à província da Provença. Então frei Filipe, vendo a sua pureza e a sua santa intenção, obteve-lhe a licença".

O nosso frei João julgou, pois, que aquela seria a grande viagem que teria de fazer, antes de ir para o reino do céu, mas, na província da Provença viveu

por vinte e cinco anos, "em grandíssima honestidade e santidade e exemplaridade", a crescer, sempre e sempre, na virtude, e sendo amado pelos irmãos e pela gente do lugar, que com êle se encantara.

Um dia, lamentando-se e chorando, porque o seu desejo não se realizava, Nosso Senhor apareceu-lhe. E disse:

— Filho frei João, pede-me o que quiseres.

João, com "a alma tôda liquefeita", respondeu:

— Senhor, meu, não sei o que te pedir senão a ti mesmo. Nada mais desejo, a não ser que me perdoes todos os pecados e que, quando maior necessidade de ti eu tiver, possa ver-te novamente.

Disse o suave Jesus:

— Tua oração foi atendida.

E, dito isto, desapareceu. E João todo consolado, foi levando a vida.

"Por fim, contam-nos os *Fioretti*, ouvindo os frades da Marca a fama de sua santidade, tanto fizeram com o Geral, que êle lhe ordenou por obediência de voltar à Marca. A qual obediência recebendo alegremente, pôs-se a caminho, pensando que, terminando-o, deveria, afinal, ir ao céu, segundo a promessa de Cristo.

"Mas voltado que foi à província da Marca, nela viveu trinta anos sem ser reconhecido pelos parentes e em cada dia esperava que a misericórdia de Deus lhe realizasse a promessa. E durante êsse tempo exerceu diversas vêzes o cargo de guardião com grande discrição, e Deus operou por êle muitos milagres. E entre outros dons que êle teve de Deus, teve o espírito de profecia: pelo que, uma vez, andando por fora do convento, um seu noviço foi combatido pelo demônio e tão fortemente tentado, que, con-

sentindo na tentação, deliberou consigo mesmo sair da Ordem logo que frei João voltasse. A qual tentação e deliberação conhecendo frei João por espírito de profecia, imediatamente voltou a casa e chamou a si o dito noviço e disse que queria que êle se confessasse. Mas antes de confessá-lo contou-lhe por ordem tôda a sua tentação, conforme Deus lhe havia revelado e concluiu:

"— Filho, porque esperaste e não quiseste partir sem a minha bênção, Deus te fêz a graça de que jamais desta Ordem sairás; mas morrerás na Ordem com a graça divina".

"Então o dito noviço foi confirmado em boa vontade e, ficando na Ordem, tornou-se um santo frade".

João de Penna, que era homem calmo, alegre, dir-se-ia de tudo despreocupado, excluindo, naturalmente, as coisas de Deus, pelas quais se preocupava, de modo a tratá-las conforme convinha, era criatura que raras vêzes falava. Era, isto sim, homem introvertido, de oração e devoção, especialmente depois das matinas, porque não mais, como muitos dos frades, retornava à cela: ficava na igreja até a aurora, em oração.

Certa vez, que varava a noite assim, orando e orando, apareceu-lhe de repente, um anjo, que lhe disse:

— Frei João, eis que está concluída a tua longa viagem, aquela viagem pela qual tanto esperaste. Por isso, agora, anuncio-te da parte de Deus, pede a graça que quiseres. Mas, olha, digo-te ainda: Que preferes? Um dia de purgatório ou sete de sofrimento neste mundo.

Frei João, respondendo, disse ao anjo de Deus que preferia os sete dias de sofrimento neste mundo.

E assim dizendo, sùbitamente, adoeceu — e adoeceu de várias enfermidades. E carregou consigo a febre, a gôta nas mãos e nos pés, fortes dores nas costas e muitos outros males.

A febre, porém, e a gôta nas mãos e nos pés, e as fortes dores nas costas não o importunavam tanto quanto o que via, naqueles dias, horrendo, diante de si — o demônio, que tinha na mão um grande papel, em que estavam escritos todos os pecados que havia cometido ou pensado. E o maligno filho das trevas, atormentando-o dia e noite, a mostrar-lhe o rol das faltas, dizia-lhe:

— Por êstes pecados que cometeste com o pensamento e a língua serás danado nas profundezas do inferno.

E o bom frei João de Penna não se recordava de bem algum que tivesse feito, pela vida em fora, nem que estivesse na Ordem, nem que à Ordem pertencia. Só pensava numa coisa, sempre, sempre: que estava danado.

Ora, o estado de frei João, pelo modo como então se comportava, tão atribulado, a espantar-se por qualquer coisa, êle que sempre fôra a calma em pessoa, entrou a preocupar os irmãos da comunidade. E resolveram chamar um velho frade, Mateus de Monte Rubiano, um santo homem, que era grande amigo de João de Penna. Era justamente o sétimo dia de sofrimento que o bem-aventurado escolhera neste mundo, ao invés dum só dia no purgatório.

O bom frade velho, venerando e arcado, aproximou-se do amigo e perguntou, brandamente:

— Como estás, irmão meu?

Ao que João respondeu, aflitamente:

— Estou mal. Estou mal porque estou danado.

Disse então o frade velho, venerando, de cabeça branca:

— Ora, irmão, não te recordas então de que muitas vêzes eu te confessei e inteiramente te absolvi de todos os teus pecados?

E, como estranhasse o amigo, acrescentou, sempre branda, docemente, porque frei Mateus de Monte Rubiano era muito brando, muito doce:

— Não te lembras mais, meu bom irmão, que serviste a Deus nesta santa Ordem por muitos anos? Ademais, não te recordas de que a misericórdia de Deus, Senhor nosso, excede a todos os pecados do mundo, e que Nosso Senhor Jesus Cristo bendito, nosso Salvador, pagou, para nos resgatar, um preço que, todos sabemos, é infinito?

E acalmando o bom amigo, que fazia um grande esfôrço para se recordar de coisas passadas, disse mais:

— Tem esperança, irmão, tem esperança, porque, certamente, digo-te, serás salvo.

Terminando tão piedosas palavras, "porque havia chegado ao têrmo a purgação, foi-se a tentação e veio a consolação". E frei João de Penna, novamente o frei João de Penna de dantes, com imensa alegria, a sorrir para o frade velho de Monte Rubiano, exclamou, não mais pensando nas torturas pelas quais passara:

— Porque te afatigaste e já é tão tarde, peço-te, meu bom irmão, vai descansar, recolhe-te, vai repousar.

Frei Mateus, porém, não queria deixá-lo, mas tanta foi a insistência de frei João, que acabou, para tranqüilizá-lo, por consentir em gozar dalgum repouso. E frei João de Penna ficou sòzinho com um frade

muito prestativo e bom, muito atencioso e amigo, que o servia, fazia algum tempo. "E eis que Cristo bendito vem com grandíssimo esplendor e com excessiva suavidade de perfume, segundo havia prometido de aparecer-lhe outra vez, quando maior precisão tivesse dêle, e assim o curou perfeitamente de tôdas as enfermidades. Então frei João com as mãos postas, agradecendo a Deus, que com ótimo fim terminara a sua viagem da presente mísera vida, nas mãos de Cristo bendito recomendou e entregou sua alma, passando desta vida mortal à eterna com Cristo bendito, o qual havia por tanto tempo desejado e esperado".

O bem-aventurado João de Penna faleceu no convento de Penna aos 5 de outubro de 1275. O papa Pio VII aprovou-lhe o culto, culto imemorial, que se estendeu através dos séculos. (1)

* * *

(1) **Fioretti,** Wadding, **Annales Minorum.**

# SÃO PLÁCIDO (*)

## *Beneditino*

## *Século VI*

Nos seus *Diálogos,* São Gregório, o Grande, refere-se a São Plácido. Diz-nos êle que um patrício, Tertulo, confiara o filho, Plácido, a São Bento, ao mesmo tempo que Eutício entregava o filho Mauro ao mesmo patriarca dos monges do Ocidente.

Plácido, era menino ainda, uma tarde, com São Bento, subiu a uma elevação, onde iam orar ao Senhor para suplicar chuvas, porque todos na região lutavam com a falta d'água.

"Um dia que o venerável Bento estava na sua cela, Plácido saiu para ir buscar água a um lago, mas ali, atirando, sem precauções, a vasilha que levava, perdeu o equilíbrio e a seguiu para dentro d'água. E aconteceu que, num instante, a corrente tomou-o e levou-o para longe da margem, a uma distância, pouco mais ou menos, dum tiro de flecha.

"Ora, o homem de Deus, do interior de sua cela, instantâneamente teve conhecimento do sucesso e, depressa, chamou o filho de Eutício, dizendo:

"— Irmão Mauro, corre, porque aquêle menino que foi buscar água ao lago nêle caiu e a corrente está a levá-lo para longe!"

"Coisa maravilhosa e inaudita desde o apóstolo Pedro: tendo pedido e recebido a bênção, à ordem do pai, Mauro precipita-se até o lugar em que flutua o menino, e, correndo como se fôra em terra firme, agarra-o pelos cabelos e puxa-o para a margem. Depois que o depositou no sêco, olhando ao redor, viu que correra sôbre as águas. Estupefato, tremeu, pensando numa coisa que jamais pensara poder fazer.

"De volta ao Padre, contou-lhe o que se passara. E o venerável Bento começou a atribuir aquilo não aos seus próprios méritos, mas à obediência. Ao contrário, Mauro dizia que o sucedido devia-se inteiramente ao mando do venerável Bento. Senão quando, assim expunham a coisa, o que fôra salvo entrou na conversa, como árbitro, e declarou:

— Quanto a mim, posso dizer que, quando me tiraram das águas, vi, acima de minha cabeça, o manto do abade, e pensei que fôsse êle quem me viera salvar".

São Plácido foi enviado por Bento à Sicília. Mais tarde, aprisionado pelos sarracenos, morreu nas mãos do pirata Manuca, com outros irmãos. Diz assim o resumo do martirológio:

"Em Messina, na Sicília, a morte dos santos mártires Plácido, monge, discípulo de São Bento, abade; Eutíquio e Vitorino, seus irmãos; Flávia, virgem, sua irmã; Donato e Firmato, diáconos; Fausto e mais trinta monges, trucidados em defesa da fé de Nosso Senhor Jesus Cristo pelo pirata Manuca".

Em agôsto de 1588, foram descobertos no côro de São João Batista de Messina três corpos de homens e um de mulher. Eram os de Plácido, dos dois irmãos e da irmã. Depois encontraram-se outros, mas o número de trinta foi ultrapassado. Desde então, a festa de São Plácido foi instituída para tôda a Igreja, e o seu nome passou a figurar no martirológio romano.

Um fresco rupestre que há perto de Valerano, em Viterbo, mostra-nos o Santo ao lado do grande Patriarca São Bento e de São Mauro. Trajam túnicas, trazem escapulários, e São Plácido sustenta, na mão direita, uma cruz branca.

* * *

# SANTA GALA (*)

## *Viúva*

### *Século VI*

Também Santa Gala aparece nos *Diálogos* de São Gregório, o Grande. Diz o Santo: "No tempo dos gôdos, uma jovem distintíssima de nossa cidade (1), filha do cônsul e patrício Símaco, casou-se na flor da idade e, em menos de um ano, enviuvou. Possuía, à larga, de tôda a abundância do mundo: riqueza e juventude impeliam-na a novas núpcias. Todavia, achou melhor unir-se a Deus por uma casamento espiritual, onde se chora no princípio, mas depois se alegra eternamente, do que casar-se carnalmente, pelo que se alegra no início, mas se chora continuamente.

"Ela era de temperamento ardentíssimo, e os médicos disseram-lhe que, se não tomasse outro espôso, o queimar de seu sangue lhe tornaria a vida uma barbaridade, o que sucedeu. Mas a santa mulher não se deixou intimidar por aquilo, ela que amava o belo Espôso de sua alma.

"Assim, logo depois da morte do marido, deixou os trajos seculares, e se consagrou ao serviço de Deus Todo-poderoso no mosteiro do bem-aventurado Após-

---

(1) Roma.

tolo Pedro. Ali passou anos, a cultivar a oração e a simplicidade, a fazer aos pobres as mais abundantes esmolas. Quando Deus lhe decretou o fim dos trabalhos e a recompensa eterna, feriu-a com um câncer no seio. E as noites, passava-as ela, sempre, com duas lamparinas acesas ao lado do leito, porque amava a luz e detestava as trevas espirituais e mesmo físicas.

"Uma noite, em que jazia, extenuada pelo mal, agitada, viu o bem-aventurado Pedro Apóstolo de pé, entre as duas lamparinas, ao lado da cama. Não teve mêdo, porque o amor lhe dava fôrças. Exultando, disse-lhe:

"— Que houve, meu senhor? Meus pecados foram perdoados?"

"Pedro, de rosto alegre, inclinou a cabeça, afirmativamente:

"— Foram perdoados. Vem".

"Ela, que tinha uma amiga muito querida no mosteiro, acrescentou:

"— Peço-te para que a irmã Benedita venha comigo".

"Êle respondeu:

"— Não, outra pessoa virá contigo. A que tu desejas te seguirá depois de trinta dias". (2)

"Ditas estas palavras, o Apóstolo desapareceu de seus olhos.

"Incontinenti, ela chamou a Madre da comunidade e lhe referiu o que tinha visto e ouvido".

Tudo se realizou, ao que se supõe, no ano de 547.

* * *

(2) Santa Benedita foi festejada aos 6 de maio, vol. VIII, p. 154.

# SANTA FLOR (*)

## *Religiosa Hospitaleira de São João*

O senhor do Quercy, Guiberto de Themines, e a espôsa Aiglina, fundaram, talvez antes de 1246 no caminho que levava de Figeac a Rocamador, um albergue para o acolhimento de peregrinos, casa que, em 1295, doaram aos Hospitaleiros de São João de Jerusalém e que ficou sendo uma dependência do grande priorado de São Gil. Debaixo da direção de religiosas, aquela fundação foi uma das poucas casas de mulheres com que a Ordem contou.

Ali, no século XIV, professou uma religiosa chamada Flor, filha de Pôncio e de Melhor. Flor, desde menina, educada no seio da família, com seus dez irmãos e mais nove primos, sobressaiu-se pela maturidade e simplicidade. Quando entrou nos catorze anos, solicitou dos pais a autorização para recolher-se a um convento, porque desejava servir a Deus. Pais piedosos, tementes a Deus, não lhe criaram embaraço algum. Disseram:

— Se Deus a atrai, como iremos nós ser contrários a Êle?

Assim, recolheu-se ela à fundação de Guiberto e de Aiglina, em Beaulieu, na diocese de Cahors.

Bem cedo, Flor foi assaltada por escrúpulos, mas, um religioso que por lá passou, certa feita, conseguiu

demovê-la dos pensamentos que a torturavam. Entrou, então, o demônio, a persegui-la, tentando-a diretamente, lembrando-lhe a palavra de Deus: *Crescei-vos e multiplicai-vos*. Flor, destemerosamente, respondeu-lhe:

— Atormentador! O que tu me insinuas é permitido aos seculares, mas aos religiosos que prometeram castidade a Deus, não sòmente lhes é proibido como também é uma abominação. E Deus, sem a permissão do qual tu nada podes fazer, ordena-te que cesses de me tentar.

O demônio viu que com insinuações nada conseguiria: procurou, então, intimidá-la. Disse-lhe:

— Fica certa que, se não consentires com os prazeres da carne e, assim, não perderes a castidade, perturbar-te-ei de tal forma e te porei tão mal com as pessoas que contigo privam que a grande dor que hás de ter te fará desesperar e tu te danarás para todo o sempre.

E acrescentou, terrível:

— Ser-te-á muito mais vantajoso cometer o pecado da carne e depois te arrependeres, por um digno arrependimento, porque o desespêro é o maior pecado, é o pecado contra o Espírito Santo, que não é perdoado nem neste, nem no outro mundo.

Flor ficou perplexa. E da perplexidade passou ao pavor. Fazendo o sinal da cruz, de repente pôs-se a correr por tôda a vasta casa, os olhos e as mãos erguidos para o céu, chamando por Deus, chamando pela Virgem, chamando pelos santos todos, a implorar, aos gritos, muito doridamente, de cortar o coração, a misericórdia do Senhor. E chorava, e corria, e gritava, e implorava, suspirando às vêzes tão fundamente

que a tôdas as companheiras pôs alarmadíssimas, como que as entorpecendo, porque não sabiam que fazer por ela, nem o que pensar sôbre o que lhe tinha sucedido.

Levadas pelo diabo, acabaram por julgá-la louca. E com aquilo mais a pobre Flor se mortificava e sofria.

Afinal, Nosso Senhor Jesus consolou-a, aparecendo-lhe na figura do anjo que fôra pintado no claustro, bem diante do locutório. Seguidamente, por três meses, abismou-se em Deus: foi o sossêgo e a paz. E, um dia, um anjo, aparecendo-lhe, presenteou-a com uma espada — espada com a qual fàcilmente afugentaria o demônio do próprio coração e do coração de quem quer que seja.

Conta-se que, no dia de Todos os Santos, extasiada, Flor viu a felicidade dos escolhidos no céu, e, por ocasião da festa de Santa Cecília, assistiu ao triunfo da grande Santa no paraíso.

Desde então, jamais sentiu a presença do demônio. Duma humildade a tôda a prova, a todos enternecia. E, quando discorria sôbre as coisas de Deus, dir-se-ia que jamais pecara mortalmente. Todos os dias, assistia fervorosa e recolhidamente à santa missa, mas, consoante o costume da Ordem, comungava sòmente aos domingos e dias de festa. Isto, todavia, não a impedia, diàriamente, quando o sacerdote comungava, de ser tomada pelo êxtase, arroubo que se prolongava indefinidamente.

Flor, sempre e sempre, meditava sôbre a Paixão de Nosso Senhor, recitando a *ordem da Cruz de São Boaventura*, o *Officium de Passione Domini*. Demais, contemplava, com predileção, o mistério da anunciação. Devota especial de Nossa Senhora, de São Pedro, de São Francisco de Assis, venerava muito

particularmente a São João Batista, que era o padroeiro da sua Ordem.

De posse da celeste espada, nunca mais foi assaltada por temores. Levou a vida numa beatitude sem par, falecendo num dia, que se desconhece, do ano de 1347.

Inúmeros foram os milagres que Santa Flor, da Ordem dos Hospitaleiros de São João, operou: um Anônimo, recolhendo-os, compôs uma coleção de mais de cem, ocorridos por todo o Quercy, em épocas diferentes, e em outros lugares, tais como Perigord, Rouergue, Auvergne, Limousin, Gasconha e Montpellier.

Infelizmente, as relíquias de Santa Flor foram queimadas, quando da Revolução. O confessor da bem-aventurada filha de Pôncio e de Melhor escreveu-lhe a *Vida* em latim, mas se perdeu.

* * *

# SANTO ATILANO E SÃO FROILANO (*)

## *Bispos*

Atilano foi bispo de Zamora, na antiga Lusitânia, diocese criada por Afonso III, cognominado o Grande, rei das Astúrias. O nome de Atilano, que foi consagrado, acredita-se em 900, aparece numa carta que Afonso III dirigiu a Sahagun, e em documentos de São Tiago de Compostela.

Nascido, possìvelmente, em Tarazona, Aragão, conta-se dêle, numa *Vita* onde pulula o maravilhoso, que, vindo de volta duma peregrinação a Jerusalém, todos os sinos da diocese repicaram alegremente, sem que mãos humanas os tangessem, e que os trajos que envergava, paupérrimos, como os do mais pobre peregrino — dum peregrino-mendigo — todo esfarrapado, desapareceram-lhe do corpo, sendo por via divina, substituído por ricas vestimentas pontificais.

Santo Atilano foi grande amigo de São Froilano. Êste santo bispo de Lião, que, como Atilano, foi elevado à dignidade episcopal por Afonso III, é festejado no dia 3 dêste, mas, como foi, com o amigo, "luz de tôda a Espanha", e sempre estiveram juntos, aqui também os colocamos lado a lado.

São Froilano nasceu em Lugo, na Galícia, em 833, e foi grande batalhador nos obscuros tempos da Reconquista, tempos terríveis, de grandes provações e de duras batalhas contra a mourama.

Anacoreta, foi no seu retiro dos montes Curueñho que encontrou Atilano, então padre. Encorajados pelo rei, fundaram, na região lioneza, vários mosteiros, onde professaram centenas de homens e mulheres.

Depois do último mosteiro fundado, em Távora, Afonso III, embora os santos procurassem escapar da dignidade, elevou-os ao episcopado (900), sendo consagrados em Lião.

Froilano era austero, austero como o foram os antigos profetas. Convertendo ladrões, salteadores facinorosos, encaminhava-os ao Senhor, encerrando-os em mosteiros, onde se punham, sinceramente, a fazer penitência, purgando-se dos males que praticaram.

De Santo Atilano, a não ser a *Vita* tôda ela repleta de fantasias, como dissemos, pouco se sabe, realmente, a não ser que foi canonizado pelo papa Urbano II. O culto do santo bispo de Zamora desenvolveu-se a partir do século XII. Crê-se que faleceu em 916. São Froilano, ao que se presume, faleceu em 905. É padroeiro de Lião, assim como o amigo o é de Zamora.

* * *

# SÃO MAURÍCIO (*)

## *Abade*

Maurício nasceu em Croixanvec. Filho de humildes trabalhadores da terra, os Duault, depois de estabelecidos em Loudeac, por isso que o santo abade, às vêzes, é nomeado como Maurício de Loudeac, o jovem era piedoso, inteligente e bom, todo voltado para as coisas de Deus. Assim, logo procurou, com o consentimento dos pais, a abadia de Langonnet, onde levou vida calma, de penitência e de oração. Em 1145, morto o abade da fundação, foi escolhido para substituí-lo.

Em 1170, o duque Conan IV legou certo trecho de terras da floresta de Carnoet à abadia de Langonnet. Vários monges, então, foram erigir nova casa, e São Maurício, convidado para governá-los, aceitou a direção da futura abadia que iria receber o nome da floresta que cobria as vastas propriedades do duque.

São Maurício tornou famoso o lugar de Carnoet pelos milagres que operou e vida santa que levou.

Falecido em 1191, Clemente XI e Bento XIV concederam-lhe a festa, sob o rito duplo maior, à ordem cisterciense, que a celebra a 15 de outubro. Festejam também o santo abade a diocese de Quimper, Vannes e São Brieuco.

* * *

# BEM-AVENTURADO RAIMUNDO DE CÁPUA (*)

## *Mestre Geral da Ordem Dominicana*

Raimundo pertenceu à nobre família dos Della Vigna. Nascido em Cápua, em 1330, estudou em Bolonha, mas por pouco tempo, pois logo se fêz para os dominicanos, com menos de vinte anos. Estudado em Roma, ali ensinou, bem como em Bolonha, não recebendo, contudo, o título de mestre de teologia senão em 1379.

A 20 de abril de 1366, Raimundo terminava uma obra que se propusera: *A Vida de Santa Inês de Montepulciano,* Santa que faleceu, é notável, a 20 de abril de 1317, sendo solenemente canonizada pelo papa Bento XIII em 1726.

Tempos depois, era o bem-aventurado confessor e diretor das religiosas de Montepulciano, e, em 1367, prior do grande convento de Santa Maria da Minerva de Roma.

Tendo, por muitos anos, ensinado e predicado, em 1370 estava em Siena, em 1373 em Florença, quando, no ano seguinte, 1374, foi nomeado regente e leitor da Escritura Santa em Siena.

----

Certo dia em que Santa Catarina de Siena, muito contritamente, orava, conta-se, um raio do Espírito Santo iluminou-a e esclareceu, fazendo com que se recordasse de que, havia pouco, pedira ao Senhor Jesus o dom da fôrça. Compreendeu o mistério das tentações, e, alegrando-se muito, propôs-se suportar, sem se queixar, tôdas as penas que lhe fôssem enviadas por Deus.

Ora, isso contrariava o espírito infernal, que lhe disse:

— Que vais fazer, miserável? Hás de passar a vida tôda nessa miséria? Hei de te atormentar, até que consintas nos meus propósitos!

Catarina, com grande firmeza, respondeu ao maligno espírito das trevas:

— Elegi os sofrimentos para meu alívio. Não me é difícil, mas até agradável, sofrer pelo nome do Salvador, tanto quanto a Deus aprouver.

Àquelas palavras, o demônio retirou-se, confuso, e uma luz que desceu dos céus iluminou maravilhosamente a cela da Santa. E em meio àquela luminosidade intensa, apareceu Nosso Senhor Jesus Crucificado. Olhou-a ternamente, depois disse-lhe:

— Vê, filha, o quanto sofri por ti. Não titubeeis, pois, em sofrer por mim.

Muitas foram as visões de Santa Catarina de Siena. Outra delas, diz respeito ao pedido que fazia, instantemente, ao divino Espôso, para que lhe aumentasse a fé. Desejava uma fé perfeita, para que, unida a Êle de maneira mais íntima, tal união fôsse indissolúvel.

Nosso Senhor respondeu-lhe pelas palavras do profeta Oséias:

"— Tornar-te-ei minha espôsa por uma fé inviolável".

Quando a quaresma se aproximava, Santa Catarina renovou o pedido que fizera, agora com mais ardor. E o Senhor lhe disse:

— Já que renunciaste por amor de mim a tôdas as vaidades, desprezando os prazeres da carne para só em meu coração buscar prazeres, resolvi solenemente celebrar contigo os esponsais de tua alma. E, como prometi, tornar-te-ei minha espôsa por uma fé inviolável.

Apareceram, então, Nossa Senhora, São João, o Evangelista, o apóstolo São Paulo e São Domingos, com o profeta Davi, que trazia na mão o Saltério. E a Mãe de Deus, com as mãos puríssimas, tomou as puras mãos da virgem. E, estendendo-lhe os dedos em direção do Filho, suplicou-lhe que a Catarina tomasse como espôsa.

Jesus aceitou-a, e, com extrema bondade, colocou num dedo da Santa um anel de ouro, ornado de belíssimas pérolas e um fulgurante diamante, depois do que, disse-lhe:

— Eis que te tomo por espôsa, eu, que sou teu criador e salvador. Tomo-te por uma fé que se conservará sempre inviolável. De agora em diante, minha filha, faze com coragem, e sem delongas, o que a minha providência te mandar fazer: armada de grande fôrça, da fôrça da fé, hás de vencer a todos os adversários.

Ditas estas palavras, a visão desapareceu, mas o anel permaneceu no dedo em que Jesus o pusera. Era, todavia, sòmente visível para Santa Catarina, como sempre confessou ao seu diretor espiritual e futuro biógrafo — Raimundo de Cápua, o qual, muitas

vêzes, como confessava, viu-se tentado a não crer nas visões e nos êxtases que ela lhe contava.

Diz o bem-aventurado:

"Procurava por tôdas as maneiras descobrir se tais visões e êxtases vinham da parte de Deus, ou, se não, donde. Por que assim fazia eu? Porque me lembrava de ter encontrado mais de uma mulher de cabeça fraca e fàcilmente seduzida pelo inimigo, como nossa primeira mãe, Eva.

"Em tal ansiedade, pedindo a Deus que me esclarecesse e orientasse, veio-me à lembrança que, se obtivesse pelas orações de Catarina uma grande e extraordinária contrição pelos meus pecados, isto representaria um seguro sinal de que tudo, verdadeiramente, procedia do Espírito Santo, porque ninguém pode ter esta contrição senão pelo Espírito Santo.

"Disse-lhe, então, que por mim pedisse ao Senhor o perdão dos meus pecados, e Catarina respondeu-me que assim o faria com a maior boa vontade. Eu, porém, repliquei que meu desejo não ficaria satisfeito senão quando estivesse certo da indulgência como de uma bula de Roma. Ela sorriu e me perguntou que bula desejava eu possuir. Respondi-lhe: "Uma grande e extraordinária contrição dos meus pecados".

"Assegurou-me que, imediatamente, havia de fazê-lo, sem qualquer dúvida. Pareceu-me, então, que, naquele instante, via a todos os meus pensamentos. Era noite, e no dia seguinte, achei-me doente, tendo ao lado um frade.

"Embora estivesse mais doente do que eu, Catarina veio visitar-me, em companhia duma das amigas. E, segundo costumava, pôs-se a falar de Deus e da ingratidão dos homens, porque vivemos a ofender tão grande benfeitor.

"Enquanto falava, veio-me uma visão tão clara dos meus pecados, que me julguei, sem sombra de dúvida, digno da morte, diante do supremo e justo juiz, o qual, tão magnânimo Êle é, não só me livrou da morte como me cobriu com suas vestimentas sublimes, tomando-me a seu serviço. Isto me fêz chorar, soluçar e corar, e tanto, que temi que o coração e o peito fôsse romper-se. Catarina calara-se. Deixou-me chorar e soluçar à vontade. Passado o pranto, perguntei-lhe: "É a bula que te pedi?" Respondeu-me: "É. Lembra-te sempre dos dons de Deus". E assim dizendo, saiu com a companheira, deixando-me só com o frade, todo numa grande alegria. Tomo a Deus por testemunha de que não disse senão a verdade".

Santa Catarina de Siena fôra advertida, por uma revelação, quando assistia à missa no dia da festa de São João Batista, que o bem-aventurado Raimundo de Cápua seria seu confessor.

Em 1374, a peste assolou Siena, e a primeira obra comum de Catarina e de Raimundo foi cuidar dos que contraíram a doença terrível. Raimundo não tardou a ser assaltado pela enfermidade, mas Santa Catarina, orando a Deus e pedindo pela saúde do seu diretor, curou-o em pouco tempo. Insistia a Santa em que se devia, para debelar o mal, apaziguar a Deus com dignos frutos de penitência. E suas palavras, naquela feia época, foram tão fervorosas e entrou fundo em todos os corações, que se viam os mais empedernidos pecadores a acolhê-las, arrazados.

Gente de tôdas as classes acorriam ouvi-la, e os que tinham a felicidade de vê-la e ouvir-lhe as palavras, glorificavam a Deus, propondo-se levar vida decente e mais cristã.

Morto o papa Gregório XI em Roma, aos 27 de março de 1378, subiu ao trono de São Pedro, Bartolomeu Prignano, que era arcebispo de Bari, tomando o nome de Urbano VI.

Raimundo, naquele ano, encontrava-se em Roma. Urbano VI fôra reconhecido por tôda a Igreja, mas onze cardeais franceses requereram que se transportasse a côrte romana, outra vez, para a cidade de Avinhão. O novo Pontífice recusou-se. Ora, aquêles cardeais, depois de servirem o novo papa por três meses, abandonaram-no e entraram a dizer que a eleição não fôra livre: por conseguinte, era nula. Disto resultou a eleição dum segundo papa, Roberto de Genebra, que se chamou Clemente VII. Êste sétimo Clemente, contudo, não foi reconhecido pela Igreja Romana.

Raimundo de Cápua e Catarina de Siena, imediatamente puseram-se do lado de Urbano VI. A Santa, que havia predito o cisma, infeliz cisma, fêz o possível para conjurá-lo. Escrevera a Urbano, para que fôsse moderado e usasse de paciência. Escrevera aos cardeais, para que se lembrassem que haviam assegurado a tôda a cristandade que o papa que haviam escolhido era o papa legítimo, pois que fôra livremente eleito. Escrevera, ademais, ao rei da França, Carlos V, para que fôsse perseverante na obediência ao verdadeiro Pontífice.

Como não pudesse evitar o mal, Santa Catarina a Deus ofereceu-se em holocausto. Não lhe soara ainda a hora, porém, de modo que, àquela delicadeza, o Senhor, para tranquilizá-la, fêz-lhe entrever melhores dias para a Igreja, no futuro.

O cisma, predissera-o ela quando parava em Pisa. Raimundo, então, cumprida a predição, quando se

encontrou com a dirigida, lembrou-lha. E perguntou-lhe:

— Caríssima, depois dêstes males, que haverá na Santa Igreja?

Catarina respondeu-lhe:

— Findas as atribulações e as angústias, Deus purificará a Santa Igreja: há de suscitar o espírito dos eleitos, e há de se seguir tal reforma na Igreja e tal renovação nos santos pastôres, que meu espírito, só em pensar, estremece de alegria no Senhor. E a Espôsa, agora coberta de andrajos, será belíssima, ornada de jóias preciosas e coroada de diademas, os diademas de tôdas as virtudes. E todos os fiéis se alegrarão por tantos e tão santos pastôres. Quanto aos povos infiéis, atraídos pelo bom Senhor Jesus Cristo, êsses voltarão ao catolicismo, convertendo-se ao verdadeiro pastor e bispo de suas almas. Assim, rende graças ao Senhor, porque, depois desta tempestade, dará Êle à sua Igreja uma serenidade extraordinàriamente grande.

Nem a Santa, nem o bem-aventurado viram o cumprimento de tal predição, porque só mais tarde se cumpriria.

Santa Catarina de Siena faleceu em Roma, a 29 de abril de 1380. Raimundo de Cápua, então, achava-se em Pisa, e, a 12 de maio daquele mesmo ano, era eleito Mestre Geral.

Foi quando findava de percorrer a Alemanha, em visitas aos conventos, que o bem-aventurado Raimundo de Cápua faleceu: era em Nuremberg, a 5 de outubro de 1399, dezenove anos depois daquela que dirigiu e da qual escreveu a vida.

Conta-se que o corpo foi transferido, no século XVI, para a igreja de São Domingos Maior de

Nápoles. Honrado tradicionalmente como bem-aventurado, Raimundo de Cápua foi beatificado pelo papa Leão XIII, aos 15 de maio de 1899, quatrocentos e trinta e oito anos depois da canonização de Santa Catarina, que Pio II elevou às honras dos altares em 1461.

---

No mesmo dia, em Soissons, São Discliano ou Diviciano, bispo (século III ou IV), cujo corpo era venerado na igreja da abadia de São Crispim, o Grande.

Em Pesaro, a bem-aventurada Felícia Meda, abadêssa clarissa. Nascida em Milão no ano de 1378, tornou-se órfã ainda menina, com dois irmãos mais novos para cuidar: daí a precoce maturidade de que falam os seus biógrafos (Gallucci, *Vida da Beata Felícia e Serafina, Monjas de Santa Clara do Corpus Domini di Pesaro;* Leon, *Aurécla Seráfica*). Aos doze anos, votou a Deus a virgindade. Anos mais tarde, repartindo os bens entre os irmãos e os pobres, buscou as clarissas do mosteiro de Santa Úrsula de Milão. Pouco depois, teve a alegria de ver a irmã juntar-se a si e o irmão a ingressar entre os Menores. Modêlo de regularidade, muito perseguida pelo demônio, que lhe surgia debaixo das mais apavorantes aparências, com a ajuda de Deus soube levar a vida pelo estreito caminho áspero que leva ao céu. Abadêssa, Santa Úrsula tornou-se famosa, tanto que, fundando a espôsa do duque de Pesaro um novo convento de clarissas, Felícia foi convidada para dirigi-lo. Ali, depois de vida edificantíssima, faleceu a 30 de setembro de 1444, sendo imediatamente acla-

mada como santa pelo povo de Pesaro, que a idolatrava pelas virtudes. Pio VII aprovou-lhe o culto em 1812.

Em Meaux, Santo Antonino, bispo (século IV?). Discípulo de São Dionísio de Paris, Antonino, com Saintino, teria sido encarregado de levar ao papa Anacleto, sucessor de Clemente, a relação da sua missão. Antonino teria morrido a caminho, e Saintino ressuscitou-o (Ver 22 de setembro).

Em Manosca, Santa Túlia, virgem (século VI), que, dizem os estudiosos, era filha de Santo Euquério.

Na diocese de Mende, Santa Enímia, virgem. Filha de Clóvis, filho de Dagoberto, como não quisesse casar-se, como o desejavam, Deus cobriu-a de lepra. Anos depois, apareceu-lhe o Senhor, dizendo-lhe que se curaria na fonte de Burla, o que aconteceu, ali se banhando. O nome *Enímia*, ensinam-nos, é uma deformação de *eremia*, ermitão, ermita; feminino, ermitã e ermitoa.

Em Amiens, Santa Auréia, abadêssa, no século VIII. Segundo uma legenda de Santa Ulfa, ou Úlfia, virgem nascida em Soissonnais, que se consagrou a Deus quando ainda muito jovem, Auréia teria sido sua companheira, quando do enterramento de São Domício (31 de janeiro e 23 de outubro). Teria sido abadêssa dum mosteiro fundado em Amiens por Ulfa. Tudo, porém, são hipóteses, e as legendas são tidas como sem valor. A cabeça de Santa Auréia era venerada no mosteiro de Paracleto, mosteiro que foi levantado sôbre o túmulo de Santa Ulfa.

Em Nevers, São Jerônimo, bispo, no século IX. Contemporâneo de Carlos Magno, conseguiu um documento (*charte*) de restituição dos bens de sua igreja. Ao santo bispo é atribuída a construção da

igreja de Sauvigny-aux-Bois. Foi enterrado na igreja de São Martinho de Nevers, igreja que hoje não mais existe.

No mosteiro de Boeddeken, Paderborn, Westfália, São Meinulfo, diácono, ou Manolfo. Foi o fundador da abadia das cônegas regulares de Boeddeken, cuja igreja foi consagrada em novembro de 837. Naquela igreja o Santo teve as relíquias depostas, as quais foram veneradas até 1803, ano em que o mosteiro foi suprimido.

Em Florença, o bem-aventurado Pedro de Ímola, cavaleiro de São João. Cavaleiro da Ordem de São João, Pedro foi prior da província de Roma. Faleceu em Florença em 1320.

Na Inglaterra, os bem-aventurados Guilherme Hartley, João Hewett e Roberto Sutton, mártires, em 1588. Mártires do tempo da Armada Espanhola, que o papa Pio XI beatificou em 1929, Guilherme pertencia a uma família de pequenos proprietários rurais; nascido em 1557, no condado de Derby, recebeu educação protestante; convertido, foi ordenado padre em Chalons, em 1580; exilado em 1585, tornou à Inglaterra secretamente, sendo morto; João era do condado de York; estudou em Cambridge; quando foi prêso era diácono; Roberto nasceu em Leicester; como Hartley, foi educado no protestantismo; convertido, foi acusado de católico, prêso e, como não apostatasse, morto pela fé. — Festa de São Traséias, bispo de Eumênia, que foi martirizado em Esmirna. — Em Tréveris, São Palmácio e seus companheiros que, durante a perseguição de Diocleciano, sofreram o martírio sob o presidente Riciovaro. — No mesmo dia, Santa Caritina, virgem que, sob o Imperador

Diocleciano e o consular Domício, sofreu a tortura do fogo e foi atirada ao mar. Tendo saído sã e salva, teve as mãos e os pés cortados, e os dentes arrancados; e, pondo-se a orar, entregou o espírito. — Em Auxerre, morte de São Firmato, diácono, e de sua irmã, Santa Flaviana, virgem. — Em Ravenna, São Marcelino, bispo e confessor.

* * *

## 6.º DIA DE OUTUBRO

# SÃO BRUNO

*Fundador da Ordem dos Cartuxos*

Pelo fim do décimo-primeiro século, enquanto o Papa São Gregório XII, seguindo o exemplo de São Leão IX, trabalhava com fé e coragem invencíveis, na reforma do clero, Deus suscitou um novo patriarca da vida solitária, um homem da mesma estirpe dos Antão, da Tebaida, dos Hilarião, da Palestina; um homem e uma ordem que, pela vida penitente, deveriam servir de lição e de modêlo ao clero e ao povo cristão, e atrair para sempre as bênçãos do céu sôbre tôda a Igreja; uma ordem que, após oito séculos, é ainda a mesma, sem nunca ter tido necessidade de reformas, nem em relação à pureza da fé, nem em relação à austeridade e à disciplina. Êsse homem é São Bruno; essa ordem é a dos Cartuxos.

Bruno nasceu em Colônia, onde foi educado. Fêz seus estudos na França, e o seu aproveitamento lhe mereceu a cátedra da escola de Reims. Manassés, arcebispo de Reims, fê-lo seu camareiro, como se pode deduzir de alguns atos que Bruno assinou nessa qualidade. Mas os benefícios com que Manassés o cumulou não lhe fecharam os olhos para os excessos

praticados por aquêle prelado, nem lhe esmoreceram o zêlo. Bruno foi um dos principais acusadores de Manassés que, para puni-lo, o privou de seus favores. Bruno sentiu menos tristeza com os maus tratamentos do que com os escândalos armados pelo arcebispo. Primeiro retirou-se para Colônia e, durante algum tempo, foi cônego de São Cuniberto; Deus, porém, chamava-o a um estado mais perfeito. Desde o tempo em que vivia em Reims, junto ao arcebispo Manassés, Bruno projetara, juntamente com alguns amigos seus, abraçar a vida monástica. É o que conta a Radulfo le Verd, então preboste de uma igreja de Reims:

"Não vos recordais que, passeando um dia por um jardim, próximo da casa de Adam, onde me alojava, depois de termos, eu, vós e Fúlcio, o caolho, discorrido sôbre a brevidade dos prazeres dêste mundo comparados com a eterna duração das alegrias celestiais, de tal modo nos sentimos tomados de fervor que prometemos, e fizemos um voto ao Espírito Santo, que deixaríamos o mais cedo possível as coisas perecíveis e vestiríamos o hábito monástico, a fim de merecermos os bens eternos; plano, cuja execução não teríamos adiado se não fôsse a viagem que Fúlcio fêz a Roma por essa época." Essa carta de São Bruno bem mostra que a conferência por êle mantida com seus amigos sôbre a vaidade dos bens terrenos, foi a primeira causa do seu retiro, depois do desgôsto e da mágoa que teve ao viver sob a direção de um arcebispo tão escandaloso quanto Manassés. Êsse prelado, embora deposto, manteve-se durante algum tempo na sua sede; mas foi expulso pelo povo e retirou-se para a côrte de Henrique, rei da Germânia, onde morreu miseràvelmente, excluído da comunhão

da Igreja. Rainaldo, tesoureiro de São Martinho de Tours, eleito em seu lugar, calmamente tomou posse do importante sólio episcopal.

Essa mudança não logrou desviar São Bruno do piedoso desígnio por êle concebido. Para levá-lo a efeito, associou-se a seis companheiros igualmente fervorosos. Ainda não tinham assentado o gênero de vida que abraçariam para melhor servir o Senhor. Porém, depois de terem consultado alguns santos personagens, entre êles um piedoso eremita de grande reputação, dirigiram-se a Santo Hugo, bispo de Grenoble. O santo bispo que, na noite precedente, vira em sonhos sete estrêlas, acreditou que Deus quisera dar-lhe a conhecer o merecimento dos sete peregrinos que, como outros tantos astros, viriam iluminar sua diocese. Recebeu-os com alegria, e cedeu-lhes, para que lá morassem, as impressionantes montanhas, situadas não longe de Grenoble, e denominadas Cartuxa. São Bruno e seus companheiros ergueram uma capela dedicada à Santa Virgem e, depois de construírem celas ao redor dessa capela, ocuparam-nas nas imediações do dia de São João do ano de 1084. Tal foi o início da nova ordem que constituiu, e não cessa de constituir motivo de edificação para a Igreja, em particular na França, onde nasceu. A Cartuxa, primeira morada dos discípulos de São Bruno, deu o nome a tôdas as casas do mesmo instituto, e aos solitários que o abraçaram.

Não mencionamos, entre as causas da conversão de São Bruno, o milagre do cônego, que durante seus obséquios, voltou à vida por um momento para contar que fôra condenado. Nenhum dos autores contemporâneos que comentaram o desejo de reclusão de São Bruno se referiu a êsse fato, de natureza a não



S. Bruno coloca a ordem dos cartuxos sob a proteção da SSma. Virgem (de uma pintura de Zurbarán, século XVII).

ser omitido, caso fôsse verídico. Chegou-se à conclusão, hoje em dia, de que foi inventado, sendo retirado do breviário romano. Contudo, a questão não parece definitivamente resolvida, pois, no momento em que estas linhas são impressas, travamos conhecimento com a *História de São Bruno*, de Tromby (1), que se ocupa minuciosamente em refutar os argumentos contrários ao fato e destaca as razões favoráveis à veracidade do milagre. Um novo biógrafo de São Bruno faria bem se novamente considerasse o assunto.

Bruno e seus companheiros levaram uma vida angélica nas tétricas montanhas da Cartuxa. Eis como se expressa Guiberto, abade de Nogent, famoso escritor daquele tempo, sôbre a maneira de viver dos primeiros cartuxos: "A Igreja foi construída quase no cume da montanha. O claustro é muito cômodo; mas os cartuxos não moram juntos, como os outros monges. As celas são construídas ao redor do claustro e cada religioso ocupa uma delas, na qual trabalha, dorme e toma suas refeições. Recebem do ecônomo, aos domingos, pão e legumes para a semana. Os legumes são os únicos alimentos que êles cozinham em suas celas; uma fonte lhes fornece água para beber e para outras utilidades, através de canais que desembocam nas celas. Aos domingos e dias santos solenes comem queijo e um pouco de peixe, quando os recebem de pessoas caridosas; pois não compram nada disso. Quanto ao ouro, à prata, e aos ornamentos da igreja, não os aceitam quando lhes são oferecidos. Um cálice resume a sua prataria. Não se reúnem na

---

(1) Tromby, **Storia del patriarcha S. Bruno**, Napoli, 1775, 3 volumes in-fol.

igreja às horas ordinárias; se não me engano, assistem à missa aos domingos e dias santos. Raramente falam, e, se têm necessidade de dizer alguma coisa, fazem-no por meio de sinais. O vinho que bebem é tão aguado que não tem o mínimo sabor e mais parece água. Usam o cilício em cima da carne; suas roupas são bastante finas. São governados por um prior: o Bispo de Grenoble serve-lhes, às vêzes, de abade. Porém, embora sejam pobres, dispõem de uma rica biblioteca".

Guiberto assim prossegue: "Tendo o Conde de Nevers ido visitá-los êste ano, num ato de devoção, compadeceu-se da pobreza em que viviam, e enviou-lhes, ao regressar, algumas peças de prata de alto custo. Devolveram-nas, e o Conde, edificado com a recusa, enviou-lhes couro e pergaminho, que sabia ser-lhes necessários na cópia de livros. Como as terras da Cartuxa são estéreis, semeiam pouco trigo; mas compram-no com a lã de suas ovelhas, que criam em grandes rebanhos. Ao sopé da montanha moram mais de vinte leigos, que os servem com muito carinho, e que se ocupam com seus negócios temporais, pois os religiosos só se dedicam à contemplação". Em seguida, Guiberto refere-se ao grande número de conversões que o exemplo dos solitários da Cartuxa operou na França, e da diligência com que tôdas as províncias se empenharam em construir mosteiros do mesmo instituto. (2)

A pintura que o abade de Nogent nos faz da vida dos primeiros cartuxos, Pedro, o Venerável, acrescenta vários traços edificantes. Diz que usavam roupas de má qualidade, curtas e estreitas; que haviam delimitado uma certa extensão de terreno,

(2) Guib. **De vita sua, l. I, c. X.**

além da qual nada aceitavam do que lhes era oferecido, fôsse mesmo um punhado de terra; que tinham um número fixo de bois, de ovelhas, de mulas e de cabras; que, para não serem obrigados a aumentá-los, não recebiam mais de doze monges em cada estabelecimento, além do prior e de dezoito conversos e alguns criados; que nunca comiam carne, mesmo quando doentes; que na sexta-feira e no sábado só comiam legumes, e que às segundas, quartas e sextas comiam apenas pão escuro e bebiam água; que só faziam uma refeição por dia, exceto aos domingos, festas solenes, oitavas da Páscoa, Natal e Pentecostes; e que só ouviam missa aos domingos e dias santificados. Os seis primeiros companheiros de São Bruno foram Landuíno, que lhe sucedeu no govêrno da grande Cartuxa, os dois Estêvãos, cônegos de São Rufo, Hugo, que era o único sacerdote da comunidade, André e Garin, leigos.

O maior consôlo de Santo Hugo, Bispo de Grenoble, era fazer freqüentes visitas a Chartreuse, a fim de edificar-se com a santa vida que levavam os piedosos solitários. Êstes, porém, mais edificados ficavam com a humildade do santo prelado, do que êle com as suas austeridades. Santo Hugo vivia entre os monges como se fôsse o último de todos. Seu fervor fazia com que esquecessem sua dignidade, e êle prestava os mais ínfimos serviços àquele com quem se alojava; pois nos primórdios da fundação, cada cela era ocupada por dois cartuxos. Seu companheiro queixou-se a São Bruno de que Hugo fazia questão de desempenhar as funções de um criado; mas o santo bispo só dava cuidados à sua humildade e sentia-se honrado em servir os servos de Deus.

Muitas vêzes São Bruno tomava a liberdade de mandá-lo de volta à sua igreja. "Retornai às vossas ovelhas, elas precisam de vós; dai-lhes o que deveis." O santo Bispo obedecia à Bruno como a um superior; porém, depois de passar algum tempo com seu povo, retornava à solidão. Pretendia vender seus cavalos e fazer a pé as visitas à sua diocese. São Bruno dissuadiu-o, receoso de que aquela singularidade parecesse uma condenação lançada aos outros bispos, e também, de que êle pudesse tirar do fato uma glória vã. Hugo seguiu-lhe o conselho; mas sua humildade obrigou-o a suprimir tudo quanto não julgasse dever à dignidade episcopal. Juntamente com São Bruno, o santo Bispo foi como que o pai dos cartuxos. Fêz uma ordenação pela qual proibiu que as mulheres passassem pelas terras daqueles religiosos, pois temia que pudessem perturbar-lhes a solidão. A ordenação é datada do mês de julho de 1084. É dêsse ano que, com mais verossimilhança, datam os começos do instituto dos cartuchos.

Tendo sido o Papa Urbano II, que fôra discípulo de São Bruno, em Reims, informado da santa vida que êste levava, havia seis anos, nas montanhas da Cartuxa, e aliás, ciente da sua erudição e sabedoria, chamou-o para junto de si a fim de aproveitar seus conselhos no govêrno da Igreja. O humilde solitário não poderia receber uma ordem que mais lhe custasse a obedecer. Teria que se arrancar à querida solidão, deixar os irmãos ternamente amados e arriscar-se a ver dispersar-se o pequeno rebanho reunido com tanta dificuldade; mas seu respeito pela Santa Sé não lhe permitiu fazer ponderações. O Papa recomendou a Cartuxa a Seguin, abade da Chaise-Dieu, notável

pela piedade e autoridade; e Bruno nomeou Landuíno prior da Cartuxa durante a sua permanência na Itália.

Mas os solitários, habituados a sofrer alegremente as maiores austeridades, não conseguiram suportar a ausência de seu pai. A Cartuxa que, estando êle presente, lhes parecia um paraíso terrestre, retomou aos olhos dos monges o seu verdadeiro aspecto, isto é, o de um deserto tétrico e inabitável. Não conseguiram mais suportar os contratempos e a falta de confôrto e foram-se embora, sem contudo separar-se. A deserção dos monges obrigou São Bruno a entregar a fundação a Seguin, abade da Chaise-Dieu. Entretanto Landuíno, que fôra nomeado prior, tão patèticamente exortou os irmãos a perseverarem que, após uma ausência não muito longa, êles retornaram à Cartuxa; foi-lhes esta devolvida pelo abade da Chaise-Dieu por ato datado de 17 de setembro de 1090.

Bruno foi acolhido pelo Papa com a consideração devida à sua piedade e aos seus merecimentos; e o Papa, que conhecia a sua prudência, freqüentes vêzes o consultava sôbre importantes negócios da Igreja; mas a confusão e o tumulto ligados à côrte romana, para onde eram levadas tôdas as causas do mundo cristão, não apraziam a um religioso que já experimentara as doçuras da solidão e da contemplação. Bruno solicitou, pois insistentemente, permissão para tornar a enterrar-se na sua querida Cartuxa. O Papa apreciava-o demais para conceder-lhe o que pedia; instou para que aceitasse o arcebispado de Reggio; o piedoso solitário desculpou-se com tão sincera humildade, que Urbano II achou que não devia violentar-lhe a modéstia; consentiu, mesmo, que se retirasse para um lugar solitário, na Calábria, onde levou,

com alguns companheiros que conquistara para Deus, na Itália, uma vida semelhante à das montanhas da Cartuxa. Rogério, Conde da Calábria e da Sicília, felicitou-se por abrigar em seus estados tão santa colônia, e doou aos religiosos algumas terras na diocese de Squillace, onde construíram um mosteiro denominado La Tour, cuja igreja foi consagrada no ano de 1094.

Foi dessa solidão que Bruno escreveu a Radulfo le Verd, então preboste da Igreja de Reims, e seu velho amigo, convidando-o a renunciar ao mundo. Depois de agradecer-lhe as provas de amizade que lhe devia, pinta-lhe os atrativos do novo retiro. Assim se expressou: "Habito um êrmo nos confins da Calábria, bastante afastado do convívio dos homens. Como descrever-vos a beleza do lugar e a pureza do ar que aqui respiramos? É uma planície ampla e aprazível, que se estende ao longe por entre montanhas, e na qual se encontram prados sempre verdes e pastagens sempre floridas. Não consigo descrever a encantadora perspectiva formada pelas colinas que se elevam insensìvelmente, e as linhas escuras e profundas dos vales, banhados por fontes, regatos e rios que oferecem ao olhar um maravilhoso espetáculo. Também podemos passear a vista por deliciosos jardins e admirar árvores de tôda espécie, carregadas de belíssimos frutos. Mas para que perder tempo descrevendo minuciosamente os atrativos da nossa solidão? O homem sábio nela encontra prazeres mais aprazíveis e mais altos, por serem divinos. Contudo ao espírito, fatigado pela meditação e pelos exercícios da disciplina regular apraz, nos lazeres, a vista de belos campos, distração inocente, pois um arco sempre tenso perde a fôrça".

Depois do elogio da solidão, São Bruno faz o elogio da vida solitária e insiste com o amigo para abraçá-la, cumprindo a promessa que fizera. Diz-lhe: "Sabeis ao que vos obrigastes, e o quanto o Deus a que vos consagrastes é terrível. Não é lícito mentir-lhe; pois dêle não zombamos impunemente". Bruno relembra ao amigo as piedosas palestras por êles mantidas em Reims, em conseqüência das quais ambos se tinham comprometido a abraçar a vida monástica. Enfim, intima Radulfo a cumprir seu voto e exorta-o a fazer uma peregrinação a São Nicolau de Bari, a fim que lhe seja concedida a consolação de vê-lo. Contudo, Radulfo le Verd permaneceu no estado eclesiástico e, mais tarde, foi elevado ao episcopado de Reims.

São Bruno escreveu, daquela mesma solidão, uma carta a seus irmãos da Cartuxa de Grenoble, congratulando-os, assim como a Landuíno, prior, que viera visitá-lo, por tudo quanto soubera sôbre êles, e para exortá-los à perseverança. Felicita em particular os irmãos conversos pela piedade e obediência de que dão provas. Ao terminar, assegura aos solitários da Cartuxa que tem um ardente desejo de vê-los; mas que não lhe é possível satisfazer tal desejo. São Bruno morreu santamente no seu mosteiro da Tôrre, na Calábria, no ano de 1101, num domingo, 6 de outubro, dia em que a Igreja lhe glorifica a memória, depois de o ter Leão X solenemente o incluído no número dos santos.

Mal São Bruno percebeu que a sua hora chegara, mandou que seus irmãos se reunissem e deu-lhes a conhecer todos os acontecimentos da sua vida, como se quisesse fazer uma espécie de confissão pública. Em seguida, fêz sua profissão de fé, insistindo parti-

cuiarmente na Eucaristia, a fim de que todos ficassem cientes de que repelia a heresia de Bérenger, seu antigo mestre. "Creio que o pão e o vinho, consagrados no altar, transformam-se, depois da consagração, no verdadeiro corpo de Jesus Cristo, em seus verdadeiros sangue e carne, que recebemos para a remissão de nossos pecados, e na esperança da eterna salvação".

É o que nos dá a conhecer uma carta circular que seus discípulos da Itália enviaram a tôdas as igrejas, de acôrdo com o costume, a fim de recomendá-lo às orações dos fiéis. Em se tratando de personalidades famosas, essas cartas eram respondidas com um breve elogio do morto, em prosa ou verso, o que era denominado um título. Foram conservados vários dêsses títulos, procedentes de várias igrejas da Itália e da França, com referência a São Bruno; são monumentos que confirmam a alta idéia em que eram tidas a sua erudição e piedade. Meynard, abade de Corméri, respondeu à circular com a seguinte carta:

"Aos irmãos que servem o Senhor no mosteiro de La Tour. Recebi vosso bilhete no dia 31 de outubro dêste ano de 1102, e soube que a bem-aventurada alma de meu mui caro mestre Bruno deixou êste mundo perecível e foi levada aos céus pelas asas das virtudes. O glorioso fim dêsse grande homem encheu-me de consolação. Contudo, como há muito tempo desejava ir vê-lo para abrir-lhe a minha consciência e viver convosco sob a sua direção, não pude conter as lágrimas ao receber a notícia da sua morte. Sou originário de Reims, estudei com o senhor Bruno e, graças a Deus, fiz alguns progressos nas letras, de que lhe sou devedor. Mas, como não pude demonstrar-lhe minha gratidão enquanto vivia, procurarei dela dar-lhe

provas depois da sua morte, rezando tanto por êle como por mim mesmo".

As respostas que várias outras igrejas deram à carta circular noticiando a morte de São Bruno não são menos significativas. Referem-se a êle como a um incomparável doutor e filósofo e é colocado acima de Virgílio e de Platão. Foram entregues ao público dois volumes *in-folio* das obras de São Bruno. Mas, com exceção do seu comentário sôbre os salmos e as epístolas de São Paulo, e das duas cartas a que nos referimos, todos os outros trabalhos que levam seu nome são da autoria de Bruno de Asti, Bispo de Segni. (3)

* * *

(3) **Hist. Univers. de L'Eglise Catholique, t. XIV.**

# SANTA FÉ (*)

## *Virgem e Mártir*

### (*Século III?*)

Santa Fé nasceu de pais nobres. Virtuosa e bela, foi a primeira mártir de Agen. Prêsa como cristã, quando o prefeito Daciano passava pela cidade, foi induzida a apostatar, sacrificando Diana.

Respondendo a Daciano que todos os deuses eram demônios, recusou-se, dizendo que só ao Deus vivo e verdadeiro rendia homenagens.

Estendida no leito de ferro, o bárbaro prefeito deu ordem para que, debaixo dêle, acendessem grande fogo. Naquele dia, muitos pagãos, indignados, converteram-se e obtiveram, com a virgem, a coroa do martírio. Dentre os cristãos, Caprásio, vendo Santa Fé envolvida pelas chamas, pôs-se a orar, a rogar a Deus que desse a vitória à santa virgem, ao mesmo tempo que suplicava um sinal que lhe fizesse ver se iria passar pelo suplício.

Uma pomba, então, descendo do alto do céu, trazendo uma coroa no bico, colocou-a sôbre a cabeça da mártir, a quem o fogo não causava mal.

Caprásio, pouco depois, apresentava-se a Daciano, dizendo-se cristão. Obrigando-o a sacrificar

aos deuses, prometeu-lhe, se o fizesse de boa vontade, cumulá-lo de riquezas.

Caprásio, às promessas, sorriu, e o prefeito, vendo a inutilidade dos oferecimentos e não querendo ser alvo do ridículo, inùtilmente arengando, ordenou que ao jovem rasgassem sem dó nem piedade.

Houve, então, um murmúrio, que perpassou, surdo, pelo ar. Fé, que fôra retirada da terrível cama de ferro, e Caprásio, foram levados ao templo: davam-lhes a última oportunidade de apostatar. Firmes e imperturbáveis, tiveram as cabeças cortadas.

Os corpos de Fé e Caprásio foram sepultados no local mesmo onde foram decapitados, permanecendo esquecidos até que, no século V, o bispo São Dulcício alevantou uma basílica em honra da santa mártir e virgem, no lugar do martírio. Quanto às relíquias de São Caprásio, o santo bispo fê-las repousar numa igreja da cidade.

São inúmeros os milagres que Santa Fé operou depois da morte. Aqui destacaremos dois dêles. A estátua que a representa é riquíssima. Feita de ouro puro, é adornada com pedras preciosas artìsticamente engastadas e distribuídas pelo corpo. O povo denominava-a a *Magestade de Santa Fé*. Sôbre a cabeça, pousa-lhe um diadema de ouro e pedrarias, e os braços, enfeitados com riquíssimos braceletes, chama a atenção de todos, pela grande beleza.

Um dia, um homem, dêsses como sempre houve pelo mundo, em todos os tempos, louco pelas riquezas, vendo a imagem que era levada em procissão, disse a um outro, que lhe estava ao lado, como êle também montando uma alta mula:

— Ah, se soubesses o desejo imenso que me invade agora! Como desejaria que aquela estátua

desabasse dos ombros dos que a levam e caísse por terra, quebrando-se! Mais do que ninguém, com tal rapidez, recolheria eu tal quantidade de ouro e pedrarias que ficaria rico para todo o sempre!

Nem bem acabara de pronunciar tão sacrílegas palavras e eis que, a um rude corcovo da mula, foi estatelar-se numa poça de lama, donde, tão machucado ficou, não sairia não fôra a ajuda dos que acompanhavam a procissão.

Um jovem escondeu uma palhêta de ouro num pedaço do molde de argila que servira para fundir o destal de ouro da estátua. Dias mais tarde, teve um dos olhos tão doente que precisou guardar o leito. Santa Fé, então, apareceu-lhe, pedindo-lhe que restituísse aquilo que pecaminosamente havia escondido. O jovem não a obedeceu, nem quando a Santa lhe apareceu pela segunda vez, reiterando o pedido. Numa terceira aparição, Santa Fé veio com uma varinha na mão, e, visando-lhe o ôlho doente, fêz-lhe ver que, se não a obedecesse, restituindo a palhêta de ouro, furá-lo-ia. O moço, apavoradíssimo, prometeu-lhe que assim o faria, e, no dia seguinte, cumpriu o prometido. Conta-se que, nesta terceira aparição, Santa Fé não apareceu ao jovem como nas duas primeiras, isto é, como fôra em vida, mas na aparência da estátua de ouro, a qual a palhêta pertencia.

De Agen as relíquias de Santa Fé foram parar em Conques. Era na época em que a paixão de se possuir relíquias de santos estava no auge, para que se enriquecessem mosteiros e igrejas.

Um monge de Conques, Arinisdo, transplantou-se para Agen, e ali viveu muito simplesmente, muito humilde e modesto, ajudando os capelães da basílica de Santa Fé. Piedoso, modêlo de regulari-

dade, foi feito, porque se insinuara, guardião das relíquias da Santa.

No dia da Epifania, vendo-se só, porque todos se achavam presentes às cerimônias próprias daquela festa, quebrou um lado da tumba, agarrou os ossos da virgem e mártir e colocou-os num saco, retirando-se imediatamente.

Quando deram pela coisa, no dia seguinte, já Arinisdo ia longe, e os cavaleiros que lhe foram ao encalço não conseguiram interceptar-lhe os passos, ou por terem tomado caminho errado ou porque, encontrando-se com o fugitivo, não o reconheceram, decerto disfarçado que estava.

Conta-se que, ao passar por Figeac, Arinisdo, achegando os ossos da Santa aos olhos dum cego, restituiu-lhe a vista. Dali, ganhou Conques, onde depositou as relíquias. Diz-se que tudo lhe correu bem "porque Santa Fé queria que as relíquias repousassem em Conques".

Daquela cidade, a devoção de Santa Fé espalhou-se por tôda a França, ganhando a Espanha, levada pelos cavaleiros que iam combater os sarracenos: numerosas aldeias e cidadezinhas espanholas conservam o nome de Santa Fé. Os conquistadores, os velhos navegantes descobridores, trouxeram-no para as Américas. Assim é que há cidades ou vilas pelo Brasil, México, Estados Unidos, Argentina, Chile e demais países americanos que se chamam de Santa Fé. Desde longos anos, a capital da Colômbia é Santa Fé de Bogotá.

A popularidade da santa virgem e mártir mantém-se viva desde a Idade Média.

* * *

# SÃO PERDÃO (*)

## *Abade*

Perdão nasceu em Sardent, aldeia que se situa ao sul de Gueret. Filho de agricultores, piedoso e caridoso para com os pobres, estivera cego por uns tempos, na juventude.

São Perdão foi o fundador da abadia de Gueret, da qual foi o primeiro abade. Conta-se que Lantério, riquíssimo, conde de Limoges, poderoso e, naqueles tempos, quase independente senhor, quis, para expiar os pecados duma agitada mocidade e merecer a vida eterna, fundar um mosteiro em suas terras.

Ouvindo referências à santidade de Perdão, julgou, e julgou acertadamente, que era o homem que buscava para os seus propósitos. Assim, acompanhado de vários serviçais, foi a Sardent, para vê-lo, e a primeira impressão que teve foi excelente.

Falou das intenções que tinha ao futuro abade, mas Perdão, naquele momento, não queria deixar a terra natal. Súplicas e promessas nada adiantaram, mas Lantério, que desejava levar avante a obra que se propusera, confabulando com os sercidores, concertaram um plano: todos, a um dado sinal, atiraram-se a Perdão e, agarrando-o, fizeram-no montar num cavalo e o levaram à fôrça para Gueret:

tão encantado ficou o Santo com o lugar e com que o conde pretendia fazer, que acabou por ficar naquelas paragens, de muito boa vontade.

Quanto à regra que adotou, para a fundação de Gueret, não temos notícia. Êle próprio, porém, segundo um biógrafo, que lhe foi contemporâneo, levou vida de grande austeridade: não comia carne, não se vestia com linhos e usava a disciplina com muito rigor, principalmente pela quaresma; diz-se que, a seu mando, um dos discípulos aplicava-lhe varadas; a maior parte da noite, passava-a êle em oração.

Tendo cumprido muitos milagres, a água que benzia era procuradíssima, para todos os males. Falecido em 737, cento e tantos anos depois Gueret foi destruída, quando da invasão normanda.

Originàriamente, o nome do santo abade era Pardoux, mas foi, através dos tempos, alterando-se. Assim é que muitas comunas ao redor de Gueret trazem o seu nome, mas como Pardon, outras como Perdon — daí adotarmos Perdão.

* * *

# SANTA MARIA FRANCISCA DAS CINCO CHAGAS (*)

## *Terciária Franciscana*

Chamava-se Ana Maria Rosa Nicoletta Gallo e nascera em Nápoles, no dia 25 de março de 1715, de pais pobres — Francisco e Bárbara.

Era pequenina ainda e já se enveredara pelo caminho que iria levá-la a Deus: às irmãs, um pouco mais velhas, se lhe prometessem ensinar o catecismo que conheciam, dava-lhes tôda a sobremesa que lhe coubesse.

Ràpidamente, Ana Maria Rosa fêz grandes progressos na religião, à fôrça de repetir e reter as lições que recebia. Com quatro anos, suplicava aos pais que a levassem à missa. Aos sete, fêz a primeira comunhão.

Contava dezesseis anos, quando Francisco Gallo lhe escolheu rico partido, um jovem de muito boa família, que as moças de Nápoles não rejeitariam em hipótese alguma. Ana Maria Rosa, de Nápoles, porém, era uma jovem diferente, que já escolhera espôso — o suavíssimo, dulcíssimo Jesus. Assim, recusou-se aceitar o noivo que o pai lhe apresentava.

Francisco, boquiaberto, depois furioso, espancou-a, mas de nada valeram castigos físicos, nem ameaças: Ana Maria Rosa não queria casar-se.

Afinal, a 8 de setembro de 1731, recebeu dos Padres Descalços de São Pedro de Alcântara o hábito da ordem terceira de São Francisco, quando, então, adotou o nome com o qual ia tornar-se conhecida de todos — Irmã Maria Francisca das Cinco Chagas.

Fazendo dos mistérios dolorosos o objeto de sua piedade, a Paixão de Nosso Senhor tornou-se a sua única meditação. E os êxtases que a tomavam, logo passaram a ser comentados. Envergonhada de estar continuamente arroubada, suplicou ao Senhor que os moderasse.

Com o tempo, tantas as penitências, a saúde foi descambando. Ademais, morta a mãe, o pai dera-se a desregramentos, mas morreu com Jesus, levado pela filha. Tendo sofrido muito, no convento em que se refugiara, foi perseguida, odiada, ameaçada: chegaram mesmo a atirar-lhe no rosto uma grande porção de brasas. Maria Francisca trancava-se, escondia-se. Um dia, tentaram precipitá-la escada abaixo, mas, ajudada, por Deus, a má ação sòmente ficou na tentativa.

Em 1763, a Santa previu a fome e a peste que iria cair sôbre Nápoles. No ano seguinte, contraía o mal. E o seu maior cuidado era mandar dizer missas por intenção das almas do purgatório.

A certa altura da vida, penas do espírito entraram a atormentá-la e o confessor, que a confortava e esclarecia, libertando-a, às vêzes, de densíssimas sombras, não lhe saía de perto, caridoso, bondoso e paciente. Pouco depois, passou a sofrer duma *ebulição do sangue*. Receitados banhos frios, pouca valia teve aquela terapêutica, e a sangria, praticada num dos pés fêz com que seu estado de saúde piorasse:

a gangrena logo se manifestou e a cauterização devia ser levada a efeito.

E Maria Francisca, pacientíssima, dizia, conformada:

— Meu Deus, faze de mim o que tu quiseres fazer.

Doze anos de sofrimentos, de grandes dores, não a levaram, um instante sequer, ao desespêro. Pelo contrário, agarrava-se a êles como a um bem do céu, sofrimentos que ao céu iriam levá-la.

Grande devota da Santíssima Trindade, tôdas as orações que fazia principiava pelo *Glória*, e a devoção à Paixão valeu-lhe os estigmas. Amando os anjos, particularmente a São Rafael, a perene enfêrma, sempre conformada, faleceu, ela que, perto da morte já parecia um cadáver, a 6 de outubro de 1791, dizendo que Nossa Senhora lhe aparecia.

Quando Nápoles soube que a Santa falecera, saiu às ruas. Todos queriam vê-la pela última vez. E tal foi o movimento e o afã, que a polícia foi mobilizada para conter os ânimos mais exaltados.

Beatificada por Gregório XVI em 1843, Pio IX canonizou-a vinte e quatro anos depois, ou seja, em 1867.

Laviosa escreveu uma *Vita della Ven. Serva di Dio Suor Maria Francesca delle Cinque Piaghe di N. S. Gesù Cristo.*

---

No mesmo dia, em Beza, diocese de Langres, São Prudente, mártir.

Em Agen, Santa Alberta, irmã de Santa Fé, que, diz a tradição, morreu junto com a irmã (?).

Em Hagneville, diocese de Toul, Santa Gontrudes, virgem, irmã de Santa Elófia.

Em Vaison, São Bartos, bispo, ou Bársio, que teria sucedido a São Quinino.

Em Bourges, Santo Apolinário, bispo (século VII).

Na Bretanha, Santo Ywi, monge-diácono, do século VII ou VIII.

Em Pavia, Santa Epifania, religiosa de Santa Maria delle Caccie (século VIII).

Em Constantinopla, São Nicetas, monge, falecido, crê-se, em 838.

No mosteiro de Lambach, o bem-aventurado Adalberão, bispo de Wurtzburgo, desaparecido em 1090. Nascido em 1010, Leão XIII aprovou-lhe o culto em 1883.

Na Cartuxa de Arvières, diocese de Genebra, Santo Artaldo, bispo de Belley. Nascido em 1101, faleceu em 1206, com cento e cinco anos, como se vê.

Em Laodicéia, São Ságar, bispo e mártir, um dos antigos discípulos de São Paulo, apóstolo. — Em Cápua, os santos mártires Marcelo, Casto, Emílio e Saturnino. — Santa Erotides, mártir, que abrasada no amor de Jesus Cristo, suportou com paciência o suplício do fogo. — Em Tréveris, memória de um número quase infinito de santos mártires que durante a perseguição de Diocleciano sofreram diversos gêneros de morte pela fé de Jesus Cristo, sob o imperador Riciovário. — Em Auxerre, São Romano, bispo e confessor. — Em Oderzo, na Marca Trevisana, São Magno, bispo, cujo corpo repousa em Veneza.

* * *

# 7.º DIA DE OUTUBRO

## O BEATO MATEUS CARRIERI

### *Dominicano*

O beato Mateus Carrieri nasceu em Mântua nos fins do século quatorze. Cuidadosamente educado por pais piedosos, passou a adolescência em perfeita inocência, e, ao chegar à idade de escolher um estado, ingressou na Ordem dos Irmãos Pregadores. O ardor com que, desde o início, se empenhou em chegar à perfeição religiosa não tardou em convertê-lo no modêlo de seus irmãos, cuja estima mereceu. Depois de um fervoroso noviciado e de grandes êxitos obtidos no estudo, julgaram-no apto para a prédica, e confiaram-lhe o encargo de anunciar a palavra de Deus. Desempenhou-o com infatigável zêlo, e tendo o Senhor abençoado seus esforços, coube-lhe o consôlo de reconduzir à trilha da virtude grande número de almas que dela se tinham afastado. É verdade que tudo pregava em Mateus: não era apenas um eloqüente orador, mas também um homem de oração, e desde que abraçara o estado religioso levava vida penitente e mortificada. Sua reputação não tardou a espalhar-se por tôda parte; assim sendo, não se limitou a pregar no ducado

de Mântua, mas foi obrigado a percorrer sucessivamente a Itália inteira, a fim de obedecer às ordens da Santa Sé, corresponder aos convites dos bispos, e satisfazer ao grande desejo de ouvi-lo, manifestado pelo povo.

A reforma de vários conventos da sua ordem mereceu particularmente a solicitude do santo religioso. Incumbido por seus primeiros superiores de trabalhar nessa grande obra, a ela se dedicou com tanto zêlo e prudência que tiveram como resultado a restauração da disciplina regular das mesmas casas. Particularmente se empenhou, em cada convento que reformava, em preparar futuros homens apostólicos, capazes de corresponder à vocação de Irmãos Pregadores, trabalhando para se tornarem aptos a anunciar ao povo, com fruto, as verdades da salvação. O próprio Mateus não deixava escapar uma única das oportunidades a êle apresentadas para desempenhar essa função do santo ministério. E Deus abençoava suas palavras, que frutificavam em conversões impressionantes. Uma das mais famosas foi a de uma jovem senhora, Lucina que, depois de ter recebido uma educação cristã, de tal forma se entregara à vaidade que lhe vinha da beleza, que se transformara no escândalo da cidade inteira. Embora casada, estava sempre rodeada de uma grande quantidade de jovens; sua fortuna permitia-lhe ostentar um grande luxo: mostrava-se por tôda parte, cercada de fausto, e quando entrava nas igrejas, era menos para adorar Deus do que para receber sacrílegas homenagens. Os esforços desenvolvidos por pessoas virtuosas para trazê-la de volta a uma vida mais regular, até então haviam sido inúteis. Enfim, o Senhor dignou-se olhá-la compassivamente, e foi o padre Mateus o

instrumento da misericórdia divina que favoreceu aquela ovelha desgarrada; persuadido de que as palavras do homem são pouco eficazes quando não acompanhadas pela unção da graça, preparou-se longamente por meio da oração, das lágrimas e de um recrudescimento da penitência para fazer aquela importante conquista. Enfim, soou a hora do arrependimento. Lucina, luxuosamente trajada, encontrava-se na igreja, num dia em que o santo religioso pregava. O sermão não tardou em tocá-la: viram-na derramar lágrimas e bater no peito. No final da prédica, não era mais uma insolente mundana que viera afrontar Deus no seu templo, e sim uma humilde penitente que, com o fervor e a perseverança no bem, reparou, na medida do possível, os inúmeros escândalos por ela oferecidos aos compatrictas.

O servo de Deus, que mostrava tanto zêlo na conversão dos pecadores, não se desvelava menos quando se tratava de conduzir pelos caminhos da perfeição as almas de elite, que o Senhor lhe enviava. Foi êle quem lançou no coração da bem-aventurada Estefânia Quinzani, ainda criança, as sementes da virtude que mais tarde se desenvolveram e produziram abundantes frutos de santidade. Jovens de ambos os sexos, tocados por suas exortações, generosamente abandonaram o mundo e abraçaram o estado religioso. Havia outros que, embora permanecendo na sociedade, se empenhavam em imitar a vida austera dos claustros. Pode-se dizer que o santo pregador imprimia a todos os que evangelizava um impulso comum para o bem. Contudo, indivíduos perversos alarmaram-se ante o seu prestígio e retrataram-no ao Duque de Milão como homem a quem um zêlo excessivo fazia transpor os limites da mode-

ração. O príncipe quis verificar pessoalmente o pêso da acusação e mandou que o servo de Deus se apresentasse diante dêle, a fim de convidá-lo a mostrar-se mais comedido em suas prédicas; mas com tanta veemência Mateus se expressou, defendendo a moral por êle pregada, que o Duque acabou por animá-lo a exercer o ministério com a mesma liberdade e recomendou-se às suas orações.

Nada mais foi preciso para incrementar a reputação do santo religioso e dar-lhe um novo prestígio sôbre o espírito do povo. Alarmado com os testemunhos de respeito que lhe eram prestados, deixou o Milanês e dirigiu-se para os Estados de Veneza, onde Deus espalhou bênçãos ainda mais abundantes sôbre os trabalhos do seu ministério. Chamado, em seguida, pelos habitantes de Gênova, que invejavam pregador de tal quilate, Mateus embarcou numa galera, rumo a Savona; mas a embarcação não tardou a ser atacada por um pirata que dela se apoderou e que prontamente manifestou a intenção de reduzir todos os passageiros à escravidão. O santo religioso, levado diante do chefe, com tanta inteligência e dignidade se expressa, que obtém a sua liberdade sem mesmo tê-la solicitado. Entre seus companheiros de infortúnio, encontravam-se uma senhora e sua filha, ambas desfeitas em lágrimas diante dos perigos de que se viam ameaçadas. Debalde o servo de Deus insistentemente suplica que sejam postas em liberdade. Nada conseguindo, leva a caridade ao ponto de oferecer-se como escravo em lugar das infelizes. Por mais duro e bárbaro que fôsse o pirata, não resistiu a tanta generosidade e restituiu a liberdade, não apenas às duas mulheres, mas a todos os prisioneiros que fizera na galera.

O padre Mateus continuou a anunciar a palavra de Deus com o maior zêlo até que, tendo-o finalmente as fôrças abandonado, compreendeu que se aproximava o têrmo da vida. Retirou-se no Convento de Vigevano, que outrora reformara, e sua única ocupação era preparar-se para a morte e meditar na paixão de Jesus Cristo. Um dia, quando suplicava a Nosso Senhor a graça de fazê-lo partilhar as suas dores, sentiu o coração como que traspassado por uma flecha, e acometeu-o uma dor tão violenta, que percebeu ter chegado aos últimos momentos. Apressaram-se em administrar-lhe os sacramentos da Igreja, e êle expirou calmamente no dia 5 de outubro de 1470. Vários milagres, operados no seu túmulo, determinaram o Papa Sixto IV a permitir que prestassem culto ao bem-aventurado, culto posteriormente aprovado por Bento XIV, no dia 25 de setembro de 1742. (1)

* * *

(1) **Acta SS.**, Godescard, 7 oct.

# O SANTO ROSÁRIO (*)

## (1572)

A festa do Santo Rosário, que vimos no dia 1.º de outubro, foi transplantada para o dia de hoje, 7.

Materialmente, o *Rosarius* consiste de contas, enfiadas e prêsas por cadeiazinhas, que servem para contar Padre-nossos e Ave-Marias, na proporção de um *Pater* por dez *Ave*.

O costume de contar orações é antiquíssimo. Diz-se que no Oriente havia um monge que tinha o hábito de recitar trezentas orações por dia. Para não perder a conta, arrebanhava trezentas pedrinhas, catadas no chão, aqui e ali, e conservara-as consigo. Espalhando-as diante de si, ia rezando, e, à medida que o fazia, a cada oração recolhia uma delas, guardando-a no interior do largo burel.

Supõe-se que a idéia das contas enfiadas e prêsas nas cadeiazinhas tenha vindo da Índia e dos muçulmanos. Fala-se também duma lady Godiva (refere-o Guilherme de Malmesbury) que, ao rezar, contava a oração fazendo desfilar pelos dedos as pérolas do seu colar, colar magnífico, que acabou por ir adornar o pescoço e o colo duma bela imagem de Nossa Senhora.

Em 1328, um Rosário ou coleção de milagres de Nossa Senhora atribuía a São Domingos a sal-

vação do mundo graças a predicação de Ave-Marias meditadas e repetidas.

Donde veio o nome de Rosário? O simbolismo da rosa, na Idade Média, era riquíssimo de sentido de beleza, ternura, delicadeza, realeza. Que nome melhor para denominar êsse objeto venerável, com o qual saudamos a Maria, a Rosa mística, bela, terna, delicada, rainha dos anjos e dos homens?

Da viva confiança que devemos depositar no Rosário, da confiança que devemos ter, sem titubear, em Maria. como Mediadora, fala-nos o papa Leão XIII na sua *Iucunda Semper*, de 8 de setembro de 1894. décimo-sétimo do seu pontificado.

"Com alegre expectativa e com renovada confiança olhamos sempre a volta do mês de outubro, porque, desde quando começamos a exortar os fiéis a consagrarem êste mês à Beatíssima Virgem, êle tem acarretado em tôda parte uma poderosa floração do Rosário entre os católicos".

Depois, o que é atual:

"Visto que os tempos, prenunciadores de desgraças para a Igreja e para a sociedade, exigiam o auxílio poderoso de Deus, nós achamos dever implorá-lo justamente mediante a intercessão de sua Mãe, e sobretudo com essa fórmula de oração cuja salutar eficácia o povo cristão pôde sempre experimentar. Experimentou-a, com efeito, desde as origens do Rosário mariano, quer na defesa da santa fé contra os nefastos ataques dos hereges, quer no repor em honra aquelas virtudes que haviam sido sufocadas pela corrupção do mundo. Experimentou-a por uma série ininterrupta de benefícios privados e públicos, cuja lembrança, por tôda parte foi imortalizada até mesmo com insignes instituições e

monumentos. E também nos nossos tempos, trabalhados por múltiplas crises, folgamos de reconhecer que justamente do Rosário tem provido frutos salutares.

"Olhando em volta, contudo, Veneráveis Irmãos, vós mesmos vêdes que ainda permanecem, e em parte agravados, os motivos para convidarmos, ainda êste ano, os vossos fiéis a reavivarem o fervor das suas súplicas para com a Rainha do Céu.

"Além disto, quanto mais fixamos o pensamento na íntima natureza do Rosário, tanto mais claramente se nos manifesta a sua excelência e utilidade. E por isto cresce em nós o desejo e a esperança de que a nossa recomendação seja tão eficaz que dê o mais amplo desenvolvimento a esta santíssima oração, difundindo-lhe sempre mais o conhecimento e a prática.

"Para tal fim não invocaremos aqui os argumentos que, sob vários aspectos, expusemos sôbre êste mesmo assunto nos anos precedentes, mas, antes, apraz-nos considerar e expor como, de acôrdo com os divinos desígnios da Providência, o Rosário desperta no ânimo de quem reza uma suave confiança de ser atendido, e move a maternal piedade da Virgem bendita a corresponder a tal confiança com a ternura dos seus socorros.

"O nosso suplicante recurso ao patrocínio de Maria funda-se no seu ofício de Mediadora da graça divina, ofício que ela — agradabilíssima a Deus pela sua dignidade e pelos seus méritos, e de longe superior em poder a todos os Santos — continuamente exerce por nós junto ao trono do Altíssimo. Ora, êste seu ofício talvez por nenhum outro gênero de oração seja tão vivamente expresso como pelo Rosá-

rio, onde a parte tida pela Virgem na Redenção dos homens é posta tão em evidência que parece desenrolar-se agora diante do nosso olhar; e isto traz um singular proveito à piedade, seja na sucessiva contemplação dos sagrados mistérios, seja na recitação repetida das preces.

*Nos mistérios gozosos*

"Primeiramente, apresentam-se-nos os mistérios gozosos. O Filho eterno de Deus abaixa-se até nós, os homens, feito Êle próprio homem; mas com o assentimento de Maria, "que concebe do Espírito Santo". Daí ser João, por uma graça especial, "santificado" no seio materno e enriquecido de escolhidos dons "para preparar os caminhos do Senhor". Mas isto sucede em seguida à saudação de Maria, que, por divina inspiração, vai visitar sua parenta. Finalmente, vem à luz o Cristo, "o esperado das nações", e vem à luz do seio da Virgem. Os pastôres e os Magos, primícias da fé, dirigem-se com ânsia pressurosa ao seu bêrço, e "acham o Menino com Maria sua Mãe". Depois êle quer ser levado em pessoa no templo para se oferecer pùblicamente em holocausto a Deus Pai. Mas é por obra da Mãe que ali "é apresentado ao Senhor". É sempre ela que, na misteriosa perda do Filho, procura-o com ansiosa solicitude e o reencontra com alegria imensa.

*Nos mistérios dolorosos*

"No mesmo sentido falam os mistérios dolorosos. É verdade que Maria não está presente no hôrto de Getsêmani, onde Jesus treme e está triste

até à morte, e no pretório, onde é flagelado, coroado de espinhos, condenado à morte. Mas já desde tempo ela conhecera e vira claramente tôdas estas coisas. Com efeito, quando ela se ofereceu a Deus como escrava, para depois se tornar sua Mãe, e quando no templo se consagrou inteiramente a Êle, juntamente com o Filho, já desde então, em virtude dêstes dois fatos, ela se tornou participante da dolorosa expiação de Cristo, para vantagem do gênero humano. Não há, pois, dúvida alguma de que, mesmo por tal razão, durante as cruéis angústias e torturas do Filho ela experimentou no seu coração as mais agudas dores. Aliás, na sua própria presença e sob seus olhos devia consumar-se aquêle divino sacrifício para o qual, com o próprio leite, ela generosamente criara a vítima. Isto se contempla no último e mais comovente dêstes mistérios. "Estava junto à Cruz de Jesus Maria sua Mãe", a qual, movida por um imenso amor a nós, para nos ter como seus filhos ofereceu, ela mesma, seu Filho à justiça divina, e com Êle morreu no seu coração, trespassada pela espada da dor.

*Nos mistérios gloriosos*

"Finalmente, nos mistérios gloriosos, que seguem os dolorosos, é mais copiosamente confirmado êste mesmo misericordioso ofício da Virgem excelsa. Com tácita alegria ela saboreia a glória do Filho triunfante sôbre a morte; segue-o depois com maternal afeto na sua volta à sede celeste. Mas, conquanto digna do Céu, ela é mantida na terra, como suprema consoladora e mestra da Igreja nascente; "ela penetrou, além de tudo o que se possa crer, nos

profundos arcanos da sabedoria divina" (S. Bern., *De praerogativis B. M. V.*, n.º 3). E, pois que a obra santa da redenção dos homens não podia dizer-se completa antes da descida do Espírito Santo, prometido por Cristo, eis que a vemos lá naquele Cenáculo cheio de recordações, a orar-lhe, juntamente com os Apóstolos e em vantagem dos Apóstolos, com gemidos inenarráveis; a apressar para a Igreja a sabedoria do Espírito consolador, supremo dom de Cristo, tesouro que nunca lhe faltará. Mas em medida ainda mais cheia e perene poderá ela advogar a nossa causa quando tiver passado à vida imortal. E, assim, dêste vale de lágrimas, vêmo-la assunta à cidade santa de Jerusalém, por entre as festas dos coros angélicos; veneramo-la elevada acima da glória de todos os Santos, coroada de estrêlas por seu divino Filho, sentada junto d'Êle, rainha e senhora do universo. Em todos êstes mistérios, ó Veneráveis Irmãos, se tão bem se manifesta "o desígnio de Deus, desígnio de sabedoria e desígnio de misericórdia" (S. Bern., *Serm. in Nativ. B. M. V.*, n.º 6), não menos claramente brilham ao mesmo tempo os grandíssimos benefícios da Virgem Mãe para conosco: benefícios que não podem deixar de nos encher de alegria, porque nos infundem a firme esperança de obtermos, pela mediação de Maria, a clemência e a misericórdia de Deus".

E o grande papa da *Rerum Novarum,* falando de como o Rosário comove a Mãe de Deus, levando-a a interceder por nós, diz:

"Mas a virtude que o Rosário tem de inspirar a confiança em quem o reza, possui-a também em mover à piedade para conosco o coração da Virgem. Quanto deve ser suave para ela o ver-nos e o es-

cutar-nos, enquanto entrelaçamos em coroa pedidos para nós justíssimos e louvores para ela belíssimos! Assim rezando, nós desejamos e tributamos a Deus a glória que lhe é devida; procuramos ùnicamente o cumprimento dos seus acenos e da sua vontade; exaltamos a sua bondade e a sua munificência, chamando-o Pai e pedindo-lhe, embora indignos dêles, os dons mais preciosos. Com tudo isto Maria exulta imensamente, e, pela nossa piedade, de coração "magnifica o Senhor". Porque, quando nos dirigimos a Deus pela oração dominical, nós lhe suplicamos mediante uma oração digna d'Êle.

"Mas as coisas que nela pedimos, já de per si tão retas e ordenadas e tão conformes à fé, à esperança, à caridade cristã, junta-se um valor que não pode deixar de ser sumamente apreciado pela Virgem Santíssima. Êste: que à nossa voz se une a de seu Filho Jesus, o qual, depois de nos haver ensinado, palavra por palavra, essa fórmula de oração, autorizadamente nô-la impõe, dizendo: "Vós, pois, rezareis assim" (Mt. 6, 9). Certos estejamos, pois, de que, se formos fiéis a êste mandato com a recitação do Rosário, de sua parte Maria não deixará de exercer com maior benevolência o seu ofício de solícita caridade; e, acolhendo com semblante benigno estas místicas coroas de orações, recompensar-nos-á com abundância de graças".

— — — —

Pio XI, na *Ingravescentibus malis*, diz do Santo Rosário:

"Entre as diversas orações públicas, que dirigimos frutuosamente à Virgem Mãe de Deus, o Rosário

de Maria ocupa um lugar particular e principal. Esta oração, que alguns apelidaram de "Saltério da Virgem" ou "Breviário do Evangelho e da Vida Cristã", foi descrita e recomendada pelo Nosso Predecessor, de feliz memória, Leão XIII, nestes entusiásticos têrmos: "É admirável esta coroa, tecida pela saudação angélica, em que se engasta a Oração Dominical e a que se junta a obrigação da meditação interior; é uma excelente maneira de orar e sumamente frutuosa para obter a vida eterna". E isto depreende-se daquelas mesmas flôres com que é formada esta coroa mística. Que preces, com efeito, podemos encontrar mais próprias e mais santas? A primeira é a que o Nosso divino Redentor pronunciou, quando os discípulos lhe pediram: "Ensinai-nos a orar" (Lc., 11, 1). Oração santíssima que, visando a dar glória a Deus, quanto nos é possível, atende também a tôdas as necessidades do corpo e da alma. Como poderá o Eterno Pai, rogado com as palavras do seu Filho, deixar de vir em nosso auxílio?

"A outra oração é a Saudação Angélica, que começa pelo elogio do Arcanjo Gabriel e de Santa Isabel, e termina pela piedosa súplica com que impetramos o socorro da Bem-aventurada Virgem: "agora e na hora da nossa morte". A estas invocações, feitas de viva voz, junta-se a contemplação dos santos mistérios, que coloca como que diante dos nossos olhos as alegrias, as dores e as glórias de Jesus Cristo e de sua Mãe, de tal modo que recebemos lenitivo e confôrto em nossas penas e, seguindo êsses exemplos santíssimos, subimos, pelos degraus cada vêz mais elevados da virtude, até a felicidade da Pátria sempiterna".

E Pio XI, falando sôbre a utilidade universal do Rosário, do qual muitos, infelizmente, zombam, a dizer que é monótona cantilena, quando muito, "só para crianças e mulherzinhas", adverte que tal maneira de orar "tem o perfume da simplicidade e da humildade evangélica", cujo desprêzo — como nos ensina o divino Redentor — nos torna impossível a aquisição do reino celeste: *Em verdade vos digo que se não vos converterdes e fizerdes como as criancinhas, não entrareis no reino dos céus* (Mt., 18, 8).

"Todavia, diz o papa, se no seu orgulho o nosso século zomba do santo Rosário e o despreza, uma inumerável multidão de homens santos, de tôdas as idades e de tôdas as condições, não só o estimou muito e recitou com tôda a piedade, mas a cada momento dêle se utilizou como de uma arma poderosa para repelir os demônios, para conservar a integridade da vida, para mais fàcilmente adquirir a virtude, para, enfim, obter a paz entre os homens".

E acrescenta:

"Houve mesmo varões muito eminentes pela doutrina e sabedoria que, embora submersos no estudo e nas pesquisas científicas, não se esqueceram, um só dia, de orar, de joelhos e com fervor, diante da imagem da Santíssima Virgem, por essa forma tão piedosa. Reis e príncipes consideraram também como um dever esta devoção, embora estivessem atarefados com ocupações e negócios urgentíssimos. E assim, esta coroa mística não se encontra sòmente nas mãos de gente rude e pobre, mas é querida de cidadãos de tôdas as classes sociais".

————

Pio XII diz, na alocução *Di Gran Cuore* (16 de outubro de 1940) que "o Rosário, segundo a própria etimologia da palavra, é uma coroa de rosas", coisa encantadora que, entre todos os povos, representa uma oferta de amor e um sinal de alegria. Estas rosas, porém, não são daquelas com que se adornam a todo o instante os ímpios, das quais fala a Sagrada Escritura (Sab., 2, 8): *Coroemo-nos de rosas* — exclamam êles — *antes que elas murchem.* As flôres do Rosário não murcham: a sua frescura é renovada incessantemente pelas mãos dos devotos de Maria; e a diversidade das idades, dos países e das línguas dá àquelas rosas virentes a variedade de suas côres e de seus perfumes".

— — — —

À glória do Rosário, há uma outra festa, deveras tocante e que enternece: é a festa de Nossa Senhora do Japão.

Em março de 1865, um missionário francês maravilhou-se por encontrar, bem viva, a fé num país do qual fôra banido o cristianismo. Depois de cento e cinqüenta anos de proscrição, o santo Rosário era ali recitado por muitas almas, piedosas e devotas de Nossa Senhora. É a festa que se comemora a 17 de março, lembrando os que, tendo sobrevivido aos mártires daquele país, transmitiram aos filhos a devoção do santo Rosário.

Neste mesmo dia em que festejamos o santo Rosário da Bem-aventurada Virgem Maria, festejamos também a Mãe de Deus sob o título de Santa Maria da Vitória, festa que o soberano Pontífice São Pio V prescreveu para que a celebremos todos os

anos, em ação de graças pela vitória insigne alcançada pelos cristãos sôbre os turcos, num combate naval, cuja assistência particular da Santíssima Mãe de Deus foi indiscutível.

---

No mesmo dia, em Alexandria, Santo Eumeno, patriarca da Alexandria, falecido em 143, cuja festa é comemorada pelos etíopes.

Em Agen, os santos Primo e Feliciano, mártires. Segundo alguns antigos manuscritos, Primo e Feliciano eram pagãos. Convertidos, ao presenciarem os suplícios de Santa Fé e de São Caprais, apresentaram-se como cristãos e foram decapitados com os dois santos mártires de Agen. Todavia, os mais antigos manuscritos da Paixão de Santa Fé e de São Caprais não mencionam Primo e Feliciano.

Em Beaune, na diocese de Orléans, São Pipião.

Na Bretanha, São Colodoc, monge, no século VI.

Na diocese de Bourges, São Leopardino, monge mártir (século VI?).

Em Saintes, São Paládio, bispo, falecido em 596. Descendente de nobre família, tornou-se bispo de Saientes antes de 573, ano em que assistiu ao concílio de Paris.

Em Lião, Santo Etério, bispo, discípulo preferido de São Nizier. Faleceu em 602 ou 603.

Na Inglaterra, Santa Osith, abadêssa de Chich (século VII). Filha do rei Frithewaldo de Surrey, há os que a dão como mártir, trucidada por piratas.

Em Novara, Santo Adalgiso, bispo falecido em 849 ou 850. Jaz enterrado na igreja de São Gaudêncio.

No mosteiro de Valparaíso, na Espanha, São Martinho de Cid, abade cisterciense, falecido em 1152, Santo que era descendente da nobre família do herói que Corneille imortalizou na França.

Em Cremona, São Geroldo, peregrino, desaparecido em 1241. Natural de Colônia, o Santo levou a vida a peregrinar por Jerusalém, Roma e São Tiago de Compostela. Assassinado por malfeitores, transportaram-lhe o corpo para a igreja dos jesuítas de Colônia; operaram-se, então, inúmeros milagres ao pé da sepultura.

Na Via de Ardéia, a morte de São Marcos, Papa e confessor. — Na província de Commagena, na Síria, os santos Sérgio e Baco, nobres romanos, martirizados sob o imperador Maximiano. Baco foi açoitado com nervos de boi, tão impiedosamente que, com o corpo todo estraçalhado, entregou o espírito confessando o nome de Jesus Cristo. Sérgio, obrigado a calçar sapatos forrados de pregos, e permanecendo inquebrantável na fé, teve a cabeça decepada. O lugar em que repousa seu corpo chama-se *Sergiópolis* e é visitado por um grande número de cristãos, por causa dos milagres nêle operados. — Em Roma, os santos mártires Marcelo e Apuleio, que a princípio acompanharam Simão, o Mago; testemunhando, porém, as maravilhas que Deus operava por intermédio de São Pedro, deixaram Simão, e abraçaram a doutrina do santo apóstolo. Depois da morte dos discípulos do Salvador, obtiveram a palma do martírio sob o consular Aureliano, e foram sepultados junto à cidade. — Na mesma província da Síria, denominada do Eufrates, Santa Júlia, virgem, que sob o imperador Marciano sofreu a morte pela fé. — Em Pádua, Santa Justina, virgem e mártir, que tendo sido

batizada pelo bem-aventurado Prodócimo, discípulo de São Pedro, e permanecendo firme na fé de Jesus Cristo foi, por ordem do imperador Maximiano, traspassada com uma espada, indo gozar a presença de Deus. — Em Bourges, na Aquitânia, Santo Augusto, sacerdote e confessor. — Na diocese de Reims, Santo Helano, sacerdote.

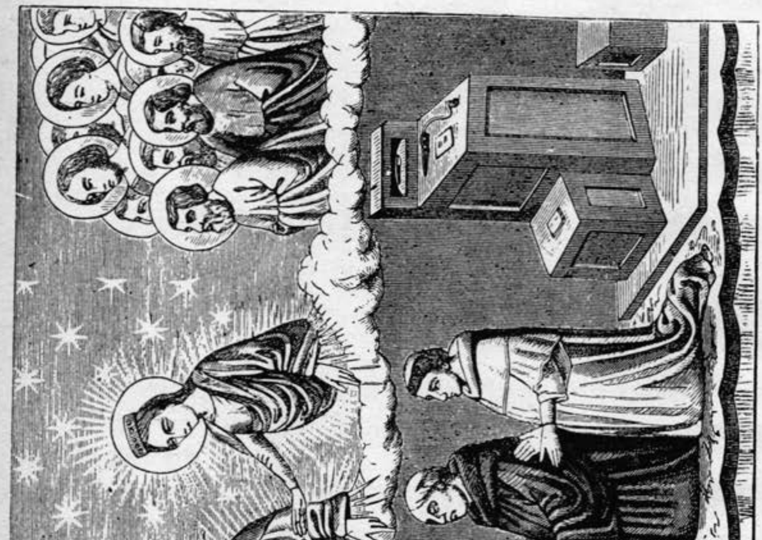
* * *

## 8.º DIA DE OUTUBRO

# SANTA BRÍGIDA DA SUÉCIA

*Viúva*

Nasceu nos confins da Suécia, na província de Upland, no domínio de Finstad, não longe de Upsala, então capital do reino, no comêço do décimo-quarto século, cêrca do ano de 1302. Seu verdadeiro nome é Birgitte, convertido pelo vulgo em Brígida. A família, das mais ilustres, era aparentada de perto com a família real, e descendia dos antigos reis do país. Família na qual a piedade era tão hereditária quanto a nobreza. O avô, o bisavô e o tataravô do pai de Brígida, por devoção pelos mistérios da Paixão do Salvador, tinham feito peregrinações a Jerusalém e a outros lugares sagrados, glorificados pela presença de Jesus. O príncipe Birger, pai de Brígida, juiz ou governador de Upland, era homem piedoso e cheio de virtudes; fundara um grande número de igrejas e de mosteiros; fizera peregrinações a Roma, a Jerusalém e a outros lugares sagrados, a exemplo de seu pai, Pedro, e de seus antepassados. Jejuava, confessava e comungava tôdas as sextas-feiras, a fim de obter a fôrça de carregar com paciência as cruzes que Deus se comprouvesse em enviar-lhe até a próxima sexta-



Santa Brígida (de uma miniatura de suas **Revelações**, missal italiano do séc. XV).

feira. A princesa, sua espôsa, chamada Ingeburga, filha de Sigrida, não era menos piedosa. O túmulo dos dois esposos ainda subsiste na catedral de Upsala.

Tiveram sete filhos: três meninos, Pedro, Bento e Israel; e quatro meninas, Ingrida, Margarida, Catarina e Brígida. Catarina desposou Gudmar, governador ou príncipe da Gótia ocidental, onde seus pósteros ainda sobrevivem. De Israel, sabemos que o rei da Suécia com êle insistiu longamente para que aceitasse um dos mais altos cargos do reino, e que durante muito tempo não consentiu em fazê-lo, pois alimentava um grande desejo de ir ao encontro dos infiéis e morrer a serviço de Deus, pela santa fé. Enfim, para a glória de Deus, e depois de uma revelação da Santa Virgem à sua irmã Brígida, decidiu-se a aceitar o cargo. Alguns anos depois, partiu ao encontro dos infiéis e caiu doente em Riga. Sentindo-se próximo da morte, dirigiu-se à Catedral, colocou um anel no dedo da Virgem, objeto de grande devoção naquela cidade, e disse em voz alta: "Sois minha senhora, sempre vos mostrastes benevolente para comigo, apelo para o vosso próprio testemunho; e, por isso, entrego-me, e também à minha alma, à vossa providência e misericórdia". Em seguida, tendo recebido os sacramentos, morreu nos mais vivos sentimentos de piedade. (1)

Quanto a Santa Brígida, de quem possuímos uma biografia escrita por seu contemporâneo Birger, Bispo de Upsala, seu nascimento foi assinalado por vários prodígios. Sua mãe, a princesa Ingeburga, ocultava uma grande piedade sob as roupagens adequadas à alta posição. Vendo-a assim paramentada, uma reli-

(1) **Acta SS.**, 8 oct. Dissert, proev. n. 40.

giosa julgara que fôsse orgulhosa e desapiedada. Na noite seguinte, apareceu-lhe em sonhos uma venerável personagem, que lhe pergunta: "Por que julgaste mal a minha serva, acreditando-a orgulhosa? Não é verdade; pois dela farei nascer uma filha, com quem farei aliança, conferindo-lhe uma graça tão grande que tôdas as nações juntas não se cansarão de admirá-la". A tão maravilhosa ocorrência, o arcebispo de Upsala, assim como outros biógrafos da santa, acrescentam uma segunda. A princesa Ingeburga estava grávida de Brígida quando naufragou nas costas da Suécia e foi salva pelo irmão do rei. Na noite seguinte, uma personagem vestida com roupagens resplandecentes apareceu a Ingeburga e disse-lhe: "Foi em consideração à criança que trazeis convosco que fôstes arrancada à morte; cuidai de manter no amor de Deus o que Deus vos deu de maneira especial". Enfim, por ocasião do nascimento de Brígida, o cura da paróquia, homem venerável pela idade e virtudes, entretinha-se em orar, à noite, numa igreja vizinha, quando avistou uma nuvem luminosa, sôbre a qual estava sentada a Santa Virgem, tendo na mão um livro. Disse-lhe a Virgem: "Nasceu a Birger uma filha cuja voz prodigiosa se difundirá pelo mundo inteiro". É o que relata o arcebispo de Upsala, assim como outros biógrafos, contemporâneos de Santa Brígida.

Contudo aquela surpreendente criança conservou-se muda durante seus três primeiros anos de vida. No fim dêsse espaço de tempo começou, não a balbuciar como fazem as crianças, mas a falar perfeitamente, como os adultos. Viram nesse fato um efeito da sabedoria divina que abre a bôca dos mudos e torna eloqüente a língua das crianças, a fim de arrancar-lhes da bôca, até mesmo das que ainda mamam, louvores

perfeitos. Entrementes, a piedosa mãe de Brígida, cheia de boas obras como outro Tabit, caiu gravemente doente. Soube que ia morrer e predisse a morte com vários dias de antecedência. Diante da aflição do espôso e de outras pessoas, assim lhes falou corajosamente: "Por que vos afligis? Já vivi bastante; ao contrário, deveis alegrar-vos por ter sido chamada por um Senhor mais poderoso". E, tendo feito suas despedidas, adormeceu no Senhor. A jovem Brígida foi, então, confiada por seu pai a uma tia materna, tão prudente quanto piedosa.

Com a idade de sete anos, a menina viu na frente de sua cama um altar, e nesse altar uma senhora de vestes resplandecentes, sentada, tendo na mão uma coroa, e que lhe disse: "Vem, Brígida". Imediatamente a menina levantou-se e correu ao altar. A senhora perguntou-lhe: "Queres esta coroa?" Como Brígida respondesse afirmativamente, a senhora colocou-lhe a coroa na cabeça e ela a sentiu como se fôsse um círculo. Voltou para a cama e a visão desapareceu; mas nunca mais conseguiu esquecê-la. Não é de admirar que assim tenha acontecido, observa o arcebispo de Upsala, pois era um sinal de que estava destinada a ser altar de holocausto, onde o fogo da caridade divina arderia continuamente, e que Jesus Cristo, seu espôso, lhe reservaria uma coroa imortal e sem mácula nos céus.

Na idade de dez anos, dir-se-ia um lírio muito puro que se elevava da terra para o céu. Era um modêlo de tôdas as virtudes, de sobriedade, de modéstia, de simplicidade, de moderação, de humildade, de obediência, de beleza e sinceridade, de bom-humor unido à paciência, e de infatigável caridade. Lembrava uma espôsa de Deus, uma pérola refulgente, cheia

de graça diante de todos os olhos e por todos amada. Mas deveria subir ainda mais alto.

Certo dia ouviu um sermão sôbre a Paixão de Jesus Cristo; tão sensibilizada ficou que gravou a paixão nas fibras do coração. Na noite seguinte, Jesus Cristo apareceu-lhe, tal como se tivesse acabado de ser crucificado, e disse-lhe: "Aí está como me trataram". Julgando que se referisse a um acontecimento recente, Brígida perguntou-lhe: "Senhor, quem vos fêz isso?" Aquêles que me desprezam e se mostram insensíveis ao meu amor", respondeu Jesus Cristo. Daí por diante Brígida se tornou tão sensível em relação à paixão do Salvador, que não podia evocá-la sem derramar lágrimas. Uma noite, enquanto suas jovens companheiras dormiam, deixou a cama e, desfeita em lágrimas, prosternou-se em adoração diante do crucifixo do seu quarto. Sua tia, que entrara furtivamente, muito se admirou ao vê-la em semelhante posição, e, acreditando tratar-se de alguma leviandade, mandou buscar varas para ensinar-lhe o comedimento. Com grande surprêsa de sua parte, as varas quebraram-se-lhe nas mãos. Então ela indagou: "Que fizestes, Brígida? Será que vos ensinaram orações maléficas?" A virgem respondeu, em pranto: "Não, senhora, mas levantei-me da cama para louvar aquêle que sempre me assiste". "E quem é êle?" "É o Crucificado, que me apareceu há pouco tempo". Dêsse dia em diante, a tia começou a demonstrar-lhe mais afeição e respeito, compreendendo que semelhantes disposições não vinham dos homens, mas de Deus.

Outra vez, quando a jovem brincava com as companheiras, o diabo apareceu-lhe sob forma pavorosa, com cem mãos e cem pés. Amedrontada, Brígida correu para o quarto e recomendou-se humildemente

ao Crucificado. O diabo tornou a aparecer-lhe, dizendo: "Nada mais poderei fazer se o Crucificado intervier". Informada, mais tarde, do que sucedera a Brígida, recomendou-lhe a tia que nada dissesse sôbre o que vira, e que confiasse em Deus, amando Jesus Cristo sôbre tôdas as coisas, pois a peregrinação dos humanos pela vida nunca era isenta de tentações, a fim de que cada um aprendesse a conhecer-se; aliás, ninguém podia ser coroado sem ter vivido, nem vencer sem luta, nem lutar sem sofrer as tentações do inimigo. (2)

Brígida bem que desejaria permanecer sempre virgem; mas, com a idade de treze anos, seu pai obrigou-a a desposar Ulfon, príncipe ou governador da Nerícia, que contava dezoito. A exemplo do jovem Tobias e de Sara, sua espôsa, guardaram a continência quase dois anos, a fim de obterem de Deus a graça de fazer um santo uso do casamento e de ter filhos dignos de servi-lo. Tiveram oito, quatro homens e quatro mulheres. Os dois mais novos, Bento e Gudmar, morreram em tenra idade. Os dois mais velhos, Carlos e Birger, acompanharam a mãe na peregrinação que fêz à terra santa. Carlos tinha um gênio muito jovial, mas ao mesmo tempo era muito devoto da Santa Virgem. Tornou-se governador ou príncipe da Nerícia, e casou-se três vêzes. Foi ordenado cavalheiro, e a santa mãe, nos seus escritos, relata as disposições cristãs que envolveram a cerimônia. Carlos dela recebeu muitas lições sôbre a milícia e a armadura espiritual, de que a milícia e a armadura exteriores eram a figura. Morreu em Ná-

(2) **Acta SS., 8** oct. **Vita S. Birgittae, auctore Birgero, archiepiscopo Upsalensi, c. I.**

poles, no ano de 1372, quando se dirigia à Terra Santa em companhia de sua mãe, a qual, no dia da Ascensão, teve a revelação de que êle fôra salvo. Birger, seu segundo filho, tornou-se legislador ou príncipe da Nerícia. Santa Brígida também lhe deu instruções sôbre a maneira de santificar-se no seu estado. Birger morreu na Suécia, no ano de 1391, sem deixar filhos; doou todos os bens ao mosteiro de Watstein, fundado por sua mãe, e onde foi enterrado. Das quatro filhas de Santa Brígida, Marta e Cecília santificaram-se no estado do matrimônio; Ingeburga e Catarina abraçaram a vida religiosa. Catarina é venerada como santa no dia 22 de março.

Quanto à Brígida, depois de ter vivido santamente na virgindade, não menos santamente viveu no casamento. Tão bem organizou a vida, que nunca deu oportunidade à menor suspeita, à mais insignificante maledicência. Não admitia companheiras ou criadas cuja reputação não fôsse impecável, no receio de que a convivência com pessoas menos recomendáveis pudesse prejudicá-la. Ciente de que a ociosidade é a mãe dos vícios, trabalhava com as criadas para a igreja e para os pobres, lia as vidas dos santos e a Bíblia, que mandara traduzir em língua gótica; e ia à igreja prazerosamente assistir ao ofício divino. Tal como o espôso, o príncipe Ulfon, confessava-se tôdas as sextas-feiras e comungava em todos os domingos e dias santificados. À imitação de Judite, tinha uma capela secreta na qual se recolhia de vez em quando, a fim de colocar-se na presença de Deus, examinar a consciência e chorar os pecados; e, quando o marido se ausentava, passava noites inteiras na oração, na vigília, no jejum e outras mortificações; costumava privar-se de iguarias delicadas,

mas secretamente, para não chamar a atenção do marido ou de outras pessoas. Consagrava a mais terna devoção à Santa Virgem, que nos seus partos difíceis lhe proporcionara um feliz desenlace no momento em que todos a julgavam perdida. Fazia avultadas esmolas. Além disso, todos os dias dava de comer, em sua casa, a doze pobres; nas quintas-feiras lavava-lhes e beijava-lhes humildemente os pés, em memória do que Nosso Senhor fizera a seus apóstolos. Restaurou um grande número de hospitais na sua terra natal e nas suas propriedades; ia visitar pobres e enfermos, acompanhada por suas filhas, especialmente por Santa Catarina. A piedosa mãe tratava das feridas e das úlceras dos enfermos com suas próprias mãos, prodigalizando-lhes esmolas e palavras de confôrto e mostrando aos filhos, pelo exemplo, de que maneira deveriam servir, algum dia, os pobres e os doentes, pelo amor de Deus. Depois do nascimento de seus oito filhos, Ulfon e Brígida conservaram-se continentes.

No ano de 1335, o rei Magno da Suécia desposou Branca, filha do Conde de Namur e fêz questão de que Brígida, que era sua parenta, permanecesse no palácio na qualidade de governante da jovem rainha. Brígida interessou-se vivamente pela salvação e pela prosperidade do casal, tanto mais por serem ambos jovens. Rezava por êles, dava-lhes bons conselhos, e até mesmo chegou a fazer-lhes algumas advertências, frutos de revelações sobrenaturais. À princípio os jovens soberanos tiraram proveito dêsses avisos. Mas eram de temperamento volúvel; também acolheram conselhos diferentes. Com o decorrer do tempo o mal venceu o bem; Brígida anunciou-lhes calamidades: o rei apenas se ria e inda-

gava de Birger, filho da santa: "Que foi que nossa prima, vossa mãe, sonhou esta noite a nosso respeito?" Mas as predições de Brígida não tardaram a realizar-se. Como conseqüência do mau govêrno de Magno, insurreições declararam-se, estados revoltaram-se contra a sua tirania; foi excomungado pelo Papa por haver confiscado as rendas da Igreja; a rainha Branca pereceu miseràvelmente em 1363; o próprio rei, depois de haver perdido a coroa da Suécia, afogou-se acidentalmente no ano de 1374. (3)

Em boa hora Brígida deixou a côrte e Ulfon seguiu-lhe o exemplo. Apenas cuidavam de santificarem-se, assim como à sua família. Fizeram inúmeras peregrinações à França, à Espanha, à Itália, à Alemanha, à Noruega; visitaram, na Nidrósia ou Drontheim, capital do reino, o túmulo do rei e mártir Santo Olaus; na Espanha, o de São Tiago de Compostella. Embora possuíssem numerosas carruagens, Brígida fazia uma parte do caminho a pé, por espírito de mortificação. Depois de terem visitado grande quantidade de santuários, retornavam à pátria quando o príncipe Ulfon caiu doente na cidade de Arras; o mal agravou-se tanto que recebeu os últimos sacramentos das mãos do bispo, enquanto Brígida era prêsa de grande ansiedade. Invocou São Diniz, apóstolo da França. O santo apareceu-lhe, predisse-lhe que Deus desejava dar-se a conhecer ao mundo por seu intermédio, que ela fôra entregue à sua proteção especial e que, como prova, o espôso não morreria daquela doença. Alguns dias depois, foi-lhe revelado que iria por Roma à cidade de Jerusalém e que depois

(3) **Acta SS.**, 8 oct. **Dissert Proevia** § 8.

deixaria êste mundo. Deus milagrosamente permitiu que tudo isso se tornasse realidade, comenta o arcebispo de Upsala. Tendo o príncipe recobrado a saúde depois de prolongada enfermidade, ambos retornaram bem dispostos à pátria. Renovaram o voto de guardar a continência, e resolveram entrar cada um num mosteiro. Depois de regular seus negócios e dispor dos bens, o príncipe Ulfon entrou no mosteiro de Alvastre, ordem de Citaux, fundado no ano de 1150 por Suercher, rei da Suécia. Viveu alguns anos na prática de tôdas as virtudes e morreu no ano de 1344. O príncipe Ulfon de Nerícia é citado no calendário de Citaux no dia 12 de fevereiro.

Poucos dias depois da morte do marido, Brígida dividiu os bens entre seus filhos e os pobres, e renunciou à sua condição de princesa, a fim de consagrar-se inteiramente à penitência. Não mais usou roupa branca, com exceção de um véu com que cobria a cabeça; vestiu um hábito grosseiro, que amarrava com cordas cheias de nós. Eram incríveis as austeridades que praticava; redobrava-as aos sábados, dias em que se alimentava com um pedaço de pão e um pouco de água. Tendo mandado construir o mosteiro de Watstein, na diocese de Lincopen, na Suécia, nêle instalou sessenta religiosas; colocou num prédio à parte, em honra aos doze apóstolos e de São Paulo, quatro diáconos para simbolizarem os quatro doutôres da Igreja, e oito irmãos conversos; deu-lhes a regra de Santo Agostinho, à qual acrescentou algumas disposições particulares. Lê-se, em alguns autores, que o próprio Salvador lhe ditou essa regra, ordenando-lhe, porém, a submetesse ao exame do soberano Pontífice, pois Jesus viera ao mundo, não para derrubar a lei, mas para obedecer-lhe.

Todos os mosteiros da ordem de Santa Brígida ou do Santo Salvador são sujeitos aos bispos diocesanos, e é precisa uma permissão expressa do Papa para que novos conventos possam ser erigidos. As principais finalidades da regra são glorificar a Paixão do Salvador, e sua Santa Mãe. Os homens são sujeitos à prioresa das religiosas, em relação ao temporal, como na ordem de Fontevrault; mas estas, em relação ao espiritual, estão sob a direção dos religiosos. A razão dêsse regulamento particular é baseada no fato de que, tendo a ordem sido instituída para mulheres, os homens só são admitidos para proporcionar-lhes socorros espirituais. As alas habitadas por homens e mulheres são separadas por um tapume inviolável, mas a igreja é comum, de maneira, porém, a não permitir que se vejam. Os mosteiros do norte foram destruídos na época da revolução provocada pela introdução da heresia.

Santa Brígida permaneceu dois anos na Suécia, tanto junto ao mosteiro de Alvastre, onde fôra sepultado seu espôso, como no novo mosteiro de Watstein. Sua vida de pobreza e penitência, depois de ter sido princesa na côrte, atraiu as zombarias de muita gente. Respondia ela: "Não foi por vossa causa que comecei, não será por vossa causa que cessarei. Estou ìntimamente decidida a tolerar vossas palavras. Rezai para que eu persevere na resolução". Apresentou-se, pobremente vestida, perante o rei da Suécia para anunciar-lhe que, tanto êle como seu reino, seriam castigados com grandes calamidades, caso certos erros e desordens não fôssem corrigidos. Alguns dos fidalgos puseram-se a murmurar e teriam escarnecido dela, mesmo, se não soubessem que era parenta do rei. Mas trocaram zombarias entre si,

chamando-a de feiticeira, a ponto de os filhos de Brígida exigirem reparação. Mas ela lhe pediu que nada fizessem, dizendo: "Deus é testemunha que prefiro sofrer por seu amor o desprêzo e os gracejos dos homens do que usar na cabeça uma coroa de rei.

Se a santa viúva sofreu por parte dos homens, Deus prodigalizou-lhe abundantes consolações, graças incomuns, e até mesmo revelações. Essas revelações foram impressas com a aprovação de vários doutôres católicos. Contudo a aprovação significa apenas que o livro a que se refere nada de contrário à fé encerra, e que, sendo baseadas numa probabilidade histórica, as revelações podem ser piedosamente acatadas. Bento XIV expressa-se da seguinte maneira sôbre o assunto: "A aprovação de semelhantes revelações não importa outra coisa, a não ser que, depois de maduro exame, foi permitida a sua publicação como úteis aos fiéis". Embora não lhe devamos e não lhe possamos dar uma garantia de fé católica, devemos contudo nelas acreditar com fé humana, de acôrdo com as regras da prudência, segundo as quais são prováveis, e baseadas em motivos suficientes para que mereçam fé piedosa. Tais são, conforme os doutôres, as revelações da bem-aventurada Hildegarda, aprovadas, dizem, por Eugênio III; de santa Brígida, por Bonifácio IX, e de Santa Catarina de Siena, por Gregório XI. (4)

As revelações ou contemplações de Santa Brígida têm como principal objeto a Paixão do Salvador e da Santa Virgem. Quanto à Paixão do Salvador, nada encontramos que já não esteja no Evangelho,

---

(4) Bened. XIV. **De canonisat.**, l. II, c. XXXII, n.º 11.

a não ser certos pormenores muito verossímeis. Com referência à Santa Virgem, nelas é expressamente declarado que foi concebida sem pecado (5) e que subiu ao céu com corpo e alma. (6) Uma das particularidades mais tocantes é a revelação da própria Virgem a Santa Brígida dos seus progressos no conhecimento de Deus e de sua lei. "Desde a tenra infância, quando entendi e compreendi quem era Deus, sempre me mostrei cuidadosa e cheia de temor em relação à minha salvação e ao meu proceder. Porém, quando compreendi mais claramente que o mesmo Deus era o meu criador e o juiz de tôdas as minhas ações, amei-o profundamente, e temi-o constantemente, fôsse por ações, fôsse por palavras. Mais tarde, quando soube que dera a sua lei e os seus mandamentos ao povo, e operara tantas maravilhas, determinei firmemente na minha alma só a êle amar, e as coisas mundanas me eram extremamente amargas. Enfim, tendo sabido que o mesmo Deus resgataria o mundo e que nasceria de uma Virgem, fui tomada por tão grande amor para com êle que só pensava em Deus, só queria Deus. Isolei-me, o mais que pude, das conversas familiares e da presença de meus pais e meus amigos. Dava aos pobres tudo de que podia dispor, reservando-me apenas uma túnica simples e o imprescindível para a minha manutenção; só Deus me aprazia. Meu coração transbordava do desejo de viver até o tempo do seu nascimento, na esperança de que talvez pudesse merecer a graça de tornar-me a indigna serva da mãe de Deus. Também fiz intimamente o voto de conservar a virgindade,

(5) L. VI, c. XLIX.

(6) L. VI, c. LX, LXI e LXII.

caso Deus a considerasse agradável, e de nada possuir neste mundo." (7)

Além das revelações concernentes à fé, há nos escritos de Santa Brígida, como nos profetas na antiga lei, muitas exortações, advertências, algumas vêzes muito severas, dirigidas a Papas, a reis, a povos, a determinada categoria de homens como sacerdotes e cavaleiros.

Santa Brígida foi a Roma no ano de 1346, quadragésimo-segundo da sua vida, e lá permaneceu durante quinze anos. Fêz a viagem por inspiração divina, a fim de rezar no túmulo dos apóstolos e reverenciar as relíquias de tantos santos mártires, venerados na capital do mundo cristão, onde o brilho de suas virtudes causou admiração. Vivia em recolhimento, voltada para a prática da vigília e de outras penitências rigorosas. Visitava as igrejas, servia os doentes nos hospitais. Dura consigo mesmo, mostrava-se cheia de doçura para com os outros. Tôdas as suas ações trazem a marca da humildade e da caridade. Ainda vemos em Roma e nos arredores da cidade, diversos monumentos da sua devoção. Aí fundou uma casa para estudantes e peregrinos suecos, que foi reconstruída sob o pontificado de Leão X.

Durante a sua permanência de quinze anos em Roma, Brígida teve muitas revelações sôbre a situação daquela cidade, sôbre a devassidão de seus habitantes, e os castigos que os ameaçavam. Como essas revelações se divulgassem, os romanos irritaram-se. Houve alguns que chegaram ao ponto de ameaçá-la com a fogueira; outros chamavam-na

(7) L. 1, c. X.

embusteira e pitonisa. Brígida sofria com paciência as ameaças e os ultrajes, cheia de confiança em Deus, que lhe ordenara permanecer firme.

No ano de 1371, a ilustre viúva da Suécia, como outrora a ilustre viúva romana, Santa Paula, da família dos Gracos e dos Cipiões, empreendeu em avançada idade, por efeito de uma revelação, uma peregrinação a Jerusalém. Pôs-se a caminho, acompanhada de nove pessoas entre as quais se encontravam seus filhos Carlos e Birger, e sua filha Santa Catarina. Chegou a Chipre no mês de abril de 1372, e depois a Jerusalém. Teve impressionantes revelações sôbre as desordens e a próxima ruína do reino de Chipre, então regido por uma dinastia francesa. Tendo retornado a Roma, já doente, Santa Brígida sentiu-se pior. Percebendo estar próxima do fim, deu tocantes conselhos ao filho, o príncipe Birger, e à filha, Santa Catarina da Suécia, que lhe faziam companhia; depois, mandou que a estendessem sôbre um cilício, a fim de receber os últimos sacramentos. Faleceu no dia 23 de julho de 1373, com a idade de setenta e um anos. Sepultaram-na na Igreja de São Lourenço, *in-Panis-Perna,* que pertencia às clarissas pobres. No ano seguinte, o príncipe Birger, seu filho, e Santa Catarina, sua filha mandaram trasladar-lhe o corpo para o Mosteiro de Watstein, na Suécia. Foi canonizada pelo Papa Bonifácio IX, no dia 7 de outubro de 1391. O dia 8 do mesmo mês foi designado para a sua festa. (8)

* * *

(8) **Acta SS.,** 8 oct.

# SÃO DEMÉTRIO E SÃO NESTOR (*)

## *Mártires*

A carreira de São Demétrio fôra brilhante. De família de senadores, chegara a procônsul da Hélada, depois a cônsul. A tudo, porém, um dia, deixou, para pregar o Evangelho.

Era nos tempos de Maximiano, que residia em Tessalônica, e o Santo ali apareceu a propagar o cristianismo. Havia já convertido um número imenso de pagãos, quando foi prêso.

Nestor, jovem de belas proporções, fizera-se amigo de Demétrio, o qual, confinado ao subterrâneo do palácio, aguardava a decisão do imperador. Ora, como o perseguidor de cristãos havia prometido um prêmio a quem vencesse, em luta, a Lieus, seu gladiador favorito, um bruto vândalo, Nestor, que soubera que Demétrio, na prisão, com o sinal da cruz, matara um grande escorpião que ia atacá-lo, rogou ao amigo que o assistisse com as suas orações, porque ia enfrentar Lieus.

Demétrio abençoou-o e prometeu-lhe a vitória.

Justamente na hora que Maximiano ia saindo para o estádio, a assistir aos jogos, alguns soldados apresentaram-lhe o pregador. Maximiano, pedindo-

lhes que o aguardassem, saiu, deixando para depois do espetáculo a sua decisão sôbre que iria fazer com o ex-cônsul.

Quando Nestor se propôs combater com Lieus, o imperador sorriu, e advertindo-o, mostrando-lhe o avantajado físico do favorito, procurou demovê-lo do intento. Nestor, porém, inflamado, certo de que, com as orações de Demétrio, havia de vencer, entrou na arena, e, numa grande luta, acabou por matar o gladiador que era, para o imperador, invencível.

Furiosíssimo, Maximiano deixou o estádio, sem cumprir a promessa, qual seja a de entregar ao vencedor o prêmio a que fazia juz, e, assim, de ânimo exaltado, quando chegou ao palácio e lembrou de que o esperavam, chamou os soldados e ordenou que ao prêso acabassem a golpes de lança.

Mais tarde, tendo conhecimento de que Nestor vencera porque Demétrio recorrera à *magia,* favorecendo-o, fêz com que o jovem vencedor de Lieus fôsse decapitado.

Algum tempo depois, quando uma multidão de milagres ilustrou a tumba de São Demétrio, Leôncio, que era prefeito da Ilíria, ergueu um oratório em sua honra.

Crê-se que o que acima se narrou tenha ocorrido no ano de 306. São Demétrio, escolhido como padroeiro de Tessalônica, em virtude de preciosíssimos milagres e pelo óleo que manava da sepultura, é também festejado pelos gregos, a 26 de outubro.

* * *

# SANTA PELÁGIA (*)

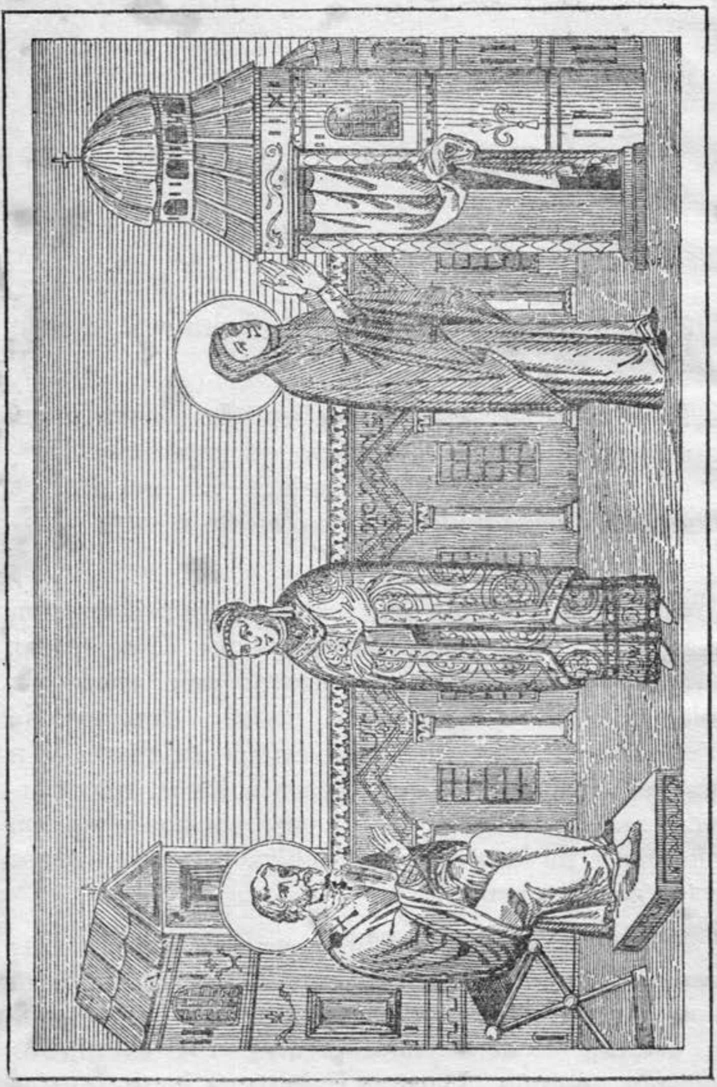
## *Virgem e Mártir*

O martirológio romano apresenta-nos quatro santas com êste nome de Pelágia.

Esta, de hoje, era uma jovem de quinze anos, que, no princípio da perseguição do imperador Diocleciano, em 302, acusada de cristã, viu, um dia, os soldados do perseguidor varejarem-lhe a casa, dando-lhe voz de prisão.

Pelágia recebeu-os bem e, quando se propuseram levá-la, pediu-lhes permissão para que fôsse trocar de roupa. Dado o consentimento, pelo chefe da escôlta, Pelágia dirigiu-se ao quarto: desejosa de escapar dos ultrajes que a esperavam, infalíveis, e a temer pela virgindade, que votara a Deus, não titubeou — ganhou o mais alto da casa em que vivia, em Antioquia, e de lá se atirou ao chão, falecendo quase que instantâneamente.

Santo Ambrósio de Milão, no seu tratado *Das virgens*, apresenta-nos esta Santa Pelágia como irmã das mártires Bernicéia e Prosdocéia, que mencionamos no dia 4 dêste mesmo mês. Os estudiosos dizem-nos que não. Decerto Pelágia se ligou àquelas santas porque Bernicéia e Prosdocéia também se tira-



Santa Pelágia retira-se para a solidão (segundo miniatura de um missal do séc. IX).

ram a vida para escapar do horror. Prêsas, iam sendo levadas ao cárcere. Em dado momento, a meio caminho, quando chegaram perto dum rio, solicitaram licença aos soldados para afastar-se um pouco, o que lhes foi concedido. Destarte, sem que pudessem ser impedidas, atiraram-se, de comum acôrdo, à correnteza (302).

Pergunta-se: cometeram o suicídio? Sem sombra de dúvida. Todavia, foram honradas com um culto público, porque aquêle tirar-se a vida foi considerado como um ato de obediência a Deus. Muitas santas virgens assim agiram, como vimos e veremos no transcorrer dos dias e dos meses. Vieira mesmo, na *Introdução* desta obra que vimos atualizando, fala-nos dos extremos a que chegaram as virgens para ser santas: Digna de Aquiléia, depois que Átila sujeitara a cidade, coubera a um capitão, como despôjo, homem bárbaro e sem sentimentos. Levou-a consigo e ficaram alojados numa tôrre, altíssima tôrre, que se erguia à beira do rio Batizon. Disse a jovem ao capitão:

— Se me queres lograr, segue-me.

E, assim dizendo, do mais alto da tôrre, atirou-se ao rio, onde se afogou. "Salvou com a morte a sua castidade".

* * *

# SANTA TAÍS (*)

## *Penitente*

### (*Século IV?*)

Segundo uma legenda, um monge chamado Pafúncio foi procurar Taís. Taís era uma belíssima cortesã do Egito, conhecidíssima, comentadíssima, mundana e frívola. Perguntou-lhe o monge:

— Podes receber-me no quarto mais secreto da casa?

A jovem respondeu:

— Se é a Deus que tu temes, nada te poderá esconder aos seus olhos.

Retrucou o monge:

— Com que então tu sabes que existe um Deus?

E, contundente, entrando diretamente na questão que a ela o levara:

— Por que então tu tens pôsto a perder tantas almas? É necessário e urgente que a Deus prestes conta, porque, seguramente, se não o fizeres, serás danada!

Taís, chocada, de repente, caiu aos pés do monge, a chorar, destrambelhada, e, entre soluços, gaqueiou:

— Eu sei também, meu Padre, que podemos arrepender-nos, e tenho confiança na tua oração. Concede-me apenas três horas. Depois, então, estarei às tuas ordens.

Pafúncio, admirado, concedeu-lhe aquêle prazo, e Taís, ràpidamente, reunindo tudo aquilo que conseguira pelo pecado, fêz, na principal praça da cidade, um amontoado de coisas as mais variadas, e tocou-lhe fogo. E, enquanto as chamas consumiam os bens fácil e pecaminosamente adquiridos, ia a formosa jovem gritando, para que todos a ouvissem.

— Ó vós todos que tendes pecado comigo, correi, vinde depressa ver o que estou fazendo com os presentes que me destes!

Consumida uma fortuna, Taís apresentou-se ao monge, que a conduziu a uma pequenina cela. Ali a encerrou. Por uma janelinha, onde receberia pão e água, todos os dias, perguntou a Pafúncio:

— Que me ordenas, meu Padre, para as necessidades da natureza?

Pafúncio respondeu-lhe:

— Tu as farás na cela mesma.

E disse mais:

— Tu não és digna de pronunciar o nome de Deus, nem de levantares as mãos para o céu. O que tens a fazer, ùnicamente, é prosternares-te para o Oriente e repetir: Ó tu que me criaste, tem piedade de mim!

Passou Taís três anos naquela celazinha, cumprindo à risca as recomendações do solitário monge. Depois dos três anos de reclusão, Pafúncio, que consultara Santo Antônio sôbre que fazer com a penitente, a um sinal do céu, foi libertá-la. Ela, porém, não quis deixar a cela,

— Sai, disse-lhe o monge, porque Deus te perdoou, tal a tua penitência e o temor que tens guardado no fundo do coração.

Taís, depois disto, viveu mais quinze dias, e morreu em paz.

Os gregos também comemoram Santa Taís, para êles Taísia, neste mesmo dia e mês.

---

No mesmo dia, em Tréveris, São Metrópole, bispo e mártir.

Em Grand, na antiga diocese de Toul, Santa Libária, virgem e mártir. Esta Santa é a mais célebre das pretendidas irmãs de Santa Elófia, que veremos a 16 de outubro. A mais antiga menção de Santa Libária aparece na *Paixão* de Elófia, escrita no século XI: "A segunda irmã de Elófia chamava-se Libária; mártir, foi enterrada em Grand". Conta-se que Juliano, o Apóstata aproximou-se de Libária, que cuidava dum rebanho de ovelhas, e obrigou-a a apostatar. Como se opusesse, fêz com que a decapitassem na mesma hora. Libária, tomando a cabeça nas mãos, lavou-a numa fonte, depois dirigiu-se à cidade, indo parar no centro da principal praça. A história, porém, fala de Juliano como o grande perseguidor dos cristãos da Lorena, coisa insustentável.

Na antiga diocese de Auxerre, Santa Paládia, e na diocese de Sens, Santa Porcária, virgens, cujos cultos são puramente locais.

Na diocese de Llandaff, no País de Gales, Santa Keyne, virgem (século V?). Filha do rei Brychan Brycheiniog, era belíssima, e muitos nobres

pediram-na em casamento. A todos, porém, recusara desposar, porque só a Deus teria por Espôso. Chamaram-na, então, de Keynwiri, isto é, Keyne, a Virgem. Para viver longe de tudo e de todos, deixou a cidade para fixar-se num lugar desoladíssimo. Tendo pedido licença ao rei, para estabelecer-se naquela região, o monarca riu gostosamente: tal era o número de serpentes que ali vivia que ninguém, nem homem, nem animal, conseguia passar alguns minutos naquelas terras. Keyne, contudo, pela oração, transmudou em pedras os ofídios. Tendo viajado muito, fundou inúmeros oratórios. Tia de São Cadoc, conta-se que o sobrinho tudo fêz para que retornasse à cidade, em vão. Um dia, dois anjos desceram do céu, para arrebatar-lhe o cilício. Vestiram-na com uma túnica e lhe disseram que estava prestes a tomar o lugar que lhe competia no reino do Pai. O lugar infetado de serpentes chamou-se Keynsham — Somerset, no Avon — onde se observam ainda amonitas que têm o aspecto de serpentes petrificadas.

Festa de Santa Melária (século VII?).

Na Escócia, Santa Triduana, virgem.

Em Honnecourt, diocese de Cambrai, as santas Valéria e Polena, virgens.

Festa de São Grato, bispo, falecido em 654.

Em Denain, Santa Ragenfreda, abadêssa, no século VIII.

No mosteiro de Munsterbilsen, Santo Amor, no século IX.

São Badilão, abade.

Em Gênova, Santo Hugo, da ordem de São João de Jerusalém, ordem que, fundada no início do século XII, foi, na origem, uma companhia de enfer-

meiros; em 1130, o papa Inocêncio II aprovou sua divisão em três classes: a dos nobres, que combateriam o infiel; a dos capelães; e a dos irmãos-servos, não saídos de famílias nobres, que também combateriam. Santo Hugo, que faleceu em Gênova em 1230, pertenceu à classe dos capelães; foi capelão dos cavaleiros de Jerusalém.

Em Pádua, o bem-aventurado Compagno, camaldulo, falecido em 1264.

A festa do santo ancião Simeão que, segundo o testemunho do Evangelho, recebeu Nosso Senhor Jesus Cristo nos braços e profetizou a seu respeito. — Na Cesaréia, na Palestina, Santa Reparata, virgem e mártir que, não consentindo em sacrificar aos ídolos, teve finalmente a cabeça cortada, depois de sofrer várias espécies de torturas. Viram sua alma sair do corpo e subir ao céu sob a forma de uma pomba. — No mesmo lugar, Santo Artemão, sacerdote que, sob o Imperador Diocleciano, alcançou a glória do martírio padecendo o suplício do fogo. — Na diocese de Laon, Santa Benta, virgem e mártir. — Em Ancona, as Santas Palácias e Lourença que, enviadas ao exílio durante a perseguição de Diocleciano, sob o imperador Dião, morreram de fadiga e de miséria. — Em Roma, Santo Evódio, bispo e confessor.

* * *

# ÍNDICE

## SETEMBRO

### 26.º dia de Setembro



### 27.º dia de Setembro



### 28.º dia de Setembro



### 29.º dia de Setembro

## 30.º dia de Setembro



# OUTUBRO

## 1.º dia de Outubro



## 2.º dia de Outubro



## 3.º dia de Outubro



## 4.º dia de Outubro

## 5.º dia de Outubro



## 6.º dia de Outubro



## 7.º dia de Outubro



## 8.º dia de Outubro

Composto e Impresso nas
oficinas gráficas da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS
São Paulo — 1960